

**Gênero e Diversidade na Escola: limites e possibilidades  
na formação de professores/as**

**Ednalva Macedo Nunes**

**Lenise Santana Borges**

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**

Goiânia, 2015

# **Gênero e Diversidade na Escola: limites e possibilidades na formação de professores/as**

**Ednalva Macedo Nunes**

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Psicologia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lenise Santana Borges.

**MESTRADO EM PSICOLOGIA**

Goiânia, 2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Nunes, Ednalva Macedo.  
N972g Gênero e diversidade na escola [manuscrito] : limites e possibilidades na formação de professores/as / Ednalva Macedo Nunes – Goiânia, 2015.  
vi, 153 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2015.

“Orientador: Prof. Dr. Lenise Santana Borges”.

Bibliografia.

1. Sexo. 2. Escolas. 3. Professores – Formação. I. Título.

CDU 37.02(043)

## **Banca Examinadora**

Data da Avaliação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

**Dra. Lenise Santana Borges (PUC/Goiás)**  
Orientadora

---

**Profa. Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres**  
Membro Interno

---

**Profa. Dra. Eliane Gonçalves**  
Membro Externo

---

**Profa. Dra. Kátia Macedo**  
Membro Suplente

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Lenise Santana Borges. Obrigada por tudo, pela paciência e especialmente por compartilhar a sua experiência profissional para o enriquecimento da minha formação.

Às professoras, membros da banca de avaliação, Profa. Dra. Eliane Gonçalves (UFG) e Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres e Dra. Kátia Macedo (PUC-GO) pela atenção e por aceitarem participar desse desafio.

Aos professores do Programa de Mestrado, pelas importantes contribuições durante a construção deste estudo.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Martins de Freitas, Coordenadora do curso GDE, da UFG/campus Catalão pela disponibilidade em proporcionar todas as condições necessárias para o acesso ao material da pesquisa.

Ao meu marido, Ruy Mar Nunes, pelo apoio, paciência, espera e compreensão na interminável caminhada de estudos.

Às minhas filhas, Mariana e Natalia, por acreditarem que eu poderia conseguir.

À minha sobrinha Sybele, que com sua ajuda e incentivo foi possível conseguir chegar ao fim desse trabalho.

Às companheiras de orientação, Lucinéia e Vanessa, pela amizade e por compartilhar comigo esta jornada.

E a Deus: por estar no mundo e viver mais esta escolha.

Nunes, E. M. (2015). *Gênero e Diversidade na Escola: limites e possibilidades na formação de professores/as*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia.

## RESUMO

O espaço escolar é um lugar privilegiado para a produção e reprodução de saberes e de cultura. As discriminações de gênero, étnico-racial e de orientação sexual, como também a violência sexista, são produzidas e reproduzidas em todos os espaços da vida social brasileira. Esta pesquisa tem por objetivo analisar os sentidos sobre gênero e sexualidade, nas disciplinas “Gênero” e “Sexualidade e Orientação Sexual”, nos fóruns de discussão do curso de formação continuada à distância intitulado *Gênero e Diversidade na Escola* (GDE). Considerando que, a escola é um lugar privilegiado de produção e reprodução do conhecimento, tomamos este curso para análise. O curso GDE da UFG-Regional Catalão, que faz parte do *corpus* desta pesquisa, é uma realidade graças a EaD, pois oportuniza aos profissionais da educação conhecer e debater esses temas, os quais atravessam a sala de aula diariamente, possibilitando a construção de uma educação menos sexista e inclusiva. A pesquisa tem como fundamentação teórica o construcionismo social, movimento decorrente da emergência de novos diálogos e novas vozes em resposta às transformações ocorridas no mundo das ideias e das práticas profissionais. A pesquisa foi realizada na plataforma *moodle*, hospedada na UFG/Regional Catalão, tendo como fontes de informação documentos de domínio público e os fóruns de discussão do curso GDE nas disciplinas “Gênero” e “Sexualidade e Orientação sexual”. A análise revela que os sentidos atribuídos a esses conceitos ainda carregam uma carga de preconceitos e estereótipos presentes no cotidiano das pessoas, sendo considerados polêmicos.

**Palavras-chave:** Gênero; sexualidade; Construcionismo social; Gênero e Diversidade na Escola - GDE.

Nunes, E. M. (2015). *Gender and Diversity at School: limits and possibilities in teacher's training .Dissertation. (Psychology Master's Degree)*. Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia.

## ABSTRACT

The school environment is a privileged place for the production and reproduction of knowledge and culture. Discrimination of gender, race and ethnicity, and sexual orientation, as well as sexist violence, are produced and reproduced in all spaces of Brazilian social life. This research aims to analyze the meanings on gender and sexuality, in the school subjects "Gender" and "Sexuality and sexual orientation", in the forums of discussion of the continuing education course entitled "Gender and Diversity at School" (GDE). Considering that the school is a privileged place for production and reproduction of knowledge, we took this course for analysis. The GDE, from the Federal University of Goiás (UFG), Regional Catalão, which is part of this research's corpus, is a reality thanks to the distance education (EaD), that enables education professionals to get to know and debate those themes, which cross the classroom daily, making it possible for the construction of a less sexist and more inclusive education. The research is fundamented on social constructionism, movement due to the emergency of new dialogs and new voices in response to the transformations that occurred in the world of ideas and professional practices. This research was conducted in the Moodle platform, hosted in the UFG/campus Catalão and has documents of public domain and the transcripts from discussion forums of the subjects "Gender " and "Sexuality and sexual orientation", from the GDE course as its source of information. The analysis reveals that the meanings assigned to these concepts still carry a load of prejudice and stereotypes present in people's daily life, and therefore, considered controversial.

**Key words:** Gender; sexuality; social constructionism; Gender and diversity in School (GDE)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: GÊNERO E SEXUALIDADE: TEORIZAÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO SINTONIZADA COM OS DIREITOS HUMANOS	11
1.1. Considerações sobre gênero	11
1.2. Sexo e Gênero	14
1.3. A construção social do Gênero	16
1.4. Considerações sobre o conceito de sexualidade	17
1.5. Gênero, Sexualidade e Educação	27
CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	30
2.1. As origens e o desenvolvimento da EaD	30
2.2. Gênero e Diversidade na Escola – GDE: uma modalidade na EaD	35
CAPÍTULO 3: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	39
3.1. Construcionismo, Psicologia Social e a particularidade da linguagem	43
3.1.1.. As práticas discursivas	46
3.2. Descrição da Matriz Curricular e Levantamento do material didático	50
3.3. Os fóruns de discussão e o caminho percorrido	52
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS FÓRUNS DE DISCUSSÃO E DIÁLOGO COM A TEORIA CONSTRUCIONISTA	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	75



## INTRODUÇÃO

Trabalho como Psicóloga Educacional no Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí, desde 1995. De Escola Agrícola de Urutaí criada em 1953 a Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano em 2008, aconteceram inúmeras transformações. Fui a primeira Psicóloga, concursada, a trabalhar nessa instituição que, na época, era ainda Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, a qual por vários anos ofertou cursos de nível médio técnico na área de agropecuária, atendendo alunos/as das mais diversas regiões do país, em sua maioria, do sexo masculino e na forma de internato. No princípio, eu era vista como uma psicóloga clínica pela equipe gestora, pelos colegas e, especialmente, pelos/as alunos/as, que tinham receio da ajuda psicológica por considerar o/a profissional de psicologia “coisa pra doido”. Faço parte do Departamento de Gerência de Assistência Estudantil (GAE) composto por uma equipe multidisciplinar: assistentes de alunos/as, assistente social, psicóloga, enfermeiros/as, médico, odontólogos/as, nutricionista, professores/as de educação física, entre outros.

A Escola, naquela época, tinha cerca de 300 alunos, advindos principalmente da zona rural, com idades entre 18 e 30 anos. Entretanto, o cenário atual é bastante diferente. Além dos cursos técnicos, o IF Goiano/Câmpus Urutaí oferece cursos tecnológicos, bacharelados e licenciaturas. Conta com mais de 1300 alunos, dos quais 277 estão em regime de internato, que no início era exclusivamente masculino, hoje admite mulheres, apesar de que, é ainda minoria. Os internos dividem em 43 mulheres e 234 homens. Atualmente, os alunos procedem principalmente da zona urbana e a faixa etária diminuiu bastante, estando entre 13 e 25 anos. Localizado na região da Estrada de Ferro, estado de Goiás, em 2013, completou 60 anos de atuação na educação profissional.

Com as mudanças mencionadas, vieram professores/as, técnicos e alunos/as de diversas regiões com culturas, crenças e valores diferentes. A diversidade promoveu uma maior visibilidade de grupos considerados minoritários (mulheres, negros, homossexuais etc.) e as pessoas que ocupavam esses espaços de aprendizagem já não eram as mesmas.

As relações sociais são produzidas e reproduzidas na escola e, nesse ambiente, mas não somente nele, a sexualidade sempre foi objeto de interesse. Isso nunca foi diferente no IF Goiano/Câmpus Urutaí, local sempre visto como um lugar para “macho”, marcado pelo silenciamento daqueles/as que viviam fora das normas impostas pela sociedade e pela escola. Acompanhei, desde o início da minha trajetória, manifestações de conflitos de identidades sexuais divergentes da norma convencional, que, quase nunca, encontravam acolhimento.

O despreparo para lidar com a diversidade sexual não se restringe aos/as alunos/as. A equipe, carente de formação adequada, vê no/a psicólogo/a o/a único/a profissional capaz de trabalhar questões de gênero e sexualidade. A construção desses conceitos na escola e na sociedade perpassa, visivelmente, pelo binarismo homem/mulher e pelos preconceitos arraigados em nossa cultura. O sexo sempre foi objeto de interesse, discussão e inspiração na cultura ocidental; no entanto, a sexualidade, o gênero e suas variações são preocupações recentes, uma vez que o estudo da sexualidade até o final do século XIX restringia ao campo da biologia.

A diversidade sexual sempre esteve presente na escola, mas o IF Goiano/Câmpus Urutaí nunca havia parado para refletir a respeito da temática com a finalidade de tentar encontrar um meio de acolher esses/as discentes, que eram integrados/as à escola, mas não inclusos/as. Haja vista que, no processo de integração, a escola não adéqua seu ambiente ou sua prática para acolher a diversidade, não leva em conta a capacidade, dificuldade ou inadaptação dos/as discentes no ambiente escolar; já no processo de inclusão, a instituição

procura fazer adaptações arquitetônicas, metodológicas e atitudinais para acolher a todos/as.

Em 2011, um caso em especial desafiou toda a escola, levando-a a questionar o seu posicionamento frente a essa questão. Contarei o caso de Gabriel<sup>1</sup>, um aluno do curso superior, vindo do norte de Minas Gerais, que apresenta na escola com uma performance de gênero feminino, mas com nome masculino e que começa a batalhar para ser aceito como aluno residente e ser chamado pelo seu outro nome, Michelly. O aluno, tendo conhecimento de que o campus disponibilizava alojamentos para alunos do sexo masculino em condições socioeconômicas desfavorecidas, pleiteou uma das vagas oferecidas, uma vez que sua demanda era legítima. Ao procurar o departamento responsável pela seleção dos alunos, percebeu que quem realizava as entrevistas o deixou esperando e, quando o chamou não demonstrou interesse em ouvi-lo, dizendo não haver mais vagas disponíveis. Ele ficou muito intrigado e nervoso com tal resposta, percebendo que sua identidade de gênero fora das normas incomodara o funcionário, pois este não deu prosseguimento à entrevista, dispensando-o.

Ao sentir discriminado pela sua identidade de gênero, o discente procurou mobilizar-se para conseguir o seu objetivo: ser aceito como aluno interno. O departamento o encaminhou até minha sala para conversarmos. Como psicóloga da instituição, junto ao assistente de alunos, busquei saber com a Promotoria como agir nessa situação, uma vez que o aluno do sexo masculino se via como uma aluna do sexo feminino. Como a escola não oferecia alojamento feminino, não sabia como alojá-lo. A Promotora de Justiça da Comarca de Urutaí orientou que o IF Goiano/Câmpus Urutaí teria que aceitá-lo, uma vez que o discente não havia se submetido à cirurgia de redesignação sexual e, portanto, era do

---

<sup>1</sup> A partir desse momento será identificado/a pelo nome fictício Gabriel/Michelly.

sexo masculino, além de atender as normas estabelecidas, até aquele momento, para receber o benefício.

A partir desse posicionamento, surgiu o questionamento: o que fazer? Como alojar esse discente, já que não tinha estrutura preparada para recebê-lo? Com quem ele poderia dividir o alojamento?

O departamento responsável devia encontrar uma solução para alojá-lo. Frente a esse fato, foi feito um levantamento das vagas disponíveis nos quartos ocupados pelos discentes dos cursos superiores, sendo identificados dois quartos que atendiam as normas do alojamento, como: os ocupantes dos quartos eram maiores de idade e alunos do curso superior. Em seguida, marcou uma reunião com os alunos para saber qual quarto poderia acolhê-lo. Após a escolha, um dos ocupantes se sentiu incomodado e pediu para trocar de alojamento. Um discente se prontificou a fazer a troca, resolvendo assim a questão. Gabriel, entretanto, permaneceu no alojamento durante um ano e pediu para sair não alegando motivo algum, apenas que queria morar fora do campus.

A partir de 2012, as vagas disponíveis passaram a ser ocupadas através da abertura de Edital. Quando o processo foi aberto, o mesmo discente demonstrou interesse em retornar para o alojamento, pleiteando uma das vagas; porém, foi impedido de concorrer por ter cometido uma falta disciplinar: desacatou uma funcionária no refeitório. Uma das cláusulas do Edital ressalta que, o aluno não poderia ter nenhuma falta disciplinar grave ou gravíssima. Gabriel passou a morar fora das dependências da escola, perdendo o direito a uma vaga no alojamento.

Outra questão bastante polêmica foi a do nome social. O discente passou a exigir dos/as professores/as, colegas de sala e toda comunidade escolar, que o chamassem pelo

seu nome social<sup>2</sup>. No começo os/as professores/as e servidores/as, mais do que os/as colegas, encontraram certa dificuldade em atendê-lo, mas aos poucos ela foi sendo minimizada diante da sua persistência em ver seus direitos respeitados.

Os/as gestores/as reconheceram que a escola não estava preparada, porém teria que enfrentar esse desafio. Para lidar com a diferença era preciso rever as normas vigentes. Foi nesse ambiente de conflitos que alguns professores/as e técnicos/as administrativos/as da escola tiveram a iniciativa de promoverem um evento para começar a discutir o tema. O evento foi intitulado “O dia da Diversidade”, no qual, começando pela organização, foi possível perceber como essa temática era polêmica e como as pessoas tinham dificuldade para falar a respeito do assunto, necessitando que fosse amplamente discutido. Portanto, ficou acordado que o tema seria contemplado na pauta dos eventos programados pela escola. Esse acordo não foi cumprido e a discussão parou por ali mesmo.

Percebi com esse fato, a necessidade e urgência do Câmpus de Urutaí pensar, discutir e refletir a temática da diversidade, não somente em datas programada, mas em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), tendo como mola mestra a formação dos/as educadores/as como caminho viável para atender a essas transformações.

Nesse contexto surgem os meus questionamentos: Como seria essa formação? Será que os/as professores/as disponibilizariam seu tempo para essa formação? Será que tinham conhecimento de algum curso que abordasse a temática envolvida?

Por isso, em 2012, intrigada com a dificuldade apresentada pela comunidade escolar e com minha impotência em assisti-la, entendendo tratar de um assunto que deva ser abordado de forma multidisciplinar, procurei uma forma de me especializar, para que juntos pudéssemos debater e refletir a respeito desses comportamentos sexista e

---

<sup>2</sup> Nome social é o modo como a pessoa é reconhecida, identificada e denominada na sua comunidade e no meio social, uma vez que o nome de registro civil não reflete sua identidade de gênero. O nome social já é usado em várias instituições brasileiras de ensino, na UFG, conquistado em 2014 por meio da Resolução N°14/2014.

homofóbico presentes no ambiente escolar com mais seriedade e construir uma postura de acolhimento a todos/as.

Ao pesquisar programas de mestrados que aplacassem essa inquietação, descobri no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-GO um caminho para a pesquisa. Entrei no programa e encontrei na Psicologia Social pesquisadores que trabalhavam com a temática da diversidade. No meu projeto inicial, pretendia estudar o olhar dos/as servidores/as e dos discentes frente à diversidade sexual.

No decorrer das disciplinas do Mestrado passei a fazer parte das discussões do Grupo de Estudos e Pesquisas Construção de Fatos Sociais e, a partir das discussões empreendidas, dei-me conta de qual era esse olhar que me intrigava: um olhar preconceituoso, discriminatório e vexatório. Comecei a pensar e a pesquisar, juntamente com minha orientadora, o que estava sendo produzido na academia, a respeito do tema sobre a diversidade sexual na escola. Nessa busca me deparei com o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE)<sup>3</sup>, oferecido na modalidade de Educação a Distância (EaD) pela Universidade Federal de Goiás (UFG), uma possibilidade de pesquisa. Ao decidir analisar o curso veio outro questionamento: Será que a proposta do curso atenderia a carência de formação nessa temática? Quais os limites e possibilidades de um curso de formação na modalidade à distância que lida com as temáticas gênero e sexualidade?

Assim, o curso de formação continuada na modalidade à distância, intitulado Gênero e Diversidade na Escola (GDE), foi tomado como objeto desta pesquisa. Ele oferece formação de profissionais de educação nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. É resultado de uma articulação inicial entre diversos órgãos do Governo Brasileiro (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da

---

<sup>3</sup>O nome do curso Gênero e Diversidade na Escola será referenciado no texto com a sigla GDE.

Educação) e instituições estrangeiras como o British Council (órgão do Reino Unido atuante na área de Direitos Humanos, Educação e Cultura) e Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ).

Apesar de o curso GDE estar disponível na UFG e, tendo um polo instalado no Campus de Catalão, próximo da instituição, ser gratuito e de fácil acesso, até o início dessa pesquisa nenhum membro da equipe havia se interessado em fazê-lo. Até mesmo o material a respeito do tema enviado pelo MEC sempre foi ignorado, demonstrando o desinteresse e a dificuldade da equipe em lidar com a temática, algo que só começou a mudar com a supracitada história de Gabriel/Michelly.

As preocupações em torno da sexualidade, da homossexualidade, das identidades e expressões de gênero não são novas no espaço escolar. Entretanto, no Brasil, só a partir da segunda metade dos anos de 1980, começaram a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais, entre eles, a escola e a universidade, sobretudo nos programas de pós-graduação, a partir dos quais se constituíram núcleos de estudos e pesquisas sobre Gênero e a área de Estudos Gays e Lésbicos. Até então, nas escolas, quando os temas relativos à sexualidade apareciam no currículo, ficavam circunscritos às áreas de Ciências ou, eventualmente, a Educação Moral e Cívica (MEC, 2007).

Para compreender melhor como a discussão sobre gênero e sexualidade chegou até as instituições educacionais, é preciso recontar minimamente a história do desenvolvimento desses conceitos, bem como os limites e as perspectivas de experiências que incorporaram o debate de gênero e de sexualidade, a distinção entre homens e mulheres, as relações de desigualdade social que comportam estas diferenças tanto na vida pública quanto na vida privada. É importante também conceituar o termo gênero e suas interfaces com a sexualidade e com outros marcadores de diferença, como: raça, idade, geração etc.

Nas universidades brasileiras, a temática encontrou guarita nos debates, eventos e manifestações, nem sempre aceitos por todos. O mesmo não ocorreu com a Rede Federal de Educação Tecnológica e Profissional, que ficou e ainda está à margem do debate. Enquanto as universidades brasileiras já trataram e/ou tratam da temática e/ou executam trabalhos voltados para a questão de gênero e diversidade sexual, no âmbito das escolas municipais, estaduais e federais o tema ainda é um tabu.

Considerando as leituras de alguns livros, teses, dissertações e artigos científicos relativos ao Gênero e Sexualidade, assim como os programas desenvolvidos pelo governo brasileiro sobre medidas educacionais destinadas a eliminar o preconceito referente a gênero e sexualidade na escola para promover a “inclusão” de todos/as na sociedade, constatei que as ações até agora desenvolvidas são insuficientes para sanar o problema da discriminação construído nesse espaço ao longo dos tempos. O preconceito faz parte da nossa história e seu combate é uma luta permanente que deve ser travada todos os dias nos espaços de convivência e a formação continuada de professores/as pode ser pensada como um caminho aberto para travar essa luta.

Desde 2008, o curso GDE é oferecido, por meio de edital da SECAD/MEC, para todas as instituições públicas de ensino superior do país que queiram ofertá-lo pelo Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Esse curso integra a Rede de Educação para a Diversidade no âmbito do Ministério da Educação (MEC), que visa a implementação de programa de oferta de cursos de formação para professores/as e profissionais da educação para a diversidade. A oferta do GDE enquadra numa ação de política pública voltada para a formação de professores/as da Educação Básica.

As instituições públicas de ensino superior do país que aderiram ao edital totalizam trinta e seis, sendo cinco na Região Sul, seis na Região Norte, cinco na Região Centro-



Oeste, doze na Região Nordeste e sete na Região Sudeste. Estas instituições ofertam cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização.

Dentre as instituições da Região Centro-Oeste, a Universidade Federal de Goiás (UFG) aderiu ao edital e ofertou os cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização propostos e ministrados por um grupo de professoras da Regional Catalão. O grupo de pesquisa DIALOGUS - Estudos Interdisciplinares de Gênero, Cultura e Trabalho coordena o GDE e é oferecido na modalidade semipresencial da Educação a Distância.

Este foi o contexto escolhido para realização dessa pesquisa, cuja proposta é analisar os sentidos sobre o conceito de gênero e de sexualidade a partir dos discursos dos participantes do GDE nos fóruns de discussão nas unidades temática (Gênero e Sexualidade e Orientação Sexual).

A proposta metodológica está ancorada nas Práticas Discursivas, maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas (Spink, 2010, p. 27), tendo como foco os repertórios linguísticos.

Essa dissertação está desenvolvida nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo - **Gênero e Sexualidade: teorizações para uma formação sintonizada com os direitos humanos** – apresento as considerações sobre o conceito de gênero e de sexualidade. As discussões acerca da categoria gênero vistas como uma forma de compreender as desigualdades entre homens e mulheres na cultura e nas sociedades. Destaco a importância da formação da equipe escolar para compreender e acolher o diferente na escola, seja ele qual for, a fim de promover uma educação voltada para os direitos humanos e o respeito a diversidade sexual.

No segundo capítulo - **Educação a Distância (EaD)** – discorro sobre as origens e desenvolvimento da EaD e o seu papel na formação de professores/as. Nesse contexto do ambiente virtual de aprendizagem, como *corpus* desta pesquisa, apresento o curso GDE e

os fóruns de discussão online, que é uma das ferramentas utilizadas, cujos dados coletados serão analisados no quarto capítulo.

No terceiro capítulo - **Considerações Metodológicas** – faço uma caracterização do construcionismo social, dialogando com os autores Spink e Frezza (2000), Gergen e Gergen (2010), Martins, Hammout & Iñiguez (2002), Iñiguez (2003), Spink e Medrado (2000) e Bakhtin (1995). Discuto sobre a particularidade da linguagem e os elementos centrais das práticas discursivas. Apresento ainda o caminho percorrido para a concretização dessa pesquisa.

No quarto capítulo – **Análise dos fóruns de discussão em diálogo com a teoria construcionista**- apresento a análise dos fóruns de discussão, dialogando com a teoria construcionista, avaliando o alcance do debate da tutora com os cursistas e destes entre si, assim como se posicionam no que diz respeito aos temas gênero e sexualidade. Em seguida exponho as considerações finais.

## CAPÍTULO 1: GÊNERO E SEXUALIDADE: TEORIZAÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO SINTONIZADA COM OS DIREITOS HUMANOS

### 1.1. Considerações sobre o conceito de gênero

No final do século XX surgiram as primeiras preocupações teóricas referentes ao gênero como categoria de análise, pois até então permaneciam ausentes na maioria das teorias sociais. Do ponto de vista de Scott (2012), algumas dessas teorias tiveram sua lógica construída a partir da oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina” ou preocuparam com a formação da identidade sexual subjetiva. Entretanto, o gênero como sistema de relações sociais ou entre sexos ainda não havia aparecido.

O dicionário Oxford (2014) define o substantivo gênero como o estado de pertencer ao feminino ou ao masculino, tipicamente utilizado com referência às diferenças culturais e sociais ao invés das biológicas. No *Diccionario crítico Del feminismo*, o gênero pode ser um símbolo do sexo ou vice-versa. É uma lógica pragmática, mais “heterosocial” do que “heterossexual”, que admite uma certa flexibilidade nos comportamentos, compreendidos os sexuais<sup>4</sup> (Nicole, C. M. (2002, p.238). Embora as palavras gênero e sexo tenham o sentido de serem femininas ou masculinas, são utilizadas de maneiras ligeiramente distintas: sexo tende a se referir a diferenças biológicas, enquanto gênero às sociais e culturais. Scott (1995) explica que, em seu uso mais recente:

[...] “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Os livros e artigos de todos os tipos, que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo “mulheres” por “gênero”.

[...]

“Gênero”, além de substituto para o termo “mulheres”, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino (Scott, 1995, p.73).

---

<sup>4</sup>El género puede ser un símbolo del sexo, y a la inversa. Es una lógica pragmática, más “heterosocial” que heterossexual, que admite una cierta flexibilidad em los comportamientos, comprendidos los sexuales.

As concepções sobre identidade de gênero, assim como as atitudes e inclinações sexuais que lhes estão associadas, são formadas tão cedo, que são consideradas, em sua maioria, como certas na idade adulta. No entanto, “gênero” não surge simplesmente nas interações sociais estabelecidas diariamente com os outros. Os aspectos da existência humana, dos gestos ao tom de voz, dos movimentos às normas de comportamento, são constituídos de pequenas ações praticadas ao longo do dia, construídas a partir do gênero.

As mudanças na vida sexual nas sociedades modernas vêm sofrendo mudanças significativas que afetam a vida emocional da maioria das pessoas. Para Giddens (2008, p. 109): “As mudanças dramáticas, iniciadas pelos movimentos feministas na década de 70, inspiraram novas tentativas para compreender como se geram, se mantêm e se transformam os padrões e desigualdades de gênero nas nossas sociedades”.

De acordo com Nicholson (2000), gênero tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a primeira delas diz respeito à base material da identidade e seu legado foi a noção dominante na maioria das sociedades industrializadas, de que a distinção entre masculino e feminino, na maioria de seus aspectos essenciais, era causada pelos fatores biológicos e por eles expressada; e a segunda está relacionada à construção social do caráter humano.

Já Scott (1995), pensando nas posições teóricas dentro do feminismo, faz a seguinte síntese:

A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto (*object-relation theories*), se inspira nessas diferentes escolas psicanalíticas para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero ( Scott, 1995, p.75).

A distinção entre gênero e sexualidade ocupa lugar central nos estudos feministas, que buscam demonstrar a especificidade e a distinção entre eles. Louro (2003) afirma que,

entre as/os estudiosas/os feministas o conceito de gênero surgiu pela necessidade de destacar as características sociais das diferenças entre os sexos, apontando para a impossibilidade de apoiar no sexo estas diferenças e desigualdades vivenciadas pelas mulheres em relação aos homens. Para a autora:

O conceito levava a afirmar que tornar-se feminina supõem-se uma construção, uma fabricação ou um aprendizado que acontece no âmbito da cultura, com especificidades de cada cultura. [...] ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e a masculinidades (sempre no plural). A potencialidade do conceito talvez resida exatamente nesta noção, a de que se trata de uma construção cultural contínua sempre inconclusa e relacional (Louro, 2003, p.2).

O gênero, na época da segunda fase do feminismo, ao final dos anos 1960, não era visto pela maioria como um substituto para sexo, e sim, como meio de boicotar as pretensões de abrangência do sexo, como afirma Nicholson (2000). A premissa da existência de fenômenos biológicos reais diferenciando mulheres de homens, presente de maneira similar em todas as sociedades para distinguir masculino de feminino, era aceita pela maioria das feministas no final dos anos 1960 e 1970.

As discussões acerca da categoria gênero são produto da tentativa de compreender as desigualdades entre homens e mulheres na cultura e nas sociedades ocidentais. Anteriormente, os estudos priorizavam a condição social da mulher a fim de compreender o porquê da desvalorização das tarefas das mulheres em detrimento às dos homens. Uma das explicações estava fundamentada na diferença biológica entre homens e mulheres, que Albernaz e Longhi (2009) consideraram problemática por duas razões:

Primeiro, se a desigualdade estava fundada em fatos da biologia não haveria como alterar esta situação sem alterar a própria biologia humana. Segundo, esta explicação era posta em dúvida porque, comparando-se as sociedades ocidentais com outras sociedades humanas, a variação nos arranjos de divisão do trabalho e de cuidado com as crianças era muito grande. Comparando a própria sociedade ocidental ao longo de sua história, nem sempre as mulheres ocuparam as mesmas posições, nem fizeram os mesmos trabalhos (Albernaz e Longhi, 2009, p.81).

Ou seja, não é a biologia que determina a divisão de atividade entre os sexos, pois, se assim o fosse não seria possível uma variação tão grande no comportamento de homens e de mulheres nas diferentes sociedades.

França e Calsa (2009) consideram gênero e sexualidade como dimensões diferentes que fazem parte da identidade de cada um, sendo produto dos efeitos do poder transformando-se de acordo com os valores sociais vigentes. No âmbito escolar, é importante que docentes e discentes se envolvam na problematização dos conceitos de gênero, “possibilitando aos indivíduos a (des)construção e (re)construção de conhecimentos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo” (idem, p.7).

## **1.2. Sexo e Gênero**

A diferença sexual era dada até que o feminismo a problematizou para definir o corpo masculino e feminino a partir das diferenças anatômicas e fisiológicas. Haja vista que, o uso do gênero, de acordo com Scott (1995, p.75), “ênfatisa todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”. A esse propósito Nicholson (2000) acrescenta que:

“Gênero” é uma palavra estranha no feminino. Embora para muitos de nós ela tenha um significado claro e bem conhecido, na verdade ela é usada de duas maneiras diferentes, e até certo ponto contraditórias. De um lado, o “gênero” foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a “sexo”, para descrever o que é socialmente construído em oposição ao que é biologicamente dado. Aqui, “Gênero” é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo; “gênero” e “sexo” são, portanto compreendidos como distintos. De outro lado, “gênero” tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com a distinção masculino/feminino, incluindo as construções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos” (Nicholson, 2000, p. 10)

Para a autora, se o corpo é sempre visto a partir de uma interpretação social, o sexo não pode ser independente do gênero. Sexo é algo que pode ser subsumido pelo gênero,

apesar de permanecer na teoria feminista, como algo externo à cultura e à história (Nicholson, 2000).

No dizer de Lauretis (1994, p. 214), “gênero nada mais é do que a configuração variável de posicionalidades sexuais discursivas”. Ou seja, gênero é efeito da diversidade de representações e práticas discursivas que contribuem para a produção das diferenças sexuais.

Scott (2012) divide sua definição de gênero em duas partes e várias sub partes. O cerne desta definição está na conexão integral entre duas proposições: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (idem, p.23).

Lauretis (1994) descreveu o sistema sexo-gênero como:

[...] uma construção sociocultural quanto um aspecto semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. [...] Assim, a proposição de que a representação de gênero é a sua construção, sendo cada termo a um tempo produto e o processo do outro, pode ser reexpressa com mais exatidão: a construção do gênero é tanto produto quanto processo de sua representação (p.212).

Desse modo,

as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade (Lauretis, 1994, p. 211).

Essa interpretação implica que, o sujeito encontra-se em um processo constante de construção e pensá-lo dentro dos contextos sociais e históricos é uma forma de conceber a realidade social em termos de gênero. De acordo com o *Diccionario crítico del feminismo* (2002), algumas sociedades ocidentais modernas e certos fenômenos marginais das nossas

sociedades mostram que nem as definições de sexo e de gênero, nem as fronteiras entre o sexo e /ou gênero são tão claras.

### **1.3. A construção social do gênero**

A construção social do sexo e do gênero é defendida por teóricos que refutam a existência de uma base biológica nas diferenças de gênero. Essas identidades surgem em consonância com as diferenças de sexo percebidas na sociedade e que contribuem para dar forma a essas diferenças. “A distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído” (Butler, 2003, p.24).

O foco da obra da filósofa Judith Butler está na análise de categorias de identidade, o que acarreta uma desestabilização da categoria de sujeito. Segundo a autora:

Sendo a identidade assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (Butler, 2003 p.38).

Deste modo, a cultural por meio da qual a identidade de gênero se apresenta estabelece que certos tipos de identidades não possam ser reconhecidas ou seja, os que estiverem fora dos padrões heteronormativos. O sexo é concebido como resultado de processos discursivos desenvolvidos no desenrolar da história e no interior das culturas, não como uma determinação biológica. Para Butler, desestabilizar ou desconstruir o sujeito não é o mesmo que destruí-lo, todavia investigar seus processos de construção e as implicações políticas de tais processos.



As diversas tecnologias do gênero, como: a literatura, a televisão, o cinema, entre outros, e os discursos institucionais, como as pesquisas, as teorias etc., têm o poder de controlar o campo do significado social e promover representações sociais de gênero, construindo-o (Lauretis, 1994). Conforme Scott (1995) afirma, o gênero se torna uma maneira de indicar as construções sociais, isto é, a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Desse modo, o corpo sexuado é submetido a uma categoria social.

O gênero aproxima da sexualidade por serem ambos construídos culturalmente e por carregarem a historicidade e o caráter provisório das culturas. Louro (2003) afirma que, o significado distinto atribuído às posições de gênero, masculinidade, feminilidade e às várias expressões da sexualidade variam nas diferentes sociedades e épocas. Tais significados são atravessados por relações de poder e comumente implicam em hierarquias, subordinações e distinções.

A sexualidade encontra papel central nas sociedades ocidentais, dentre elas a brasileira. Essa centralidade tem uma história que vem se construindo há mais de duzentos anos, como afirma Foucault em *A história da sexualidade – A vontade de saber* (1988/2012). Certamente, os prazeres do amor e do sexo eram vividos antes disso e já se falava nas paixões da carne e do corpo. Entretanto, esse espaço da experiência humana não havia sido nomeado sexualidade.

#### **1.4. Considerações sobre o conceito de sexualidade**

As transformações que ocorrem nas noções tradicionais de gênero afetam também as concepções sobre a sexualidade. É quase impossível falar de sexualidade sem ao menos considerar as contribuições da Psicanálise. Segundo Roudinesco e Plon (1997), todos os

autores do final do século XIX ocupavam-se com a questão da sexualidade e viam nela uma determinação fundamental da atividade humana. Estes autores faziam da sexualidade uma evidência e do fator sexual a causa primária da gênese dos sintomas neuróticos. Embora também impregnado pelas mesmas questões que seus contemporâneos,

“[...] Freud foi o único dentre eles a inventar não a prova do fenômeno sexual, mas uma nova conceituação, capaz de traduzir, nomear ou até construir essa prova. Por isso, ele efetuou uma verdadeira ruptura teórica ou epistemológica, com a sexologia, estendendo a noção de sexualidade a uma disposição psíquica universal e extirpando-a de seu fundamento biológico, anatômico e genital, para fazer dela a própria essência da atividade humana” (Roudinesco e Plon, 1997, p.704).

Pode-se dizer que, na experiência e na teoria psicanalíticas, como afirmam Laplanche (2001), o termo sexualidade serve não somente para designar as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, porém, abrangem ainda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que “proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (...) e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal de amor sexual” (idem, p.476).

A distinção entre a sexualidade humana e a dos animais é significativa. Para os seres humanos, a atividade sexual é um ato simbólico que vai além da biologia. A complexidade da sexualidade deve ser entendida de acordo com os significados sociais que são atribuídos pelos seres humanos. As práticas sexuais, em todas as sociedades, são regidas por normas que aprovam alguns comportamentos e condenam outros. Estas normas são aprendidas através da socialização. A heterossexualidade prevalece em maioria entre as pessoas nas sociedades, embora existam preferências e inclinações sexuais minoritárias.

Nos comportamentos e crenças relacionados à sexualidade ocorreram mudanças ao longo da história, tornando-se questionáveis em todos os campos de conhecimento. O que antes era encarado como natural, foi posteriormente tido como anomalias, segundo afirma

Nogueira (2010), inclusive submetidos a tratamentos clínicos a homossexualidade, que era considerada doença. Os tipos de comportamento sexual aceitos variam de cultura para cultura, “o que constitui uma forma de saber que a maioria das respostas sexuais é aprendida e não congênita (Butler, 2003)”.

O cristianismo mudou as atitudes do Ocidente em relação ao comportamento sexual. Conforme Foucault (1988/2012) escreve sobre a sexualidade no século XVII:

As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”.

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala (p.9).

Os pressupostos religiosos prevaletentes no século XIX acerca da sexualidade foram em parte substituídos pelos de ordem médica. Contudo, as primeiras obras médicas sobre o comportamento sexual eram tão rigorosas quanto a opinião da igreja. Na época vitoriana, a hipocrisia sexual reinava, e era comum acreditar que as mulheres virtuosas eram indiferentes à sexualidade, aceitando as demandas do cônjuge como um dever.

Durante todo o século XIX, o controle e a organização das populações com medidas para garantir a vida e a produtividade passaram a ser preocupação das nações politicamente organizadas. “Os Estados voltavam-se para a disciplinarização e regulação da família, da reprodução e das práticas sexuais” (Louro, 2009, p.30). Nas últimas décadas desse século, uma nova disciplina surgiu, a sexologia e, com ela, médicos, filósofos, moralistas e pensadores passaram a proclamar “descobertas” sobre o sexo. Inventando classificações de sujeito e de práticas sexuais, passaram a determinar o que era normal ou anormal, adequado ou impróprio, sadio ou doente e suas ideias foram tomadas como

verdades. As diferenças entre sujeitos e práticas sexuais eram determinadas a partir do olhar dessas “autoridades” e, “algumas dessas ideias têm efeitos muito persistentes. Quem sabe até hoje...” (p.30).

Acerca dos discursos sobre a sexualidade, Foucault (1988/2012) afirma que:

[...] Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da “extravagância”, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma e crimes “crapulosos” e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo –tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando os diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele (pp.36 e 37)

Louro (2009) assinala a importância de observar quem eram os falantes autorizados da época vitoriana: homens; em geral, médicos e pensadores moralistas, para entender porque “a linguagem e a ótica empregada para formular as tais ‘verdades’ a respeito da sexualidade, para constituir esses saberes, foram marcadamente masculinas” (p.30). Por isso,

Não é de se estranhar que as mulheres tenham sido concebidas como portadoras de uma sexualidade ambígua, escorregadia e potencialmente perigosa; nem deve causar espanto que os comportamentos das classes média e alta dos grupos brancos das sociedades urbanas ocidentais tenham se constituído na referência para estabelecer as práticas moralmente apropriadas ou higienicamente sãs (Louro, 2009, p.30).

Ao final do século XIX, a homossexualidade e o sujeito homossexual passaram a ser nomeados, embora relações sexuais e amorosas entre sujeitos do mesmo sexo já existissem muito antes, em todas as sociedades e épocas. Essas relações, entretanto, não haviam sido nomeadas e era representada de outra forma, como no caso da sodomia, considerada um pecado mortal que poderia ser cometido por qualquer um.

Consequentemente, a prática amorosa e sexual entre parceiros do mesmo sexo passou a ter outro significado, indicando um tipo de pessoa que desviava da “normalidade”. Por conseguinte, foram estabelecidas hierarquias que indicavam os diferentes tipos de sujeitos e práticas sexuais.

As atitudes frente às atividades sexuais dos homens e das mulheres criaram um duplo padrão, que já existia e cujos resíduos ainda subsistem, afirma Giddens (2008). Hoje, atitudes tradicionais e liberais em relação à sexualidade coexistem. Novos conhecimentos acerca da sexualidade surgem a cada momento. A herança cultural dos ancestrais é assimilada pelas novas gerações, que também determinam mudanças. Para Nogueira (2010), a abordagem da sexualidade deve ser “contínua, sistemática, honesta e politicamente interessada com a crítica desses modelos de desigualdades sexual, de gênero, de etnia/raça, de geração de classe, de religião, entre outros” (p.18).

Os discursos proferidos pela Ciência, pela Religião e pelo Estado acerca da sexualidade, tiveram efeitos prolongados.

A Educação e a Justiça não apenas colocaram em funcionamento esses discursos como também formularam seus próprios discursos que ampliavam a força dessas “verdades”. Contudo, nada disso pode ser compreendido de modo estático, universal ou fixo. Pelo contrário: muitas e variadas transformações nas práticas e nos arranjos sociais, nas formas de organização da família e do trabalho; transformações nas possibilidades de comunicação entre os indivíduos, estados e grupos; enfim, todo um enorme conjunto de condições foi se modificando ao longo do tempo – o que nos leva a construir hoje um olhar mais complexo sobre a sexualidade (Louro, 2009, p. 31).

Além disso, é importante mencionar o impacto de alguns movimentos sociais que, agitaram a sociedade. Nas últimas décadas do século XX, os movimentos sociais organizados por gays e lésbicas começaram a ganhar respeito e visibilidade, inserindo-se nos espaços sociais de cultura, lazer e arte.

Borges (2012), ainda em relação a esses movimentos acrescenta:

[...] esses movimentos tiveram importante papel na crítica e rejeição das visões e práticas em relação à sexualidade, mostrando a necessidade de concebê-la como construção social. O campo dos direitos sexuais e reprodutivos tem-se configurado como uma esfera primordial de trânsito dos discursos sobre a especificidade de movimentos sociais e a necessidade da inclusão do tema da diversidade colocada pela atualidade. (Borges, 2012. p.150)

Com isso, os discursos sobre a sexualidade e sobre o gênero diversificaram e multiplicaram-se. Com as múltiplas vozes vieram múltiplas formas de “ver e de viver a vida” (Louro, 2009, p.32). Ainda que desafiadora, é com essa complexidade e diversidade cultural que os/as educadores/as têm que lidar.

A disseminação da AIDS ampliou a discussão a respeito da sexualidade e da homossexualidade na sociedade brasileira. No Brasil, a partir da segunda metade dos anos de 1980, a sexualidade começou a ser discutida em várias instâncias sociais, inclusive nas escolas. No entanto, a princípio, essas discussões restringiam ao campo da biologia e tinham como foco a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, não entrando no âmbito do gênero. Essa preocupação assinala Louro (2009), fez com que organismos oficiais como o Ministério de Educação e Cultura passassem a estimular projetos de Educação Sexual. A autora salienta que, as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade, tiveram o efeito de aproximá-la de ideias de risco, relegando ao segundo plano sua associação ao prazer e à vida.

Enquanto em diversos países do Ocidente (como nos Estados Unidos e em alguns países da Europa) grupos sociais de minorias sexuais já se organizavam desde a metade do século XX, apenas nos anos 1980 o Brasil viu o surgimento dos primeiros grupos de ativistas gays e lésbicas e, com eles, a modificação das formas de afirmação<sup>5</sup> dessas minorias. De um modo global, houve a multiplicação de movimentos e de seus propósitos. Louro (2009) explica que:

---

<sup>5</sup> Afirmação: Na psicologia, necessidade de uma pessoa se impor e de se fazer aceitar pelos outros (Dicionário da Língua Portuguesa para Ipad, Porto Editora).

Alguns grupos homossexuais permaneciam (e permanecem) lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando sua inclusão, em termos igualitários, ao conjunto da sociedade – reivindicam possibilidade de união legalizada, adoção de filhos, direitos de herança, etc. Outros grupos não estão primordialmente engajados nessas reivindicações de inclusão social, mas se preocupam mais em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais (em outras palavras, esses grupos decidem pôr em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual e pretendem, de muitos modos, atravessar e perturbar essas fronteiras). E ainda há outros grupos que não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambigüidade da própria fronteira. Sujeitos que, deliberadamente, inscrevem em seus corpos, suas roupas, seu comportamento e atitudes signos masculinos e femininos buscando embaralhar esses signos, afirmando-se propositalmente como diferentes, estranhos, *queer*– para usar um termo bem contemporâneo (p. 33).

O termo *queer* pode ser traduzido como algo estranho ou inesperado, mas é também utilizado como uma forma pejorativa de se referir ao sujeito homossexual, o que equivaleria em português a “veado”, “bicha”, “sapatão”. A palavra *queer*, excessivamente repetida como xingamento, serviu para marcar a posição marginalizada e abominada dessa população, aponta Louro (2009). A autora explica que, o termo funcionou como uma expressão guarda-chuva que servia para acomodar todos aqueles desviantes da norma sexual, como: lésbicas, gays, travestis, bissexuais, transgêneros<sup>6</sup>, drag-queens<sup>7</sup> e king<sup>8</sup> etc., procurando abarcar todos aqueles excluídos da posição sexual dominante - a heterossexualidade. A comunidade *queer*, de um modo geral, se coloca contra a normatização, venha ela de onde vier, afirmando suas identidades minoritárias (Louro, 2009).

A filósofa Judith Butler, desde o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, tem se dedicado à reflexão das sexualidades e seu papel na configuração de categorias de identidade. Esses questionamentos fizeram de Butler uma das autoras mais expressivas da

---

<sup>6</sup>Transgênero: designativo de pessoa que se identifica com ou expressa uma identidade de gênero diferente da que corresponde, por convenção, ao seu gênero de nascença (Dicionário da Língua Portuguesa para Ipad, Porto Editora).

<sup>7</sup>Drag Queen: artista do sexo masculino que atua com roupa feminina vistosa e extravagante, exagerando nos gestos e na maquiagem para efeitos cômicos (Dicionário da Língua Portuguesa para Ipad, Porto Editora).

<sup>8</sup>Drag King: artistas performáticos femininos que se vestem com roupas caracteristicamente masculinas e personificam o gênero estereotipado masculino como parte de uma apresentação artística (*How ‘drag kings’ are taking the standup world by storm*, in ShortCutsBlog, The Guardian, online edition).

Teoria *Queer*, caracterizada como um conjunto de ideias que indagam os constructos supostamente naturais e sustentam as categorias de identidade e de sujeito.

De acordo com Miskolci (2013), a Teoria *Queer*,

[...] lida com o gênero como algo cultural, assim, o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois. Cada um de nós – homem ou mulher – tem gestuais, formas de fazer e pensar que a sociedade pode qualificar como masculino ou feminino independentemente do nosso sexo biológico. No fundo, o gênero é relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade (Miskolci, 2013, p.32).

Para Butler (2008), o sexo é uma construção que se materializa obrigatoriamente através do tempo. Não é uma realidade simples ou uma condição estática de um corpo, sendo um processo mediante o qual as normas reguladoras materializam o sexo e conseguem-no em virtude da reiteração forjada dessas normas. A materialização nunca é completa e os corpos nunca acatam inteiramente as normas mediante as quais se impõe.

Louro (2009) comenta que, na contemporaneidade, os atravessamentos das fronteiras de gênero e sexualidade parecem mais frequentes ou talvez mais visíveis. As classificações binárias de masculinidade/feminilidade ou de heterossexualidade/homossexualidade não são mais suficientes para descrever as possibilidades de práticas e identidades possíveis frente a sexualidade. A autora salienta que esse atravessamento não implica em um livre trânsito entre esses territórios. Muitas vezes, as consequências para aqueles que ousam atravessar as barreiras da normalidade é o isolamento, a punição ou mesmo a tentativa de “cura” ou de “reeducação” para retornar ao bom caminho. Para a autora,

Um movimento importante parece ser, portanto, assumir que nenhuma forma de sexualidade é natural ou espontânea, mas que, em vez disso, todas as formas de viver a sexualidade são produzidas, ensinadas e “fabricadas” ao longo da vida, através de muitas pedagogias escolares, familiares, culturais; através de muitas instâncias e práticas. Parece importante lembrar, também, que a forma como vivemos nosso gênero, feminino ou masculino, também é cultural, é histórica, é aprendida. (LOURO, 2009, p. 35)



No *Diccionario crítico del feminismo* (2002), vamos encontrar a seguinte definição de sexualidade:

A sexualidade pode ser definida como a construção das condutas, de comportamentos, de relações, de práticas e de atos sexuais. Sua prática e ordem determinam um conjunto de regras e normas, variáveis segundo a época e as sociedades. Estas regras e estas normas proibem um certo número de atos sexuais e prescrevem outros, e determinam as pessoas com as quais estes podem, devem ou não devem relacionar-se<sup>9</sup> (p.245).

De acordo com o exposto acima, pode-se concluir que, a sexualidade é construída socialmente e culturalmente. Nenhuma forma de sexualidade é natural, mas, aprendida por meio das regras impostas pela sociedade.

Os processos dialéticos produtores de lugares minoritários e de uma lógica excludente, perversa e mantenedora da sociedade pautada na lógica patriarcal precisam ser abordados e explicitados. Se, como afirma Louro (2009), a forma como vivemos nosso gênero é histórica, cultural e aprendida, as instituições educacionais têm um papel de destaque em todo esse processo. Esse papel não é o de normatizar o gênero e a sexualidade, mas sim o de incluir num processo de formação inclusivo, que compreenda, conforme Silva (2011, p.59), que as “orientações sexuais discordantes de uma heteronormatividade obrigatória, são mais um lugar do que o indivíduo pura e simplesmente é definido pelo objeto de desejo”.

Esse lugar é marcado pelo preconceito e abala a busca pela segurança de si baseada em identidades fixas, dando lugar ao que Butler chama de performatividade. Para a autora,

---

<sup>9</sup>*La sexualidad puede definirse como a construcción social de esos usos, su puesta en práctica y orden, que determina un conjunto de reglas e de normas, variables según las épocas y las sociedades. Estas reglas y normas prohíben un cierto número de actos sexuales y prescriben otros, y determinan las personas con las que estos actos pueden, deben o no deben llevarse a cabo.*

[...] a performatividade não é como um simples ‘agir’, porque é sempre a reiteração de uma regra ou um conjunto de regras e, na medida em que adquire o ato na presente condição, oculta ou esconde as convenções que é uma repetição (Butler, 2008, p.34)

Muitos dos aspectos constitutivos das identidades são produzidos pela Educação “de forma dialética, mediante a alteridade, na interação entre indivíduo e sociedade, a partir e com o outro” (Silva, 2011, p. 60). Políticas de educação que contemplem esses aspectos perpassam, necessariamente pelos Direitos Humanos. Estes que, nas palavras de Benevides (2007):

são aqueles comuns a todos, a partir da matriz do direito à vida, sem distinção alguma decorrente de origem geográfica, caracteres do fenótipo (cor da pele, traços do rosto e cabelo etc), da etnia, nacionalidade, sexo, ou qualquer tipo de julgamento moral. São aqueles que decorrem do reconhecimento da dignidade intrínseca de todo ser humano (p.336).

Dentre os direitos humanos destacamos o direito à diferença, corolário da igualdade na dignidade. É ele que nos protege, quando nossas características físicas ou de personalidade são contestadas ou ignoradas, ou ainda, quando são usadas para justificar atitudes e práticas de preconceito, discriminação ou exclusão. Nesse sentido, é de extrema importância que, o Estado e a sociedade civil busquem novos caminhos para transformar os elementos que justifiquem as desigualdades (Silva, 2011; Benevides, 2007) e fomentem uma educação voltada para os direitos humanos, respeitando – de modo particular – a diversidade sexual.

O espaço escolar precisa se tornar agente promotor da ruptura do pensamento hegemônico e assumir a diferença como uma faceta positiva do humano, sendo um “elemento polarizador de turbulências e conflitos, um agente de fermentação social da realidade” (Silva, 2011, p.65). Para que a escola seja um espaço de formação democrática, é preciso que sua equipe esteja preparada para compreender e acolher o diferente, seja ele de qual ordem for. É nesse sentido que o trabalho de formação de professores/as,

diretores/as e toda equipe multidisciplinar é passo fundamental para haver uma mudança significativa.

### **1.5. Gênero, sexualidade e educação**

Nas últimas décadas do século XX, a sociedade brasileira sofreu rápidas transformações, que alteraram as categorias interpretativas utilizadas pelas pessoas, no contínuo processo de atribuir sentido às relações entre homens e mulheres e ao exercício da sexualidade. Movimentos sociais, como o feminista e o homossexual, tiveram e continuam tendo papel importante no questionamento de visões preconceituosas e aprendizados discriminatórios provocados por esta visão de gênero dualista. As políticas públicas brasileiras atuais na área de gênero e sexualidade refletem estas mudanças (Madureira, 2007).

De acordo com o documento *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro* (UNESCO, 2014):

a educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade esta presente em todos os espaços de socialização – família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia -, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e desassociada de um plano de sociedade inclusiva baseada nos direitos humanos ( p.11).

O relatório da UNESCO (2014) destaca que, embora nas últimas décadas mudanças tenham ocorrido nos campos sociais, comportamentais e das relações de gênero, grande parte das iniciativas escolares de educação em sexualidade continua, ainda hoje, concentrada no discurso biologizante e científico do corpo, “silenciando sobre questões importantes como o prazer, o desejo e a diversidade sexual” (p.11).

A inserção da educação em sexualidade como tema importante nas políticas educacionais no Brasil veio na esteira de um conjunto de modificações sociais impulsionadas pela instalação do processo democrático, principalmente a partir da década de 1980. Tanto que, foi a Constituição Federal de 1988o grande marco que lançou as bases para a configuração de uma noção mais inclusiva e ampliada de cidadania no país. Nessas mudanças, a sociedade civil – por meio de suas diversas organizações – teve papel fundamental na apresentação e na defesa de suas demandas de igualdade social.

Segundo a UNESCO (2014), houve muita resistência em reconhecer a sexualidade e as relações sociais como dimensões fundamentais das relações sociais; mesmo assim, as políticas educacionais passaram, aos poucos, a incorporar essa dimensão. Dentre essas políticas, o relatório destaca quatro iniciativas federais que têm buscado impactar a educação básica no campo da educação em sexualidade:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – 1997 e 1999), o Saúde e Prevenção nas escolas (SPE – 2003), o Programa Brasil sem Homofobia – Programa de combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual (PBSH – 2004) e o Gênero e Diversidade na Escola (GDE – 2006) (p. 11).

A sexualidade, por ser compreendida como uma construção social, histórica e cultural, torna a escola um espaço importante para essa discussão. Para que isso aconteça, é imprescindível que, não somente o corpo docente, mas toda a equipe multidisciplinar esteja preparada. Ocorre que, em sua maioria, os profissionais da educação carecem de formação na qual as questões de gênero, sexualidade e diversidade esteja presente. Embora existam vários projetos, como os acima citados, grande parte das escolas os desconhece ou não sabe como aplicá-los.

Percebendo a necessidade de preparar esses profissionais, mas também compreendendo as dificuldades de uma formação continuada, quando já se está em

serviço, algumas alternativas vêm sendo apresentadas pelo MEC em parceria com outros órgãos. Entre elas, destacamos o curso “Gênero e diversidade na escola (GDE)”, oferecido na modalidade de educação à distância. Esta modalidade, que será apresentada no próximo capítulo, apresenta como um dos caminhos a ser seguido na construção de uma proposta pedagógica de formação de professores nas temáticas desse estudo.

## **CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EaD**

### **2.1. Origem e o desenvolvimento da EaD**

Há mais de 150 anos, a educação a distância esta presente no Brasil. As primeiras experiências nessa modalidade foram isoladas e singulares, condizentes com as tecnologias da escrita e dos meios de transporte da época. Em meados do século XIX, surgiu a primeira abordagem geral da educação a distância, em decorrência, principalmente da industrialização, que possibilitou a evolução das condições tecnológicas, profissionais e sociais de vida. Na década de 1970, com o auxílio do rádio, da televisão, do vídeo e da fita cassete, a educação a distância entrou em sua segunda fase. O material impresso, antes o único recurso disponível, foi suplementado por transmissões dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV<sup>10</sup>. Com a chegada da Internet, aconteceu uma revolução nos meios de comunicação, assim como despontou uma nova forma de aprender e de relacionamento entre docentes e discentes, propiciando a emergência da Educação a Distância.

A história dessa modalidade de educação no Brasil é marcada por sucessos e fracassos e vem recebendo críticas, muitas delas negativas, pois consideram que ela não consegue o mesmo êxito que a educação presencial. Sua origem remonta às experiências de educação por correspondência, que tiveram início no final do século XVIII e se desenvolveram largamente a partir da metade do século XIX. No início do século XX, transformou em uma modalidade de ensino disponível a todos os níveis, com objetivo de oferecer capacitação para o desenvolvimento de atividades profissionais. Essa modalidade é regulada por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica

---

<sup>10</sup> Menezes, E. J. (2010). Em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/k213239.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k213239.pdf)

(educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior.

De acordo com o Art. 1º do Decreto N° 5.622, de 19 de Dezembro de 2005, caracteriza-se Educação a Distância:

como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Segundo Oliveira (2003), ela está sendo apontada como:...uma alternativa para enfrentar o desafio de formação docente, no momento em que uma das linhas de ação do governo brasileiro é ampliar os programas de formação – inicial e continuada – dos professores (p.12).

A educação a distância no Brasil foi normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (dezembro de 1996), em fevereiro de 1998. Os cursos de pós-graduação *lato sensu*, chamados de "especialização", até recentemente eram considerados livres, ou seja, independentes de autorização para funcionamento por parte do MEC. Porém, com o Parecer n.º 908/98 (aprovado em 02/12/98) e a Resolução nº3 (de 05/10/99)<sup>11</sup> da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, que fixam condições de validade dos certificados de cursos presenciais de especialização, tornou-se necessária a regulamentação de tais cursos na modalidade a distância. A LDB legitimou a educação a distância, ao conferir-lhe valor legal equivalente ao dos cursos presenciais com o Decreto n° 5622, de 19 de dezembro de 2005<sup>12</sup>.

As legislações promulgadas até agora no Brasil apontam para uma direção mais ampla, buscando integrar o ensino a distância à missão das grandes universidades públicas e privadas. Os marcos legais prescrevem-no e permitem-no, é preciso agora que as políticas públicas assegurem os meios de implementação dessa oferta, incorporada às atividades regulares do ensino superior, no sentido de convergência dos paradigmas presencial e a distância (Belloni, 2009 , p. s).

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces03\\_99.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces03_99.pdf)

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm)

A educação a distância está presente em vários países, em todos os níveis de ensino, atendendo a milhões de estudantes. Atualmente, é crescente o número de universidades, institutos e empresas que investiram nesta modalidade para o aperfeiçoamento de seu recurso humano. Trata assim de uma modalidade educacional, na qual discentes e docentes estão separados/as, física ou temporalmente e, por isso, é necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação.

A década de 1980 foi marcada pelo aparecimento das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) e, a partir delas, a educação a distância desenvolveu uma nova roupagem - a educação *online*. Desse modo, os meios de estudar, ensinar e de aprender se modificaram. De acordo com Oliveira (2003), “vivemos num mundo onde novas identidades culturais e sociais emergem, apagando fronteiras, transgredindo tabus identitários, num tempo de cruzamento de fronteiras e de hibridização de identidades” (p.20).

A mudança de paradigma torna imprescindível. Muitos posicionamentos precisam ser revistos, pois já não atendem às atuais necessidades. Vive-se em um processo de construção e reconstrução de uma nova forma de ver as ciências, a vida social, os valores e comportamentos. O desafio a ser enfrentado é a transição de um paradigma conservador para um novo paradigma que possa ter outro olhar para a forma de aprender com novas atitudes, valores e crenças que o momento exige. A educação, segundo Belloni (2009), “será um dos melhores instrumentos com os quais poderá contar o indivíduo para sobreviver e prosperar” (p.101).

Durante a primeira década do século XXI, ocorreram muitas transformações na sociedade nos diversos setores do país. O MEC percebendo a carência existente de profissionais formados em nível de graduação e pós-graduação e aperfeiçoamento profissional vislumbrou ser necessário encontrar uma forma de minimizar essa situação.



Assim, a educação a distância surge para suprir carência. Por meio dessa modalidade o número de estudantes na graduação, pós-graduação e aperfeiçoamento profissional aumentariam significativamente uma vez que a EaD por meio dos meios de comunicação disponíveis chegaria a todas as partes do país.

A EaD é acessada através da plataforma *Moodle*, a qual é uma sala de aula virtual, onde o cursista pode acompanhar as atividades do curso pela internet. O acesso é feito com uso de um usuário e uma senha pessoal, em qualquer computador com internet. Ele é a principal plataforma de acesso às atividades e aos conteúdos do curso. Por meio dele o cursista pode postar atividades, debater os temas nos fóruns de discussão, tirar dúvidas via mensagens, entre outros recursos. Segundo Aragão (2011),

O ambiente de aprendizagem, nesse sentido, é baseado em uma filosofia educacional e em uma estrutura pedagógica de construcionismo social, elegendo o discurso colaborativo como um meio de intercambiar e de construir/ reconstruir diferentes saberes. É importante ressaltar que esse ambiente é inovador, uma vez que os ambientes anteriormente desenvolvidos tinham seu foco restrito nas ferramentas computacionais. O MOODLE, diferentemente dos demais ambientes virtuais de educação, tem seu foco centrado em questões reais de ensino e aprendizagem (p.40).

[...] Esse modelo se constitui como sendo um diferencial de construção social, e sua filosofia educacional e pedagógica é amparada no pressuposto de que as pessoas aprendem melhor quando fazem parte de um processo social de construção colaborativa e conjunta do conhecimento, ou seja, quando constroem alguma coisa para os outros através do processo de negociação de significados.(p.40)

Na EaD a interação docente –discente assume outras formas nessa nova maneira de aprender. Não há mais uma interação direta, e sim uma mediação por recursos tecnológicos. Falar e ouvir são substituídos por escrever e ler, uma mudança pedagógica significativa na maneira de aprender. Desse modo, o/a docente passa a incorporar novos papéis, sendo agora mediador/a, facilitador/a, incentivador/a e mobilizador/a, enquanto o/a discente assume a responsabilidade na aquisição de seu próprio conhecimento, pois nesse processo de ensino/aprendizagem as distâncias geográficas, com o auxílio da internet, possibilitam a interação sem o deslocamento físico.

Para que a educação a distância aconteça é necessário um novo/a professor/a que possa atuar em outras funções – a do/a professor/a tutor/a – e em atividades diferenciadas. Sendo assim, a atividade docente na EaD é dividida em: professores/as e tutores/as. Dentre os/as professores/as há os/as conteudistas e os/as formadores (ministram aulas aos tutores). Os tutores subdividem em tutores a distância (trabalham junto com os/as professores/as formadores no ambiente virtual) e os/as tutores/as presenciais (trabalham como suporte técnico aos discentes nos polos de apoio regional). Nesta modalidade de ensino, o envolvimento da equipe desempenha função preponderante, para que o curso tenha êxito.

Belloni (2009), destaca o desdobramento da função docente que, diferente do ensino presencial que é assegurado por um indivíduo, na EaD é necessário um grupo de indivíduos para garantir que a aprendizagem aconteça.

Embora o professor/a não desempenhe mais sozinho/a a sua função ele/a continua sendo a figura central no processo de aprendizagem. Eles/as formam uma equipe imprescindível para que as melhorias no sistema educacional aconteçam e possam atender as novas demandas. Como cita Martin (2003), no sistema de EaD,

[...] o tutor tem um papel fundamental, pois é por intermédio dele que se garante a inter-relação personalizada e contínua do aluno no sistema e se viabiliza a articulação necessária entre os elementos do processo e a consecução dos objetivos propostos. Cada instituição que desenvolve este processo de educação busca construir seu modelo tutorial visando ao atendimento das especificidades locais regionais, incorporando nos programas e cursos, como complemento às novas tecnologias (p.7).

Dessa forma, o/a tutor/a participa ativamente da prática pedagógica e as atividades desenvolvidas contribui para o bom êxito do ensino e da aprendizagem dos participantes desse sistema de educação.

Quanto à metodologia aplicada na EaD, esta prima pela conscientização dos/as discentes sobre o seu papel no resultado das atividades acadêmicas e seu aprendizado,

tomando os conceitos de autonomia e independência como fundamentais para a aprendizagem, o que remete à criação de oportunidades, para que ela possa acontecer.

Para Mendes (2012), essas oportunidades implicam em comprometimento, responsabilidade do/a discente, orientação e apoio dos/as docentes que precisam estar disponíveis em todos os momentos, fazer utilização compartilhada de métodos e meios de transmissão das informações, ter respeito às diferenças individuais e utilizar meios capazes de acatar o ritmo da aprendizagem de cada estudante.

O curso GDE, que compõe o *corpus* desta pesquisa, é um dos desdobramentos proporcionados pela EaD, o qual oportuniza as/aos profissionais da educação conhecer e debater esses temas, que atravessam a sala de aula diariamente, possibilitando a construção de uma educação menos sexista e mais inclusiva. A seguir, este curso será apresentado, para que se possa compreender como os/as cursistas e Tutora<sup>13</sup> posicionam em relação ao conceito de gênero e sexualidade nos fóruns de discussão.

## **2.2. Gênero e Diversidade na Escola –GDE- na modalidade de EaD**

A diversidade sexual sempre esteve presente na sociedade. Assuntos relativos a gênero e sexualidade sempre foram difíceis de abordar especialmente na família e na escola e esse fato requer um novo olhar para esses temas que ainda concentram no discurso biologizante e científico do corpo, deixando questões importantes como prazer, desejo e a diversidade sexual em segundo plano. A reflexão com as pessoas que fazem parte do sistema educacional tem atribuição importante nesse debate.

Nesse sentido, segundo Mendes (2012), os/as professores/as “encontram-se despreparados por inúmeros motivos para lidar com as situações problemas que surge no

---

<sup>13</sup> O termo Tutora será usado no feminino e singular porque na mediação dos fóruns analisados era somente uma que fazia parte da mediação.

dia-a-dia da sala de aula, resultando, muitas vezes, em caso de omissão e perpetuação de preconceitos” (p.7), refletindo no seu desenvolvimento acadêmico e, em muitos casos, no abandono da escola.

O governo federal, através da implantação de políticas públicas, garantiu a inclusão do tema sexualidade e gênero nos debates e nas formações dos profissionais da educação. Dentre essas políticas destaca: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – 1997 e 1999); Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE – 2003); Programa Brasil sem Homofobia – Programa de combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual (PBSH - 2004) e Gênero e Diversidade na Escola (GDE – 2006) (UNESCO, 20014, p.11).

O Programa Gênero e Diversidade na Escola (GDE), lançado em 2006, foi uma iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e do Conselho Britânico. Em parceria com o MEC, a Secretaria a Distância (SEED), a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), bem como a Coordenadoria da Mulher e movimentos sociais dos estados e dos municípios participantes, em convênio com as universidades públicas do país (UNESCO, 2014, p.13).

O curso GDE, na modalidade de educação à distância, foi proposto para todo o país pela parceria da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres/SPM com o Centro Latino Americano de Estudos de Sexualidade/CLAM<sup>14</sup>. O GDE é uma experiência inédita de formação de profissionais de educação a distância nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais (Brasil, 2009, p.11) e oportuniza aos docentes de diferentes localidades do País/Estado ter acesso a esse conhecimento.

---

<sup>14</sup>O CLAM-UERJ foi responsável pelo desenho pedagógico do curso e a aplicação do projeto piloto, que ocorreu em 2006. As instituições que ofertaram o curso em 2009 (edital 2008) utilizaram uma versão revisada do material didático aplicado no projeto-piloto.

Em Goiás<sup>15</sup>, entre 2009 e 2010, foi ofertado o curso de extensão em sete polos presenciais do Sistema UAB com uma avaliação positiva, levando o grupo a propor sua transformação em curso de pós-graduação *lato sensu*/especialização. Foram ofertadas 160 vagas distribuídas em quatro polos de apoio presencial do Sistema UAB, nas cidades de Catalão, Inhumas, Itumbiara e Morrinhos (Freitas, 2014).

Essa modalidade de educação contribui de uma forma democrática, para a formação, independentemente da localidade das pessoas, basta para isso que tenham acesso à internet e saibam administrar o seu tempo, uma vez que é o/a cursista responsável pelo seu êxito. Assim, o curso GDE nessa modalidade oportunizou aos/as educadores/as, de diferentes partes do estado ter contato com estes conhecimentos, podendo aprofundá-los no ambiente escolar.

De acordo com Deslandes (2010), o curso GDE visa gerar

impactos de curto, médio e longo prazo na sociedade e na cultura nacional, com base no pressuposto de que os professores e as professoras são tanto mediadores do processo educacional das novas gerações, quanto potenciais agentes multiplicadores da mudança social que se pretende implantar por uma política pública de estímulo à inclusividade democrática (p.4).

O objetivo do curso é preparar os profissionais da educação da rede pública de ensino para lidar com os temas sobre a desigualdade de gênero, diversidade sexual e raça/etnia de forma transversal no cotidiano da escola, entendendo que essas temáticas estão entrelaçadas na vida social dos educandos. Para Freitas (2014), “há que se considerar que políticas públicas de formação continuada, como o curso Gênero e Diversidade na Escola, são um avanço e uma necessidade” (p.30).

O GDE “vem ao encontro dessa necessidade de formar profissionais capacitados, que servirão de multiplicadores, para lidar com esses temas, gênero e sexualidades, que

---

<sup>15</sup> Em Goiás. O curso foi proposto e ministrado por um grupo de pesquisadoras da UFG/Campus Catalão, que atualmente compõe o grupo de pesquisa Dialogus – Estudos Interdisciplinares de Gênero, Cultura e Trabalho.

são deixados de lado pela resistência de toda a comunidade escolar em abordá-los” (Mendes, 2012, p.7). A participação dos cursistas nos fóruns de discussão contribui para a reflexão de suas práticas e aquisição de novos conhecimentos sobre gênero e sexualidade.

Essa modalidade de educação atende aos propostos metodológicos usados nessa pesquisa, uma vez que “sua base educativa e filosófica é centrada na construção social e no discurso colaborativo” (Aragão, 2011, p.41). Além disso, “muitas ferramentas que se baseiam na filosofia do construcionismo social podem ser integradas, a partir da necessidade de cada grupo de usuário, a exemplo dos fóruns” (idem p. 41).

### CAPÍTULO 3: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa tem como fundamentação teórica o construcionismo social, movimento decorrente da emergência de novos diálogos e vozes em resposta às transformações ocorridas no mundo das ideias e das práticas profissionais. Tradições, conceitos hegemônicos, padrões universais e oficiais de verdade, objetividade, racionalidade, progresso e moralidade vêm sendo questionados, demandando um novo olhar sobre essas questões.

Ao iniciar os estudos relativos a esta pesquisa, ainda não tinha em mente o caminho que seria percorrido; tampouco o arcabouço teórico que auxiliaria a alcançar os objetivos. As disciplinas do Mestrado, as teorias feministas e de gênero e a participação no grupo de pesquisa propiciaram o contato com essa nova forma de abordar os fenômenos sociais, especialmente a questão do gênero e da sexualidade. Nas próximas páginas, discorreremos acerca do movimento construcionista e seus pressupostos teóricos, a fim de pavimentar o caminho para, mais adiante, analisar os fóruns de discussão do GDE, como proposto nos objetivos.

Spink e Frezza (2000) explicam que, a perspectiva construcionista resulta de três movimentos distintos: na Filosofia, como uma reação ao representacionismo; na Sociologia do Conhecimento, como uma desconstrução da retórica da verdade; e na Política, como busca de *empowerment* de grupos socialmente marginalizados. Esses três movimentos, segundo as autoras, “são interdependentes, refletindo um movimento mais amplo de reconfiguração da visão de mundo própria da nossa época” (p.23).

Alguns autores empregam o termo construtivismo. O uso desse termo pode, outrossim, gerar confusões conceituais por ser empregado pelos autores vinculados à escola piagetiana para fazer menção à centralidade da atividade do sujeito no

desenvolvimento cognitivo (Spink & Frezza, 2000). O termo construtivismo, dessa forma dá margem à adesão a uma perspectiva individualista, mesmo quando o indivíduo é considerado como ser em sociedade. Para o construcionismo, a própria noção de indivíduo é uma construção social. Peter Berger e Thomas Luckmann, Kenneth Gergen e Thomas Ibáñez fazem uso da expressão construção social para falar da ação e construcionismo para fazer referência a abordagem teórica.

De acordo com Gergen e Gergen (2010), a construção social

[...] não é de autoria de um único indivíduo ou grupo, nem tampouco exclusiva e unificada; ela pressupõe um significativo compartilhamento entre diferentes comunidades. Os contrastes, tensões e incertezas não intimidam, uma vez que a tentativa de estabelecer uma verdade definitiva, uma lógica fundante, um código de valores ou uma lista de práticas seria algo absolutamente contrário ao desenvolvimento das ideias defendidas pelos construcionistas sociais (pp. 17-18).

O construcionismo social não admite uma definição, ele é caracterizado como um movimento, cujos elementos constituem uma perspectiva construcionista. Cabe destacar que, “nem sempre se coloca a mesma ênfase em cada uma delas (perspectivas), ou seja, não há um elemento que permita dizer ‘isto é construcionismo’” (Martins, Hammout & Iñiguez, 2002, p.127).

A ideia básica do construcionismo é a de que nós construímos o mundo. Embora isso pareça simples demais, essa ideia possibilita repensar praticamente tudo o que aprendemos a respeito do mundo e de nós mesmos. Desse modo, o primeiro postulado do construcionismo é que se deve questionar as verdades definidas. Martins, Hammout e Iñiguez (2002) explicam que

[...] deve-se por em dúvida a maneira como nos ensinaram a ver o mundo: não apenas isso, mas também a forma pela qual nos ensinaram a olhar para nós mesmos. [...]Essas características fazem com que qualquer princípio ou verdade pressuposta seja criticada ou, como diria Foucault, problematizada, buscando sua origem, seu processo, os efeitos que gera, a quem beneficia, a quem prejudica, por que aparece em determinado momento e não em outro (p.127).



Esse primeiro postulado nos permite pensar o sexo e o gênero de uma maneira não dicotômica. . Dizer que alguém por ter órgão genital masculino é homem e que alguém por ter órgão genital feminino é mulher não é uma verdade inabalável em nenhum ponto de vista, nem histórico, nem biológico, nem social, uma vez que a atribuição social do gênero e da sexualidade é construída historicamente.

Isso nos leva ao segundo postulado, segundo o qual se deve considerar a especificidade e a particularidade histórica e cultural do conhecimento. Todo conhecimento resulta de um processo histórico particular produzido por uma determinada cultura ou grupo. Assim, possível ver o mundo através de diferentes lentes, utilizando diversas categorias e conceitos, porém jamais de formas generalizadas, mas restritas ao espaço onde é produzido.

O curso de GDE, objeto desta pesquisa, é uma experiência localizada na Regional Catalão – UFG. Ele é oferecido a professores/as do Ensino Básico de formações distintas e que, por isso, apresentam diferentes *backgrounds*. Essas diferenças aparecem na forma como cada um dos cursistas discute os temas propostos nos fóruns de discussão e implicam na forma como se posicionam em relação às questões de gênero.

O terceiro postulado corresponde aos processos como fundações ou sustentações do conhecimento. Nas palavras de Martins, Hammout e Iñigues (2002), “o conhecimento sempre é resultado de uma construção coletiva” (p. 130), que se dá a partir das ações e relações cotidianas. Para o construcionismo, toda forma de interação é importante; no entanto, a linguagem, como forma de interação, tem papel fundamental no processo de construção do conhecimento. A exemplo, o nome próprio de cada pessoa. A escolha do nome, embora muitas vezes pareça aleatória, é essencial para que a pessoa possa interagir com o mundo a sua volta. É o nome que possibilita a ela falar e ser reconhecida, podendo, efetuar ações e estabelecer relações.

Esse postulado nos remete à história da aluna Michelly, apresentada no início deste trabalho e que serviu de inspiração, para que a autora iniciasse esta pesquisa. A partir do momento que Michelly passou a insistir que a chamasse por seu nome social, sua interação com a equipe e os/as demais alunos/as foi modificada. E, mesmo que muitos/as fossem contrários/as à sua performance ou a achassem estranha, passou a ser reconhecida por todos/as como uma das alunas do IFGoiano-Urutaí, embora sua identidade de gênero estivesse fora da norma esperada, ou seja, a heteronormatividade. O quarto e último postulado diz respeito ao pluralismo radical; ou seja, o conhecimento é inseparável da ação social. “As condições do mundo são resultado da ação e da negociação social”, afirmam Martins, Hammout e Iñigues (2002, p.130). A história de Michelly produziu efeitos, ela fez a escola renegociar suas bases de entendimento sobre o assunto levando-a a um reposicionamento dando a entender que, à medida que as condições, as relações e os processos sociais ocorrem, há a possibilidade de novas ações e negociações sociais. “Toda construção social é, por sua vez, determinante de certo tipo de ação humana” (idem, p.130). É a interação social que constrói o conhecimento e é este que constrói nossas práticas. Trata de uma ação mútua, na qual as relações produzem saber e este produz relações. Por conseguinte, conhecimento e ação social são inseparáveis, uma vez que o primeiro é produto das relações sociais, mas também pode abrir ou fechar a porta para determinadas relações.

“Ser construcionista [...] é buscar sempre o outro lado: verificar as consequências e sua origem, além de problematizar o ponto de vista que aparece como inquestionável ou verdadeiro” (Martins, Hammout e Iñigues, 2002, p.131). O construcionismo social, então:

[...] nos exige da tarefa de decidir qual tradição, conjunto de valores, religião, quais ideologias políticas ou qual ética é a derradeira, transcendentemente verdadeira ou correta. A partir de uma perspectiva construcionista tudo pode ser válido para um determinado grupo de pessoas, e as ideias construcionistas convidam a um pluralismo radical, ou seja, a uma abertura para múltiplas formas de denominar e avaliar (Gergen & Gergen, 2010, p. 31).

Para Iñiguez (2003), o construcionismo dissolve a dicotomia sujeito-objeto ao afirmar que, nenhuma dessas entidades existe independente da outra e não há lugar para pensá-las como entidades separadas, questionando o próprio conceito de objetividade. O construcionismo apresenta-se como uma postura fortemente desreificante, desnaturalizante e dessencializante, o que radicaliza ao máximo tanto a natureza social de nossos mundos, como historicidade de nossas práticas e de nossa existência.

De acordo com essa perspectiva, sujeito, objeto e conhecimento esgotam-se plenamente em sua existência sem remeter a nenhuma essência, que dessa existência constituiria uma manifestação particular. Tampouco remetem a uma estabilidade subjacente do que constituiriam uma simples expressão particular.

Apresentamos, nos parágrafos anteriores, as bases sócio-construcionistas. Essa perspectiva penetrou no conjunto das ciências sociais e, especificamente, na Psicologia Social, a partir dos anos 1980, convertendo em estímulo em um contexto antes marcado por uma ortodoxia herdada do positivismo (Iñiguez, 2003).

### **3.1. Construcionismo e Psicologia Social e a particularidade da linguagem**

No campo da Psicologia Social, os/as autores/as construcionistas tendem a focalizar os processos de produção de sentidos na vida cotidiana. Spink e Frezza (2000) apontam que, para Keneth Gergen, um dos primeiros psicólogos sociais a focalizar o conhecimento nessa perspectiva, a principal preocupação é com os processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo e de si mesmas. Nesse panorama, a investigação distingue do enfoque tradicional ao transferir o *lócus* da explicação dos processos internos de conhecimento para a exterioridade dos processos e estruturas da interação humana.

Essa forma de posicionar-se perante o conhecimento implica, por um lado, abdicar da visão representacionista do conhecimento a qual tem como pressuposto a concepção de mente como espelho da natureza (Rorty, 1979/1994); e, por outro, adotar a concepção de que o conhecimento não é uma coisa que as pessoas possuem em suas cabeças, e sim algo que constroem juntas. A adoção plena da perspectiva construcionista exige, assim, um esforço de desconstrução de noções profundamente arraigadas na nossa cultura (Spink & Frezza, 2000, p.27).

Como assinalado, no construcionismo sujeito e objeto são construções sócio-históricas que precisam ser problematizadas. A principal característica do construcionismo é sua posição crítica, ou seja, de contínuo questionamento daquilo que vinha sendo considerado como óbvio, correto, natural ou evidente, afirma Iñiguez (2003). Procurei, ao analisar os fóruns, não somente me posicionar de forma crítica frente ao *corpus* da pesquisa, mas também acompanhar a maneira como os cursistas a partir das leituras e das interações no decorrer das discussões (des)construíam seus (pre)conceitos e o modo como a tutora consegue (ou não) articular essa discussão.

O termo desconstrução é utilizado por Spink e Frezza (2000) ao se referirem ao trabalho de reflexão, o qual possibilita uma desfamiliarização de construções sociais que se transformaram em crenças e, como tais, colocam-se como obstáculos para que novas construções sociais possam ser formuladas. As autoras dão preferência ao termo desfamiliarização, pois dificilmente se “des-constrói” o que já foi construído. O que é feito é criar espaços para novas construções, embora as anteriores fiquem impregnadas na cultura.

Assim é constituído o acervo de repertórios interpretativos disponíveis para dar sentido ao mundo. A desfamiliarização da objetividade implícita no discurso da verdade é baseada na crítica da concepção da verdade como conhecimento absoluto. “A verdade é a verdade das imposições, embora, nem por isso, menos impositiva” (Spink e Frezza 2000, p. 29). A postura construcionista demanda a necessidade de remeter a verdade à esfera da ética e de pontuar sua importância não como verdade em si, mas como relativa a nós

mesmos. “A possibilidade de ruptura com o habitual, de estranhamento, é, pois, o passo primeiro para a desfamiliarização de noções que foram naturalizadas” (idem, p.31).

A noção de que os critérios e conceitos utilizados para descrever, explicar e escolher entre as opções existentes são construções humanas; ou seja, são produto de nossas convenções, práticas e peculiaridades. As pessoas e o mundo são produto de processos sociais específicos. Isto implica que nem as pessoas, nem o mundo têm uma natureza determinada. A consequência disso é a de manter uma marca antiessencialista.

Um ponto de vista construcionista implica também o que Iñiguez (2003) chama de relativismo/antirealismo, no sentido de que a realidade é só um conjunto de versões construídas coletivamente no seio das distintas sociedades e culturas ao longo da história como comunidade. A perspectiva construcionista ainda implica um contínuo questionamento das verdades geralmente aceitas e a ideia de que o conhecimento se baseia na observação objetiva e imparcial da realidade.

Desse modo, cada palavra, proposição ou proposta deve ser provisória, aberta à desconstrução e à avaliação político-moral. Toda concepção do mundo e do social é social e culturalmente dependente; ou seja, a determinação do conhecimento é cultural e histórica.

Para Iñiguez (2003), as formas de categorização e conceituação são particulares em cada cultura e em cada momento histórico concreto. As estruturas e as categorias conceituais próprias da nossa cultura já estão presentes antes do nascimento de cada indivíduo. É precisamente durante o desenvolvimento de nossa capacidade linguística, e, por meio dela, que adquirimos estes conceitos socialmente elaborados. A linguagem é, então, a condição de possibilidade, para que o que é chamado pensamento seja individual ou social. O conhecimento é uma produção social, é o resultado de uma construção coletiva (Iñiguez, 2003).

São as práticas cotidianas que fabricam nosso saber, nossa concepção de mundo e de nós mesmos e, dentre as práticas sociais, as mais importantes são as discursivas. A construção é, portanto, social, uma vez que não tem mundo nem vida social sem a existência das práticas que os constituem, de onde se mostra o enorme valor de sua capacidade constitutiva.

“A perspectiva construcionista é, portanto, um convite a examinar essas convenções e entendê-las como regras socialmente construídas e historicamente localizadas. É um convite a aguçar a nossa imaginação e a participar ativamente dos processos de transformação social”, afirmam Spink e Frezza (2000, p. 32).

### **3.1.1. As Práticas Discursivas**

As práticas discursivas, de acordo com Spink e Frezza (2000), constituem o foco central de análise na abordagem construcionista e implicam uma variedade de produções sociais, como seleções, escolhas, linguagens e contextos. Elas constituem, dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentido no cotidiano. O sentido, nas palavras de Spink e Medrado (2000),

[...] é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constrói os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta. [...] dar sentido ao mundo é uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade (p.41).

Se o sentido é uma construção social, a produção de sentidos é uma prática social e dialógica, que implica a linguagem em uso, e que é tomada como um fenômeno sociolinguístico, buscando entender tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano, como os repertórios utilizados nessas produções discursivas.

Para Spink e Medrado (2000), a linguagem é entendida como prática social e o discurso, na perspectiva desses autores, remetem às “regularidades linguísticas [...], ao uso institucionalizado da linguagem e de sistemas de sinais de tipo linguístico” (p.43). O processo de institucionalização da linguagem, explicam os autores, pode ocorrer “tanto no nível macro dos sistemas políticos e disciplinares, como no nível mais restrito de grupos sociais” (p.43). Diferentes grupos sociais, domínios de saber e estruturas de poder têm seus discursos oficiais, e o mesmo se aplica às narrativas que circulam nos fóruns de discussão sobre sexualidade e gênero do GDE, objeto dessa pesquisa.

Por serem institucionalizados, esses discursos aproximam da noção de linguagem social que, para Bakhtin (1994), são denominados por gêneros discursivos<sup>16</sup>, orientada por formas mais ou menos estáveis de enunciados (Borges, 2008). O contexto, ou seja, a situação, os interlocutores presentes ou presentificados, o espaço e o tempo, moldam a forma e o estilo ocasional das enunciações, isto é, o *speech genre*. Para Bakhtin, os gêneros da fala ou *speech genres*, são as formas mais ou menos estáveis de enunciados, que buscam coerência com o contexto, o tempo e o/os interlocutor/es.

Melo (2005), ao analisar a obra de Bakhtin acrescenta: “a linguagem acompanha ou pode acompanhar todas as atividades humana. Haverá tantos gêneros de discurso quantas atividades humanas. Desse ponto de vista, os “gêneros” caracterizam-se por aquilo que se faz com a linguagem: mostrar, descrever, explicar” (p.180).

O uso dos repertórios interpretativos nas práticas discursivas cotidianas possui inscrições na história, como explicam Spink e Medrado (2000). O tempo é uma característica fundamental na história, pois mesmo os sentidos passados, decorrentes de diálogos travados séculos atrás, não são estáveis; são sempre possíveis de renovação nos desenvolvimentos futuros do diálogo.

---

<sup>16</sup> Tradução empregada por Machado(2005) no livro Bakhtin: conceitos-chaves.

Cabe explicar que, neste trabalho, utilizo o termo *pessoa*, que justifico tomando emprestada a explicação de Spink e Medrado (2000), segundo os quais ao utilizar este conceito, busca enfatizar o foco sobre a dialogia ao invés de privilegiar a individualidade ou a condição de sujeito. Tal postura,

[...] não implica abandonar o *indivíduo* ou o *sujeito*, conceitos fundadores da psicologia, mas ressignificá-los à luz da perspectiva construcionista, recuperando um termo – *pessoa* – que, em última análise, pertence ao tempo longo da história (Spink e Medrado, 2000, p.54).

No jogo das relações sociais, a pessoa está inserida em um constante processo de negociação, desenvolvendo trocas simbólicas em um espaço de intersubjetividade ou, mais precisamente, de interessoalidade (Spink e Medrado, 2000). Partindo do princípio de que as práticas discursivas compreendem um constante processo de interanimação dialógica, é possível introduzir o conceito de posicionamento e propor que a produção de sentidos é sempre, simultaneamente, uma produção discursiva de pessoas em interação. Este conceito permite-nos compreender as maneiras como as pessoas estão "posicionadas" por meio das práticas discursivas, as quais constitui uma dimensão fundamental da interação virtual em geral, e das relações sociais, em particular.

Assim, posicionar-se implica navegar pelas múltiplas narrativas com as quais a pessoa entra em contato e que se articulam nas práticas discursivas (Spink e Medrado, 2000). A prática constitutiva das práticas discursivas está em poder prover posições às pessoas. Uma posição incorpora repertórios interpretativos e também uma localização num jogo de relações inevitavelmente permeado por relações de poder. As práticas discursivas, então, implicam necessariamente o uso de repertórios e posicionamento identitário (*idem*).

As perspectivas políticas da ressignificação da diferença e da denúncia das relações opressivas, que aparecem no interior do campo científico, complementam as posturas



construcionistas sobre o conhecimento e aos estudos que levam à desmistificação progressiva do *modus operandi* da ciência. Na visão construcionista, explicam Spink e Medrado (2000), a produção de sentidos se processa no contexto da ação social e, por isso, a produção do conhecimento deve ser, antes de mais nada, uma atividade construcionista, ou seja, construída em um espaço e tempo específicos e constituída de uma realidade subjetiva. Desse modo, o foco do construcionismo é a interanimação dialógica, situando-o no espaço da interessoalidade, isto é, da interação com o outro. Essa abordagem busca, portanto,

[...] construir um modo de observar os fenômenos sociais que tenha como foco a tensão entre a universalidade e a particularidade, entre o consenso e a diversidade, com vistas a produzir uma ferramenta útil para transformações da ordem social (Spink e Medrado, 2000, p. 61).

Nesse sentido, a proposta de análise focaliza os processos de interanimação dialógica, destacando os repertórios, posicionamentos e gêneros de fala a partir das narrativas nos fóruns de discussão, a fim de identificar os sentidos sobre gênero e sexualidades nas falas dos/as cursistas e da Tutora.

Deste modo, o objetivo geral é o de analisar os sentidos sobre o conceito de gênero e sexualidade nas disciplinas “Gênero” e “Sexualidade e orientação sexual”, do curso *Gênero e Diversidade na Escola – GDE*. Para tanto, apresento o processo de construção do curso, a fim de identificar os repertórios sobre gênero e sexualidade nos documentos de domínio público e analisar os discursos sobre gênero e sexualidade nos fóruns de discussão.

### 3.2. Descrição da Matriz Curricular e levantamento do material didático

O curso de especialização é dividido em cinco tópicos: Diversidade, Gênero, Metodologia da Pesquisa, Sexualidade e Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Em cada tópico são oferecidas três disciplinas e um fórum em cada uma. Para essa pesquisa será descrita a Matriz Curricular das disciplinas “Gênero” e “Sexualidade e Orientação sexual”.

Na disciplina “Gênero”, trabalhou com os cursistas os seguintes conteúdos: O conceito de gênero, enquanto ferramenta para o conhecimento do mundo social; as diferenças de gênero existentes na sociedade e como elas incidem em diversas áreas, tais como: na socialização infantil e adolescente, na construção da identidade social de cada indivíduo e de grupos, na organização do cotidiano nas diversas esferas: família, escola, mercado de trabalho, vida social e política; a luta contra as desigualdades de gênero e a superação das discriminações que ainda persistem, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, que conecta a discriminação de gênero com a desigualdade social e étnico-racial; o caráter persistente da violência de gênero; a participação feminina no mercado de trabalho e a institucionalização dos direitos da mulher. Nesse tópico, o fórum “O conceito de gênero”, ocupa um lugar de destaque.

Na disciplina “Sexualidade e Orientação Sexual”, os conteúdos trabalhados são os seguintes: as convenções sociais acerca da sexualidade; a construção histórico-social da sexualidade; compreender a sexualidade como um elemento em constante construção; analisar o papel das instituições sociais na construção da sexualidade e dos preconceitos; a complexidade das relações entre sexo anatômico, identidade de gênero e orientação sexual; direitos e diversidade sexual; diversidade e desigualdade. O fórum “Corpo e Sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica” foi proposto para análise. Esse enfatiza aspectos conceituais e históricos acerca do corpo, gênero e sexualidade, abordando a construção

cultural do “corpo sexuado” e da diversidade sexual. O material e as fontes de estudos foram disponibilizados na plataforma *Moodle*.

De acordo com o programa, a ideia do fórum é propiciar, por meio da interação dos/as participantes, uma conversa sobre o conceito de gênero a partir de uma perspectiva transdisciplinar, que conecta a discriminação de gênero com a desigualdade social e étnico-racial. Por isso, as aulas referentes aos tópicos de cada uma das disciplinas são planejadas de modo a introduzir os/as cursistas ao tema e prepará-los/as para as discussões.

O curso de Especialização – GDE – teve como público alvo professore/as, diretores/as de escolas, gestores/as educacionais, coordenadores/as pedagógicos e outros profissionais da educação, com formação em curso de graduação, que atuem preferencialmente na Rede de Educação Pública. Foi ofertado pela UFG/Regional Catalão, no período de outubro de 2010 a abril de 2012, nos Polos de Apoio Presencial do Sistema UAB nas cidades de Catalão, Inhumas, Itumbiara e Morrinhos, os quais receberam um total de 537 inscritos, sendo que 168 foram matriculados e 84 concluíram as disciplinas. O Polo de Catalão, o qual será analisado, recebeu 101 inscrições, 41 foram matriculados e 16 concluíram as disciplinas<sup>17</sup>. Nas disciplinas analisadas, 26 cursistas participaram da disciplina “Gênero” e 21 da disciplina “Sexualidade e Orientação Sexual”.

Os/as discentes, após a matrícula, tiveram acesso a um questionário de entrada, disponibilizado na plataforma *Moodle* (ambiente virtual onde se desenvolve o curso), por meio do qual foi traçado o perfil dos/as cursistas.

O perfil dos/as discentes mostrou predominantemente feminino; na faixa etária de 25 a 34 anos; declarados/as brancos/as; heterossexuais; com rendimento variando entre um a quatro salários mínimos; graduados e com curso de especialização. Apenas um declarou

---

<sup>17</sup> Fonte: Secretaria do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (2012)

participar de movimentos sociais ou instituições ligadas à área da temática; em sua maioria, são professores/as e atuam em escolas públicas.

Na opinião dos cursistas, o Brasil não é um país livre de discriminação sócio-cultural. A maioria deles considera que o desrespeito à diversidade humana é um problema para a educação e concordam que as várias formas de discriminação e violência causam impacto na escola.

Ao serem questionados se já se sentiram vítimas de algum tipo de discriminação, responderam que sim e em ambientes diferentes como: de estudos, trabalho, familiar e em ocasiões sociais (entre amigos ou local público).

Quando questionados se conheciam pessoas vítimas de discriminação, responderam que conhecem e que isso é mais evidente no local de trabalho (70% das respostas) e na família e em ocasiões sociais (50% das respostas).

O conhecimento a respeito da existência do curso se deu, na sua maioria, pela internet. A decisão em fazer o curso ocorreu pelo envolvimento com a área da educação para a diversidade no âmbito da escola e por motivação própria.

### **3.3. Os fóruns de discussão e o caminho percorrido**

No ambiente virtual de aprendizagem, o fórum de discussão *online* é uma das ferramentas importantes utilizadas na EaD. É um espaço do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) disponível para o debate, onde ocorre o entrelaçamento de muitas vozes para construir e desconstruir conceitos e preconceitos, questionar, tirar dúvidas sobre o assunto que está em discussão, trocar experiências e opiniões, ampliando as possibilidades de novas aprendizagens.

Dentre as várias ferramentas disponíveis da plataforma *moodle*, a equipe GDE/UFG utilizou em todas as disciplinas da ferramenta Fórum de discussão, por compreender que a mesma garantiria ao longo do curso um contato cotidiano mais caloroso entre a equipe e as/os cursistas e dos/as cursistas entre si. Foram criados 22 fóruns, sendo que a participação neles durante o curso GDE correspondia a 60% da nota e os critérios de avaliação estavam estruturados em três momentos: a) Inicial - Diagnosticar o que os/as cursistas pensam sobre gênero e sexualidade; se suas falas acionam preconceitos em termos de uso de imagens e de expressões; b) Formativa - Perceber a internalização da discussão sobre gênero e diversidade e o papel da escola nesse processo; c) Final – Perceber se o/a cursista é capaz de manifestar compreensão do tema proposto e o propósito do curso

Nessa pesquisa, optamos pela utilização desses fóruns de discussão como material para uma análise dos discursos que circulam nesse ambiente, realizada a partir da teoria construcionista.

Esta dissertação é produto de uma pesquisa qualitativa de análise documental, ou seja, foi realizada utilizando materiais que se encontram elaborados. Documentos são fontes acabadas que não receberam ainda um tratamento analítico ou, se isso aconteceu, ainda podem oferecer contribuições de reforço (Oliveira, 1999). Essas fontes podem, ainda, receber uma nova reformulação de acordo com os objetivos da pesquisa.

A pesquisa documental tem por finalidade reunir, classificar e distribuir os documentos de todo gênero dos diferentes domínios da atividade humana (Oliveira, 1999). Nessa pesquisa, utilizo documentos de primeira mão, também denominados fontes primárias, ou seja, os documentos (os fóruns online) são de natureza inédita e foram recolhidos, organizados e sistematizados pela pesquisadora.

O curso de especialização GDE é desenhado da seguinte forma: 360 horas, sendo 100 horas de aulas presenciais e 260 horas de atividades em ambiente virtual. Essa carga horária é dividida em 60h para cada disciplina, 12h presenciais e 48 no ambiente virtual de aprendizagem, cada tema conta com 16hora nesse ambiente. Dentre essas atividades, o curso oferece três fóruns por disciplina, de acordo com a Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1:** Fóruns das disciplinas do Curso GDE

Fóruns das disciplinas		Tema
Gênero	Fórum I	O conceito de Gênero
	Fórum II	Identidade de Gênero
	Fórum III	Educação em Gênero
Sexualidade e Orientação Sexual	Fórum I	Corpo e Sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica
	Fórum II	Da sexualidade para todos/as a todas as sexualidades
	Fórum III	Educação do corpo e sexualidade na escola

O acesso aos fóruns de discussão foi obtido pela plataforma *Moodle*. Como esse acesso é restrito aos participantes do curso, foi necessária que a coordenadora do GDE, solicitasse uma autorização e disponibilizasse uma senha para que, como pesquisadora, entrasse em contato com as informações necessárias para essa pesquisa. Além da senha, a coordenadora também se prontificou a oferecer todas as informações referentes ao curso e aos cursistas por meio de encontros presenciais e a distância. Através do contato com a coordenadora obtive também material bibliográfico sobre o GDE, que foi utilizado nessa pesquisa.

Os dados foram organizados em função da frequência da participação de cada um dos cursistas nos fóruns de discussão, de acordo com as Tabelas 2 e 3

**Tabela 2:** Frequência de acesso dos cursistas nos fóruns de discussão da disciplina “Gênero”.

Cursistas	Fórum I	Fórum II	Fórum III	Total	Cursistas	Fórum I	Fórum II	Fórum III	Total
Tutora	29	23	25	77	C15	3	3	3	09
C1	4	5	6	15	C16	1	3	3	07
C2	5	2	5	12	C17	5	4	6	15
C3	9	7	8	24	C18	9	4	8	21
C4	6	-	-	06	C19	1	1	4	06
C5	5	1	4	10	C20	2	1	4	07
C6	4	2	7	13	C21	1	2	1	04
C7	3	3	6	12	C22	2	3	4	09
C8	2	2	6	10	C23	6	3	7	16
C9	5	4	6	15	C24	4	3	2	09
C10	1	4	1	06	C25	-	-	1	01
C11	7	5	4	16	C26	-	-	7	07
C12	1	1	5	07	-				
C13	3	1	-	04					
C14	7	5	8	20					

**Tabela 3:** Frequência de acesso dos cursistas nos fóruns de discussão da disciplina “Sexualidade e Orientação Sexual”.

Cursistas	Fórum I	Fórum II	Fórum III	Total	Cursistas	Fórum I	Fórum II	Fórum III	Total
Tutora	19	16	20	55	C15	04	02	05	11
C1	04	04	06	14	C16	02	02	04	08
C2	-	-	-	-	C17	11	10	08	29
C3	05	05	06	16	C18	04	-	-	04
C4	-	-	-	-	C19	04	01	08	13
C5	14	17	48	79	C20	04	02	08	14
C6	05	06	08	19	C21	01	-	-	01
C7	04	04	14	22	C22	02	05	01	08
C8	04	05	06	15	C23	07	06	09	22
C9	02	-	02	04	C24	08	06	04	18
C10	01	-	-	01	C25	-	-	-	-
C11	06	10	07	23	C26	-	-	-	-
C12	02	03	08	13					
C13	-	-	-	-					
C14	10	08	10	28					

Para esta pesquisa foi selecionado o primeiro fórum de cada disciplina: na de “Gênero” escolhi o fórum “O conceito de gênero” e na de “Sexualidade e Orientação Sexual” selecionei o fórum “Corpo e Sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica”. Em virtude do tempo do curso de mestrado foi selecionado apenas um fórum por disciplina.

O *corpus* da pesquisa constituiu da transcrição sequencial das falas da tutora e dos/as cursistas presentes nas mensagens postadas nos fóruns de discussão, selecionados para análise (Anexo 1 e Anexo 2).

Cada um dos fóruns foi lido exaustivamente e, a partir dessas leituras, destacamos os conteúdos em consonância com a proposta de trabalho da tutora para a discussão dos temas. Procuramos identificar o que foi apreendido pelos/as cursistas e os repertórios por eles/elas produzidos acerca do gênero e da sexualidade. Trechos dos discursos apresentados nos fóruns, e que consideramos significativos, foram recortados e serão apresentados nos parágrafos e capítulos seguintes. A escolha teve como foco os discursos dos/as participantes que acreditamos poder sustentar o trabalho de análise dessa dissertação.

O olhar teórico-metodológico, como já apresentado, baseia em uma perspectiva construcionista que, diferente de um posicionamento positivista, não busca trazer explicações universais, mas problematizar e investigar o modo como os discursos sobre gênero e sexualidade na educação são construídos.

A análise do material está delineada em dois eixos temáticos: gênero e sexualidade. Dentro dos eixos temáticos e a partir deles estabelecido o foco de análise: repertórios, posicionamentos e gêneros de fala (*speech genres*). Vale assinalar que, esses focos representam apenas possibilidades de acesso ao material e estão sujeitos ao meu olhar interpretativo. Percebi que, tanto os eixos temáticos quanto os recortes destacados, muitas vezes se inter-relacionam, possibilitando múltiplos acessos ao material. As categorias de análise se extraem do material transcrito.

Ao analisar os fóruns do GDE, objetivei trazer para a discussão trechos retirados dos fóruns de discussão que apontam para a construção de sentidos acerca do conceito de gênero e de sexualidade e sua aplicabilidade no dia-a-dia, especialmente na sala da aula,



dos/as cursistas do GDE. Os fóruns de discussão apresentam como uma ferramenta online que possibilita o contato entre a tutora e os/as cursistas durante cada um dos módulos de cada disciplina. Neles é possível perceber como os participantes apropriam do material do curso e como se posicionam a partir de seus repertórios, diante da questão de gênero e sexualidade.

## **CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS FÓRUNS DE DISCUSSÃO E DIÁLOGO COM A TEORIA CONSTRUCIONISTA**

A abordagem utilizada nesta pesquisa é o Contrucionismo Social. Movimento decorrente da emergência de novos diálogos e novas vozes em resposta às transformações ocorridas no mundo das ideias e das práticas profissionais. A análise é centrada nas práticas discursivas, sendo a linguagem entendida como uma prática social. A produção de sentidos é uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso; tomada, portanto, como um fenômeno sociolinguístico. Busca entender as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas) e os repertórios utilizados nessas produções discursivas (Spink e Medrado, 2000).

Os conceitos que norteiam a análise são os repertórios, que ajudam a entender a variabilidade encontrada nas comunicações cotidianas e são as unidades das práticas discursivas; as vozes, que compreendem os interlocutores (pessoas) presentes (ou presentificados) nos diálogos (Spink e Medrado, 2000, p.46); os *speech genres* ou gêneros da fala, que são as formas de enunciados e os posicionamentos, pois “posicionar-se implica navegar pelas múltiplas narrativas com que entramos em contato e que se articulam nas práticas discursivas” (Spink e Medrado, 2000, p. 56). O conceito de "posicionamento" proposto nesta análise é uma ferramenta conceitual e metodológica que auxilia pensar sobre o conceito de gênero e sexualidade.

O material de análise apresentado nos fóruns permite que esses discursos e posicionamentos dos/as cursistas e da tutora se tornem visíveis por ser um espaço de conversação, diálogo, interação e construção de aprendizagem. A interatividade online abrange a relação entre conteúdo e a interação social. Essas interações são articuladas com

o conhecimento que os/as cursistas trazem consigo e contribuem para manter um clima de confiança entre eles/as e a tutora.

Para compreender os sentidos desses conceitos, além de confrontar com inúmeras vozes, é preciso entender que, “a linguagem é ação e produz consequências. Quando falamos estamos invariavelmente realizando ações – acusando, perguntando, justificando etc., produzindo um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção” (Spink e Medrado, 2000, p. 47).

Os fóruns de discussão analisados versam sobre temas específicos das disciplinas curriculares do curso GDE. Este estudo propõe analisar os sentidos sobre o conceito de gênero e sexualidade, a partir da leitura das mensagens postadas pelos/as cursistas e pela tutora, sendo o foco na linguagem, repertórios e posicionamentos dos participantes.

Desta forma, as mensagens contidas nos fóruns: O conceito de gênero e Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica, das disciplinas “Gênero” e “Sexualidade e Orientação sexual”, respectivamente, constituíram o material de análise.

Nesse processo de interação, os/as participantes relacionam por meio de mensagens e muitas vezes por uma única mensagem. Os *speech genres* ou gêneros de fala estão presentes nos enunciados como forma de orientar, manter e reproduzir os discursos, como pode ser visto nas postagens dos/as cursistas e do/a tutor/a: “Oi, tudo bem pessoal!”, “Bom dia cursistas!”, “Olá pessoal!” (Anexo 1 e 2). “Essas regras linguísticas tendem a manter e reproduzir os discursos” (Spink e Medrado, 2000, p. 44).

Os repertórios e posicionamentos por parte da tutora, no fórum “O conceito de gênero”, foram bastante enfatizados nas intervenções, principalmente sobre o aprendizado de gênero e o papel de pais/mães e educadores/as. O mesmo não ocorreu entre os/as cursistas, que mesmo com as relações de mediação, consideraram as questões de gênero e sexualidade na escola assuntos relativamente novos e muitas vezes inéditos. Esses assuntos

estão disponíveis nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) desde 1995 instituídos pelo Ministério da Educação e presentes em temas de pesquisas como o apresentado pela pesquisadora Eliane Gonçalves, em sua Dissertação de Mestrado em 1998, intitulada Educação Sexual em Contexto Escolar: da formação de Professores/as à sala de aula. Essa argumentação dos/as cursista de que são assuntos novos e inéditos na escola, não corresponde o momento histórico em que vivemos. Esse discurso pode ser confirmado nos trechos postados abaixo:

C3. o assunto gênero é muito novo para mim, nunca havia lido nada a respeito, enquanto lia os textos fiquei pensando: na verdade as discussões colocadas na academia para discutir gênero são ou não na direção de provocar mudanças? Depois li o que uma das autoras coloca no que se refere ao esvaziamento das discussões quando estas são encaminhadas para a academia. Será que as teorizações conseguem caminhar na direção de provocar mudanças na realidade? Se provocam em que medida conseguem fazer isso? Sinceramente não sei! Ainda não escrevi nada neste fórum pois ainda estou tentando entender algumas questões que foram colocadas, ainda não consigo, tranquilamente, elaborar meu conceito de gênero a partir de tudo que li... Mas logo conseguirei... alguém podia me ajudar a pensar estas questões que estão me martelando a cabeça.

C2. Realmente nunca havia imaginado que poderia haver essa dualidade, essa forma de pensamento quanto ao conceito de gênero.

Essa fala nos permite acompanhar o processo de reflexão dos/as cursistas que, por meio das leituras, os direciona para o questionamento daquilo que vinha sendo considerado como óbvio, correto, natural ou evidente, conduzindo a uma posição crítica, que é a principal característica do construcionismo, afirmada por Iñigues (2003).

No fórum sobre sexualidade, os/as cursistas demonstraram em seus posicionamentos, que este é um assunto difícil de ser discutido, principalmente com a família como destacado nas postagens:

C5.[...] de certa forma somos privilegiados por estarmos neste curso que nos remetem inúmeras informações sobre a temática, entretanto nos ambientes familiares, em sua maioria falar de sexo é o mesmo que estar no sobrenatural... é coisa do além mesmo... e falar sobre homossexualidade ai nem tenho palavras pra descrever...é como se Eva - aquela do adão - fosse transportada para cá - proibidissimo... mas no final do seu post eu achei interessante, pois v. nos incita para o otimismo e nos remete palavras que nos consolam e desta forma, não entramos em choque.

C20. Realmente, por mais que seja natural falar sobre sexo atualmente, pelas criações passadas, falar sobre o sexo ou a sexualidade é constrangedor. Para muitos é um assunto imoral, vulgar. Mas reconhecemos que isso vem através da criação de cada um. Muitos pais hoje dizem tratar o assunto claramente, porém muitas das vezes quando os filhos querem conversar, não dão liberdade à seus pensamentos e não ajudam sanar suas dúvidas

C14. Creio que os jovens/adolescentes até mesmo nossos pais, sabem pouco ou não suficiente sobre sexo, são raras as famílias que falam deste assunto de forma natural. Como educadoras/es devemos abordar este tema: SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL de forma educativa.

Spink e Frezza (2000) menciona que a desconstrução dos conceitos e preconceitos passa por um processo de reflexão, o qual possibilita uma desfamiliarização de construções sociais que se transformaram em crenças e, como tais, dificultam a construção de novos conceitos. As autoras dão preferência ao termo desfamiliarização, pois dificilmente se “des-constrói” o que já foi construído.

Segundo Biscoli (2005, p.53), “não podemos esquecer que os professores têm limitações e podem se sentir encabulados com algumas situações, mas isso não indica que eles tenham dificuldades com o tema, [...]”.

Os/As cursistas consideram seus repertórios muito restritos para a discussão proposta. A disponibilidade do material para auxiliá-los e os debates proporcionados pelos fóruns não foram suficientes para pensarem o sexo e o gênero de uma maneira não dicotômica. Por meio dos discursos e posicionamentos, foi possível constatar que os/as cursistas já tem uma concepção formada sobre o conceito de gênero, ou seja, que é definido biologicamente. Os repertórios utilizados pela tutora são na direção de que tanto o sexo quanto o gênero são conceitos construídos e os convida a pensar essa concepção de construção proposta Judith Butler e Joan Scott:

Tutora. Lendo o post de vocês vejo que possuem uma concepção já formada, mas gostaria que tentassem fazer esse exercício, ou seja, pensar na perspectiva de sexo e gênero serem construídos culturalmente. Vemos que é justamente nesse aspecto que se localiza a implosão de Judith Butler com a Joan Scott. A Joan assume sexo como dado, sexo é biológico, natural... e percebo que comungam com a concepção dessa autora. Mas nos possibilitamos a pensar a concepção de Butler, o que acham?  
Abraços, Tutora

Tutora. De acordo com essa teoria, nós atuamos de forma performática, no sentido de que produzimos e introjetamos os significados e os rituais que são colocados pela cultura. Ao longo de nossa trajetória de vida nos contaram na família, na escola, o que é ser mulher e ser homem, no sentido do bem aceito socialmente... Cabe ressaltar que não existe uma única performance binária, assim como o gênero não é binário, temos as identidades de gênero, constantemente construídas e passíveis de transformação. Já ouvimos muitas frases do tipo: “Nossa fulano é gay, mas não parece”. Por que possivelmente houve estranhamento nessa fala?  
Abraços, Tutora.

No fórum Sexualidade, por meio dos repertórios usados pela tutora, os/as cursistas demonstram entenderem a sexualidade como uma construção social, o que pode ser confirmado pelo posicionamento destacados em suas postagens abaixo:

C11. Devemos ter clareza de que são processos históricos construídos por todo um contexto social, econômico, político e cultural, e que portanto não são tão simples de serem desconstruídos ou rompidos. Caminhamos bastante no sentido de uma emancipação da sexualidade, do corpo e do sexo, mas ainda há muito o que conquistar e o que amadurecer. compreendi que os dispositivos históricos da sexualidade sempre estão em construção e desconstrução, são moventes e que com certeza poderemos mudar a nossa realidade sobre a sexualidade e respeito à escolha dos indivíduos no que refere ao seu corpo sexuado.

C20. [...] Ao longo da história, a atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida a dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda. As mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos.

C8. [...] As inovações tecnológicas e a expansão dos meios de comunicação de massa contribuíram para as construções e percepções que temos hoje do corpo.

Com a disponibilidade de leituras, filme e documentário para ajudar os/as cursistas a pensarem sobre o conceito de sexualidade, os “Tabus” presentes na sociedade dificultam falar e discutir a respeito do assunto por ser esse um assunto permeado de crenças, censuras e restrições. Nos repertórios dos/as cursistas aparecem várias vozes, que contribuem para os posicionamentos apresentados, como elencado nas seguintes postagens:

C6. [...] com as leituras, o filme e o documentário, podemos dizer que mesmo conquistando esses inúmeros locais, os assuntos relacionados a sexualidade e orientação sexual são até hoje verdadeiros tabus, mas vale mencionarmos que sem dúvida alguma, discutir hoje sobre essas temáticas é bem

mais fácil do que em décadas anteriores, pois isso foi verificado tanto nas leituras como nos filmes propostos. Mas a realidade é: se queremos algo, não devemos ter medo de enfrentar os preconceitos, os tabus presentes na sociedade

[...] acredito que hoje a homossexualidade não é mais vista como antes, mas claro que infelizmente existem preconceitos, maldades, injustiças, tabus, como já citado na minha fala anterior. Mas fica uma dúvida ser tolerado é bom? Temos que ir mais além, buscar o respeito.

C17. [...] Colega C6, Quando você fala sobre a sexualidade e orientação sexual, concordo plenamente, pois o que podemos observar é que realmente esses assuntos ainda hoje são polêmicos e na maioria das vezes, formam tabus e que hoje em dia é bem mais fácil falar sobre eles.

C1. [...] Esse controle do sexo, do desejo e do prazer ainda perpassa a cabeça de muitos jovens hoje que mesmo com os meios de comunicação ainda têm muitas dúvidas, pois, com toda a revolução, conhecimentos e 'quebra do silêncio' em torno do sexo, as famílias, em sua maioria ainda manipulam e lidam com o sexo como um tabu, como afirmou C6.

As práticas discursivas, por meio dos repertórios e posicionamentos dos/as participantes, possibilitou entrar em contato com as múltiplas narrativas presentes nos fóruns de discussão. A leitura das mensagens apresentadas, que gerou o *corpus* dessa pesquisa, fez com que entrasse nesse campo. As diversas vozes envolvidas nas mensagens dos fóruns analisados transpareceu nas discussões.

Os sentidos atribuídos ao conceito de gênero, pelos posicionamentos dos/as cursistas, são de um conceito binário, homem/mulher, feminino/masculino. O sexo é biológico e gênero é social. Falar sobre sexualidade é considerado um “tabu”, principalmente no ambiente familiar. Os/As cursistas declaram estar despreparados para lidar com a temática gênero e sexualidade. Esse discurso vem sendo reproduzido pelos/as professores/as tornando uma argumentação clássica, muito abundante na literatura.

Esses conceitos ainda carregam uma carga de preconceitos e estereótipos presentes no cotidiano das pessoas, sendo considerados polêmicos. Apesar de o tema estar em discussão nos meios de comunicação (televisão, revistas e jornais), nas redes sociais, a escola ainda se vê despreparada para essa discussão.

Os discursos e posicionamentos da tutora apontam para o seu empenho em manter a discussão proporcionada pelos fóruns, fazendo com que os/as cursistas interagissem por meio das mensagens postadas embora, nem sempre conseguisse que entrassem no debate.

As regras linguísticas utilizadas pela tutora “tendem a manter e reproduzir discursos (Spink e Medrado, 2000, p.44)”.

Nas transcrições sobre gênero e sexualidade, em vários momentos, restringem à teoria e sua aplicabilidade na escola não é discutida. Embora os/as cursistas tenham tido acesso ao material, muito do que foi lido ainda permanece no campo teórico, suscitando indagações sobre sua aplicabilidade no âmbito escolar, denotando a insipiência do assunto e seu caráter relativamente novo, bem como a necessidade de debate na escola sobre a temática.

As pesquisas demonstram que esse não é um assunto novo e que nos três últimos séculos a sociedade passou por grandes transformações as quais levaram a “uma verdadeira explosão discursiva em torno e a propósito do sexo embora, talvez tenha havido uma apuração bastante rigorosa do vocabulário autorizado (Foucault, 1988/2012, p.23)”. “A escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento dos corpos. Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre eficiente e duradoura (Louro, 2007 p.16)” e reprodutora do pensamento dominante.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e a outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

Assim, “o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância (Louro, 2007, p.30)”.

Os/As cursistas demonstraram que as questões de gênero e sexualidade na escola são assuntos difíceis de lidar, muitas vezes são assuntos inéditos. No fórum sobre sexualidade, os posicionamentos apontaram ser este um assunto com muitas privações e



recusas em falar sobre o assunto. Esse posicionamento é confirmado nas transcrições selecionadas abaixo:

C24. [...] Então C17, a sexualidade e a orientação sexual ainda são polêmicas na atualidade, apesar da abertura de debates ainda é complicada a intervenção sobre o tema na família e na escola.

C17. Tutora, pensei bastante em relação ao seus questionamentos, a sexualidade parece ser algo tão simples, mas ao mesmo tempo tão complexo, e a própria história nos faz refletir tudo isso e ainda analisar como as pessoas mesmo que queiram tratar com naturalidade, não conseguem, é uma força estranha que está por trás de tudo isso, será esta o poder que sempre está presente na fala e no pensamento das pessoas, ou será os tabus que existem nas relações entre elas.

As narrativas mostram, a partir dos termos utilizados (feminino e masculino, diferenciação sexual, macho e fêmea) que permanece a dicotomia sexo iguais ao biológico e gênero igual à cultura, apesar da tutora (“o conceito de gênero é construídos culturalmente”) tentar repetidas vezes mostra a variedade de sentidos para gênero (incluindo a leitura das feministas pós-estruturalistas). Também há partes nas quais a preocupação volta-se mais para aplicação do conceito na escola e alguns termos como: “dificuldade”, “complexo”, “difícil”, entre outros, aparecem “produzindo um jogo de posicionamentos (Spink e Medrado, 2000, p.47)”.

Um dos desafios do curso GDE é conduzir os cursistas à reflexão e a momentos de ressignificação desse conceito. Como afirma Louro (2009), a forma como vivemos nosso gênero é histórica, cultural e aprendida, as instituições educacionais têm um papel de destaque em todo esse processo.

Falar de sexo e da sexualidade é considerado difícil pelos cursistas. Os discursos apresentam como um assunto proibido, cheio de privações, recusas em falar, tabu, repressão, silêncios, constrangedor, imoral, vulgar e censuras em relação ao sexo e a sexualidade como demonstrado nas seguintes postagens: “o discurso da sexualidade sempre foi movido pelo poder, diria pela manipulação (C14)”. “[...] com toda a revolução, conhecimentos e 'quebra do silêncio' em torno do sexo, as famílias, em sua maioria ainda

manipulam e lidam com o sexo como um tabu [...] (C1)”. ; “Percebo que ainda temos muitas privações, recusa em falar de sexo (C14)”.

As narrativas mostram, a partir dos repertórios que o sexo é associado ao pecado, curiosidade, mistério e proibição como destacado nessas mensagens: “A sexualidade sempre foi uma fonte de inúmeros preconceitos e fantasias. Muitas vezes os mitos e a repressão sexual criam grandes obstáculos para o exercício saudável do sexo C20”; “ainda há muitas restrições quando falamos em sexo, que está supostamente ligado a orgia, a depravação, coisas deste tipo (C14)”; “nos ambientes familiares, em sua maioria falar de sexo é o mesmo que estar no sobrenatural... é coisa do além mesmo... e falar sobre homossexualidade ai nem tenho palavras pra descrever (C5)”. Os posicionamentos sobre a homossexualidade aparecem associados a preconceitos, maldades, injustiças, tabus, homofobia e tolerância em relação às pessoas que apresentam fora da norma estabelecida pela sociedade.

Em suas narrativas evidencia que a escola precisa se comprometer em discutir a questão da sexualidade, há uma prevalência dos conceitos tradicionais e, sendo o espaço escolar reprodutor do pensamento dominante e ao mesmo tempo produtor de conflitos, o torna adequado para tal discussão, proporcionando reflexão, dialogo e conhecimento sobre o tema.

Muitos/as educadores/as ainda estão presos/as ao discurso repressivo e esse discurso continua presente na sociedade capitalista e por meio dele controla o que pode ou não falar sobre o sexo e a sexualidade (Foucault, 1988/2012).

A sexualidade encontra papel central nas sociedades ocidentais, dentre elas a brasileira. Essa centralidade tem uma história que vem se construindo há mais de duzentos anos, como afirma Foucault em *A história da sexualidade – A vontade de saber* (1988/2012).

Esses depoimentos mostraram que os temas proporcionaram reflexões. No entanto, foi possível perceber pelos discursos e posicionamentos dos/as participantes, suas limitações e dificuldades em construir suas próprias vozes a respeito de temas considerados polêmicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi proposto diante da dificuldade da escola (Instituto Federal Goiano-Câmpus Urutaí) em posicionar-se frente à diversidade sexual. Pensando nisso, o objetivo deste estudo foi analisar os sentidos sobre Gênero e Sexualidade, baseado nos discursos presentes nos fóruns das disciplinas “Gênero” e “Sexualidade e Orientação sexual” do curso *Gênero e Diversidade na Escola* (GDE), hospedado na plataforma *moodle* da UFG/Regional Catalão, o qual foi realizado na modalidade à distância. Este curso, parte do *corpus* desta pesquisa, é um dos desdobramentos proporcionados pela EaD.

A abordagem teórica metodológica usada para essa análise foi a das Práticas Discursivas, as quais são à base do Construcionismo social. Haja vista que, na visão construcionista a produção de sentidos se processa no contexto da ação social (Spink e Medrado, 200, p.59).

Para entrar nesse campo discursivo foi necessário buscar na literatura a temática sobre Gênero e Sexualidade, Educação a Distância e o Curso Gênero e Diversidade na escola (GDE), a fim de entender quais limites e possibilidades oferecia na formação de professores e como esses temas foram tratados no desenvolvimento do curso.

O material analisado foi delineado em dois eixos temáticos: gênero e sexualidade. Dentro dos eixos temáticos e a partir deles, estabeleceu-se o foco de análise: repertórios, posicionamentos e gêneros de fala (*speech genres*). Percebi que, tanto os eixos temáticos quanto os recortes destacados, muitas vezes se inter-relacionavam, o que possibilitou múltiplos acessos ao material. Ou seja, o foco da análise centrou na linguagem escrita e no processo de produção de sentidos sobre os conceitos analisados.

Em relação ao curso, pautada nas leituras dos fóruns realizadas no âmbito deste trabalho, notei que a principal causa para a falta de debate sobre esses temas é a carência

de formação dos docentes. Os/As cursistas apontam o curso GDE como um caminho para a discussão e reflexão desses temas pelos profissionais da educação, pois assim, os grupos sociais considerados minoritários, adquirem visibilidade.

A análise revela que os sentidos atribuídos aos conceitos abordados na pesquisa (gênero e sexualidade) ainda carregam uma carga de preconceitos e estereótipos presentes no cotidiano das pessoas. Por isso, considerados polêmicos na concepção dos/as cursistas, mas podem ser abordados de forma que vá além da dimensão biológica.

O curso GDE abre novos horizontes, perspectivas e possibilidades a serem consideradas para que os sentidos conferidos a gênero e sexualidade ganhem visibilidade no cotidiano da escola e possa mudar os discursos e posicionamentos frente a esses temas. O contexto histórico em que vivemos pode mudar as práticas discursivas no meio escolar e esse momento apresenta propício para novas buscas.

Porém, sei que o curso GDE não vai mudar a forma de trabalhar esses temas da noite para o dia, e não acho que têm essa pretensão, pois, esse processo de mudança passa por uma (des)construção desses conceitos, gênero e sexualidade, que foram construídos historicamente ao longo da formação social e identitária desses/as cursistas. A participação nos fóruns conseguiu levá-los/as à reflexão sobre a forma como essa temática vêm sendo trabalhada na escola.

## REFERÊNCIAS

- Albernaz, L. S. F. e Longhi, M.(2009). *Para compreender gênero: uma ponte para reflexões igualitárias entre homens e mulheres*. In: Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para a formação docente. Organização: Scott, P.; Lewis, L. e Quadros, M. T. Recife: Publicações Especiais do Programa de Pós Graduação em Antropologia – FAGES. Universidade Federal de Pernambuco.
- Aragão, J. M. de A. (2011). *Fóruns Educacionais: estratégias de interação em uma disciplina do curso de letras da UFPB virtual*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB.
- Bakhtin, M.(1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo. Hucitec.
- Bello, M. C. & Santos, D. B. C. dos (2010). *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professores/as e os desafios na construção de práticas curriculares de enfrentamento ao preconceito e a discriminação no âmbito escolar no Paraná*. Santa Catarina: **Fazendo Gênero 9: Diáspora, Diversidades, Deslocamentos**. Em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278383158\\_ARQUIVO\\_MODELODEARTIGOFAZGENEROfinal.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278383158_ARQUIVO_MODELODEARTIGOFAZGENEROfinal.pdf)
- Belloni, M. L. (2009). *Educação a distância*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Benevides, M. V.(2007). *Direitos Humanos: desafios para o século XXI*. In: Dias, A. A.; Ferreira, L. F. G.; Alencar, M. L. P. de ; Zenaide, M. de N. T. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: editora Universitária.
- Biscoli, C.; Favarão, N.R.L.; Feiten, R.H.; Souza, A.C.P.; Perpétuo, C.L. (2005). *Sexualidade em sala de aula: um estudo da produção de sentidos*. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama, 9(1), jan./ab. p. 47-55.
- Borges, L. S. (2012). *Políticas Públicas, Movimentos LGBT e a Psicologia: diálogos e tensões de um campo em construção*. In: Psicologia social e políticas públicas: contribuições e controvérsias. Juliana de Castro Chaves, organizadora. – Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, pp. 47 – 58.
- Borges, L.S. (2008). *Repertórios sobre Lesbianidade na Mídia Televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos?* Tese Doutorado. PUC – São Paulo.
- Bruno, A. R.; Hessel, A. G.(2007). *Os fóruns de discussão como espaços de aprendizagem em ambientes on-line: formando comunidades de gestores*. Em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/420200712027pm.pdf>
- Butler, J. (2008). *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”*. 2ª Ed. Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_\_.(2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Carrara, S.; Heilborn, M. L.; Rohden, F.; Araújo, L. e Barreto, A. (org.), (2009). *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico- Raciais. Caderno de atividades.* – Rio de Janeiro: CEPESC
- Deslandes, K. (2010). *Gênero e Diversidade na Escola: Como verificar o impacto da formação de professores/as?* Santa Catarina: Fazendo Gênero 9: Diáspora, Diversidades, Deslocamentos. Em:  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288051\\_ARQUIVO\\_Texto\\_completo9FazendoGenero.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288051_ARQUIVO_Texto_completo9FazendoGenero.pdf)
- Faita, D. (2005). *A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma.* In: Brait, B.(org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.* 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Foucault, M. (1988/2012.). *História da sexualidade I: A vontade de saber*, tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- França, F. F.; Calsa, G. C. (2009). *Reflexões e reconstruções sobre o conceito de gênero: um trabalho de intervenção com docentes.* Seminário de Pesquisa do PPE realizado nos dias 08 e 09 de Junho na Universidade Estadual de Maringá. Em: [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2009/20.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2009/20.pdf) .
- Freitas, E. M. (2014). *Formação Continuada em Gênero e Diversidade na Escola.* In: Gênero, sexualidade e corpo. Adriane Oliveira Garcia Mendes, ET AL. Org. Eliane Martins de Freitas, Fabiana Jordão Martinez, Lilian Marta Grisolio Mendes. – Goiânia: UFG/CIAR; Gráfica UFG; 2014.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (2010). *Construccionismo social: um convite ao diálogo.* Instituto Noos.
- Giddens, A. (2008) *Sociologia.* Tradução: Figueiredo, A; Baltazar, A. P.D.; Silva, C. L. da; Matos, P.; Gil, V.. 6ª Ed. Coord. e revisão científica de José Manuel Sobral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hacking, I. (2001). *La construcción social de qué?* Barcelona: Paidós.
- Hirata, H.; Laborie, F.; Doaré, Le H.; Senotier, D. (orgs), (2002). *Diccionario critico Del feminismo.* Madrid, Editora Síntesis.
- Íñiguez, L. (2003). *La psicología social em la encrucijada post Construccionista: historicidad, subjetividad, performatividad, acción.* In XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Porto Alegre, RS.
- Laplanche, J. (2001) *Vocabulário de psicanálise* - 4a.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Lauretis, Tereza de (1994). *A tecnologia do gênero.* In: HOLLANDA, Heloísa Buarque

(org). *Tendências e Impasses*. Rio de Janeiro: Rocco.

Louro, G. L.(2000). *Currículo, Gênero e sexualidade*. Porto, Portugal: Porto Editora.

\_\_\_\_\_ (2003). *Gênero e sexualidade – As múltiplas “verdades” da contemporaneidade. Programa de Pós Graduação em Educação*, UFRGS.

Louro, G. L. (2009). *Pensar a sexualidade na contemporaneidade*. In: SEXUALIDADE (2009). Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr. pp. 29 a 35.

Madureira, Ana Flavia do Amaral (2007). *Gênero e Sexualidade na Sociedade Brasileira: Tradição e Modernidade em conflito*. In: Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática – Tese pp. 65 – 82.UnB.  
Em:[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese\\_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf).

Martins, O. B. (2003). *Teoria e prática tutorial em educação a distancia*. Educar, n.21, p.153-171. Em:  
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2128/1780>.

Martins, J. B., Hammout, N. E. & Iñiguez, L. (2002). *Temas em análise institucional e em construcionismo social*. Curitiba: Rima.

MEC/SECAD; SPM; CLAM: BRITISH COUNCIL (2009). *Gênero e diversidade na escola: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais* – Livro de conteúdo. Brasília.

MEC (2007). *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Organização: Ricardo Henriques, Maria Elisa Almeida Brandt, Rogério Diniz Junqueira e Adelaide Chamusca. Em: <http://portal.mec.gov.br/secad>.

Melo, L. E. (2005). *Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos & companhia?* In: Brait, B.(org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Mendes, T. H. K. B.(2012). *A Educação a Distância na Formação Continuada de Professores: O Curso Gênero e Diversidade na Escola e o Combate à Homofobia*. SIED - Simpósio Internacional de Educação à Distância e EnPED – Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância. UFSCar. Em;  
[sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/download/65/33](http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/article/download/65/33)

Menezes, E. J. (2010). *Educação a Distância no Setor Público*. Rio de Janeiro. Em:  
[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/k213239.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k213239.pdf)

Miskolci, R.(2013). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP. (Série Cadernos da Diversidade).



- Nicholson, L.(2000). *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas, V. 8, n. 2, p. 9-41.
- Nicole, C. M. (2002). *Sexo y género*. In: Hirata, Helena et al. (orgs). *Diccionario critico Del feminismo*. Madrid, Editora Síntesis, pp. 236-244.
- Nogueira, D. M. (2010). *Gênero e sexualidade na educação*. In: Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas; Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- Oliveira, E. G. (2003). *Educação a distância na transição paradigmática*. Campinas, SP: Papyrus.
- Oxford dictionary  
Em : [http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american\\_english/gender](http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/gender)
- Quartiero, E. T. (2009). *A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas*. <http://hdl.handle.net/10183/16340>
- Roudinesco, E. e Plon, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Salih, Sara (2012). *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autentica.  
Tradução: Guacira Lopes Louro.
- Scott, Joan (1995). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* .Educação & Realidade. Porto Alegre, Vol.20. nº 2.  
Em: [http://www.archive.org/details/scott\\_gender](http://www.archive.org/details/scott_gender).
- Silva, A. S. da. (2011). *Políticas públicas, educação para os direitos humanos e diversidade sexual*. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 3(2), 58-72.
- Spink, M. J.(2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas. Em: <http://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>
- Spink, M. J. ; Frezza, R. M. (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social*. In: *Spink, M. J. (org.)*. Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. ; Medrado, B. (2000). *Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórica-metodológica para análise das práticas discursivas*. In: *Spink, M. J. (org.)*. Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- Torres, M. A.. (2010).*A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania*

*LGBT na escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG:UFOP, (Série Cadernos da Diversidade).

UNESCO (2014). *Orientações Técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. – Brasil.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### TRANSCRIÇÃO DO FÓRUM “CONCEITO DE GÊNERO”

Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - quinta, 10 março 2011, 19:35

Olá pessoal!!!

Nesse fórum, vamos discutir o conceito de gênero e os processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino, gerando desigualdades. Leiam o [texto](#) base: PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: História. São Paulo: v. 24, n.1, pp. 77-98, 2005. Reflitam sobre:

- 1) a distinção entre sexo anatômico e a construção social das diferenças sexuais, enquanto apropriações histórico-culturais;
- 2) sobre o aprendizado de gênero;
- 3) as discriminações de gênero, particularmente as que se articulam com outras como raça/etnia e classe social, agravando a discriminação que incide sobre as pessoas consideradas hierarquicamente inferiores dentro dessas categorias; e
- 4) sobre o papel de pais/mães e educadores/educadoras na construção da equidade de gênero.

Bons estudos à tod@s!!!

Abraços, Tutora

(Valor: 20 pts. A atividade deverá ser realizada até 20/02/2011)

Re: O conceito de Gênero

C 17 - terça, 8 fevereiro 2011, 13:54

Gênero em português é masculino ou feminino, passou a ser usado no lugar da palavra sexo. Procuravam enfatizar que as diferenças nos comportamentos de homens e mulheres não estavam ligadas ao sexo, mas sim ao gênero e conseqüentemente aos costumes de cada sociedade.

O termo é sinônimo de luta por igualdade de direitos, respeito adquiridos por cada indivíduo que está nesse mundo. Constata-se que a sociedade humana usava a diferença sexual, para atribuir papéis as pessoas.

Buscam mostrar que o sexo era algo biológico e o temperamento vem de acordo com cada cultura.

Ainda menciona que a identidade de gênero era mais importante do que as características anatômicas, de mulheres e homens, daí dizer que sexo é gênero, não são a mesma coisa, isso tudo foi muito explorado nos movimentos feministas.

No começo as mulheres lutavam pelo direito ao voto, de serem eleitas, de trabalharem, de estudarem, por uma infinidade de coisas, num segundo plano começaram a lutar pelo direito ao corpo, ao prazer e contra ao patriarcado, de certa maneira estavam em busca de seus direitos como pessoa, por pertencer ao gênero feminino, não quer dizer que são inferiores, são tão capazes quanto os homens.

A mulher de certa forma estava deixada em segundo plano, o homem era universal e estava sempre por cima, dando ou ordenando a elas. Ainda hoje ouvimos o termo para designar homens, mulheres e crianças, por que não começar a mudar essa realidade, cheia de pessoas preconceituosas, que discriminam mulheres, as criam diferentes dos homens, privam de se desenvolverem plenamente e ainda as consideram inferiores aos homens. Muitas vezes as próprias mulheres se divergiram dentro dos movimentos feministas. Contudo, sempre era preciso falar das desigualdades e das relações de poder entre os sexos, mas buscavam respostas para questões, como o porquê de as mulheres serem sempre submetidas á autoridade masculina, nas mais diferentes formas, não importava a sociedade vivente, sempre acontecia de algum jeito, então a própria cultura faz com que elas sejam inferiores aos homens e submetidas a sua autoridade. Para a mulher, só havia lugar quando ocupava algum cargo no estado, ou dirigia guerras, caso contrário ela era colocada em segundo plano, por trás das cortinas. Foi no interior de toda a luta pelos direitos das mulheres que surgiu a palavra gênero. A sociedade já tem incorporado o que cada pessoa deve fazer, dependendo do sexo a que pertence o feminino sempre fica sempre em segundo plano, é subordinada ao masculino, que é chefe, superior recebe melhores salários, acaba que as relações de poder, também são responsáveis por tudo que vem ocorrendo no mundo. A própria história já vem organizando a função das pessoas a partir do gênero de cada uma acaba que os homens são predominantes, enquanto as mulheres só aparecem, quando ocupam lugar de destaque. Ao analisarmos a história, a divisão sexual do trabalho, a escola, podemos ainda dizer que estas contribuem para a exclusão de algumas pessoas da sociedade, enquanto que cabe a família e a escola, que hoje é o local onde as crianças passam o maior tempo, ajudá-las a formar o seu gênero, viverem de maneira harmoniosa e respeitada dentro da sociedade.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quarta, 9 fevereiro 2011, 16:39

Olá C17 e DEMAIS CURSIST@S!!!

Com o intuito de provocar algumas reflexões que se fazem presente no texto base e, focando algumas passagens dos textos de apoio que também são sugeridos enquanto leituras relevantes para entendermos o conceito de gênero; cabe aqui acrescentar as discussões que foram realizadas durante reuniões de planejamento entre professoras formadoras da disciplina e @s orientador@s acadêmicos de cada polo. Pedro (2005) traz uma coletânea de artigos de várias autoras. O texto de uma historiadora, respondendo a historiador@s. Fica nítido o debate dentro da história, se caracterizando enquanto história social e história cultural. A autora dialoga com as pós-estruturalistas, assim, compreendemos que está bem próxima da história cultural. Entretanto, não podemos esquecer-nos da perspectiva da história social que tenta pensar o conceito de gênero, inicialmente nos anos 90; quando essa categoria vem à discussão. Sua gênese ocorre no seio dos movimentos sociais, empregando inicialmente a história da mulher. Tendo em vista a pluralidade de concepções amplia-se o termo, utilizando-se então “mulheres” até chegar ao conceito de gênero. Cabe ressaltar que durante essa trajetória, o próprio movimento feminista passou por períodos denominados “ondas”. No final do século XIX, constitui-se o que se conhece por “primeira onda”. O objetivo centrava-se nas reivindicações dos direitos políticos, sociais e econômico. Lembram-se do sufrágio feminista? Já o propósito da “segunda onda” destinava-se a luta pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Através desses momentos que se constituíram importantes nos movimentos feministas, vemos que suas reivindicações estão permeadas por seu caráter político e, baseado nesse aspecto, vimos que as mesmas eram insuficientes para pensar as relações sociais que se estabeleciam. É nesse contexto que então o debate das relações sociais irá se constituir em uma linguagem antes não pensada, ou seja, a partir da relação homem x mulher, surge à possibilidade de se pensar outras perspectivas, onde o conceito de “gênero” passa a ter destaque nas novas discussões que se formavam. A história social menciona que esses novos objetos, esses novos temas, são despolitizantes até mesmo em algumas situações reacionárias, por isso que Pedro (2005) faz toda essa trajetória, ou seja, defende dentro da disciplina da história, que a categoria gênero é tão política quanto classe. A idéia fundamenta-se pelo fato dessa categoria não surgir dentro da academia, mas nos movimentos sociais.

Uma das várias reflexões que a autora nos proporciona é pensarmos que a categoria gênero não é algo simples de se compreender, ou seja, está permanentemente em disputa. Tendo em vista que o conceito não é estanque, verificam-se distintas percepções políticas em variadas correntes teóricas, o que não possibilita a complementação entre elas devido ao seu antagonismo. Pedro (2005) no decorrer de seu texto, por exemplo, destaca duas autoras com posicionamentos distintos em relação ao pensar gênero: Joan Scott e Judith Butler. Façamos o exercício de pensarmos a diferença entre a Judith Butler e a Joan Scott. A Joan é uma pós-estruturalista que afirma a existência de um sexo binário, biológico; enquanto o gênero constitui-se em uma construção cultural. Judith, em resposta às concepções de Scott, radicaliza; isto é, questiona: se gênero é discurso quem disse que sexo é pré-discursivo? Quem disse que sexo é anterior ao gênero? Compreende-se assim que, para dizer que o sujeito é mulher ou homem, primeiramente tenho que ter uma concepção de gênero dada. Então, percebemos que a concepção das autoras citadas por Pedro (2005) se diverge. Nesse sentido, para Butler, não é o sexo que é anterior ao gênero, mas o gênero que antecede ao sexo. Se eu consigo compreender as construções que são dadas de gênero, eu vou entender a discussão discursiva sobre sexo.

Seguindo essa perspectiva de que uma pessoa é do sexo feminino e outra do sexo masculino, temos que construir discursivamente quais são os elementos que o identificam como masculino e feminino, o que chamamos de biologia. Mas a biologia não é discutida dentro da cultura, ou seja, menino tem pênis e menina tem vagina. Para essa ciência, isso está dado, não precisa ser construído culturalmente. O que Butler está questionando é o seguinte: “olha feministas, quando vocês assumem que sexo é biológico, portanto sexo é binário, e que existe uma relação mimética entre sexo e gênero (menina com vagina tem determinados comportamentos femininos) e quando vocês assumem essa construção de um corpo, o que vocês estão fazendo? Vocês estão também binarizando o gênero, vocês do movimento feminista e tod@s que não entram na heteronormatividade e no binarismo”. Deixemos claro que, no atual momento, tod@s não precisam fazer uma opção entre Scott e Butler. O que estamos trazendo é qual a situação do debate, o que está em jogo. Como dito anteriormente, a categoria gênero é uma categoria política, ela está em disputa dentro do movimento, no sentido que o movimento pressiona para que ela se consolide e pressiona para dizer qual que é a verdadeira categoria. Assim, se analisarem bem, no final do texto de Pedro (2005), ela nos induz a refletir a seguinte questão: e nós, como é que vamos lidar politicamente com essa categoria que está em disputa, em construção? Pensemos sobre o questionamento de Pedro (2005). Bons estudos!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 6 - quarta, 9 fevereiro 2011, 20:30

Com a leitura do texto base e como já tem relatado a colega C17, verificamos que quando perguntamos no português pelo gênero de uma palavra, essa se designa como masculino ou feminino. Sendo assim, nos anos

80 os movimentos feministas e de mulheres passaram a usar a palavra “gênero” no lugar de “sexo” pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não têm sexo. (PEDRO, 2005). Dessa forma, como é apresentado no texto o uso da palavra “gênero” tem toda uma história dos movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas; uma trajetória de lutas de direitos políticos; direitos sociais e econômicos; bem como a igualdade e respeito.

Mas adiante, a leitura nos permite entender que o conceito de sexo anatômico se diferencia da palavra gênero. O sexo anatômico é uma condição biológica natural e imutável, enquanto gênero não parte da genética, mas das experiências culturais que formam cada indivíduo (bagagem histórica sócio-cultural). Mirla Cisne, no texto “Gênero, marxismo e pós-modernidade: uma reflexão teórico-política acerca do feminismo na atualidade” destaca que a categoria gênero deve ser compreendida para além da formação cultural e ainda enfatiza que gênero faz parte de toda uma relação, seja ela, sexo, raça, classe, etnia, orientação sexual dentre outras.

Com referência nos textos sugeridos, nos fez compreender que o papel de pais/mães e educadores/educadoras na construção de gênero, deve ser atencioso e constante, por ser de extrema importância para a educação da criança; pois devem assumir uma educação que contribui com a redução das desigualdades sociais e dos preconceitos, partindo assim para uma equidade de gênero. Mas com toda história já construída, percebemos que não é uma tarefa fácil, sobretudo para a escola, pois ao iniciar os estudos as crianças já trazem um aprendizado social e familiar construído anteriormente. Tanto pais/mães e educadores e educadoras devem estar atentos para não educar meninos e meninas de maneiras radicalmente distinta, assim pensamos que a escola deve oferecer momentos entre os educadores (as) e pais/mães com um objetivo único de desmascarem os estereótipos existentes na sociedade, e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Re: O conceito de Gênero

C 24 - quinta, 10 fevereiro 2011, 00:53

Gênero enquanto uma categoria de análise nas pesquisas históricas refere -se aos movimentos sociais e nos contextos de espaços públicos e privados, embora seja entendido como a diferenciação sexual apesar de estar relacionado aos papéis sociais e sexuais, principalmente nas relações sociais, de poder e de submissão da mulher em relação ao homem.

Assim, a identidade de gênero é construída histórica e socialmente, de acordo com a cultura e a partir dos estereótipos e dos comportamentos e da participação na sociedade ou mesmo na família e ainda ao assumir determinada identidade para tanto há diversas lutas dos movimentos feministas em prol da equidade de gênero a partir das diferenças entre homens e mulheres para além do masculino e do feminino e assim evitar diversas formas de discriminação, exclusão e ainda preconceitos ou mesmo associando aspectos étnicos, raciais e sociais ou por caráter de inferioridade como no caso do machismo, racismo, homofobia e misoginia. Face a isso a equidade de gênero deve ser construída a partir da educação familiar e escolar diante da alteridade e ao reconhecer e respeitar as diferenças relacionadas ao gênero diante da diferenciação anatômica e dos papéis sociais que são atribuídos ao gênero de acordo com o sexo sendo relativo por se tratar de uma construção histórica e cultural na sociedade.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quinta, 10 fevereiro 2011, 15:01

BOA TARDE C 6 E C 24, TUDO BEM?

Interessantes observações feitas até o momento. Vamos refletir um pouco mais sobre essas?

C6, estamos ancorad@s numa perspectiva que vem desde a década de 1970 no mínimo, tanto nos movimentos sociais, políticos e também na academia. Vemos que, de alguma forma, essas instituições procuram dar respostas as angustias que ora temos para essa naturalização que até agora foi construída, ou seja, a idéia do determinismo biológico (onde se é homem porque possui pênis e menina pelo fato de possuir vagina). Não foi de forma aleatória que trabalhamos com a idéia de cultura na primeira disciplina, pois se não compreendemos o que é a construção cultural, conseqüentemente não entenderemos o que é o conceito de gênero e o que representa. Partindo desse entendimento, gênero é uma construção que está tentando desnaturalizar algo que não é natural, mas cultural. Quando discutimos a respeito da existência de uma biologização, ou seja, uma naturalização da diferença sexual, a categoria gênero vai poder pensar e mostrar a perspectiva cultural que está por de trás desse conceito, caso contrário, ficaremos sempre naquela discussão onde gênero se confunde com educação sexual.

C 24, o texto base nos possibilitou a compreensão de que a categoria gênero vem de uma demanda muito específica, pois o masculino sempre foi (e podemos dizer que ainda é) universal na nossa sociedade. Por isso é que todo esse conjunto de estudos no campo de gênero se constitui tão importante para nossa realidade. Pensemos, por exemplo, no fato de o masculino ainda ser universal e, assim, condicionando que todas as outras identidades de gênero sejam marginalizadas, tendo em vista que essas não estão incluídas nesse campo

universal que é o masculino; todas tendem a ser invisibilizadas. No curso de extensão GDE, discutimos um pouco sobre o movimento gay em países da América Central. Lembra-se como eram chamados? Pride. Pride significa "orgulho". As causas centrais desses movimentos eram: "nós não vamos mais aceitar humilhação, a polícia não tem o direito de chegar e bater em nós que somos gays... nós vamos pra rua, nós vamos mostrar nossa performance". Imagine agora toda uma construção que precisamos compreender!

Partindo das reflexões que fizeram, gostaria que pensassem sobre a categoria gênero na perspectiva de dar significado para as relações de poder. Tomemos um breve exemplo para analisarmos: porque dois homens não podem se beijar publicamente sem serem recriminados socialmente e um homem e uma mulher podem? Estaríamos então falando sobre a construção das hierarquias de gênero e/ou violência de gênero? Consideradas enquanto construção, essas relações também podem ser desconstruídas? Boas reflexões....  
Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 24 - quinta, 10 fevereiro 2011, 20:56

Então a categoria gênero nas relações de poder refere - se às lutas dos movimentos sociais feministas contra a submissão e os estereótipos associados à inferioridade da mulher em relação ao homem e do LGBTTT em prol dos direitos humanos e civis de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros.

As identidades de gênero devem ser construídas contra o universo masculino, porém as relações homoafetivas e as demonstrações públicas são entendidas de forma pejorativa sendo discriminadas e apesar da liberdade de orientação sexual, o ideal da sociedade se legitima como heterossexual.

E assim, a homofobia e a misoginia tendem a reafirmar os estereótipos relacionados ao gênero numa sociedade plural e assim apesar da construção das identidades de gênero sócio-histórica e culturalmente as relações de hierarquia e de violência de gênero ou mesmo de repressão não são desconstruídas o que reforça os preconceitos e as discriminações e ainda a exclusão de caráter do gênero.

Re: O conceito de Gênero

C 18 - sexta, 11 fevereiro 2011, 14:19

Com base na leitura do texto, podemos ter claramente como se diferencia o sexo anatômico em si, com o gênero, pois o gênero é como o indivíduo se sente como ser independente do sexo, podemos perceber isto no longa "Minha vida em cor de rosa". O gênero se consolidou e se consolida através de movimentos sociais, onde a mulher passa a não aceitar a submissão do sexo masculino, como sendo o todo poderoso e busca o seu lugar na sociedade. E cada vez mais a mulher ou o "gênero feminino" vem ocupando os cargos "ditos" masculinos

Re: O conceito de Gênero

C 18 - sexta, 11 fevereiro 2011, 14:34

OlaTutora,

A sua colocação me faz lembrar de como nós homens fomos criados e como são criados os homenzinhos de hoje. Creio que o tradicionalismo cultural de nossos pais, avós e até mesmo de nossos ancestrais é que gera uma sociedade preconceituosa e estereotipada, onde o homem tem que mostrar sua "masculinidade" desde os primeiros momentos de sua vida como sendo o ser supremo, forte, todo poderoso. Enquanto a menina é criada como uma boneca de vidro, toda delicada e "domesticada" para servir ao homem.

Quando algo forge a regra causa grande espantamento, isto ocorre porque não somos ou fomos preparados para as grandes diversidades de gêneros existentes, e hoje podemos mais fazer de conta que existe somente dois gêneros. Porém como não fomos preparados para esta diversidade de gêneros, como explicar para o filho dois homens se beijando ou abraçando! É mesmo complicado eu mesmo não sei como lidaria com tal situação. No entanto ensino meus filhos o respeito a qualquer pessoa independente de sexo, raça, credo...

Re: O conceito de Gênero

C 18 - sábado, 12 fevereiro 2011, 10:48

Com relação ao textobase estudado podemos perceber que gênero foi construído a partir dos movimentos sociais que se opunham a dominação do sexo masculino. O conceito de gênero está diretamente ligado as questões culturais, onde o mais forte se sobrepõe ao mais fraco, e por questões biológicas o masculino seria o ser dominante. No entanto esta perspectiva se encontra em fase de decadência. Além da questão cultural há também a questão social de dominação, o que tem mais condições financeiras estará em posição de dominação.

Não acredito que será fácil atingir uma equidade de gênero, pois vivenciamos uma grande diversidade, o que devemos trabalhar enquanto educadores (as)/pais (mães) é o respeito a estas diversidades.

Re: O conceito de Gênero

C 4 - segunda, 14 fevereiro 2011, 22:22

Comecei a escrever sobre gênero a partir de minhas concepções, das idéias dos colegas e das leituras propostas, acabei por fazer um texto mais longo que esperava . Então pensei em dar-lhe um título, se eu o fizesse, poderia ser : Gênero e sexo ou sexo e gênero ?

Esse título pode causar uma grande confusão na mente de algumas pessoas. O sexo de alguém, não é, necessariamente, seu gênero? Isso parece uma verdade histórica, visto as incomensuráveis manifestações de desvios, onde o gênero não condiz com o sexo no sentido anatômico? Ter nascido anatomicamente e, por consequência, funcionalmente com um sexo, não é um determinante intransponível do comportamento em relação à sexualidade? Em sentido amplo, esse comportamento é definido pela esfera mental, psicológica, atuando em um âmbito muito pessoal? Qual o peso dos componentes biológicos e sociais nessa definição pessoal? A Tutora citou em uma postagem Joan Scott, que, como uma pós-estruturalista, afirma a existência de um sexo binário, biológico; enquanto o gênero constitui-se em uma construção cultural. As respostas de Scott para esses questionamentos seriam diferentes das respostas de Butler, também citada, que defende uma outra visão, dizendo “Quem disse que sexo é anterior ao gênero? Compreende-se assim que, para dizer que o sujeito é mulher ou homem, primeiramente tenho que ter uma concepção de gênero dada.” Pedro(2005) defende, dentro da disciplina da história, que a categoria gênero é tão política quanto classe. A idéia fundamenta-se pelo fato dessa categoria não surgir dentro da academia, mas nos movimentos sociais. Ela teria outras respostas aos questionamentos colocados? Se essa categoria é política, como afirma Pedro(2005) , a idéia de gênero está extrapolando as perspectivas biológicas e históricas para se situar em uma esfera das lutas sociais ? Mas os fundamentos desses movimentos sociais estão em certa medida partindo das construções biológicas, que servem de base natural, e das construções históricas, que são bases da reivindicação de mudanças. A colega C17, em uma postagem, cita Mirla Cisne , dizendo “gênero não possui sexo, mas possui raça e etnia, orientação sexual...” e comenta “As pessoas dentro da sociedade, terão diferentes conceitos sobre a opção sexual que o outro assume, depende da classe social a que pertence, e de outros fatores externos e de suas ideologias, cada um poderá se comportar uma de maneira em relação a homossexualidade”. Mirla coloca a idéia de gênero como algo acima dos determinantes biológicos, em uma dimensão humana com um forte apelo às questões relativas às classes sociais, colocando que dominação é mais determinante entre classes que em relação a outros aspectos sociais, como gênero , como disse “o movimento feminista deve convergir para os aspectos político e social”, e também “não se pode analisar gênero isoladamente das determinações econômico-sociais”, C17 explora o subjetivo das pessoas , construído na vida social . Penso que as relações perversas entre classes, marcada pela exploração, erguida sobre os escombros de grupos sociais enfraquecidos, alienados, expropriados , são a estrutura da qual deriva as outras esferas da sociedade. O capital opera de modo implacável para garantir as formas de dominação, manifestadas nos diversos âmbitos sociais , variando no tempo e no espaço. A partir desse conjunto de idéias, apesar das dificuldades inerentes ao assunto, o ideal seria buscar uma síntese, se isso é possível, desses pensamentos, para um melhor dimensionamento do tema gênero .

Podemos pensar essas questões, também, em uma dimensão mais pessoal, a título de explorar o tema , e falar de gênero como visões de mundo que partem de pontos de vista focados em um conjunto de comportamentos , formas de ser pensar e agir, que dão corpo a cada gênero . Acredito que as pessoas não refletem sobre o que é ser de um gênero ou de outro , elas tendem a assumir o que lhes faz sentir realizadas. Essa idéia de gênero, atores distintos no tecido social , foi construída ao longo do processo evolutivo das sociedades , ela varia no tempo e no espaço . Pedro(2005), citando Robert Stroller e sua discussão “sobre o tratamento de pessoas consideradas “intersexos e transexuais””, destaca que “tratava de intervenção cirúrgica para adaptar a anatomia genital (considerada por ele como sexo) com a identidade sexual escolhida(considerada como gênero)”, e o “sentimento de ser mulher” e o “sentimento de ser homem”, e que a identidade de gênero era mais importante do que a anatomia do corpo . O que nos leva a considerar a importância , trazendo novamente para o lado pessoal, dos fatores psicológicos, da esfera mental , como citei anteriormente . Dessa forma Stroller comunga, em certa medida , com as idéias de Butler , dando supremacia à concepção de gênero como o definidor do sexo .

Continuando a explorar o tema, considero que algo comum, que sempre ocorreu, desde os primórdios da humanidade, é a divisão do trabalho, social e familiar , independente do sexo anatômico. Ela pode ser vista, de formas bastante variadas, entre as diversas tribos indígenas no Brasil, por exemplo. No limite, correndo riscos, recorro ao meio selvagem , com o exemplo dos leões que apresentam comportamento distinto entre machos e fêmeas durante a atividade de caça , e relações homossexuais entre machos. Penso que não podemos deixar essa perspectiva fora das discussões sobre sexo, gênero, e a diferenças históricas entre homens e mulheres , é claro que ficando atento para não cair em determinismos .

Percebemos então, como colocou Pedro(2005), que a categoria gênero é tributária dos movimentos feministas e de mulheres, que ao combater o poder dos homens na subordinação das mulheres, criou um universo, o do gênero. Essa idéia passou a ser compartilhada por pessoas do sexo feminino e masculino que transitam entre os gêneros? Penso que só podemos definir um gênero a partir do outro, que é a referência. As



mulheres que transitam para o gênero masculino, o que pensam sobre os movimentos feministas e das mulheres? Assumem o gênero masculino por negação ao feminino ou por sentirem masculinidade, se assim posso dizer, ou as duas coisas? Mais especulações. Conheço mulheres homossexuais que querem combater o poder dos homens, mas querem, em gênero, serem parecidas com eles, mas também não querem ser confundidas com homens. Isso, no mínimo, cria uma discussão interessante, que “gênero” é esse? O que as feministas pensam disso tudo? Qual o nível de preconceito de uma sociedade feminista em relação à transgêneros do sexo masculino e feminino? A sociedade machista discrimina de forma mais contundente a homossexualidade por parte do sexo masculino, por ter uma cultura dominante fundada no homem em sexo gênero? Acredito que essas questões, apesar da complexidade envolvida, são importantes quando se discute gênero.

Re: O conceito de Gênero  
Tutora - segunda, 14 fevereiro 2011, 15:11  
Olá C 24, boa tarde!!!

Vejo que tem conseguido pensar gênero e suas relações. No post anterior, havia questionado se as relações de hierarquia e/ou violência de gênero enquanto construção poderiam ser desconstruídas. Em seu post, você afirma que "não são desconstruídas". Mas volto novamente a questão: e sua concepção sobre essa possível desconstrução. Você não vê perspectivas de mudanças? Abraços continuemos o diálogo!  
Tutora

Re: O conceito de Gênero  
C 24 - segunda, 14 fevereiro 2011, 23:02  
Olá Tutora...

Acredito que seja possível essa desconstrução relacionada às hierarquias e/ou violência de gênero na concepção da equidade, haja vista que as mulheres participam ativamente da sociedade e a idéia de submissão e de inferioridade relacionada ao homem deve ser desconsiderada e assim há mudanças nas relações de poder e na atuação dos gêneros em diferentes abordagens.

Re: O conceito de Gênero  
C 24 - segunda, 14 fevereiro 2011, 14:27  
C 18,

O gênero é construído socialmente sendo diretamente relacionado à cultura para além do caráter biológico em que se refere o sexo e assim a equidade de gênero pode ser atingida apesar dos conflitos e das diferenças devido a ascensão da mulher no espaço público como na sociedade em geral e principalmente no mercado de trabalho e no espaço privado ou doméstico em casa e na família, sendo assim a diversidade deve ser respeitada e aceita em prol da equidade de gênero que desconsidera a submissão e a discriminação da mulher.

Re: O conceito de Gênero  
Tutora - segunda, 14 fevereiro 2011, 16:01  
Olá C 18, tudo bem?

Lendo os seus posts sobre o entendimento de gênero no contexto escolar, me fez recordar o que Louro (2004) afirma sobre práticas “banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como natural” (2004, p.63). Partindo dessa perspectiva, pensemos nos seguintes questionamentos: afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupo, para as filas e para as atividades recreativas? Que as meninas tenham cadernos mais caprichados e bonitos do que os meninos? Que o desempenho nas diferentes disciplinas revele as diferenças de interesses e “aptidão” características de cada gênero? E quando isso não acontece, temos um problema em sala de aula? Outro ponto que me chamou atenção nas suas reflexões se refere à sua afirmação: “ E cada vez mais a mulher ou o "gênero feminino" vem ocupando os cargos "ditos" masculinos.” Partindo desse entendimento lhe questiono: uma pessoa do sexo masculino (perspectiva biológica) que se identifica enquanto gay (identidade de gênero) possuindo uma performance efeminada, também terá as mesmas oportunidades de trabalho que um homem (perspectiva biológica) identidade de gênero masculina?Boas reflexões...  
Abraços,Tutora

Re: O conceito de Gênero  
C 17 - segunda, 14 fevereiro 2011, 14:31

Segundo Mirna Cisne gênero não possui sexo, mas possui raça e etnia, orientação sexual... As pessoas dentro da sociedade,terão diferentes conceitos sobre a opção sexual que o outro assume, depende da classe social a

que pertence, e de outros fatores externos e de suas ideologias, cada um poderá se comportar uma de maneira em relação a homossexualidade, por exemplo.

O gênero masculino e feminino poderá ser ocupado por ambos os sexos biológicos e também sofrerá com as discriminações sejam pequenas ou grandes e construídas de acordo com as classes, raças, etnia e etc.

Para Marx tudo que está ocorrendo está vinculado aos interesses da burguesia. Seria desvantajoso que as desigualdades sociais ou de gênero dessem lugar a igualdade, liberdade e garantissem que todos os sujeitos fossem livres para expressar o que sentem.

A cultura, sociedade e gênero foram sendo construídas nas e pelas relações sociais estabelecidas dentro da sociedade. Marx, ao analisar as Teses sobre Feuerbach, diz que "a essência humana não é algo abstrato, interior a cada indivíduo isolado. É em sua realidade, o conjunto das relações sociais.

Re: O conceito de Gênero

C14 - segunda, 14 fevereiro 2011, 20:28

Boa noite Cursistas,

Após fazer as leituras dos textos propostos venho aqui pontuar algumas questões que achei pertinentes.

A definição de gênero pode ser considerado um fenômeno histórico, social e cultural, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Como pontua SCOTT: "gênero é, de fato, um aspecto geral da organização social. E pode ser encontrado em muitos lugares, já que os significados da diferença sexual são invocados e disputados como parte de muitos tipos de lutas pelo poder. O saber social e cultural a respeito da diferença sexual é, portanto, produzido no decorrer da maior parte dos eventos e processos estudados como história" (pág 20).

O estudo do gênero possibilita entender e "...compreender como a subordinação é reproduzida e a dominação masculina é sustentada em suas múltiplas manifestações, buscando incorporar as dimensões subjetiva e simbólica de poder, para além das fronteiras materiais e das conformações biológicas..." (Araújo pág. 68).

A compreensão das diferenças entre os gêneros que foram traçados ao longo da história é de suma importância para compreender e repensar as "verdades" consolidadas, e contribuir para um pensamento menos excludente.

Re: O conceito de Gênero

C 14 - segunda, 14 fevereiro 2011, 20:52

Boa noite Cursistas,

Como educadores devemos nos mobilizar para ações contra padrões e processos de exclusões instituídos ao longo da história, implementar nas escolas a diversidade cultural, pois as diferenças são socialmente construídas e estão envolvidas com as relações de poder, é preciso efetivar uma pedagogia da valorização das diferenças, para isso devemos defender uma educação questionadora dos conceitos essencialistas e tratá-los como categorias socialmente constituídas no decorrer dos discursos históricos.

Re: O conceito de Gênero

C 3 - segunda, 14 fevereiro 2011, 21:20

Oi C 14,

é preciso fazer isso mesmo, concordo mas nós fomos educadas de uma forma contrária, você há de concordar comigo! Com certeza é um desafio, fico imaginando quando conseguiremos. SAID no livro Orientalismo coloca que tudo que sabemos sobre o Oriente é uma construção do Ocidente, quando pensamos nisso sentimo- nos meio que sem saber como reagir pois teremos que ir contra tudo que acreditamos ou que fomos ensinadas a pensar e ficamos meio que 'capegando' meio que remando numa direção contrária, por exemplo será que a próxima geração conseguirá encaminhar estas discussões de outras formas menos excludentes? Tenho dúvidas pois a educação atual continua na direção de formar trabalhadores para o capital, sendo assim, educa seres humanos egoístas e mais e mais competidores. Se a educação não se encaminha na direção que você coloca estaremos formando pessoas da mesma maneira que formaram nossa geração.

O que você acha? Acredita que as discussões sobre gênero colocadas na academia conseguem modificar a realidade? Ou você tem dificuldades, assim como os movimentos sociais, de acreditar nisso? Vamos nos falando.

Re: O conceito de Gênero

C 3 - segunda, 14 fevereiro 2011, 21:07

Boa noite gente,

o assunto gênero é muito novo para mim, nunca havia lido nada a respeito, enquanto lia os textos fiquei pensando: na verdade as discussões colocadas na academia para discutir gênero são ou não na direção de provocar mudanças? Depois li o que uma das autoras coloca no que se refere ao esvaziamento das discussões quando estas são encaminhadas para a academia. Será que as teorizações conseguem caminhar na direção de

provocar mudanças na realidade? Se provocam em que medida conseguem fazer isso? Sinceramente não sei! Ainda não escrevi nada neste fórum pois ainda estou tentando entender algumas questões que foram colocadas, ainda não consigo, tranquilamente, elaborar meu conceito de gênero a partir de tudo que li... Mas logo conseguirei... alguém podia me ajudar a pensar estas questões que estão me martelando a cabeça.

Re: O conceito de Gênero

C 2 - segunda, 14 fevereiro 2011, 22:55

Realmente nunca havia imaginado que poderia haver essa dualidade, essa forma de pensamento quanto ao conceito de gênero. Segundo o texto da Joana, o conceito foi bem contextualizado, fez uma história que acompanhou cada momento que o caracterizasse. Afinal, gênero e sexo são opostos? O gênero diz respeito ao social e o sexo ao biológico?

O texto vem costurando essa idéia desde que surge as primeiras discussões sobre o assunto. Afinal de contas, até nossos dias não temos uma definição clara. De acordo com o momento histórico social, os conceitos mudam para atender aos anseios da sociedade "feminina" que a forma. Gênero e sexo caracterizam a mesma coisa?

Re: O conceito de Gênero

C 17 - segunda, 14 fevereiro 2011, 13:12

Desde o começo as mulheres são subordinadas aos homens, a própria história trás fatos, onde elas são deixadas em segundo plano. A mulher vem conseguindo desfazer tudo isso, desde o momento em que deixou de fazer apenas o trabalho doméstico e começou a ocupar cargos que antes era destinado aos homens, mas ainda sofre com baixos salários, apesar de desempenhar a mesma função deles e com a dupla ou tripla jornada de trabalho. Tudo isso vem acontecendo em consequência das relações sociais, no convívio entre homens e mulheres, que vão sendo transformados a partir de muitos conflitos que ocorreram e continuam ocorrendo na sociedade. No começo havia um padrão de família, propriedade e estado, tudo isso foi sendo modificado no decorrer dos anos. (...A perspectiva histórica e material possibilita pensar as práticas sociais, a construção das instituições, assim como os valores transmitidos através das gerações, como processos mutáveis, que ocorrem via uma agência humana, ativa e dinâmica, embora não determinista...) Clara Araújo, p 65 .

Como mostra THERBORN, ser um sujeito humano é algo existencial, ser indivíduo sexuado, em ponto particular de seu ciclo de vida, relacionando-se com os outros indivíduos sexuados(...) é também algo histórico-ser uma pessoa que existe somente em certa sociedade(...) inclusive (ser um membro de um mundo significado), posicional ter um lugar particular no mundo em relação a outros membros deles, ter gênero ou idade particular, uma ocupação, uma etnia... O modo como as pessoas vão agir, depende dos fatores externos, que presença na sociedade em que vive, de alguma forma o papel dominador dos homens foi sendo desconstruído com o passar dos anos, a mulher começou então a ocupar funções que eram destinados exclusivamente aos homens, é claro que arcando com todas as consequências.

A junção do sexo características biológicas com as relações estabelecidas dentro da sociedade deu origem ao gênero, que aparece para tentar entender a subordinação, a dominação masculina, as lutas das feministas, na busca de algumas explicações para tudo que estava acontecendo, isto deveria estar além das características biológicas e financeiras. Foi usada como recurso para pensar ou repensar os lugares que o feminino e o masculino devem ocupar, é claro que passou por conflitos que contribuíram para que ocorresse mudanças no conceito de cultura e na ideologia das pessoas, buscando mais detalhamento de como são formados os gêneros masculinos e femininos, é claro que foi necessário analisar todas formas de dominação que ocorreram no passado, para que alguns erros não fossem novamente cometidos. Clara Araújo diz que gênero deixa de ser um conceito, isto é uma forma de ampliar e entender a trajetória em torno da qual a dominação, foi se estruturando nas práticas materiais e na subjetividade humana, para tornar-se um conceito totalizador, um modelo próprio e autônomo de análises das relações de dominação /subordinação, centrado exclusivamente na construção dos significados e símbolos das identidades masculinas e femininas...

Re: O conceito de Gênero

C 14 - terça, 15 fevereiro 2011, 20:03

Boa noite C 3,

Realmente vivemos em uma sociedade de diferenças e subordinações, a estrutura familiar (pai, mãe e filhos) foi cicatrizada em nossa história, abrir mão de anos de história cultural não é fácil, mas percebo que nos dias atuais há uma preocupação maior em rever alguns conceitos (prova disso nossa especialização).

Na história do Brasil percebi muitos ganhos com movimentos sociais, com reivindicações, claro que muita coisa não acontece como descrita no papel, um ganho para nós (digo mulheres) a lei MARIA DA PENHA, que ajudou muitas mulheres a enfrentar o medo. Apenas um exemplo da força de um povo.

No Brasil já conseguimos tirar um presidente do poder, acredito que conseguiremos mudar uma nação através da EDUCAÇÃO, pois se não acreditasse nisso não estaria nesta especialização. Não podemos ficar de "braços cruzados", uma pedagogia inovadora é o primeiro passo para tentar mudar a nossa realidade, da nossa nação, dos nossos alunos e do futuro.

Partes de uma música que me faz pensar muito no futuro:

Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores

Re: O conceito de Gênero

Tutora - terça, 15 fevereiro 2011, 15:29

Olá C 14, tudo bem?

Lendo seu post, logo me lembrei do que Ribeiro e Soares (2008) pontuam sobre o reconhecimento de diversidades culturais e de gênero no espaço da escola. Para as autoras, a escola necessita compreender as identidades de gênero que são construídas contemporaneamente, e continuam afirmando que essas identidades são "calcadas no princípio de que as identidades de gênero são significadas na e pela cultura, e por ela continuamente ressignificadas". Nesse sentido, trazendo a discussão para o contexto escolar e, especificamente, para nossas práticas pedagógicas, lhe questiono: devemos impor regras nas escolas? Sempre falamos das cores, esportes, sexualidade, como gostar... A menina gosta muito de outra menininha. Já vem o olhar de vigiar. Alguns dizem temos que evitar problemas. Será que a nossa perspectiva é libertaria? Deixar brincar, explorar? Ou vigiar, banir comportamentos que fogem a heteronormatividade?

Boas reflexões!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 14 - terça, 15 fevereiro 2011, 21:33

Boa noite Tutora,

O questionamento é muito pertinente e realmente me faz pensar sobre os meus conceitos sobre gênero e sexualidade.

A educação tem um grande desafio pela frente, sabemos que ao longo da história fomos convencidos que a estrutura perfeita de família era pai, mãe e filhos. O assunto de gênero e sexualidade é muito polêmico, sabemos que a sociedade é verdadeiramente homofóbica.

A dificuldade se estende em todo campo educacional, pois questões relacionadas a gênero e sexualidade surgem cotidianamente na sala de aula: violência doméstica, gravidez na adolescência, homofobia, abuso sexual, prostituição e muitos outros que fazem com que nós educadores demandemos soluções para as perguntas que muitas vezes não queremos e não nos propomos a dar respostas.

Devemos nos oportunizar e ampliar de fato o significado de gênero e sexualidade como uma experiência rica e saudável, procurar harmonizar as diferenças e favorecer a integração de todos.

Não se estabelece a diferença e a diversidade BANALIZANDO comportamentos e escolhas individuais. A educação é a democracia para aqueles que buscam a liberdade.

Abraços, C 14

Re: O conceito de Gênero

Tutora - terça, 15 fevereiro 2011, 10:12

Olá C 17, C 14 e C 3. Tudo bem?

Interessantes reflexões... Gostaria de poder contribuir um pouco com as mesmas. Quando no post de C17 é analisada a questão da dominação dos homens em relação às mulheres, acredito ser interessante compreendermos essas relações procurando sempre fazer um recorte sobre determinado momento histórico e, conseqüentemente, seu contexto.

Tem críticas que foram colocadas que realmente são importantes, uma delas é essa que estamos tentando colocar aqui, a questão do gênero. Por mais que fiquemos na discussão, por exemplo, dentro do marxismo, da revolução, isso não garante que ao fazer à revolução social as questões de gênero vão se resolver normalmente. Por quê? Porque a dominação de gênero dentro da classe trabalhadora foi estabelecida, o operário tem uma relação hierárquica de gênero com sua esposa, não é só o burguês que explora a mulher operária, a relação não é essa. É isso que o texto de Clara Araújo traz como reflexão. Se tiver problema só a questão da revolução não resolve. Podemos chegar então no entendimento de que o marxismo apresenta algumas lacunas e, que no pós-estruturalismo é o simbólico; ou seja, as coisas funcionam no nível do simbólico, na construção de significados. O problema da crítica do pós-estruturalismo passa por aí: como é que o pós-estruturalismo percebe algo que já vem desde o estruturalismo. A dicção, a linguagem o simbólico que constrói o real e não o contrário, o real que determina o simbólico. Se eu for mulher, não é porque eu nasci mulher, mas é porque a minha sociedade já tem uma construção do que é ser mulher, tem um discurso, já possui significados sólidos. (Se lembra do discurso da Judith Butler citado por Pedro 2005?).

A idéia de linguagem passa muito pela perspectiva de “contaram pra gente o que é ser mulher e ser homem e como se dão as relações, contaram ao longo de nossa trajetória de vida, do que é ser uma mulher honesta e do que é ser um homem honesto”, então temos essa construção muito bem desenhada, em nosso processo de constituição corporal, o que também nos faz termos uma performance desenhada, o que temos que buscar, do que é ser feminino e do que é ser masculino, no sentido do bem aceito socialmente... Mas qual é a crítica? A crítica é cairmos na descrição sem compreender, é só ficar explicando o que é mulher, o que é homem na antiguidade, por exemplo, sem compreender o que essas relações de hierarquia e dominação influenciaram enquanto relações de poder naquela sociedade. A mesma coisa é hoje, o que é ser mulher, ser homem, ser gay, ser lésbica, ser travesti, ser trans nessa sociedade? Assim, penso ser interessante nos atentarmos para as diferentes perspectivas teóricas para pensarmos gênero e suas relações e; que acima de tudo são posições políticas, não são teorias neutras. É uma categoria em construção, tida como ato político em relação com os movimentos sociais.

Talvez eu esteja fazendo escola com Butler (rs), ainda não sei dizer... Mas, pretendo aprofundar mais meus estudos. C3, não se preocupe, pois assim como você ainda não tenho um posicionamento e sim algumas afinidades de concepções... Sugiro que possamos transitar pelas teorias e, quem sabe assim, ao final do curso já possamos lidar com mais tranquilidade com essa categoria que está em disputa, em construção.

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 17 - terça, 15 fevereiro 2011, 14:57

Ainda me sinto bastante confusa sobre o tema gênero, mas estou lendo e tentando compreender um pouco mais. Joan Scott diz que gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais, que é construída durante a história, nas relações entre culturas e sociedades, consequentemente entre homens e mulheres. Esse sinônimo nasce das disputas políticas e também das relações de poder.

Organizar socialmente as diferenças sociais e corporais é o mesmo que tentar entender gênero, é preciso analisar todas essas características, observando as culturas, os grupos sociais e o tempo em que estão ocorrendo, verificando que as representações do passado nos ajudam a entender o presente, precisamos então da história para entender a palavra gênero.

E ela nos trás momentos onde mulheres sofrem com o preconceito masculino, por isso sempre que formos falar de gênero citaremos esse assunto (...O que parecia necessário era a análise das discriminações que incluísse as próprias categorias, categorias como classe, trabalhador, cidadão e até homem, mulher...) Joan Scott p15, 1986

(...E os historiadores, deixam claro que a diferença sexual é fenômeno natural e não social...) Joan Scott p15, 1986, Eles acabam falando que o fato das mulheres serem discriminadas é algo natural, por serem diferentes sexualmente.

(...As diferentes políticas entre as mulheres, não podem ser explicadas pela falta de consciência. Esta visão toma a política feminista mais auto-consciente e auto-crítica e a vincula estreitamente à análise de gênero como produção do saber sobre a diferença sexual...) Joan Scott p19, 1986. Pois existe uma tentativa em explicar o porquê tudo ocorreu e ocorre dessa maneira, além de fazerem parte do mesmo projeto político. É necessário falar e pensar em gênero para tentar entender, tudo que está acontecendo a nossa volta, além de buscarmos no passado algumas explicações para o presente.

Segundo Joan Scott, a história não é mais a respeito do que aconteceu com homens e mulheres, e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídas, se somos seres humanos, estamos em constante mudança, assim como nossas identidades, por isso não podemos entender o conceito de gênero como algo pronto e acabado.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - terça, 15 fevereiro 2011, 15:39

Boa tarde C 4 e C 2!

C4, o texto produzido a partir das reflexões que as obras lhe possibilitaram, ficou bastante interessante.

Nesse, consegue trazer alguns questionamentos que ora permeiam nossos pensamentos e nos faz seguir em busca de uma resposta, se é que conseguiremos nesse momento construir uma. Vimos que divers@s autor@s possuem concepções diferenciadas em relação a sexo e gênero. Penso que, num primeiro momento, sem a pretensão de atingir um posicionamento teórico, devemos nos possibilitar entender essas relações (e aí nos permitamos esse neologismo sexogênero – gênerosexo). Pensando um pouco mais sobre suas concepções acredito que muita das vezes nos pegamos refletindo gênero e sexo de forma binária e, quando assim não o é, nossas discussões mesmo que permeadas por outras identidades de gênero e identidades sexuais sempre acabam por desejar respostas que sejam muito bem definidas e, é exatamente aí que penso estar nossa grande dificuldade.

Mas voltando e talvez reforçando o que disse anteriormente, continuemos discutir à questão gênero-cultura x sexo-cultura (que também faz parte dos questionamentos feitos por C2). Assim, gostaria que me ajudassem a pensar outros questionamentos: se o gênero é cultural, tão cultural também não seria o sexo? Se sexo é tão cultural quanto gênero, como separar tais categorias? Aqui o sexo e lá o gênero? Sexo e gênero não seriam uma via de mão dupla que influenciam um ao outro mutuamente? Homens e mulheres não elaboraram culturalmente seu sexo, que por sua vez lhes auxiliou na compreensão de seus gêneros e que ao mesmo tempo não lhes permitiu que se vissem como macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino?

Recorramos novamente a Butler (apud PEDRO, 2005, p. 91), quando afirma que “[...] se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Então o sexo está para o gênero na medida em que o gênero está para o sexo, e ambos são mediados por fatores históricos, culturais, subjetivos, políticos, filosóficos, biológicos, éticos e estéticos? O que pensam sobre esses questionamentos?

Boas reflexões!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 6 - terça, 15 fevereiro 2011, 17:03

Boa tarde Tutora

Concordo quando diz que para entender a questão do gênero é preciso estudarmos a questão da cultura, por isso pra nós cursista de certa forma esta sendo "fácil" de compreender tais significações. Pensando dessa forma, seria interessante que todos que trabalham na aréa da educação deveriam fazer algum curso relacionado a essas tématique, e para que ocorra uma equidade de gênero, acredito que todos deveriam entender também esses temas. Como não trabalho em escola no momento, surgiu uma duvida: será que nas escolas foram criada alguma disciplina especifica que aborda tal temática, ou estas são trabalhada só em projetos?

Abraços.

Re: O conceito de Gênero

C 3 - terça, 15 fevereiro 2011, 08:38

Bom dia,C 18!

Você tem razão quando diz que: E cada vez mais a mulher ou o "gênero feminino" vem ocupando os cargos "ditos" masculinos.

Entretanto tenho certa dificuldade de pensar esta inclusão feminina, apesar de considerá - la como avanços pois percebemos que se inclui a mulher mas paga menos, ela passa a ter até jornada tripla e assim por diante; em relação a alguns detalhes há avanços mas e a qualidade de vida dela, como fica? Além de mãe, esposa, dona de casa e funcionária e além de tudo mulher tem que ser bonita, cheirosa e estar sempre arrumada! Nas leituras que a disciplina nos indicou uma das autoras considera que quando a mulher começa a ter independência financeira sua situação frente ao sexo masculino é modificada sim como você argumenta. Acredito sinceramente que ainda temos um longo caminho a percorrer quando o assunto é inclusão feminina mas com certeza tem que existir um começo mesmo que não seja tão justo. Claro que já houve avanços mas ainda teremos que caminhar muito e neste respeito o nosso papel enquanto formadores e formadoras de opiniões é fundamental, você não concorda?

Re: O conceito de Gênero

C 3 - terça, 15 fevereiro 2011, 09:40

Bom dia Tutora!

A resposta á sua pergunta é não!

acredito que uma pessoa do sexo masculino (perspectiva biológica) que se identifica enquanto gay (identidade de gênero) possuindo uma performance efeminada, não terá as mesmas oportunidades de trabalho que um homem (perspectiva biológica) identidade de gênero masculina.

Mas quero colocar uma outra questão que sempre me intrigou; o autor Rubem Alves escreveu um texto em que conta uma história sobre um gato que gostava de cenouras fazendo alusão ás pessoas que optam pela homossexualidade e no texto ele garante que é consequencia de um defeito no gene. Não compartilho desta crença nem sei se isto é pertinente mas na minha escola tem ocorrido discussões acaloradas sobre como cada individuo opta por sua sexualidade.

Conto com vocês colegas para discutirmos esta questão e reavaliar nossas crenças além de um bom exercicio de debates.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - terça, 15 fevereiro 2011, 14:01

Olá C 3, boa tarde!!!

Ao refletir rapidamente sobre seu questionamento penso que quando nos possibilitamos a trabalhar com essa classificação toda, precisamos identificar que existe um processo histórico que definiu perspectivas de gênero e sexualidade, aonde os sujeitos vão fazendo uma identificação possível dentro da cultura... Quando você nos traz a obra de Rubens Alves e o significado da mesma, penso que se torna importante pensarmos a seguinte questão: quem é que vai optar por ser homossexual na nossa sociedade que por sinal é carregada de preconceito e discriminação? Não seria então uma questão de orientação sexual? Na verdade estamos antecipando o debate de uma das disciplinas futuras "Sexualidade e Orientação Sexual". Mas deixo plantado esse questionamento para que possamos amadurecê-lo até o momento da disciplina que propõe essa discussão!

Entretanto, já que se propôs a dialogar sobre o questionamento feito à C18 e, em sua resposta afirma que uma pessoa do sexo masculino com identidade de gênero gay não teria as mesmas oportunidades de uma pessoa do sexo masculino com gênero masculino, gostaria que pudesse nos clarear sua concepção. Porque não há essa igualdade de oportunidades? Estaríamos então nos deparando com violência de gênero? O que pensa sobre isso?

Forte abraço e boas reflexões.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quarta, 16 fevereiro 2011, 17:41

Olá C 6, tudo bem?

A respeito de seu questionamento penso que gênero é um dos temas que são minimamente tratados na escola, para dizer que não se discute. Nossa própria formação deixa a desejar, ou seja, não se debate (e aí pergunto a você se fez alguma disciplina em específico no seu curso de graduação) assuntos que geram polêmica e requerem uma reflexão mais minuciosa dos modelos que são construídos culturalmente. Temos presenciado uma educação que prega muito o respeito às diversidades existentes, inclusão, igualdade de direitos e oportunidades, mas, na realidade, acaba-se praticando a discriminação (sem generalizações) e reforçando o padrão da heteronormatividade onde há uma influência explícita na determinação: meninos e meninas. E as outras identidades de gênero, elas deixam de existir do portão da escola para seu interior?

Aproveitando a oportunidade questiono à você: quais são as práticas de violência de gênero que temos percebido no espaço da escola? Como essas se manifestam? Temos feito algo para minimizar essas ações? Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quarta, 16 fevereiro 2011, 17:54

Olá C 18 e C 3!

O marxismo nos ajuda a entender que a subordinação da mulher, a opressão não é algo natural, tem uma perspectiva histórica e material.

Vocês se lembram do exemplo de Pedro (2005), quando nos relata que as mulheres foram para a guerra? Nesse período as mesmas realizavam atividades de diferentes funções atribuídas aos homens, porém após a guerra as antigas atividades ligadas a casa eram retomadas. Outro exemplo, que pode ser citado é a introdução do trabalho feminino nas fábricas. O processo produtivo exigia uma ampla força de trabalho, dessa forma introduziu-se nas fábricas tanto mulheres como crianças para suprir as necessidades de mercado. Entretanto, isso não ocorreu de forma a valorizar o trabalho feminino, pois quando a produção se estabilizava as mulheres retornavam para a casa.

Esses exemplos nos mostram que as hierarquias de gênero perpassam por uma historicidade. Nessa perspectiva, vemos que essas relações foram culturalmente construídas e, hoje, vem tomando outra trajetória. Como nossa colega C3 nos disse, as mulheres já alcançaram inúmeras conquistas que anteriormente já mais se pensou que pudesse realizar.

Assim pego me imaginando: concordo com C3 quando afirma que ainda temos um longo caminho a percorrer. Mas, quando me pego pensando em outras identidades de gênero (gays, lésbicas, travestis, transexuais) fico refletindo se será possível que essas categorias possam, algum dia, serem bem aceitas socialmente. O que acham?

Boas reflexões!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 6 - quarta, 16 fevereiro 2011, 11:56

Mesmo a pergunta, não sendo direcionada a mim, gostaria de contribuir.

Ao refletir a pergunta da tutora e a resposta da nossa colega C3, fez com que eu repensasse numa discussão feita no curso de GDE (feito no ano de 2009 e 2010) como o homossexualismo ainda sofre na nossa sociedade (família, trabalho, escola, convívio social). Se combinarmos a homossexualidade com raça e classe social, sem dúvidas essa discriminação se acentua ainda mais, ou seja, uma pessoa negra, pobre e gay sofre ainda mais a discriminação, são ridicularizadas diretamente, sem levar em conta os valores como pessoa. Por exemplo, eu mesma já precisei falas do tipo: “Não tem nada, e ainda é preto gay”.

Re: O conceito de Gênero

C 18 - quarta, 16 fevereiro 2011, 17:00

OlaTutora,

Você me fez refletir. No entanto, creio que se o indivíduo tiver competência para o cargo, e que mantenha o respeito no ambiente de trabalho, acredito que tera oportunidades sim. Mas volto a resaltar o RESPEITO.

Re: O conceito de Gênero

C 17 - quarta, 16 fevereiro 2011, 12:37

É verdade Tutora, sexo e gênero são quase que impossível de serem separados, um influencia o outro e vice-versa. O sexo é determinado biologicamente, o gênero vai sendo construído de acordo com a bagagem cultural da pessoa, mas um não existe sem o outro, talvez o primeiro também está relacionado a cultura. Recorramos novamente a Butler (apud PEDRO, 2005, p. 91), quando afirma que “[...] se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Então poderíamos concluir que sexo é gênero? Os dois estão dependentes de vários fatores, biológicos, culturais, políticos e outros, portanto são inseparáveis.

Re: O conceito de Gênero

C 15 - quarta, 16 fevereiro 2011, 15:37

A distinção entre sexo e gênero pra mim é bem clara, como foi citado várias vezes pelos colegas são conceitos distintos. O Sexo é biológico o Gênero é cultural. O sexo traz em si características genéticas comportamentais que lhe são peculiar, no entanto o fator cultural é também preponderante. Gosto de falar para os meus alunos de uma forma bem simples: "Sexo é genital Gênero é psicológico" e muitas vezes o seu sexo físico não é compatível com seu psicológico. O seu sexo é definido pelos genes herdados por seus pais, o gênero também em partes é definido geneticamente mas é totalmente influenciado pelo meio. Sendo o homem um ser biopsicossocial ele é resultado de várias interações.

Re: O conceito de Gênero

C 4- quarta, 16 fevereiro 2011, 15:25

Dando seqüência ao pensamento e tentando contribuir com a discussão apontada pela Tutora, citando C2. O que coloco não toca em amenidades, corta na carne. Penso que é difícil para seres sexuados a partir de determinantes anatômicos, abandonarem esse fator para conceber gênero e sexo como a “mesma coisa”, considerando as variações dentro dessas categorias. Como disse a Tutora “nos pegamos refletindo gênero e sexo de forma binária e, quando assim não o é,” “Sexo e gênero não seriam uma via de mão dupla que influenciam um ao outro mutuamente?” Nesse caso a idéia de sexo é a idéia do erotismo, da anatomia ou do papel social? Para Butler “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Pode ser uma limitação minha, mas é difícil conceber a coisa dessa forma. Então, independente da conduta erótica de cada pessoa, se ela transitou entre gêneros ou sexos, o seu gênero é o mesmo que seu sexo, então a anatomia, as funções naturais de reprodução, as diferenças na estrutura do corpo como os músculos, tudo isso é desconsiderado? Seu gênero é seu sexo? Então uma pessoa que foi registrada como mulher e é homossexual pode competir em esportes no grupo dos homens? É especulação, mas a coisa está confusa. Posso estar errado mas parece que jogam fora o bebê com a água do banho! Estou enganado ou estão negando as funções sexuais, as relações de reprodução que envolvem interação entre organismos anatômica e funcionalmente diferentes? A pergunta é, onde ficam as necessidades naturais de reprodução fundadas em seres com aparelhos reprodutores diferentes e que se complementam, quando se quer igualar tudo em nome da teoria científica e/ou da igualdade de direitos? Não sou contra essa igualdade. Então como definir a diferença entre os órgãos reprodutores, são diferenças em que? Essa luta por igualdade não pode extrapolar determinações naturais. Se gênero e sexo não possuem distinção, onde entram os fatores biológicos, ou então não existe homossexualismo ou a relação homoerótica? É como na antiguidade romana, quando não existiam esses conceitos? Temos que dar nome a essa diferença. As pessoas enquadram em um gênero a partir de que fatores? É realmente necessário fazer essa construção teórica para defender a igualdade entre os gêneros? Disse a Tutora, “Homens e mulheres não elaboraram culturalmente seu sexo, que por sua vez lhes auxiliou na compreensão de seus gêneros e que ao



mesmo tempo não lhes permitiu que se vissem como macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino?”. Quais as contradições envolvidas nessas idéias dos autores ? Os termos masculino/feminino, macho/fêmea, homem/mulher, são terminologias derivadas das diferenças naturais entre seres diferentes, que evoluíram assim para garantir a reprodução, que tenham uma dimensão social, histórica, cultural, mas existe uma diferença biológica .Não sou contra essa visão em si, mas acredito que passam por cima de fatores importantes nessa definição. Então , pergunto novamente, como devo chamar os atributos reprodutivos dos seres humanos e o papel sócio-erótico , arriscando um neologismo, desempenhado por cada indivíduo ? Com certeza muitos vão considerar essas colocações machistas, deterministas, facistas, ou coisa pior ,mas considero que são questionamentos válidos, por partirem da vivência e dos estudos teóricos e que são legítimas dúvidas e questionamentos,estamos aqui para discutir,posso não ser compreendido, assumo os riscos.

Re: O conceito de Gênero

C 4- quarta, 16 fevereiro 2011, 15:27

Reflexões sobre a família e a escola na construção da equidade de gênero e na orientação sexual . A organização da família brasileira , fundamentada no patriarcado, na divisão sexual do trabalho , que reconhece o gênero apenas como o determinado pelo sexo anatômico , não abre espaço para discussões e conversas familiares sobre o possibilidade de transito entre os gêneros ou de uma postura diferenciada no papel das mulheres.Como disse Clara Araújo ,falando dos processos de produção e reprodução social, em seu texto sobre Marxismo , feminismo e o enfoque de gênero, “ (...) tais processos se realizam via sujeitos sociais sexuados , os quais, através de suas práticas e interações com vistas à reprodução social e da espécie , dão origem a instituições, também históricas, como , por exemplo, a família.”A principio o que se tem é a repressão , discussões e conversas no sentido conservador , tratando as crianças como se tivessem, ao nascer, papeis pré-determinados e os que apresentam algum tipo de desvio de gênero ,como alguém que ainda não tem vontade própria , que não tem noção do que está acontecendo , o que me lembra o que foi exposto pelo filme “Minha vida em cor de rosa”.

O trabalho dos pais e mães , que no sentido geral é educar para a vida, considera um mundo concebido dentro do quadro de valores e da cultura dominante . As possibilidades de transição entre gêneros ou algum tipo de mudança no papel social dos sexos ,não são consideradas .Nesse contexto deve-se esperar muito pouco dos pais e mães no que diz respeito à educação para a igualdade de gênero, historicamente pais e mães ,assumiram papeis distintos dentro de casa e é assim que os filhos são educados . É até difícil cobrar desses atores posturas diferenciadas , pois para eles isso é o natural , o normal .A sociedade tem avançado lentamente no sentido da diminuição da discriminação das mulheres , e dos transgêneros , mas ainda está longe de superar o preconceito, a dominação do masculino sobre o feminino . Citando novamente Clara Araújo , “ A família moderna nada mais é do que a expressão dessa “derrota histórica” das mulheres , ou seja , algo construído e mediado pelas relações socioeconômicas ao longo do tempo e do espaço “. A família precisa primeiro superar ao menos um pouco dessa estrutura para ter condição de atuar melhor rumo à igualdade de gênero , as próprias mulheres em geral contribuem para reforçar essa condição de submissão ,sentido-se até mais confortáveis socialmente quando não ousam transgredir valores instituídos .

O papel ideal da família seria de, enquanto célula básica do espaço de individuação ,educar para a vida considerando suas diversas possibilidades , considerando os desejos intrínsecos de cada pessoa , levando-a ao máximo de sua realização pessoal para que todos cheguem a felicidade consigo mesmo e com o meio social . Mas isso efetivamente não acontece , não tenho exemplo a citar de casos onde a família teve uma postura mais liberal ,por exemplo , em relação ao homossexualismo . A família e a escola tem contribuído muito pouco para a superação das desigualdades de gênero , do preconceito em relação às manifestações homossexuais , falta formação intelectual , carecemos de uma mentalidade nesse sentido . Acredito que nesse momento entra o papel da escola , do professor . O ensino sistematizado , a formação teórica e a ação orientada da escola e professores , pode contribuir para a construção da igualdade de gênero e do respeito às diferenças na orientação sexual. Talvez seja até exigir muito da família , considerando o contexto cultural , mas da escola pode-se cobrar mais uma formação que contemple essas questões , inclusive discutindo o que a família tem feito, que é reforçar a estrutura existente. É uma situação bastante delicada para o professor , por exemplo, conduzir os alunos à formação de sua identidade de gênero , não determinar o que cada um deve ser e se comportar a partir do sexo anatômico , mas orientar na aceitação por parte de cada um do que ele efetivamente é , e do grupo em relação às diferenças individuais , seja entre homens e mulheres ou entre transgêneros .

Re: O conceito de Gênero

C 18 - quarta, 16 fevereiro 2011, 17:25

O contexto entre sexo e gênero é que o "Sexo é anatômico, biológico" e o "Gênero é a opção de cada um, como diz a colega C15, o psicológico independente do sexo anatômico".

Com mencionado no texto "Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero, os processos das relações sociais, inclusive as que se desenvolvem entre homens e mulheres, são construídas, reproduzidas e transformadas, uma vez que a natureza humana não é concebida como algo ontológico e imutável, mas produto das práticas sociais..."

A partir deste contexto, que nos professores, enquanto formadores de opinião e até mesmo como fontes de exemplos, devemos quebrar o tabu de que o homem não possa ajudar nas tarefas de casa, que a mulher não possa assumir trabalhos antes ocupados por homens, alias trabalho em uma escola de zona rural, na qual as mulheres da comunidade trabalham em serviços de colheita, planta e outros mais, antes ocupados por homens. E vale ressaltar que trabalham mais que os homens mostrando que o sexo anatômico não interferiu em nada. Porém os homens ainda são os "machões" e criam seus filhos assim. Cabendo a nós professores quebrar esta cultura, e é difícil...

Re: O conceito de Gênero

C 8 - quinta, 17 fevereiro 2011, 00:59

Boa noite a todos

Embora ainda seja muito ignorante com relação ao tema gênero, tenho tentado nos últimos dias construir algumas respostas as minhas próprias dúvidas, que não são poucas. De forma breve consigo definir como a C15 que sexo refere-se a parte biológica dos indivíduos (homem, Mulher) e que gênero faz referencia a formação da identidade dos indivíduos, como salienta Scott a construção da identidade sexual tem um caráter histórico e social que se fundamenta na representação do que é ser feminino e masculino.

A concepção de masculino e feminino ocorre antes mesmo da percepção sexual, ou seja, antes do conhecimento anatômico do sexo, faz parte do processo histórico social da educação das crianças. A cor azul é para os homens a cor rosa para as mulheres. Já nascemos fazendo parte das relações culturais que definem os papéis masculinos e femininos.

A identidade de gênero é estabelecida e aprendida no meio social, faz parte do discurso educacional da família, da escola da igreja. Todos somos condicionados a seguir um modelo do que é ser homem e do que é ser mulher, os que não se adaptam a este modelo é punido socialmente com violência e discriminação. Por isso Tutora embora tenha o otimismo da C3, quanto a sua questão penso que esta será uma grande jornada, uma luta que começa agora, mas que terá suas batalhas vencidas no futuro. Temos que crescer como humanidade. As mudanças culturais são lentas por isso os retrocessos na luta e nas conquistas femininas.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quinta, 17 fevereiro 2011, 10:54

Olá C 8, tudo bem?

Para tentar clarear um pouco mais o entendimento do conceito de Gênero, lembremos do que Pedro (2005) nos coloca sobre o uso da categoria: focaliza as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres. Muitos questionamentos relacionados ao gênero são tributários dos movimentos gays e lesbicos. Dessa forma, pensemos também na contribuição desses movimentos na construção do conceito de gênero, que por sua vez, é considerado uma categoria em disputa.

Agora, vamos pensar um pouco mais sobre gênero, questionando as ações do nosso cotidiano?

Se observarmos os diferentes meios de comunicação e divulgação podemos perceber situações que reforçam atribuições a cada gênero? Como perceber isso, por exemplo, nos desenhos animados transmitidos na TV? Abraços, Tutora.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quinta, 17 fevereiro 2011, 10:45

Bom dia C 17 e C 15. Tudo bem?

Segundo Pedro (2005) foi no interior da categoria mulheres que surgiu a categoria gênero constituído por relações sociais, que tenta combater o determinismo biológico. Então quando afirmamos que sexo é biológico não estaríamos sendo exageradamente deterministas?

Pensemos na teoria de Judith Butler, quando ela quer nos dizer: "olha, quem disse que o João nasceu menino, com penis e a Maria menina, com vagina?". Assim, Butler coloca que para que possamos dizer que eu sou menina e ele é menino, eu tenho antes que ter uma concepção de gênero, por isso que o sexo pra ela não é pré-discursivo, não é acultural, não é antes da cultura. Como é que vamos dizer que o gênero é a significação cultural das diferenças sexuais se eu estou nominando, você é fêmea e você é macho. Como é que sei a diferença entre e fêmea e macho e que só existe fêmea e macho se eu não tenho uma concepção anterior a isso? Gostaria que pensassem também nessa perspectiva, onde Butler nos faz refletir que o sexo não é pré-discursivo, ou seja, não é anterior a cultura, ele não é natural, ele é tão cultural quanto o gênero.

Lendo o post de vocês vejo que possuem uma concepção já formada, mas gostaria que tentassem fazer esse exercício, ou seja, pensar na perspectiva de sexo e gênero serem construídos culturalmente. Vemos que é justamente nesse aspecto que se localiza a implosão de Judith Butler com a Joan Scott. A Joan assume sexo como dado, sexo é biológico, natural... e percebo que comungam com a concepção dessa autora. Mas nos possibilitamos a pensar a concepção de Butler, o que acham?  
Abraços, Tutora.

Re: O conceito de Gênero

C 4- quinta, 17 fevereiro 2011, 21:50

O aprendizado de gênero.

É sobre o que se aprende na escola ou na vida social em geral?

Aprende-se que homem é homem, mulher é mulher. Que são diferentes anatomicamente, com um fim específico, são diferentes em comportamento, em força física, e tantas outras coisas. Devem se vestir e ornar-se adequadamente, a mulher valorizando, às vezes expondo, até exagerando, o uso do corpo, o homem forte, vestido como tal, protetor da mulher e da família; o que no fundo, não é feio. É isso que se apreende, o que acontece depois, depende de muitas variáveis, psicológicas, sociais, biológicas.

Não me parece que somos só educados, necessariamente, para o homem ser controlador e a mulher submissa, e os exemplos de mulheres em condição de supremacia não são difíceis, cargos de chefia não são incomuns para o gênero feminino, a presidência da República é um exemplo contundente. Se analisarmos de modo mais amplo as diferenças corporais entre homens e mulheres, percebemos que existem coisas que os homens fazem melhor, e outras que as mulheres fazem melhor, e isso vem de longa história. O que acontece é que, as desigualdades e a dominação entre classes, contamina as famílias, as relações de gênero/sexo, isso também foi o percurso histórico que produziu.

A criança cresce convivendo com uma realidade, e sobre essa realidade cria seus valores, apreende o mundo. Acredito que é necessário mudar muitas coisas, começaria mudando o sistema econômico, pautado na dominação e exploração das classes subalternas, ficaria muito fácil mudar o resto. Se considerarmos que algum tipo de mudança nesse sentido situa-se no reino da utopia, vamos atentar para a orientação dos estudantes, chegar à mente dos pais é bem mais difícil, mas a escola tem muito poder. Ensinar sobre gênero e discutir os assuntos relevantes em relação ao tema, orientar, esclarecer, propor caminhos, falar das possibilidades, desvelar as questões que permeiam as relações de gênero, isso podemos fazer na escola.

Re: O conceito de Gênero

C 11 - quinta, 17 fevereiro 2011, 00:38

Oi C 18!

A sua postagem me fez refletir acerca da identidade de gênero construída em nossa sociedade que atribui papéis específicos para os homens e para as mulheres, discriminando qualquer prática que venha contestar as opiniões arraigadas no senso comum e reafirmadas pela mídia, e pelas práticas sociais e educativas, tanto no âmbito escolar quanto na família.

Os papéis atribuídos aos homens são característicos da “liberdade” da força, da auto-estima, do poder... Os papéis atribuídos às mulheres estão relacionados ao lar, à criação dos filhos, ao “cuidar”, aos empregos e profissões que seriam extensões das atividades desempenhadas no lar (quase sempre desvalorizados no mercado de trabalho). Assim as atitudes e posturas a serem adotadas por mulheres devem estar presentes apenas nos indivíduos biologicamente femininos e as atitudes e posturas masculinas devem ser assumidas por indivíduos biologicamente masculinos.

O que irá caracterizar esses papéis serão as práticas sociais que se dão ao longo do tempo. O que sabemos é que estas concepções estão presentes em nossa sociedade em todos os âmbitos, gerando preconceitos e estereótipos.

A educação construída na escola e no ambiente familiar tem o papel fundamental de reproduzir essas concepções e preconceitos ou de contribuir para que haja uma mudança na visão da sociedade sobre o que é de fato “ser homem” e “ser mulher” e ainda como se dá a relações entre ambos. No ambiente escolar é preciso oferecer igualdade de oportunidades, respeitando as necessidades, habilidades e limitações de homens e mulheres. No ambiente familiar as meninas e os meninos devem ter os mesmos direitos e deveres e praticarem atividades que promovam o seu desenvolvimento como um indivíduo cheio de potencialidades... É muito comum vermos escolas onde os meninos e as meninas têm atividades específicas para cada um, sem haver exceções. E famílias que negam vários direitos às meninas e proporcionam uma educação privilegiada e machista para os meninos.

Fico profundamente incomodada quando presencio algumas atitudes, por exemplo: pais que não deixam os filhos homens brincarem com meninas por que eles poderão se tornar homossexuais e meninas que não podem brincar de carrinhos ou de bola porque devem somente brincar de bonecas, casinhas, fogões, etc...

Estas e outras concepções assimiladas por nossa sociedade contribuem para a situação de desigualdade entre homens e mulheres permaneçam presentes.

Finalizo com uma questão que me faz refletir bastante sobre essas desigualdades: Você diz que na sua comunidade as mulheres trabalham em atividades tão pesadas quanto os homens, mas quando chegam a casa, as atividades domésticas são tão divididas quanto na lavoura?

Continuemos dialogando...

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quinta, 17 fevereiro 2011, 15:02

Olá C 11 e C 18, bom dia!

Vocês apresentam interessantes argumentações que me faz refletir uma pequena passagem do texto de Pedro (2005). Quando ressaltam papéis distintos de menina e menino e que também a aprendizagem de gênero acontece desde que nascemos, pois somos educados pela instituição família para conviver em sociedade e, em seguida, esse aprendizado é reproduzido na escola. podemos entrar na discussão da teoria performática de Judith Butler.

De acordo com essa teoria, nós atuamos de forma performática, no sentido de que produzimos e introjetamos os significados e os rituais que são colocados pela cultura. Ao longo de nossa trajetória de vida nos contaram na família, na escola, o que é ser mulher e ser homem, no sentido do bem aceito socialmente... Cabe ressaltar que não existe uma única performance binária, assim como o gênero não é binário, temos as identidades de gênero, constantemente construídas e passíveis de transformação.

Já ouvimos muitas frases do tipo: “Nossa fulano é gay, mas não parece”. Por que possivelmente houve estranhamento nessa fala?

Abraços, Tutora.

Re: O conceito de Gênero

C 18 - quinta, 17 fevereiro 2011, 19:09

Ola,

Gosto muito do exemplo de uma família de minha comunidade de trabalho. Quando a mãe e o pai estão no trabalho o filho e a filha possuem tarefas pré-determinadas, tais como:

"O menino lava as áreas da casa, a casa por um todo, enquanto a menina cuida da cozinha". Estes dois menino e a menina são maravilhosos de conviver.

Re: O conceito de Gênero

C 11 - quinta, 17 fevereiro 2011, 00:10

Olá coleg@s!

Ao refletir sobre as questões de gênero nos deparamos com uma categoria interdisciplinar e complexa que vem ganhando destaque no campo científico nos últimos tempos. Este interesse advém da tentativa de compreender como se dá as relações de poder e discriminação ligadas ao gênero. Para entendermos o seu significado é preciso considerar o debate que vem sendo construído nas diversas áreas da ciência.

Nesta perspectiva, Joana Pedro no texto “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica” apresenta um estudo acerca da categoria gênero, seus significados e implicações na visão de autores como Scott e Stoller, dentre outros. Destacando ainda a necessidade de compreensão desta categoria para que as relações dela advindas possam ser modificadas.

Algumas concepções de gênero surgem a partir da distinção entre sexo anatômico e construção social, ou seja, o sexo (masculino/feminino) estaria ligado à estrutura física e biológica, portanto, anatômica. Enquanto o gênero estaria relacionado à cultura, prática social e ao “sentimento”.

A identidade de gênero estaria relacionada às apropriações histórico-culturais, pois cada sociedade teria uma concepção e uma prática do que seria “o homem e a mulher”. E ainda cada sociedade estabelece uma relação de poder entre o homem e a mulher, quase sempre de dominação da mulher pelo homem.

Ótimas reflexões @ tod@s!

Re: O conceito de Gênero

Tutora - quinta, 17 fevereiro 2011, 15:09

Olá cursist@s, boa tarde!

Vamos refletir um pouco mais sobre gênero?

Quando uma criança nasce com dois órgãos reprodutivos também são conhecidas como intersex, um termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições ( genéticas e somáticas) . A criança nesse caso é submetida à investigação para saber que genitália não desenvolveu totalmente, para o medico definir o sexo da criança, através de uma intervenção cirúrgica.

Em muitos comentários, pude perceber uma maior atenção no que tange o papel da escola na desconstrução da assimetria de gênero. Porém, ainda é frequente agressões físicas e verbais contra meninos e meninas no ambiente escolar. Veja, por exemplo, a notícia publicada no site da rede Globo a respeito de um menino de 6 anos esfaqueado na escola da Suécia, por usar roupa rosa e gostar de balé.

Acesse o link, leia a reportagem e dialogue com seus/suas colegas sobre o assunto:

<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/02/14/menino-de-6-anos-esfaqueado-em-escola-da-suecia-por-usar-roupa-rosa-gostar-de-bale-923796092.asp>

Vocês acham que houve negligência da escola nesse caso? O que poderia ser feito para evitar a situação abordada?

Abraços, Tutora.

Re: O conceito de Gênero

C 18 - quinta, 17 fevereiro 2011, 19:18

Boa Noite,

Mudar as tradições e ideologias de uma sociedade é uma tarefa árdua. No entanto, quebrar estas tradições e padrões culturais se faz necessário, pois a sociedade não é mais a mesma de séculos passados, as mulheres antes "seres" dominados já se tornaram dominantes e até mesmo dominadoras independentes de sexo e gênero.

Uma sociedade patriarcal como a nossa, enraizada nas tradições culturais, onde o sexo masculino é dominante e passada de pai para filho, cabe a escola a função, de modificar esta estrutura arcaica. Não é fácil, mas é preciso mostrar aos nossos alunos que a diversidade sócio-cultural e de gênero faz parte de nossas vidas. Aceitar as pessoas independentes de suas opções sexuais é fator primordial para o desenvolvimento de uma sociedade forte e estruturada.

Saber aceitar e conviver com as diferenças (diversidades de gênero) não é tão simples, mas precisamos orientar nossos jovens para esta tendência cada vez mais presente, com isto estaremos deixando um mundo melhor para as futuras gerações.

Re: O conceito de Gênero

C 11 - sexta, 18 fevereiro 2011, 00:02

Olá C 6 e demais coleg@s!

Concordo com você quando afirma que a escola deve "oferecer momentos entre os educadores (as) e pais, mas com um objetivo único de desmascararem os estereótipos existentes na sociedade, e construir uma sociedade mais justa e igualitária", pois considero de extrema importância a escola construir sua Proposta Pedagógica pautada na valorização da diversidade e no fim das desigualdades e estereótipos de gênero. Além disso, a atitude de pensar a prática escolar nesse sentido já se constitui um avanço. Seria a reflexão para a mudança de atitudes que significam a construção de uma sociedade diferente da que vivenciamos hoje. No entanto, na prática o que vejo é um verdadeiro descaso para com essas questões. Fala-se muito na diversidade cultural e em inclusão dos estudantes com necessidades educacionais especiais, mas essas são entendidas, quase sempre, por deficiências físicas e mentais. Quando o assunto é a diversidade de gênero e suas implicações, ocorre uma negligência por parte da equipe escolar, principalmente por parte de alguns professores e professoras que insistem em contribuir para que seja assegurada a desigualdade entre os homens e as mulheres em nossa sociedade. Acredito que isso se deve ao processo de alienação pela qual passou e ainda passa a nossa sociedade.

Sucessos a todos e a todas...

Re: O conceito de Gênero

C 9 - sexta, 18 fevereiro 2011, 05:08

Olá C 24,

Complementando sua análise a respeito de que o gênero deve ser construído por intermédio de uma educação familiar e escolar. Reforço nosso papel de educador em tal processo. Sendo assim, percebo ao trabalhar este ano com a matéria de História - disciplina a qual não sou habilitado, mas que me vejo obrigado a ministrá-la. O quanto é possível identificar o que afirma Scott: "A história é ela mesma, responsável pela produção sobre a diferença sexual." Uma boa análise está em Troia, por exemplo. Porque Aquiles e não Helena, a heroína?

Re: O conceito de Gênero

C 3 - sexta, 18 fevereiro 2011, 11:12

Olha tutora eu também tenho muita dificuldade de pensar, apesar de ser extremamente otimista em relação a chegar o dia em que não mais haverá exclusão de outras identidades de gênero (gays, lésbicas, travestis, transsexuais) em fim todas as formas de exclusões, entretanto acho muito complicado ainda; talvez em

gerações bem a nossa frente... pode ser que nem assistamos tais conquistas mas precisamos trabalhar para que isso avance e que todas as pessoas sejam tratadas simplesmente como humanos.

Re: O conceito de Gênero

C 3 - sexta, 18 fevereiro 2011, 11:20

Acrescente á sua descrição C 6:

mulher, negra, homossexual e deficiente e aí o que teremos para este ser humano?

Agora façamos um exercício diferente:

Mulher, negra, seios fartos, bumbum avantajado...

Realmente estou gostando muito deste fórum! Pois estou revendo inúmeras construções colocadas e nos ensinadas como se fossem "verdades" prontas e acabadas.

Re: O conceito de Gênero

C 15 - sexta, 18 fevereiro 2011, 20:26

Tutora

Eu não entendo os questionamentos sobre o sexo biológico. Porque as partes anatômicas simplesmente não definem uma pessoa. Por isso acho importante os estudos sobre gênero, mas do ponto de vista físico-biológico existem os sexos pré definidos sim! As diferenças genitais são óbvias, não vejo problema em estabelecer essa diferença, o grande problema são achar que um sexo é inferior ao outro, eles se completam. Mas é inegável que o corpo e a estruturação dos cérebros masculino e feminino são totalmente diferentes. Os genes do comportamento definem ações e vários comportamentos.

Re: O conceito de Gênero

C 15 - sexta, 18 fevereiro 2011, 20:32

C 4

Para mim, você tem um sexo e um gênero, muitas vezes eles não são compatíveis. Em competições esportivas como você citou o que importa é seu sexo, o gênero passa pelas noções de erotismo e escolha de parceiros. Mas achar que tudo é relativo é desconsiderar conceitos que norteiam as reflexões.

Qual o problema em ter alguns conceitos definidos?

Re: O conceito de Gênero

C 11 - sexta, 18 fevereiro 2011, 00:10

Oi C 18!

Então, o exemplo citado por você pode parecer simples a um olhar menos atento às questões de gênero, mas acredito que a atitude dessa família, consciente disso ou não, contribuirá para formação de indivíduos que vivenciam a identidade de gênero de forma diferenciada. A família atribui papéis semelhantes ao menino e a menina, ensinando que ambos devem ter obrigações para com a sua casa e sua família... Iniciativas como essa contribuem para a mudança de conceitos machistas assimilados.

Abraços.....

Re: O conceito de Gênero

C 18 - sexta, 18 fevereiro 2011, 18:51

Sem dúvida, esta atitude desta família é a quebra do tradicionalismo cultural. Esta atitude proporciona aos filhos a aceitação da diversidade.

Re: O conceito de Gênero

C 3 - sexta, 18 fevereiro 2011, 20:35

É uma situação muito difícil e inúmeras são as ocasiões em que as agressões ocorrem, se é ou não negligência da escola creio ser uma resposta difícil pois a escola já tem que dar conta de tanta coisa, mas é claro que penso ser a escola um lugar de discussão e encaminhamento de discussões sim. Com certeza agressões como estas nunca deveriam ocorrer e nós educadores e educadoras precisamos rever nossos paradigmas e nos atentarmos para questões como as que você se referiu na sua questão. Será que a escola, no caso, pelo menos colocou a questão para ser discutida? Avaliar as opiniões da comunidade daquela escola? Quando falamos sobre assuntos como esse com certeza reavaliamos muitas opiniões preconceituosas. Mas é sem dúvida uma situação complexa e claro que a escola tem que colocar assuntos como estes na pauta de trabalho com docentes e colaboradores, muitas vezes falta nos informações, por exemplo eu, desculpem a minha ignorância mas se a situação fosse comigo teria que estudar e buscar muito sobre o assunto pois não tenho quase ou nenhuma informação sobre intersex.

Re: O conceito de Gênero

C 7 - sexta, 18 fevereiro 2011, 22:28

Acredito que em parte a escola tenha sua parcela de culpa, não só a escola, mas também os pais. Pais e professores devem estar atentos sobre a possibilidade real de conviver com uma vítima silenciosa de qualquer tipo de violência.

Para prevenir, a escola deveria desenvolver projetos e estratégias de intervenção e prevenção contra a violência, trabalhar com palestras, dinâmicas em sala de aula e orientação tanto oral como escrita.

Re: O conceito de Gênero

C 9 - sexta, 18 fevereiro 2011, 05:12

Certo, meu caro C 18 !!!

E a sala de aula, sem dúvida é o universo ideal para tal conscientização. Só nos falta profissionais que saiam da teoria e vivencie a prática. Até porque não é fácil estabelecer a quebra de certos paradigmas. Concorda Comigo ?

Daí reforço Stoller, onde: Ser homem ou mulher, uma questão de sentimento ? Que me dizes a respeito, meu caro ?? !!

Re: O conceito de Gênero

C 18 - sexta, 18 fevereiro 2011, 18:48

Condordo, a quebra de tradições patriarcais é muito difícil, mas se não fizermos, quem o fará?

Re: O conceito de Gênero

C 20 - sexta, 18 fevereiro 2011, 19:09

Ao definirmos gênero pensamos primeiramente em se referir nas diferenças entre homens e mulheres. Mesmo sendo usado como sinônimo de sexo, refere-se às diferenças sociais.

Historicamente, o feminismo veem aos poucos tomando maior abrangência no espaço social. Permitiu-se a não submissão da mulher. Possibilitou a transmissão de valores através das gerações. Foge dos enfoques sobre a dominação masculina e a subordinação feminina, em que as mulheres já nasciam para ser diferentes (subordinadas) e os homens opressores.

A primeira forma de opressão origina-se de acordo com Engels quando as mulheres perdem o controle sobre o trabalho e tornam dependentes do homem, e não pela essência dominadora masculina.

Ao analisarmos o que seria o gênero, compreendemos que este não possui apenas sexo, mas também, classe, raça, etnia, orientação sexual, geração, dentre outras. São diferenças e especificidades bem visíveis, que não podemos vê-las isoladamente das suas dimensões, porque dentro da sociedade, a classe irá dividi-las (os).

Classe está que determina as expressões vividas pelos sujeitos.

Defendemos a percepção dos movimentos que deve convergir para os aspectos político e social e não a neutralização ou fim das diferenças.

O gênero, a cultura e a sociedade devem ser historiados inter-relacionados, analisando suas autodeterminações. Entendemos que a cultura é determinada por relações sociais, inserida nas contradições que definem a produção e a reprodução desta sociedade. Deve-se analisar gênero com as determinações econômico-sociais.

Não podemos deixar de perceber que, discutir cultura desperta novos valores, "libertários", mesmo que seja importante, é insuficiente para a conquista da liberdade e da igualdade substantiva.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - sexta, 18 fevereiro 2011, 20:56

Olá pessoal, que bom vê-l@s tão entusiasmadas com a discussão de Gênero!

Hoje (18/02), em reunião de estudos e planejamento, as professoras formadoras ao lerem os posts de todos os polos, detectaram que esses possuem uma boa qualidade quanto a discussão teórica. Entretanto, chamam atenção para o fato da utilização do sufixo "ismo", como, por exemplo, "homossexualismo". De acordo com a discussão que se estabeleceu, nos foi possível compreender que o sufixo "ismo" está relacionado à patologia/doença (não é a toa que não se usa a palavra "heterossexismo", afinal a heterossexualidade é a norma/o saudável). As professoras nos esclareceram que a OMS (Organização Mundial de Saúde), desde 1993 – junto com a revisão e publicação da 10ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID 10) – não considera homossexualidade como doença mental. Segundo o DSM III – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (em inglês Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) publicado pela American Psychiatric Association – a homossexualidade deixou de ser considerada perversão e passou a ser designada como estilo de comportamento. No Brasil desde 1985 o Conselho Federal de Medicina não considera homossexualidade como desvio sexual.

De acordo com a professora "a homossexualidade é uma das primeiras grandes divisões em relação à orientação sexual, que designa o interesse e a atração sexual por indivíduos do mesmo sexo". A orientação

sexual (conforme o glossário do livro GDE, p.128) “refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo “sexo oposto”); a homossexualidade (atração física e emocional pelo “mesmo sexo”); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo “mesmo sexo” quanto pelo “sexo oposto”). A orientação sexual não é uma doença ou opção. Ninguém opta por ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Espero que tenha ajudado... boas reflexões!

Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 3 - sexta, 18 fevereiro 2011, 21:05

Boa noite Tutora,

isto quer dizer então que a pessoa já nasce homossexual, heterossexual ou bissexual? É isso?

C 3

Re: O conceito de Gênero

C 9 - sexta, 18 fevereiro 2011, 05:17

Olá Tutora,

A Michel Foucault atribui-se uma ideologia em defesa de um feminismo radical, estaríamos hoje vivendo algo semelhante ? Onde e em que ?

Re: O conceito de Gênero

Tutora - sábado, 19 fevereiro 2011, 10:20

Boa noite C 4 e demais cursistas!

C4, não se preocupe, ninguém vai te nomear enquanto “machista, determinista, facista, ou coisa pior” como você menciona em seu post, pelo contrário, essas são muitas das inquietações de tod@s que discutem gênero e, quando você as coloca, abre a oportunidade para que possamos refletir...

Partindo desse entendimento, estive dialogando com as professoras formadoras sobre algumas das reflexões que foram postadas no decorrer do fórum. Assim, a professora teve a oportunidade de esclarecer várias questões, como, por exemplo, o fato das feministas não estarem negando as diferenças anatômicas. É necessário que compreendamos que, quando elas adotaram “gênero” defendendo o caráter social das distinções baseadas no sexo, a intencionalidade era de rejeitar o determinismo biológico na perspectiva que durante muito tempo justificou e ainda justifica as desigualdades e assimetrias entre homens e mulheres. Segundo a professora é necessário pensarmos que “o gênero inclui duas dimensões interligadas: a primeira afirma que a realidade biológica do ser humano não é suficiente para explicar o comportamento diferenciado do feminino e do masculino em sociedade. Por isso, o conceito é introduzido para afirmar algo mais amplo que o sexo. O gênero é um produto social apreendido, representado, institucionalizado e transmitido de geração em geração. A segunda dimensão é a de que o gênero está ligado à noção de poder. Percebe-se que o poder é distribuído de modo desigual entre os sexos, e as mulheres, ocupam em geral posições subalternas nas organizações mais amplas da vida social”. Assim, quando nosso colega C4, em algum momento, menciona em seu post sobre Dilma, nos faz refletir que os atributos da construção de gênero ultrapassam as relações de pessoas e doméstico e vai para o espaço público. Porque a imprensa de recusa a chamar a Dilma de presidenta? É bobagem isso? Será que a imprensa tem só um nível gramatical? E como estivessem dizendo: “o gênero do poder é masculino... então essa é uma mulher masculinizada, ela só está lá por aceitar que o gênero do poder é masculino, ela esta no lugar masculino, nós não temos que feminizar esse lugar”. Percebem então como as relações de gênero estão carregadas das relações de poder?

Outros exemplo que nos foi dado em reunião, refere-se à participação de uma mulher no sindicato, por exemplo. É como se fosse condição de sua participação a mulher ter que se comportar como homem. Na hora da descontração, a mulher se vê conversando com os amigos assuntos de homem. Não vamos muito longe, uma mulher na coordenação de uma escola, até mesmo aqui na universidade que cobra dos colegas questões burocráticas é considerada como sargentona, agora, um homem que assume a mesma posição, isso é considerado normal, ele está atribuído a uma função que é dele. Percebem que na maioria das vezes essa questão da submissão incomoda?

Através desses exemplos vemos que pensar o ser humano de outra maneira parece ser um desafio que se torna necessário em nossos dias. Daí que gênero como uma categoria analítica não tem só a ver com o masculino e o feminino, com os elementos que intervêm nessas relações, elementos que supõem o sexo biológico, mas que vão além. É justamente nesse momento que as professoras formadoras chamam nossa atenção, nos dizendo que falar a partir do Gênero, quer dizer dentre outras coisas, falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado de um lado, num caráter biológico de nosso ser e de outro lado, num caráter que vai além do biológico, porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de



biologia e de religião. Neste sentido, falar de gênero é também falar no plural, tendo em vista a diversidade de nossas culturas e situações. Falar de gênero é afirmar a pluralidade do humano.

Continuando suas reflexões, a professora nos coloca que: “gênero precisa ser considerado tanto como uma categoria de análise, quanto como uma das formas que relações de opressão assumem numa sociedade capitalista, racista e colonialista. A oposição binária dos pares contém e reprime o “outro” homem/mulher, público/privado, cultura/natureza, emoção/razão. O relacional tenciona investigar os pares na tentativa de rejeitar qualquer atribuição de naturalidade que lhes possa ser atribuído. Nesta perspectiva, o caráter fixo e permanente dessa dualidade é rejeitado”.

Ao refletir sobre a questão da reprodução, por exemplo, ninguém está questionando que é necessário um útero para engravidar e gerar outro ser humano. O que está em pauta é que se construiu um discurso ao longo dos tempos que atribui características comportamentais, e, portanto, apreendidas nas relações sócio-culturais, a essas diferenças. Exemplo o fato de a mulher ter um útero foi e ainda é utilizado como argumento para dizer que as mulheres são por natureza mais aptas às atividades relacionadas ao cuidado do outro. Daí pensemos a questão da maternidade, o projeto de sociedade burguesa arquitetado a partir do século XIX aprisionou a mulher aos domínios do lar, porém tal aprisionamento não seria prontamente aceito se não viesse carregado ideologicamente da figura da mulher-mãe, imbuída naturalmente dos papéis de maternidade e maternagem. É importante conhecer a diferença entre esses dois conceitos. Maternagem é a capacidade de cuidar de uma criança, educá-la para que possa viver em sociedade. Tal capacidade é estendida ao cuidado geral desempenhado pela mulher, já que ela a exercerá em outras esferas de sua vida, como por exemplo, cuidar de familiares em momentos de doença ou aprisionamento. A maternagem é uma construção cultural e pode ser exercida por homens e mulheres, embora o estigma continue no campo feminino. Já a maternidade é a capacidade de gerar e parir uma criança, condição que só as mulheres possuem (BADINTER, 1985). Dito isso, como fica a relação sexo biológico/gênero? Quem é anterior a quem? Nesse campo o debate teórico/político se divide e está, como o C4 aponta, longe de ter uma solução, pois implica em repensar/desconstruir muita coisa. É preciso atentar para o fato de que para o pós-estruturalismo o conceito de desconstrução não equivale a destruição, mas sim à busca pela genealogia dos discursos. E genealogia não significa origem remota/origem primeira, mas os momentos discursivos de construção de certos significados. Ou seja, buscar compreender, por exemplo, em que momento e por que os discursos das ciências biológicas e da medicina se tornaram os únicos avalizados para dizer o que é sexo.

Para ajudar a pensar vamos refletir sobre duas frases que aparecem muito nos estudos de gênero: “Anatomia é destino” (Freud) e “Não se nasce mulher torna-se” (Simone de Beauvoir”).

( Postagem que traz diálogos (na íntegra) estabelecidos com as professoras)

Boas reflexões!!!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 4- sábado, 19 fevereiro 2011, 10:34

Oi C 15, tudo bem !

Não é bem por ai. Compreendo o que você diz e o que os autores colocam, lendo as minhas postagens pode-se perceber. Mas a questão é, por exemplo, quando você fala em sexo nas competições esportivas, tente pensar isso à luz das leituras propostas, que propõem focar o gênero como anterior ao sexo, secundarizando o biológico. É por ter conceitos definidos e por tentar refinar essas idéias, que questiono. As visões de mundo são diversificadas, os autores em geral são tendenciosos, e isso é normal e não invalida as obras, gosto de questionar, penso que, além de tornar a tarefa mais prazerosa, não caindo no reprodutivismo, contribui para avançar no conhecimento.

Um abraço .

Re: O conceito de Gênero

C 11 - sábado, 19 fevereiro 2011, 19:04

Oi Tutora e demais cursistas!

A frase citada por você e que ouvimos com frequência "Fulano é gay, mas não parece" demonstra o quanto os estereótipos estão arraigados em nossa sociedade. As pessoas "estipulam" um tipo de comportamento, quase sempre no sentido negativo, que são atribuídos aos homossexuais, homens e mulheres, e que passam a ser entendidos como verdade absoluta. Daí o estranhamento quando os comportamentos são "diferentes". Sucessos a tod@s!

Re: O conceito de Gênero

Tutora - sábado, 19 fevereiro 2011, 19:08

Olá C 9. Boa tarde!

Foucault é um estruturalista que vai dar base ou vai influenciar os pós-estruturalistas. Entretanto, gostaria de colocar que o “pós” não tem sentido daquilo que vem depois, no sentido de uma linha, de tempo, mas daquilo que aprofunda, ou seja, o aprofundamento de algumas questões. Pensemos no fato de que dentro do estruturalismo é possível refletir na perspectiva de duas linhas: a marxista e a não-marxista. A marxista vai trabalhar na perspectiva materialista. Os estruturalistas não marxistas vão buscar na linguagem; ou seja, uma estrutura simbólica da sociedade que irá determinar os comportamentos, a compreensão que essa sociedade tem do seu sujeito, das suas ações. O pós-estruturalismo leva ao limite essa idéia de que é a linguagem que constrói o real. No texto da Joana Pedro isso está muito claro. Linguagem não é fala simplesmente, linguagem no sentido da semiótica e do cognitivo, de tudo o que constrói significado. Os mesmos se dão em uma perspectiva de poder e esse poder é fragmentado, as relações múltiplas. A perspectiva pós-estruturalista vai defender essa perspectiva de olhar para o mundo, vai dizer que a totalidade não existe, e se existe nos não vamos dar conta dela. Então por isso sempre tem a crítica de que os pós-estruturalistas compartimentalizam, fragmentam.

Mas, focando um pouco mais em seu questionamento, acredito que não devemos ficar pensando que essas relações de poder são somente de homem contra todo o resto. A questão das feministas, da ruptura da dominação do masculino com o feminino, da dominação... O texto nos ajuda a refletir que é justamente nessa perspectiva que se constitui a história da mulher, depois das mulheres, até chegar nessa questão de gênero. Assim, rompe-se com esse pensamento de que o homem é o mal, que domina e que faz de propósito. O macho dominante está em extinção se a gente for pensar nessa questão de dominação. Contudo, como essa é uma questão de relação de poder, estabelece-se também dentro do próprio grupo das várias identidades de gênero, não quer dizer que seja só o homem contra o resto, há sim uma relação de dominação do homem contra o resto, o homem no sentido do que é ser masculino, mas isso não para aí. Se formos pensar, por exemplo, na perspectiva da história social, no marxismo, quando ela traz à tona as dominações de classe, a patroa com relação a empregada doméstica, da mulher negra rica com relação a mulher negra pobre, e assim por diante. Percebe a delicadeza das relações? Como iremos trabalhar toda essa multiplicidade sem perder a referência da totalidade, sem que isso perca seu ponto inicial transformador.

Continuemos refletindo!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

Tutora - sábado, 19 fevereiro 2011, 09:32

Olá C 3. Bom dia!!!

As temáticas que estamos trabalhando são muito gostosas de discutir, mas nos causa uma certa confusão... não é mesmo?

Sobre seu questionamento: é inegável que nascemos dotad@s com algumas capacidades biológicas, entretanto, sobre a questão da orientação sexual "há uma variedade de teorias biológicas, psicológicas e sociológicas a respeito do assunto, mas não há, até agora, nenhum estudo conclusivo". Ao recorrer seu livro/caderno de atividades GDE, na parte em que trata da sexualidade, verá que o mesmo se refere ao tema como "uma construção que envolve um processo contínuo, não linear, de aprendizagem e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de quem somos. Esse é um .processo que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas". (Fonte: Caderno de atividades GDE/ p.100)

Caso ainda esteja confusa, recorra a esse material e tente ir elaborando a concepção de orientação sexual possível. Não fique sofrendo antecipadamente minha cara... pois lembre que ainda temos um longo caminho a ser percorrido e, com certeza, discutiremos essas questões sobre orientação sexual em uma disciplina específica.

Tenha um excelente final de semana!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

C 9 - sábado, 19 fevereiro 2011, 09:17

Gostei tutora !!!

Desde o primeiro encontro presencial, o sufixo "ismo" já havia me incomodado. O ouvi de um colega que inclusive só apareceu no primeiro encontro. Cheguei até comentar com alguns que estavam no ambiente. E com frequência o ouço nas mais diversas situações, onde faço questão de ressaltar a observação aqui apresentada por ti e pela professoras formadoras.

Quanto à "opção", este é outro quesito enfático, seria muito melhor se o indivíduo pudesse "escolher" entre ser hetero, homo, bi..., enfim, o debate é longo. Mudamos um pouquinho o foco e ficamos com Simone de Beauvoir, num breve ensaio sobre o Segundo Sexo - (risos...), ou seja, voltamos ao Feminismo.

Re: O conceito de Gênero

Tutora - sábado, 19 fevereiro 2011, 12:48

Olá C 20, tudo bem!

Que bom compartilhar algumas reflexões com você... afinal, sua participação enriquece o debate! Assim sendo, continuemos o diálogo.

Um dos assuntos que trabalhamos durante o curso GDE (extensão), onde diversos argumentos foram levantados, refere-se à violência de gênero. Essa, apóia-se no estigma de virilidade masculina e submissão feminina. A violência demonstra também uma explícita manifestação de discriminação, que amedronta não só as mulheres, manifesta-se por meio da discriminação de lésbicas, gays, travestis, transexuais.

Temos o estereótipo de que por natureza os meninos são mais agressivos, e por isso mostram a sua masculinidade. Nesse sentido volto a questionar: será que dessa forma, estaríamos naturalizando algo construído culturalmente? Quem disse que homem não chora? Todos os homens são iguais?

Os meninos desde a infância podem ser estimulados a serem carinhosos, cuidadosos e expressarem medo e as meninas incentivadas a praticar esportes, serem fortes, etc. Entretanto, por outro lado, também temos brinquedos como armas, espadas oferecidas aos meninos, os quais também utilizam o corpo como instrumento de luta e agressividade.

Como você percebe representação de gênero nos outros brinquedos de meninos e meninas?

Boas reflexões!

Abraços, tutora.

Re: O conceito de Gênero

C 11- sábado, 19 fevereiro 2011, 19:51

Os brinquedos oferecidos às crianças desde pequenos e pequenas são ligados a concepção do que é ser homem e ser mulher e desconsidera qualquer possibilidade ou permissão de demonstração de outra opção sexual.

As meninas recebem brinquedos que a ensinam a cuidar da casa (liquidificadores, fogões, geladeiras, armários, mesas, casinhas, etc) e cuidar de crianças (bonecas, berços, etc), brinquedos que estimulam o sentido "cuidador", "feminino" e "passivo". Aprender a controlar a sua agressividade, como uma atitude nobre e dócil de "ser mulher". São estimuladas a "ganhar o espaço interno do lar" e a realizar atividades relacionadas ao zelo por este lar...

Os meninos recebem brinquedos tais como carros, ferramentas, máquinas pesadas, caminhões, espadas, armas, etc. São estimulados a "ganhar o mundo" e a dominá-lo pela força, pela ação... Aprendem a extravasar a sua agressividade por meio da força, aprender a dominar...

Assim, meninos devem gostar desses brinquedos e dessas brincadeiras e as meninas das suas. Os comportamentos e interesses que divergem desta postura frequentemente são condenados pela maioria dos pais e mães e da sociedade de um modo geral.

Ouvi o relato de uma mãe recentemente que me fez perceber o quanto as pessoas ainda tem essas concepções formadas e se negar a perceber o mundo de uma maneira diferenciada: Ela disse ter que brincar com os dois filhos pequenos (5 e 3 anos) somente dentro de casa e com o portão fechado, pois a vizinha tem duas filhas (6 e 4 anos) que os procuram sempre para brincar, mas o marido a proibiu de deixar o filhos brincarem com meninas.

Essa realidade me incomoda bastante. Tenho um casal de filhos e procuro educá-lo de maneira igual, valorizando as suas diferenças, mas com igualdade de estímulos e oportunidades.

Um abraço!

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 5 - sábado, 19 fevereiro 2011, 14:54

Boa tarde Tutora e demais cursistas

Estive ausente em função de problemas técnicos, mas enfim com as leituras em dia, não só dos textos. bem como de todos os posts, quero aqui parabeniza-los a todos e todas a riqueza dos textos aqui no forum, pois os mesmos colaboram com a sistematização dos nossos conhecimentos.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 5 - sábado, 19 fevereiro 2011, 15:02

Estava com dificuldades em acessar o site e de enviar os posts, mas enfim parece que agora esta tudo ok. Não pude compartilhar com vs. o segundo encontro presencial, o que me entristeceu muito, pois gostaria de estar com todos e todas dividindo e ampliando nossos conhecimentos, mas eu tinha uma reunião no Rio de Janeiro com os coletivos LBGT de todo o Brasil e como eu estou coordenador do Estado de Goiás eu tive que ir. Para o proximos tem um Congresso no Sul e eu estarei la.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 3 - sábado, 19 fevereiro 2011, 22:37

Boa noite!

É tudo realmente muito novo para mim, estou tentando rever questões que jamais havia parado para pensar, em fim está sendo um exercício bem interessante e estou gostando muito das discussões, acredito sinceramente que todas as pessoas envolvidas com educação e com formação deveriam passar por esta experiência, poder pensar que tipo de formação recebemos em relação às diferenças entre os sexos que fomos ensinados e ensinadas a considerar como "verdades".

Enquanto Stoller separa sexo de gênero, Scott relaciona gênero com as diferenças percebidas entre os sexos, já Laqueur considera que gênero constitui o sexo. São discussões que não se esvaziam e que trazem mudanças na forma em que as "coisas" estão e foram colocadas historicamente, mais importante é que nós professores e professoras podemos fazer a diferença e buscar desconstruir ou pelo menos questionar muitos pre-conceitos que estão arraigados na sociedade e que infelizmente ainda fazem parte da escola, das rodinhas de conversas e das piadas que ouvimos em inúmeros programas de televisão em que pessoas são expostas e agredidas de forma muito grosseira. Pensar que é comum para nós fundar como biológico algo que na verdade a cultura estabelece como sendo personalidade e comportamento de homens e mulheres provoca deslocamentos que podem fazer a diferença na forma como elaboramos nossa formação enquanto formadores e formadoras de opiniões.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 1 - sábado, 19 fevereiro 2011, 20:06

Ufa! ainda não tinha conseguido postar nada até hoje, pois, eu estava refletindo e aprendendo com as mensagens e opiniões postadas. Percebi também que as discussões e reflexões sobre gênero são muito complexas e realmente precisarei de ajuda dos cursistas e da orientadora pra ver se realmente eu compreendi o conceito de gênero. Por meio das leituras e mensagens compreendi que o conceito de gênero surgiu diretamente ligado a história do movimento feminista contemporâneo como cita Guacira Lopes (1997) e que esse conceito refere-se a relação entre os homens e mulheres e é um conceito construído historicamente passível de desconstrução e transformação e que o mesmo acontece com a conceituação e descrição das características dos sexos biológicos, que são construídos e diferenciados culturalmente.

Com relação ao gênero, o conceito ainda é tratado de forma dicotômica estabelecendo uma relação de poder entre homens e mulheres.

Penso, como muitos cursistas afirmaram que há muitas discriminações de gênero e muitas reproduções por parte das escolas, família e sociedade em geral. No entanto, nosso papel como educadores e educadoras é ir desconstruindo essa relação de poder estabelecida entre os gêneros e orientando as/os alun@s. Pois, acredito que as transformações são lentas mas elas acontecem. Muitos movimentos alteraram e transformaram a sociedade e a forma de pensar das pessoas.

Espero que eu tenha compreendido pelo menos um pouco dessa complexidade que é estudar gênero.

Bom final de semana a todos e todas!

Re: O conceito de Gênero

C 8 - domingo, 20 fevereiro 2011, 21:14

Boa noite Tutora,

Olha os desenhos animados como outros programas de TV podem sim ser componentes interessantes para se pensar as relações de gênero. De forma muito crua pois não acompanho os desenhos da atualidade percebo uma forte influencia destes sobre as crianças. Elas projetam ações das personagens dos desenhos no seu cotidiano, na vestimenta, nas brincadeiras e até na fala. A mídia em geral bombardeia as crianças com um discurso persuasivo carregado de ideologias, expõe conceitos, vendem idéias e modos de vida, prescrevem o que devemos desejar. Como as crianças passam boa parte do dia entretidos com programas de televisão, estes programas acabam fazendo parte do seu universo, canalizando idéias, que influenciam no seu modo de se relacionar com o mundo. Segundo Eugênio Bucci não é mais na escola que a criança aprende a separar o feio do bonito, o certo do errado, a virtude do vício. É na mídia que ela aprende isso.

Re: O conceito de Gênero

C 6 - domingo, 20 fevereiro 2011, 17:40

Boa tarde Tutora!

Durante meu curso de formação teve sim momentos na disciplina de "Futebol" que retratou sobre gênero, teve algumas leituras; pesquisas em escolas; filmes (Filme: Ela é o cara e o filme: Até o limite da honra) dentre outros, sendo assim, posso afirmar que, o que me despertou para fazer o curso de GDE e a própria especialização, veio inicialmente a partir das discussões da disciplina. E discutir gênero para mim, é muito importante devido as diversidades existentes, e mesmo não atuando como professora no momento, as discussões e as leituras têm contribuindo para o conhecimento.

Nas escolas acredito que, existem muitas práticas de violência de gênero, até mesmo, essas partes dos próprios educadores e muitos não sabem lidar com tais situações quando a questão da violência se acentua. E mesmo fazendo o curso/especialização ainda sinto dificuldade e até "medo" de não saber o que fazer em um momento de violência.

Abraços!

Re: O conceito de Gênero

C 4- domingo, 20 fevereiro 2011, 16:45

As relações de poder e dominação permeiam a história da humanidade, de forma mais ou menos intensa, marcaram a elaboração dos atuais processos sociais. A divisão de classes, com a subordinação dos grupos que não conseguiram controlar os aparelhos de dominação, ideológicos e repressivos, colocou nas mãos de grupos privilegiados a gestão da máquina do Estado, usando todos os meios possíveis para aumentar seu poder e manter os padrões de dominação. Nesse contexto, marcado por diferenças de força, uma sociedade "selvagem", muitas são as relações desiguais de poder, desde o pai que manda nos filhos e na mulher, dos socialmente "corretos" que oprimem os que ousam ser diferentes, até os grandes grupos empresariais que exploram e dão os rumos da vida dos trabalhadores. Pode ser difícil determinar o valor de cada fator responsável pela discriminação e que contribuem para a dominação. Quanto vale cada item, na escala de valores da discriminação/subjugação, por exemplo, ser mulher, preta, pobre e deficiente física? Podemos ter certeza que esses e outros fatores, isolados ou combinados, quando combinados fica muito pior, geram uma dose gigantesca de preconceito, discriminação, opressão e seus desdobramentos.

Clara Araújo coloca, sobre a contribuição de Engels para o movimento feminista, "foi importante para mostrar que o lugar social das mulheres não era expressão de uma "natureza feminina" inata, identificando a relação entre homens e mulheres como de opressão e situando nos processos socioeconômicos os elementos que conduziram à dominação masculina", "Assim, a primeira forma de opressão origina-se por contingências materiais, e não por uma essência masculina dominadora". É a dita "derrota histórica" das mulheres. O Capitalismo precisa de trabalhadores, e é pautado na dominação e na exploração. A família no modelo burguês é uma célula que assegura trabalhadores e consumidores, elementos fundamentais ao sistema, alguém tinha que ficar em casa, produzindo e criando novos operários para o capital. Um determinante natural atuou contra as mulheres, o aparelho reprodutor, a necessidade de cuidados especiais durante a gestação, a amamentação e outros fatores, ficou fácil para a burguesia colocá-la em casa, para isso era preciso subjuga-la. O poder da maternidade, a imposição da maternagem, usando um termo posto pela Tutora, e a subordinação da mulher, foram fundamentais para a estruturação da atual sociedade. O lar é onde o trabalhador restaura suas energias para o trabalho, e é a base para seu consumo material, referência de bom comportamento, contribuindo ideologicamente para a paz social. A família é perfeita para o sistema econômico vigente.

Mirla Cisne coloca que "o "grande equívoco" está em acentuar a ênfase nas "diferenças", apenas como construções culturais, não se analisando, numa perspectiva de totalidade, quais essas expressões culturais têm marcas de classe, ao denotarem claros interesses da burguesia em perpetuar subordinações e explorações que a favoreça, seja em mão-de-obra barata e precarizada, seja na responsabilização das mulheres pela reprodução social". Como já afirmei em outros textos, considero que devemos defender a igualdade de gêneros e de direitos das pessoas diferentes, a regra geral é, no mínimo, injusta com as mulheres, tratando desse caso específico, sobre as quais recai um grande peso das tarefas sociais e pouco se reconhece disso. Analisando de forma mais ampla, percebemos essa carga dedicada a elas, enquanto os homens se dedicam ao mando, as mulheres asseguram a reprodução biológica e social da humanidade. Consigo vislumbrar em um horizonte não muito distante, avanços no sentido da igualdade de direitos e deveres, tenho bons exemplos nesse sentido. Sendo otimistas ou não, devemos continuar discutindo, debatendo e agindo nesse sentido.

Re: O conceito de Gênero

C 2 - domingo, 20 fevereiro 2011, 22:34

Concordando com o C 4, o capital, para a sua reprodução, determina papéis aos membros sociais para que estes, ao mesmo tempo, sejam "controlados" a todo instante para exercerem esses papéis de forma concisa, sem "brechas" de desestruturação.

Às mulheres não foi diferente, tiveram o seu papel muito bem definido no sistema vigente, para contribuir com a sua formação/reprodução. Tornou-se um processo histórico, onde é difícil desarranjar toda sua estrutura, sendo necessário atingir até o subjetivo das pessoas.

Re: O conceito de Gênero

C 23 - domingo, 20 fevereiro 2011, 17:37

Creio que porque as pessoas já tem um conceito pre-definido e quando veem algo que não condiz com o que está acostumada se espantam. São "pré" conceitos que a sociedade estabelecem e querem impor que as coisas tem que ocorrer sempre dessa forma.

Re: O conceito de Gênero

C 9 - domingo, 20 fevereiro 2011, 11:49

Só dando continuidade ao seu comentários, durante a última semana, aqui em minha cidade, tivemos um caso de violência extrema - (ao ponto de chegarmos a um caso de cirurgia no rosto da vítima). Motivo: Troca de ofensas entre as partes, algo ao estilo: "não gosto de veado" X " seu roceiro".(Tudo isso dentro do ambiente escolar) - Ao final; pronto socorro de hospital, uma terceira pessoa desmaiada por tentar prestar socorro, e um processo jurídico. As perguntas que ficam a você e aos demais colegas / professoras formadoras e orientadora, são as seguintes: Até que ponto o mero debate daquilo que estamos estudando será compatível à realidade ? A coisa já não está superando os limites da racionalidade ? É uma questão de Escola, ou caso de polícia?

C 9

Re: O conceito de Gênero

C 13 - domingo, 20 fevereiro 2011, 10:35

Quem está em sala de aula já há algum tempo percebe isso na prática: não faz sentido algum "ensinar" que essa questão do gênero na sala de aula se de maneira geral a sociedade é marxista, a sociedade espera um comportamento marxista. Então reforçado a fala do nosso colega C 9: na teoria é uma coisa, mas na prática é extremamente o contrario.

Re: O conceito de Gênero

C 13 - domingo, 20 fevereiro 2011, 10:44

Cara C 11!

Concordo plenamente com sua colocação, a ainda acrescentaria mais: a mídia (TV, radio e principalmente a internet) colabora ainda mais para a ocorrência de comportamentos desse tipo. Cabe a nós, pais e professores, acabarmos com esse conceito de que menino só pode fazer coisas de menino e menina de menina.

Re: O conceito de Gênero

C 7 - domingo, 20 fevereiro 2011, 21:52

C11 a maioria das crianças já possuem papéis e comportamentos pré-determinados seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões estabelecidos pelos adultos a qual esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro, ou seja; meninas brincam com bonecas e meninos com carrinho. É importante que se compreenda que o fato de um menino brincar com uma boneca ou de uma menina brincar com carrinho não significa que eles terão uma orientação homossexual.

Re: O conceito de Gênero

C 23 - domingo, 20 fevereiro 2011, 17:20

Olá Tutora, penso que os brinquedos por si já separam-se em gênero, pois o carrinho, abola é sempre do menino, enquanto a casinha, boneca e tudo cor de rosa é de menina, desde modo percebo que a própria sociedade já faz essa distinção desde que a criança nasce.

Meu sobrinho mesmo, o avô dele comprou uma havaiana roxa para ele e o mesmo chorou e disse que não ia usar, pois a cor de uva ( roxo) era de menina e não de homem. E Ele não usou, porém conversei com ele e expliquei que não é bem assim e ele começou a usar e nunca mais tocou no assunto.

Deste modo penso que se quisermos podemos mudar alguns estereótipos, dependendo do modo que usamos para resolver determinada situação e foi o que fiz mostrando para ele o tio dele tem várias camisas rosas (que na concepção dele é de mulher) e que nem por isso o tio dele se tornou ou é uma mulher.

Re: O conceito de Gênero

C 1 - domingo, 20 fevereiro 2011, 22:25

Concordo com você C23, por meio de intervenções e orientações poderemos auxiliar as pessoas. Lógico que não poderemos mudar o que uma sociedade levou anos para construir e de certa forma cristalizar determinados valores, mas pouco a pouco com essas atitudes como você tomou, poderemos construir novos valores.

Re: O conceito de Gênero

C 20 - domingo, 20 fevereiro 2011, 18:14

Os estereótipos acompanham a vida dos homens e das mulheres desde o momento em que nascem, a partir desse instante já se criam a concepção de que azul é para homem e rosa é para mulher, mas na minha concepção não creio que seja algo construído culturalmente. Estabelecem que homem não chora, mais eles choram sim... chorar é da percepção humana, tanto homens como mulheres choram, não é porque é homem que não chora. Chorar é do ser humano.

Em minha percepção vejo a representação de gênero na criação do ser humano, desde o início, quando uma criança nasce, se for um homem dá-lhe um carinho, e se for mulher dá-lhe uma boneca, e conforme essas crianças vão crescendo vão se estabelecendo regras que certas coisas são para homens e outras para mulheres.

Mas o ser humano precisa mudar sua forma de pensamento. Mulher deve sim brincar de carinho, de pião, jogar bola, praticar esportes, para ela saber se isso que ela gosta, se isto que deseja para si viver bem, o mesmo o homem, deve sim brincar de boneca, de casinha, para entender o dia a dia de sua casa e compreender que um dia poderá estar vivendo sozinho sem ninguém para fazer suas coisas e conseguirá viver bem.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 12 - domingo, 20 fevereiro 2011, 09:26

Quando nos referimos à palavra gênero, este conceito se refere como masculino ou feminino. Sendo assim, durante anos 80 os movimentos feministas e de mulheres passaram a usar a palavra “gênero” no lugar de “sexo” pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não têm sexo. (PEDRO, 2005). A palavra gênero como é descrita nos textos percorreu grandes movimentos sociais como: mulheres, feministas, gays e lésbicas; um caminho de lutas de direitos políticos; direitos sociais e econômicos. Mas no decorrer da leitura nos percebemos este conceito de sexo anatômico se diferencia da palavra gênero. O sexo anatômico é uma condição biológica natural e invariável, enquanto gênero não parte da genética, mas sim das experiências culturais que formam cada indivíduo. O termo feminismo separa que a categoria gênero deve ser entendida como formação cultural e ainda destaca que gênero faz parte de toda uma relação como: raça, etnia, sexo, orientação sexual e outras. Continuando as análises dos textos, nos fez compreender que o papel de pais/mães e educadores/educadoras na construção de gênero, deve ser cortês e constante. Através deles, contribuí para uma educação que reduz as desigualdades sociais e dos preconceitos, partindo assim para uma equidade de gênero. Os pais/mães e educadores e educadoras devem estar ligados para não educar meninos e meninas de maneira aristocrática. Sendo assim a escola deve oferecer momentos entre os educadores (as) tendo uma meta única de minimizar os estereótipos que existem na sociedade, tornando ela mais justa.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 13 - domingo, 20 fevereiro 2011, 10:24

Olá pessoal!!!

O conceito de gênero, como a maioria de vocês já falaram, é muito complexo. De acordo com os textos que li, um conceito me chamou atenção: Barbosa (1989) afirma que gênero não quer dizer que quando o indivíduo nasce ele se torna homem ou mulher, mas que eles se constroem com divergentes comportamentos, poderes e até mesmo diferentes sentimentos.

Aqui podemos tirar algumas reflexões: a questão do gênero tem um significado diferente dependendo do contexto. Gênero não se trata simplesmente de masculino ou feminino, o que deve ser considerado é a construção social de cada um.

Infelizmente ainda assumimos a postura de acreditar que vivemos em uma sociedade que, do ponto de vista legal, requer a igualdade como um princípio dos direitos humanos. Nesse sentido, entende-se que atingir a igualdade de gênero não significa que os homens e as mulheres são iguais, mas, sim, que os direitos e oportunidades de uma pessoa são independentes do sexo da mesma pessoa.

Mas aqui temos um grande problema: a sociedade ainda é extremamente marxista, e sendo assim, aceitar que “a mulher” está ocupando espaços sempre pertencentes aos “homens” não é tarefa fácil.

Ensinar essa questão na escola é ainda mais difícil, pois no âmbito familiar sempre está em evidência que o “homens” é sempre o mais “poderoso” da sociedade, o marxismo ainda prevalece.

Infelizmente a sociedade ainda tem muito que evoluir, devemos deixar nosso “orgulho” de lado e aceitar que mesmo homens e mulher devem ter as mesmas oportunidades.

BARBOSA, M. À procura da história das mulheres. Cadernos da Condição Feminina, Lisboa, n.29, 1989.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 1 - domingo, 20 fevereiro 2011, 11:40

Ainda refletindo.... Segundo Joan Scott citada por Pedro (2005) "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de

dar significados às relações de poder". Percebe-se que a categoria gênero surgiu para explicitar o caráter relacional das categorias mulheres e homens e quais as relações de poder existentes em um dado momento histórico. E de acordo com Lopes(1997) "Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos".

Então o que seria masculino e feminino em nossa sociedade?

Para Lia Zanotta Machado (1998), "O dilema do pensamento ocidental, a partir do qual foram criados os saberes disciplinares das humanidades e das ciências exatas, é que a cultura está para o masculino assim como o feminino está para natureza e que a noção de identidade está para o masculino assim como a diferença para o feminino". Tendo clareza desta dicotomia masculino-feminino em nossa sociedade. Como desconstruir esse pensamento? E quais as atitudes necessárias para alcançarmos a equidade de gênero?

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 14 - domingo, 20 fevereiro 2011, 17:13

Boa tarde C 1,

Contribuindo para o seu questionamento, realmente acho difícil desconstruir o que há anos vem sendo imposto. O caminho é tentar criar no nosso dia-a-dia um olhar que institui menos desigualdade. Tudo vai depender de como olhamos, de onde olhamos, como percebemos e falamos sobre as diferenças, romper e questionar o "padrão" significa estar atento/a e olhar de outros ângulos.

Abraço!!!!

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 1 - domingo, 20 fevereiro 2011, 22:34

Boa Noite C14 concordo contigo, mas, nos deparamos com conceitos tão enraizados que nos faz sentir impotentes diante de tanta violência tanto das identidades de gênero quanto sexuais que se diferenciam do que é tido como "normal". Em contrapartida, acredito que os ambientes educacionais são espaços ideais para desconstrução de preconceitos, diminuição da violência e das desigualdades.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 10 - domingo, 20 fevereiro 2011, 12:06

Quando a criança nasce com pênis é homem e se nasce com vagina é mulher. A criança homem tem que brincar com carrinhos, soltar pipa, jogar futebol e se brigar na rua e apanhar, apanha quando chegar em casa também. A criança menina, só brinca com bonecas e de casinha, não podia jogar futebol, se não, já se pensava que tinha problema e era encaminhada para @ psicólogo@. Pelos textos lidos se percebe que os estudos em relação ao gênero são antigos, mas as mudanças em relação ao comportamento e entendimento da sociedade em relação ao pensar sobre gênero estão chegando agora, com as movimentações de grupos e os destaques femininos não só na política mas também em esportes, que se diz de homem.

Alguns religiosos não aceitam essa idéia de gênero e usam suas interpretações das passagens bíblicas para dizer que "isso não é coisa de Deus". E nos, como professor@s, temos que trabalhar com muito cuidado essa questão, não só em sala de aula, pois estamos trabalhando com uma cultura familiar, então devemos tomar muita com o que falamos para não causarmos um desconforto juntos aos pais e mães.

C 10

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 5 - domingo, 20 fevereiro 2011, 14:31

Boa tarde C 9

Achei muito pertinente as suas colocações em relação a questão do gênero mas no Brasil vale o chavão É preciso ter a doença para que possamos ter o tratamento. Infelizmente temos o negro que não se assume enquanto negro. Temos homos que não se assumem homos. Parecem que não fazem parte desse plano natural, mais parecem estarem no sobrenatural.

Enquanto as pessoas não se assumirem como tal, e dizer que existe sim o preconceito não poderemos fazer muita coisa

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 2 - domingo, 20 fevereiro 2011, 13:27

Será que existe modismo também para mudar de opção sexual? Tenho alunas em uma das escolas que trabalho que, ao conhecer colegas homossexuais, não tinham essa opção. Mas com o tempo mudaram e passaram a ser homossexuais. Não foi apenas com uma ou duas pessoas, mas com várias meninas que, até então, não tinham nem uma certa tendência para se tornar homossexual.

No meu entender, também há essas situações.



Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 5 - domingo, 20 fevereiro 2011, 14:25

Boa tarde C 1

Ao ler o seu post fiquei questionando acerca da sua colocação quanto a OPÇÃO SEXUAL... e pergunto será que é simplesmente assim mesmo... as pessoas podem ter essa opção de ser ou não ser homo ou heteros???

Parece magico isso nao?

As pessoas naturalmente nascem homo ou heteros

Não existe isso de opção, nunca existiu e nunca vai existir

Enquanto nao tratarmos a homossexualidade como algo natural do ser humano, que é proprio da natureza humana continuaremos criando formas magicas para não assumirmos o preconceito que existe em nós

Ser GAY ou nao ser GAY não é opção, mas sim a condição humana de cada um

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 14 - domingo, 20 fevereiro 2011, 16:50

Boa tarde C 5,

Lendo o seu post e do C2, pensei em contribuir para essa discussão.

Penso também que realmente é da natureza do ser humano optar pelas suas escolhas sexuais. Não acredito que pode haver "modismo", afinal, ser homossexual não é uma moda fácil de seguir...é uma caminhada longa e sofrida.

Abraço!!!

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 23 - domingo, 20 fevereiro 2011, 17:30

Olá C 5 também concordo com você, pois acredito que a opção sexual jávem desde o nascimento, pois nãoo credito que por exemplo um homem acorde em belo dia e diga: "hoje não gosto mais de mulher, gosto é de homem" e sim que todos já nascem deste modo, não sendo uma questão de esolhas.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 5 - domingo, 20 fevereiro 2011, 14:13

..."sobre o papel de pais/mães e educadores/educadoras na construção da equidade de gênero."

Esse é o ponto de maior importancia a meu ver em relação as leituras feitas, pois é o momento que colocaremos em pratica tudo aquilo que conseguimos absorver do conhecimento, enfim, é o momento de estagiarmos, de por a mão na massa e dizer... é assim que tenho que fazer, e eis a questão

Qual é o meu papel enquanto professor, qual é a identidade do cidadão que pretendo formar?

Qual é a função da escola? E se o Estado enquanto patrão tem a mesma responsabilidade e o mesmo compromisso que eu enquanto professor. Educação é para libertar. É para promover mudanças no comportamento. É essa educação que precisamos suscitar e promover e não a que o Estado quer.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 2 - domingo, 20 fevereiro 2011, 15:43

A questão que permeia sobre gênero, está relacionada à construção material, ou seja, à divisão do trabalho, segundo as obras de Marx e Engels. Está socialmente construída. Também, achei pertinente a colocação da alienação como importante construtora de idéias, ou melhor, como a principal contribuidora na construção dos elementos "coisificados", tratando as relações e a divisão do trabalho entre homens e mulheres como naturais. A partir dessa "imposição" alienada, tudo foge do controle humano, tornam os fenômenos sociais como exterior à vontade do homem.

Entre as obras lidas também, vem a citação com Foucault, que inclui em todas as suas obras, o poder. em relação ao gênero não seria diferente. Por isso, fazendo uma sequência histórica, se a mulher perde o comando da sociedade através da existência da propriedade privada, consequentemente perde o poder e submete a ele nos segmentos biológico, político, social.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 2 - domingo, 20 fevereiro 2011, 15:55

Retornemos aos textos anteriores sobre conceito de cultura. Diferenciar o homem da mulher em nossa sociedade é cultural. As relações de poder que fora m construídas histórico e socialmente, fazem parte da vida de todo o ser, afetando o individual, o subjetivo de todos, ajudando a construir as ideologias do conceito de gênero. Para isso, cultura também é poder, o que inclui nas questões de gênero também, edificando a idéia de que o homem é superior à mulher, enfatizando as questões biológicas também. A mulher, nesse contexto, é considerada inferior, tanto biologicamente, quanto socialmente.

E nós educadores, como nos portarmos diante dessa situação? A princípio, devemos estudar, conhecer muito as condições socioculturais que levaram à existência das diferenças, em seguida, aceitarmos a construção dos fatos e entendermos o que é o subjetivo, o ser humano. No entanto, temos que proporcionar o máximo possível aos nossos alunos situações que os levem a refletir e que o diferente existe. As possibilidades também são importantes para os próprios educadores que também tem de mudar suas concepções em detrimento da construção das ideias de gênero, o qual foram inseridos. Afinal, os professores também foram educados na sociedade dicotômica, da exclusão.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 14 - domingo, 20 fevereiro 2011, 16:42

Boa tarde cursistas,

Contribuindo um pouco mais para discussão de gênero na escola vale ressaltar que, no livro "Gênero e diversidade na escola- formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico - Raciais" entregue no nosso primeiro encontro na página 48 " "A escola, portanto, tem papel fundamental na construção de identidade dos indivíduos, inclusive das identidades sexuais e de gênero, por ser um espaço privilegiado para o afloramento e a proliferação dos temas ligados à sexualidade e às questões de gênero, e não somente entre os/as alunos/as, mas também entre os/as professores/as. Apesar disso, ela vem silenciando sobre estas questões e ainda reproduz concepções essencialistas e biologicistas que ratificam a norma heterossexual e em nada ajudam no combate ao sexismo e à homofobia..."(Louro, 1997; Ribeiro, 2007). Sobre esta afirmação vale ressaltar que a escola tem a responsabilidade de não contribuir para o aumento de discriminação e dos preconceitos contra aqueles que não correspondam a um ideal de heteronormatividade.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 23 - domingo, 20 fevereiro 2011, 16:59

Boa tarde C14, concordo plenamente com você

Acredito que os professores ainda não estão preparados para essa realidade, por isso essa omissão em relação a está trabalhando esses temas em sala de aula.

A umas duas semanas mesmo fui a um colégio e comentei sobre a lei 10.639, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém a coordenadora me respondeu o seguinte: "acho que ouvi falar sobre isso mesmo, tenho que ver se as meninas estão trabalhando isso em sala de aula", em seguida falei a ela que é obrigatório e que já foi sancionado esta lei e ela: "é mesmo? não sabia.

Então acho ao meu ver que a escola continua omissa a quase todas as formas de diversidade e em suma maioria por falta de saber o que fazer e como fazer.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 23 - domingo, 20 fevereiro 2011, 16:51

Gênero são representações sociais e culturais elaboradas a partir da diferença biológica dos sexos, sendo que o sexo diz respeito ao atributo anatômico e que no conceito de gênero se toma o desenvolvimento das noções de "masculino" e "feminino" como construção social.

Deste modo acredito que mesmo tendo ocorrendo uma grande transformação e modernização do jeito de pensar da sociedade, ainda permeia muitas discriminações expostas e ocultas relacionadas ao gênero. Sendo que hoje se trabalha muito a inclusão do gênero, assim como de etnia, porém estamos longe de obter um resultado satisfatório, mesmo vivendo em uma sociedade com homens, mulheres, lésbicas, gays, negros, brancos e etc.

Acredito que se existisse pelo menos o bom senso entre as pessoas já seria uma forma de melhorar bastante esses conflitos.

Quais diferenças são construídas pela sociedade? Será que um grupo é inferior ao outro ou pode ser discriminado apenas por ser diferente?

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 21 - domingo, 20 fevereiro 2011, 19:49

Gênero é a definição de papéis exercidos pelas pessoas perante a sociedade. Essa definição de papéis foi feita no decorrer da história da humanidade, sempre levando em conta os anseios dos grupos que possuem o poder no momento.

Essa definição de papéis também foi utilizada para reforçar as desigualdades e a hierarquização do poder. O papel dos educadores é de desconstruir estereótipos à respeito desses papéis definidos para mulheres e homens dentro da sociedade. Com ações simples na escola como fazer filas mistas de entrada em sala,

distribuição de lanches por meninos e meninas aos colegas de sala, prática de esportes ditos para um gênero socializados para meninos e meninas entre outras ações.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 19 - domingo, 20 fevereiro 2011, 20:41

Boa noite, colegas!

O termo gênero começou a ser utilizado por teóricos e estudiosos de mulheres e do feminismo no final da década de 70. Naquele momento, o movimento feminista ressurgia com a força em todo mundo, provavelmente por influencia da onda revolucionária que percorrerá a Europa, China, América Latina e EUA, no final da década de 60, com os grandes movimentos estudantis dos papéis e comportamentos sexuais. Betty Fiedan, uma das primeiras lideranças internacionais defende o papel do trabalho criador para que a mulher assim como o homem, possa encontrar-se a reconhecer como ser humano. A antropóloga americana Margareth Mead destaca o peso da cultura na determinação dos papéis sexuais e das condutas e comportamentos dos homens e mulheres.

Vale ressaltar que, a expressão “gênero” começou a ser utilizada justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física biológica. Como não existe natureza humana fora da cultura, a diferença sexual anatômica não pode mais ser pensada isolada no “caldo de cultura”, no qual sempre está imersa, ou seja, falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. A diferença biológica é apenas a ponto de partida para a construção social do que é ser mulher. Sexo é atributo biológico enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

A perspectiva de gênero precisa ser encarada como um dos eixos que constituem as relações sociais como um todo. O conceito de gênero também permite pensar nas diferenças sem transformá-las em desigualdades, ou seja, sem as diferenças sejam ponto de partida para a discriminação. O fato de poder gerar um filho, por exemplo, não é razão para que as mulheres sejam consideradas superiores ou inferiores aos homens, apenas diferentes.

No entanto, a cada período histórico e em cada cultura, algumas expressões do masculino e do feminino são dominantes e servem como referência ou modelo, mas isto não significa que devem ser tomadas como paradigmas. Podemos pensar que há tantas maneiras de ser homem ou mulher, quantas são as pessoas. Cada um, apesar dos estereótipos de gênero, tem o seu jeito próprio de viver e expressar sua sexualidade. Isso precisa ser entendido e respeitado pelos jovens.

A discussão sobre as relações de gênero pode contribuir para que as pessoas se tornem mais conscientes das discriminações que sofrem e possam buscar caminhos novos e próprios neste sentido.

Em relação à escola, entre todas as diferenças que estão presentes nos alunos algumas adquirem maior visibilidade e outras menos. Estamos acostumados a considerar as diferenças de classe social, etnia, aparência física e muitas vezes não relevamos uma das diferenças para o ser humano: O ser homem ou ser mulher. Hoje em dia, diz-se “diferença de gênero” e não “diferença de sexo” como algum tempo atrás. Por que essa mudança na denominação dessa diferença.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 7 - domingo, 20 fevereiro 2011, 21:26

Pela leitura dos textos fiquei a imaginar, desde pequenos aprendemos que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física e biológica os costumes e alguns valores também são diferentes. Como um de nossos colegas relatou no presencial, alguém inventou que a cor de roupa dos meninos devia ser azul e das meninas ser rosa. No nascimento de um bebê, se for menino todo mundo fica dizendo: “como ele é forte!”, “Esse vai dar trabalho!” Se for menina até o jeito de segurar e tom de voz muda: “Olha que lindinha!” “Tão delicada”.

Infelizmente em nossa sociedade o masculino tende a ser mais valorizado e as mulheres vivem em situação de desigualdade.

É preciso que pais e professores se unam em promover uma prática educativa não discriminatória desde a primeira infância para que assim possamos construir uma sociedade realmente democrática, onde a igualdade entre mulheres e homens exista de fato.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 08:58

C1, C3, C12e C13. Tudo bem?

Tendo em vista a contribuição de tod@s, gostaria de complementar algumas reflexões. A questão de gênero para nós, ultrapassa um conceito meramente formal, ou seja, quando estamos falando de gênero, estamos tanto falando de uma categoria de um conceito formal, quanto de uma experiência de vida. Essa experiência é uma perspectiva que visa dar sentido para a diferença sexual. Contudo, lembremos que esse sentido da

diferença sexual é atravessado pelas relações de poder; assim, nos deparamos com uma sociedade que é culturalmente constituída e permeada pelas relações de poder.

Os textos estudados nos fazem refletir para a questão da heteronormatividade. Vivemos em uma sociedade em que há o estabelecimento da heterossexualidade como norma e isso é um discurso de poder onde é dito o que você pode ser ou não ser. A heteronormatividade tem uma dificuldade muito grande de lhe dar com a excessão, ao mesmo tempo em que precisa da excessão para dizer o que é correto e o que não é correto. Precisamos ter claro que ao discutir sobre gênero e identidade de gênero, precisamos perceber que essas questões de dominação estão colocadas. Tomemos um exemplo para reflexão: porque que um sujeito ele se sentir (homem ou mulher) não resolve? Porque o discurso dominante ele é heteronormativo. E se ele aceita que agora nós podemos exercer “enes” identidades, “enes” sexualidades, perde-se o controle da norma. A questão da identidade civil, por exemplo: um homem com identidade de gênero feminina que queira trocar de nome enfrentará vários aborrecimentos. Tudo irá depender do juiz ao qual o sujeito recorre. Caso encontre uma pessoa "fechada" para esse tipo de discussão a causa estará perdida. Percebemos que a tal da jurisprudência vale para outras coisas, mas não vale para as questões relacionadas ao gênero,. Lembremos que a justiça também é uma forma de poder. O que pensar então sobre união estável entre homossexuais? É por aí que se constitui a luta dos movimentos sociais, ou seja, ter o direito de ser reconhecido com respeito em relação aquilo que se é. Partindo desse entendimento, vejo que ainda temos dificuldade de lidarmos com a identidade de gênero teoricamente, não é uma coisa tão tranqüila de discussão, porém, não impossível. Continuemos refletindo!Abraços, Tutora

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 09:42

Bom dia C10, e C5!

Interessantes contribuições. Ao ler o post deC10 logo associei a questão dos papéis pré-determinados, por exemplo: as brincadeiras de "criança homem" como colocado por C10, são brincadeiras que de certo modo influenciam a virilidade e força física, podendo ser consideradas, em algum momento, até violentas. Essas, requerem um espaço amplo para serem executadas e, assim, é delegado às "crianças homens" o espaço da rua, ou seja, o setor que é público.

Em contrapartida, as brincadeiras de "crianças mulheres" são mais silenciosas, não requer tanta agitação e movimento. Desde cedo são influenciadas a brincadeiras dirigidas ao privado, como, por exemplo, brincar de "casinha", "cozinhadinha", entre outras; reforçando desde de cedo os papéis de gênero pré-estabelecidos culturalmente.

Abraços, Tutora.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 09:17

Olá C 23. Bom dia!

Só chamar a atenção para o uso da "orientação sexual" e não "opção sexual", pois como já ressaltado pel@s colegas, ninguém opta por ser homossexual.

Abraços, Tutora

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 18:37

Olá C2. Boa noite!

Vejo que conseguiu compreender gênero enquanto relações de poder. Contribuindo com suas reflexões, gostaria de acrescentar que as relações de poder, por exemplo, a política, não se faz somente nos lugares “oficiais” – parlamento, instituições, etc. Será que não devemos pensar na política em nosso cotidiano? Em todo lugar em que o poder se exerce, em qualquer oportunidade em que pessoas se juntam para distuti-lo visando transformá-lo, pode ser um tipo de política? Conhecer o nosso corpo para melhor administra-lo, definindo como, quando e com quem daremos a continuidade da espécie, e como as industrias farmacêuticas, as instituições de pesquisas, os serviços de saúde devem direcionar nesse sentido, entre outros assuntos , seria também um tipo de política, de relação de poder

Abraços!!!!Tutora

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 10:21

Olá C5, C2, C14, C23e C21. Bom dia!!!

A respeito das considerações realizadas sobre os papéis desempenhados pela família e escola.

Contemporaneamente, na escola, nos deparamos com diversas situações. Na prática temos filhos de pais mais libertários, temos também filhos de geração homoafetivas( adoção, inseminação artificial), temos filhos

de pais ausentes, que pouco sabem da vida cotidiana de seus filhos, enfim, temos "enes" representações de família no contexto escolar. Ainda não sabemos as demandas que virão a partir dessa realidade, o que a história vai nos dizer. Penso que como professor@s é bárbaro moldarmos o sujeito e dizer como ele deve ser, as vezes a subjetividade del@ não é o que acreditamos ser e/ou idealizamos.

A escola deve se abrir para pensar ( não é o livro didático, as leis contra a homofobia que vão dar conta sozinhos). Vai ecoar na formação de professor@s para mudança de atitude. Como dizer que a escola vai romper com o paradigma da hetonormatividade? A sociedade não tem uma resposta agora, mas temos que pensar, problematizar para que as pessoas vejam como um problema.

Nós precisamos pensar na real possibilidade de romper com paradigmas. Seria ideologia ou não pensarmos nessa perspectiva? Quais os discursos? Como nos localizamos ? É problema ter uma criança (menino) que se identifique no universo infantil mais pertinente ao feminino?

Os estágios da criança dão conta da socialização ou não de algumas coisas, depende do contexto histórico. As crianças, em nossa sociedade, são estimuladas e tem contato. O educador e a família tem que dizer: é libertaria? Tem que experimentar? A partir daqui tem outra concepção no mundo do corpo. Conversar com a criança, dizer " sexo ainda não é para você". Na sociedade o que vemos é violência, muitos pais preferem o castigo ao diálogo. Leva tempo, não sabemos se iremos desconstruir isso um dia, mas talvez estejamos educando uma criança que se torne uma adulto machista, homofóbico. Na escola temos que questionar essas ações, com exemplos.

Quando a criança chega em casa e fica até tarde assistindo tv, cabe a escola alertar os pais do horário (faixa de horário imprópria para crianças), a mesma coisa é a internet. Tem haver com a questão social responsabilidade de todos (direito humanos). Não tem que aprender que tem que descer la embaixo, usar o corpo, temos que ter educação em todas as instâncias, pois temos a banalização que tudo é cultura e tudo é permitido.

Temos as especificidades, musicas para crianças, por exemplo. Diálogos preservando a integridade do corpo são essenciais no contexto escolar. Temos tido esse debate com noss@salun@s?

Reflitamos sobre essas questões!

Abraços, Tutora

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 11:14

BOM DIA C19, C7E DEMAIS CURSIST@AS!!!

A intenção dessa unidade foi mostrar que gênero é um conceito político, envolvido pelas relações de poder; que por sua vez não é só o objeto, não é só quando olhamos a sociedade e vemos marcas de gênero em homem e marca de gênero em mulheres... é também no âmbito daqueles que estão elaborando sobre esse gênero.

Fazendo um apanhado geral das postagens, em alguns momentos, percebemos (professoras formadoras e orientador@s) que as discussões estavam eliminando as relações de poder, harmonizando algo que não é harmônico... assim, fiquemos atentos para essa questão: o conceito de gênero está sim, permeados pelas relações de poder! Quando vocês postaram sobre o aprendizado de gênero que "menina ganha boneca, usa rosa e menino ganha carrinho". O que isso significa? É nessa perspectiva que nos interessa pensar o aprendizado de gênero. Seria uma construção cultural? O que fazermos agora a partir dessa realidade? Como nos localizamos nesse debate e como trataremos essas relações no espaço da escola?

Assim, reforço a primeira postagem onde refletia gênero: o que nós vamos fazer com esse conceito? Ele é político, transformador, trata das relações de poder de submissão e dominação. No que se refere à discussão que se estabeleceu entre o neologismo sexogênero e gênerosexo, conseqüentemente, Scott e Butler; o que nos interessa na Scott não é a questão do sexo como sendo biológico. Scott vai ser a primeira ir trazer para dentro da academia a perspectiva política feminista (se não fica parecendo que ela tenta juntar a biologização com o culturalismo). Assim, o que nos interessa na Scott é pensar qual é o avanço. Porque ela é a autora mais citada nos trabalhos do Brasil e fora? Por que ela justamente tenta sair dessa leitura despolitizada, que é exatamente o que o texto de Joana se propõe. Como já ressaltado anteriormente mediante contribuições das professoras formadoras, para as feministas pós-estruturalistas "é a linguagem que constrói significados para a realidade, ou seja, não existe nada estabelecido anteriormente à cultura, são os sujeitos históricos que constroem a significação de tudo. Essa construção se dá por diferentes vias discursivas e o discurso científico é uma delas, para elas não existe uma verdade científica (histórica, biológica, social) anterior aos significados construídos pela humanidade. Assim, nada é imutável, não existe a verdade absoluta sobre nada, tudo é cambiante, inclusive o que entendemos por sexo. Daí que a Butler vai questionar a anterioridade do sexo ao gênero, para ela quando a biologia, a medicina, ou senso comum diz o que é o sexo biológico, estes discursos o fazem por que já trazem embutidos uma dada concepção de gênero. Ela inverte equação, dizendo que é a binarização cultural do gênero (concepção de masculino e de feminino) que institui a binarização do sexo (macho e fêmea). Logo, para ela o discurso só pode dizer que o ser que possui o órgão reprodutor masculino

é macho, por que já se construiu uma concepção de masculino. Por isso ela diz que sexo e gênero são a mesma coisa. Por isso fica difícil para nossa sociedade pensar outras idetendidades de gênero por que implica repensar a concepção de sexo. O que Butler está questionando é que a equação sexo/gênero não é tão simples quanto parece".

Considero a discussão que realizamos muito proveitosa. Espero que tenham conseguido pensar gênero com mais tranqüilidade. Contudo, reforço que essa é uma longa discussão e ainda temos um amplo caminho a percorrer. Partindo desse entendimento é que espero tod@s em nosso próximo fórum, onde teremos a oportunidade de discutir sobre "masculinidades e feminilidades".

Forte abraço à tod@s!Tutora

Re: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 07:54

Olá C 11, C 13, C 7, C 23, C 1 e C 20!

Bons exemplos... Pensem também que os desenhos animados e seriados infantis expressam representação de gênero na medida em podem legitimar concepções sobre masculino e feminino. A rede Globo, por exemplo, transmite ou transmitia duas produções que inserem bem nesse contexto. Você se lembra das Três Espiãs Demais e dos Power Rangers?

Numa pesquisa realizada por Esperança (2008), numa escola publica, revela que o desenho citado é preferência das meninas, enquanto os meninos se identificam com o seriado Power Rangers. Mas será por quê?

Enquanto o seriado retrata garotos como personagens principais e enredos que giravam em torno de tema sobre embates físicos, competição e automobilismo, o desenho Três Espiãs Demais, por outro lado tem como protagonistas garotas, que em algum ponto de seus enredos abordavam temas relacionados ao que tradicionalmente é associado ao universo cultural feminino: ênfase em relacionamentos amorosos, aparência, roupas e maquiagem.

Então fica nítida a idéia de que a mídia colabora para reforçar enormemente o aprendizado de gênero!

Abraços, Tutora

Re: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 10:40

Olá C 11 e demais cursist@s! Bom dia!

C 11, dizer que parece e não parece por si só é uma bobagem, mas por outro lado não é, pois contaram pra gente uma história do que é ser gay, do que é ser lésbica. Entretanto, com o uso da tecnologia nós temos uma mulher feita, que pode ser mulher biológica ou não. Ela pode se fazer todinha, do jeito que ela quer (se ela tiver condições). O sujeito que nasceu homem mas que tem uma identidade feminina, a idéia é que simplesmente ele tem que adaptar o seu corpo ao gênero, tem que adaptar sua anatomia no que ele tem de construção identitária no campo do gênero. Porque faz parte da performance, o que tem que estar materializado nessa performance.

Socialmente a gente não vai conseguir fugir dessa performance porque ela é que vai legitimar a identidade, é uma construção cultural, não tem como fugir disso. Esse conceito é importante porque ele é basilar, pois caso contrário se torna tudo muito misturado para classificar.

Partindo para a perspectiva pedagógica: se tivermos na escola uma criança (menino que aparece mais atualmente), com traços muito femininos, que se identifica muito com as meninas, que de repente quer ir no banheiro feminino porque se identifica mais (e no masculino pode sofrer algum tipo de agressão, simbólica ou não, física), obviamente vai se identificar com outro grupo. E como nós educador@slidamos com isso? "Ah, aquele ali quer ser, vamos chamar a mãe porque esse menino tem que fazer cirurgia". Não, não é apenas isso. Dependendo de como formos tratar pedagogicamente, lidar com essas questões pode ser muito complicado, tem que ter muito cuidado, tem que entender essa idéia da transitoriedade e isso tem haver com os direitos humanos.

Deixa o sujeito se conhecer, transitar , não coloquemos um rotulo nel@. Talvez, desconstruir isso com os professor@s seja fundamental. As aulas de Educação Física (nas aulas que permitem o diálogo maior), onde o/a alun@ pode falar mais, se expor mais, digamos ser uma excelente oportunidade de trazer o conhecimento, tratar o conceito e ao mesmo tempo lidar com exemplo, sempre com muito cuidado nesse campo.

Abraços, Tutora

Re: Fórum: O conceito de Gênero

Tutora - segunda, 21 fevereiro 2011, 07:58

Olá C 5, bom dia!

Que bom tê-lo de volta às atividades. Gostaria, caso possa, que compartilhasse suas experiências resultantes da reunião que participou. Nos conte no [fórum social](#), acredito ser muito interessante para que possamos ampliar nosso entendimento de gênero.

Forte abraço, Tutora

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 22 - terça, 22 fevereiro 2011, 11:06

Olá C2. Em qualquer que seja a situação é muito complexo fugir a tudo que é tido como padrão de normalidade, principalmente em questões relacionadas à identidade de gênero. O discurso das pessoas não coincidem com seus atos e desfazer o que a construção cultural sempre ensinou a todos, como a formação dos papéis do masculino e feminino é uma questão complicada e deve ter um comprometimento dos ambientes educacionais, adotando medidas que visem diminuir o preconceito e fomentando pesquisas e discussões a cerca do racismo, da violência e das desigualdades entre os sexos.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 22 - terça, 22 fevereiro 2011, 10:48

Olá C 21, concordo com você quanto a definição de gênero. Penso que gênero está relacionado com a identidade social, enquanto que o sexo está relacionado com o corpo físico de cada um. A história da sociedade humana nos mostra que a formação da identidade de gênero vem desde os primórdios e que as definições de papéis foram utilizadas para favorecer a desigualdade e hierarquização do poder, cabendo ao sexo tido como o mais forte, o homem, quase sempre o papel da dominação e à mulher o papel da submissão e obediência e só através de muita luta é que hoje se consegue pensar, apesar de limitadamente, sobre essa carga histórica para a desconcretização de estereótipos entre os sexos.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 22- terça, 22 fevereiro 2011, 19:27

Segundo a autora, o uso da palavra gênero tem uma ligação com os movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas, que lutavam por "igualdade e respeito", e que passaram a enxergar não só as diferenças biológicas entre os sexos masculino e feminino, mas também a influência do sexo sobre os papéis sociais e as relações de poder e dominação. O feminismo foi um movimento fundamental para estas discussões, que apesar de possuir várias correntes, lutavam contra a dominação, a subordinação e a supremacia do homem em relação à mulher. Um atribuíam ao corpo físico a geração das violências e submissões, outras já queriam a igualdade de condições nas esferas públicas. Até o pouco uso da palavra MULHER, como nos mostra a autora, revela a supremacia do homem em relação a mulher, é como se a mulher não constituísse uma identidade própria, o que não deixa de ser uma verdade.

O [texto](#) nos mostra também a falta de personagens femininas na história, não porque elas nunca existiram, mas pelo fato de não serem personagens aceitos pelos homens e pela exclusão da mulher da história dos governantes e das batalhas.

A diferença entre gênero e sexo veio dos movimentos feministas e a análise de gênero da escrita das historiadoras sobre as mulheres. SCOTT definiu gênero como a organização social da diferença sexual (baseado nas relações sociais).

O gênero é algo que nao pode ser visto desconectado das relações de poder pois envolve relações sociais, e na maioria dos contextos foi usado com gerador de desigualdades e exclusão.

Engels(1884) em seu livro " A origem da família, da propriedade e do Estado" dizia que:

" O primeiro antagonismo de classes na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, unidos em matrimônio monógamo, e a primeira opressão de uma classe por outra, com a do sexo feminino pelo masculino."

Pensar sobre questões de gênero envolve um certo nível de complexidade, certamente porque nós carregamos a construção dessas identidades de gênero dentro de nós, mas é de extrema importância que repensem estes conceitos para que possamos contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 23 - quarta, 23 fevereiro 2011, 10:13

Tutora esses momentos são aparentemente raros, creio que o professor ainda necessite repensar sua prática de ensino, pois tenho observado que a maioria dos professores ainda sem o método tradicional de ensino.

Re: Fórum: O conceito de Gênero

C 16 - segunda, 28 fevereiro 2011, 13:25

Olá Tutora,

A partir da leitura do texto, Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica de Joana Maria Pedro, pude realizar algumas reflexões sobre como os estudos de gênero se desenvolveram ao longo do tempo. Sobre como vários autores e autoras propõem esta categoria. Neste texto também foram descritas a formação dos movimentos sociais feministas, nos demonstrando como estes contribuem nas relações de gênero. Realizando esta leitura e as demais comecei a fazer uma relação com minha vivência, percebi que se trata de relações de poder do masculino sobre o feminino, como as diferenças sexuais da mulher e do homem definem o que pode e o que não pode se feito dentro de nossa sociedade, gerando assim inúmeras situações de discriminação. Exemplo claro destas situações estão no universo do trabalho, onde as mulheres são submetidas à exploração.

Em nossa primeira disciplina estudamos sobre cultura e fazendo uma relação com gênero, percebo que a não compreensão da categoria gênero está numa questão cultural, somos culturalmente uma sociedade que tem direitos diferentes para homem e mulher, porém no texto Gênero, Marxismo e pós-modernidade: uma reflexão teórico-política acerca do feminismo na atualidade de Mirla Cisne, ela ressalta que “cultura não é natural”, sendo esta construída. Deixa claro em seu texto as relações de poder do masculino sobre o feminino, pois nossa sociedade é dividida em classes, referindo no marxismo e que enquanto for assim sempre teremos situações de exploração de uns sobre outros, indiferente do gênero.

Somos enquanto educadoras e educadores historicamente reprodutores desta distinção do homem e da mulher, porém atrás da compreensão podemos refletir para a mudança e contribuir para que realmente esta aconteça em nossa sociedade.

Continuemos refletindo!!!



## ANEXO 2

### TRANSCRIÇÃO DO FÓRUM “SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL”.

Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

Tutora - terça, 28 junho 2011, 09:57

Olá pessoal!!!

Nesse fórum, vamos pensar questões acerca do Corpo e da sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica. O documentário DZI Croquettes se inicia com a menina Tatiana Issa (que conviveu com grupo DZI Croquettes) narrando aspectos de sua relação com os DZI em sua infância, a qual remete ao campo da fantasia que permeia suas lembranças “seus enormes “cílios” “palhacinhos”; assim, expressando traços da memória, do esquecimento e da celebração. O surgimento do grupo se dá no contexto da ditadura militar, no qual direitos civis foram coibidos e paradoxalmente tem-se os DZI Croquettes que marcaram a corporalidade e a sexualidade de uma geração.

Elaborem suas impressões sobre o filme e os textos a partir dos eixos, a seguir:

- vocabulário corporal que mudou a cultura de uma geração! “Custou a censura se tocar que aquilo ali era ameaçador.” “ninguém podia pensar, ser diferente...”

- Transitoriedade do constructo masculinidade e feminilidade... ou melhor, o corpo como ato estético e político ... aparecem em cena a força, a sensualidade, o feminino, o masculino, a androgenia, a elegância, a virilidade, a beleza, o nu, e sobretudo transgressão de constructos acerca da sexualidade... por meio da arte!!!

- “[...] O espetáculo do DZI Croquettes não pode deixar de ser visto, sem ser aprendido[...].”

- Masculinidades...nem homem, nem mulher, gente!

- AIDS como "doença gay" e as repercussões para as sexualidades no pós “Trinta Gloriosos” (entre anos 50 e 70), ou seja, após os anos 80 do séc. XX.

- Os integrantes do DZI Croquettes são assassinados em crime de ódio no período pós anos 80; qual o significado deste fato para a reflexão da permanência, e, mesmo do acirramento, dos processos de discriminação, intolerância e violência no campo do gênero e sexualidades.

- marcas temporais e espaciais que demarcam e repercutem nas representações (científicas e midiáticas; bem como, imaginário social) e transformações em torno do corpo e sexualidade na contemporaneidade.

- As tendências de controle, disciplinamento do corpo e as expressões de resistência e dissonâncias no campo da sexualidade

- as modificações culturais no campo do vestuário, da arte, da ciência, do comportamento que incidem no corpo sexuado

Bons estudos à tod@s!!!

Abraços tutora

Valor: 40 pts

A atividade deverá ser realizada até dia 02/06

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

por C5 - terça, 24 maio 2011, 01:13

Boa noite Tutorae demais cursistas

Estou fazendo a leitura dos textos e gostaria de saber como conseguir esse documentario para podemos refletir acerca das suas deliberações

Saudações educacionais

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

por C14 - terça, 24 maio 2011, 12:38

Boa tarde,

Ainda estou lendo os textos...mas já dá para fazer algumas colocações como sobre o texto de Foucault que mostra que a sociedade desde o século passado, se maltrata pela sua hipocrisia. A sociedade viveu, desde o século XVIII, uma fase de repressão sexual. Foucault interroga a hipocrisia da sociedade, aponta que todos os elementos negativos ao sexo como proibição, repressão, etc, têm função numa técnica de poder e numa vontade de saber. Sobre isto Foucault (página. 12) afirma "Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura."

A partir do século XVIII, houve uma proliferação de discursos sobre o sexo, Foucault afirma que o próprio poder que incitou a proliferação de discursos, através da igreja, da escola, da família, do consultório

médico. Essas instituições não visaram proibir ou reduzir a prática sexual; visaram o controle do indivíduo e da população.

Abraços!!!

Vamos dialogando...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C18 - terça, 24 maio 2011, 20:07

Boa Noite C14,

Foucault demonstra a hipocrisia da sociedade do século XVIII, com suas retaliações ao sexo.

Você percebe semelhança com os dias de hoje?

Ou ainda vivemos como no século de XVIII, ou melhor vivenciamos uma sociedade que mascara a do século XVIII?

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C14 - terça, 31 maio 2011, 15:38

Boa tarde C18,

Percebo que ainda temos muitas privações, recusa em falar de sexo. Digamos que foi uma herança de outros séculos. Reduzimos durante anos ao silêncio, fomos intensamente reprimidos. Desfazer desta herança será uma missão difícil.

Penso que será uma tarefa árdua para os educadores/as transmitir mensagens preventivas, mas devemos construir propostas educativas que promovam a reflexão sobre os direitos e as responsabilidades dos cidadãos e das cidadãs a respeito da expressão do afeto, da sensualidade e da reprodução.

Abraços!!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C11 - quarta, 1 junho 2011, 20:18

Boa noite!

C18 e C14...

As leituras realizadas evidenciam toda uma história de tabus, repressões, silêncios e censuras com relação ao sexo e a sexualidade, que influenciaram os conceitos que a nossa sociedade tem atualmente, com relação a esta temática. Devemos ter clareza de que são processos históricos construídos por todo um contexto social, econômico, político e cultural, e que portanto não são tão simples de serem desconstruídos ou rompidos.

Devemos ter em mente, por exemplo que há pouco mais de 60 anos homossexuais eram presos em campos de concentração e mortos em câmaras de gás na Alemanha Nazista, por serem considerados inferiores, doentes... Ações como essas são muito recentes se comparadas ao amplo contexto da história da humanidade. Caminhamos bastante no sentido de uma emancipação da sexualidade, do corpo e do sexo, mas ainda há muito o que conquistar e o que amadurecer.

Bons estudos!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
Tutora - terça, 24 maio 2011, 20:15

Olá C5, boa noite!

Os filmes se encontram no Polo. Entre em contato com a secretária e ela providenciará uma cópia para você. Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
Por C17 - terça, 24 maio 2011, 12:17

Tutora fui lendo e fazendo algumas reflexões sobre os textos propostos

Durante um bom tempo a sexualidade só era enfatizada quando mencionavam o quarto dos pais, qualquer atitude ou fala a esse respeito era violentamente reprimida, considerado anormal e teriam que sofrer punições. Nessa época era como se não houvesse nada o que dizer a esse respeito, somente em alguns locais era possível mencionar a palavra sexo e tudo que a envolve, se diziam alguma coisa era apenas um murmúrio sobre isso.

O sexo só era permitido somente com o intuito de reproduzir-se, vários acontecimentos desumanos aconteceram, será que era necessário passar por tantos contratemplos para que tudo fosse melhor colocado, os padrões fossem modificados, ou pelo menos revistos. A sexualidade parece estar contra o senso comum, impuseram vários absurdos a esse respeito que tiveram que ser aceitos pelas pessoas, durante um tempo, até que elas começaram a lutar pela mudança de comportamentos nessa sociedade.

Por que durante muito tempo, associaram o sexo ao pecado, sem perceber que este realmente, era a exclusão de alguns gêneros do convívio social, onde poucos que tinham o poder, e usavam abusivamente, muitos

ainda afirmam que tudo isso só será modificado em longo prazo com a interferência de boa parte da população, pois já se tornaram regras e tabus para muitos. Numa sociedade capitalista, longe de ser reprimida a sexualidade, foi usada como maneira de gerar capital, será que podemos realmente afirmar que tudo foi aprendido e ensinado a partir de momentos históricos, mas o que realmente interessa realmente é saber se as pessoas tinham vontade de saber sobre a sexualidade.

O indivíduo tem e tinha curiosidades sobre o assunto, e este apenas era relacionado ao surgimento da vida, mas também era como um grande mistério que merecia a curiosidade de muitos, que fez com que agissem contra os princípios da sociedade e passassem pelas punições.

O poder estabelece relações com o sexo, negativamente, gera exclusões, rejeições, por que ele não pode nada contra o sexo e os prazeres, apenas lhes diz não e tenta que não ocorra. Diante da lei o sexo pode ser lícito e ilícito, permitido e proibido, este estabelece domínio sobre ele através da linguagem, as regras são criadas, a nós cabem as decisões e as conseqüências delas. A única lei a respeito da sexualidade é a proibição.

A censura era feita de três formas, afirmar que não era permitido, impedir que se diga sobre o assunto e negar que existia. O poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo a todos os níveis, baseado na obediência dos indivíduos na sociedade, talvez exista um fator histórico para tal proibição, as grandes instituições do poder que se desenvolveram, na idade média, a monarquia, o estado e com seus aparelhos sobre um fundo de multiplicidade de poderes pré-existentes, mas é preciso pensar sobre o sexo se não existisse lei, assim como imaginar o poder sem o rei, mas o que realmente estava em jogo era a formação da identidade das crianças, no começo tratadas pelos pais e os médicos, com muito cuidado e finalmente a sexualidade dos pais passou a ser tratada entre as crianças e os psiquiatras. Não é possível tratar sexualidade de uma única maneira, é preciso ser maleável, usar várias estratégias, já que os seres que estão em jogo são todos diferentes uns dos outros e que isto não está reduzido apenas a reprodução, que deve ser praticado somente em casais com relação conjugal.

Partimos do ponto em que o sexo era tratado com muito cuidado pelos familiares, não mencionavam talvez como meio de preservar os componentes da família, quem se recusa a casar era considerado anormal, principalmente quando, homossexual, vão para o momento em que todos buscam respostas para esse universo.

Começa a repensar sua prática enquanto ação discriminatória, onde pessoas que se declaravam diferentes, eram isoladas, para ser analisadas como doentes, a psicanálise, começa a buscar respostas para esses comportamentos no século XVIII, a sexualidade começa a ser encarada diferente, a pedagogia volta-se para as crianças a fim de mudar ou melhorar a postura da sociedade, a medicina começa a ajudar as mulheres a evitar a gravidez, o controle do número de nascimentos, torna-se uma questão demográfica, novos olhares são incorporados. Nessa época também começam a falar que a prática sexual desorganizada pode efetivar a transmissão de doenças, este era um trabalho médico, mas junto dele vem também a questão social e política, onde controlam a quantidade de nascimentos, casamentos e sobrevivências, o sexo e sua fecundidade devem ser administrados.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
PorC14 - terça, 24 maio 2011, 12:48

Boa tarde a tod@s,

Estou ainda fazendo as leituras propostas, mas já tenho condições de refletir sobre a minha leitura...

Os dois textos apresentados para leitura faz uma abordagem da história da sexualidade, na minha leitura, pude perceber que o discurso da sexualidade sempre foi movido pelo poder, diria pela manipulação. Fomos moldados nas ideologias de uma certa época e somos diria vítimas de um processo lento e manipulador, fomos desde outras épocas controlados.

Abraços

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
PorC17 - terça, 24 maio 2011, 15:31

A respeito do texto de Anne Marie Sohn, percebi que nunca antes do século XX o corpo sexuado começou a ser exposto, sendo objeto de estudo tanto médico como comercial. Nesse período foi possível visualizar corpos nus, talvez por ter segurado tanto, agora o pudor e os preceitos religiosos vão se rompendo, para o casamento a exigência é a sedução e amor, deixa-se de lado a escolha da família pelo parceiro ideal, a barreira das tradições seculares foram sendo rompidas, as mulheres já podiam mostrar os joelhos, os calcanhares e até mesmo o corpo durante uma gravidez e parto, os homens já podiam urinar em público e expor seus corpos musculares, o sexo já estava sendo feito sem a única função de reproduzir, os maiôs começam a expor os corpos femininos, estes por sua vez magros.

A pornografia é exposta a uma sociedade, cada vez com uma amplitude maior, a censura ainda tenta desfazer esses acontecimentos, mas nada consegue. O avanço dessa pornografia preocupou pessoas, o impacto que provocava nas famílias de modo especial nas crianças, os jovens que fantasiavam sua vida amorosa, os homens com mais de quarenta, estimulavam suas relações com fantasias sexuais e as mulheres que geralmente tinham seus corpos expostos nesses filmes e os considerava marchistas, durante cada etapa parece que o pudor e os tabus visuais iam recuando cada vez mais, e questionamentos são feitos em relação ao futuro da sociedade e da moral. Partem do ponto em que os comportamentos e as perversões, que já não analisados a partir do pecado mas da normalidade e anormalidade, não mais vai contra os preceitos religiosos, mas encarado como lesbianismo e masoquismo, a teoria freudiana faz com que o motor da sexualidade rompa com a sexualidade reprodutiva, passando para a hedonista. Freud enfatiza que a sexualidade feminina é a que mais sofre pois, consideram o a libido como masculino, as mulheres devem realizar masturbação clitoridiana, quando adultas devem apenas satisfazer o outro, usando o coito vaginal, já outros estudiosos debatem tudo isso e mencionam que a sexualidade feminina é bem semelhante a masculina, a respeito dos homens ainda diz que navegam desde a heterossexualidade até a homossexualidade, se preocupam com o prazer e orgasmo, seja com suas companheiras ou com outras(os).

O século XX começa com a proteção a materna e a infantil, os médicos tentam combater o aborto e impor o aleitamento, de preferência usando mamadeira, a infertilidade passa a ter uma maior atenção e voltam-se também para analisar os efeitos das pílulas no organismo, para evitar gravidez, acontecem algumas intervenções cirúrgicas para mudar o sexo e usar hormônios para ajudar a transformar seus corpos, a comercialização do viagra passou a ser feita.

Com o surgimento da AIDS iniciou a vigilância em torno da saúde e da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a sexualidade passa a ser sanitária e não mais hedonista, o uso de preservativos é enfocado, entre todas as faixas etárias ativas sexualmente, as evoluções tiram a sexualidade da clandestinidade.

E no período entre guerras que a Europa realiza uma revisão demográfica e vê sua natalidade cair, casais cada mais querem reduzir o número de filhos, as vezes a opção por um único, principalmente depois da grande guerra as mulheres passam a controlar ainda mais a fecundidade, quando falhava, abortavam as futuras crianças., como o uso da pílula não foi o suficiente para evitar uma gravidez, se isso ocorresse colocariam o aborto em prática, até mesmo os homens com suas amantes poderiam sugerir, para se verem livres de qualquer responsabilidade, se analisarmos por outro lado esse período permitiu que a sexualidade não fosse somente confinada ao casamento, o adultério é encarado e julgado pela sociedade, os jovens também se habituaram a uma vida sexual fora do casamento.

O casamento não é socialmente obrigatório para que uma relação amorosa, às vezes esse acontece depois do nascimento do primeiro filho, ou passa a ocorrer concubinato. Homens e mulheres estavam tendo mais ou menos os mesmos direitos, mas algumas pessoas do gênero feminino, após ficarem viúvas, ainda se recusavam a encontrar outro companheiro, os do gênero masculino por sua vez pousavam sempre com mulheres diferentes, a chamada troca de casais da época.

A homossexualidade também se beneficiou com a liberação dos costumes desse período, passou por momentos de avanço e recuo, onde alguns ainda ignoram o direito que os indivíduos tinham em optar sexualmente, algumas manifestações foram realizadas com o objetivo de efetivar o direito de cada um. As pessoas parecem tolerar a homossexualidade, cada vez mais, mas ainda estão presentes situações de homofobia, a ditadura prevê a castração para estes e prisão em campos de concentração, Depois da segunda guerra a homossexualidade é vista como uma doença pela ciência oferecendo a este tratamento para pessoas com distúrbios mentais, assim muitos ficaram no anonimato, depois de vários estudos retiraram-na da lista de doenças mentais e as pessoas se organizam para realizar a primeira parada gay, a prostituição masculina aumenta e os casos de doenças como a AIDS, também, sendo um momento de repensar tudo isso.

A liberdade sexual percorre caminhos errados, onde surge a pedofilia, pessoas praticam atos sexuais com crianças e a sociedade busca repensar a que idade isso se consuma. Por um bom tempo os estupros eram analisado, mais pelo lado dos estupradores, do que o das vítimas, os mesmos eram considerados responsáveis pelos desejos que despertavam, a violência contra as crianças era ignorada. Só após a lei de 1989 a violência contra os menores foram denunciados e punidos.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Tutora - terça, 31 maio 2011, 21:17

Olá C18,C14e C17. Tudo bem?

A partir dos dois textos base é possível perceber que durante algum tempo a sexualidade, bem como o sexo era condenada, reprimida, como você expõe. Partindo dessa perspectiva questiono baseada nas concepções de Foucault:

"Por que hoje em dia nos culpamos por ter feito do sexo um pecado?"

Através de que caminhos acabamos ficando " em falta " com respeito ao nosso sexo?

( FOUCAULT,1998, p.15)

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
 PorC14 - quarta, 1 junho 2011, 14:06

Boa tarde Tutora e cursistas,

São perguntas que realmente nos fazem refletir sobre o porquê o sexo sempre foi algo a ser escondido e tampouco pronunciado.

Poderíamos dizer que foi as relações sociais que foram impostas a nós?O sexo desde cedo é algo que nos causa curiosidade, pois sabemos que ainda existi muitas restrições quando falamos em sexo, que está supostamente ligado a orgia, a depravação, coisas deste tipo.Acredito que desde as décadas passadas fomos moldados a essas proibições.

Abraços!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
 por C11 - quarta, 1 junho 2011, 20:48

Olá Tutora!

Acerca dessas questões FOUCAULT (1998) situa as análises históricas apresentadas em sua obra, na qual procura compreender a sociedade que ao longo do tempo se apresenta por sua hipocrisia, fala do "seu proprio silêncio" e da sua própria necessidade de ruptura com as leis que a regem. Ou seja, ao mesmo tempo em que a sociedade é reprimida, ela expõe essa opressão e enfatiza as suas negações. No caso específico do sexo e da sexualidade tem-se consciência de todo um processo histórico de negações, de silêncios e de segredos, mas é a partir dessas negação que hoje tem-se a necessidade tão intensa de trazer ao público os discursos sobre o sexo e todo esse histórico de dominação. Seria a tentativa exaustiva de negação da negação, ao mesmo tempo em que reafirma... Para o autor há uma necessidade de repensar não somente o histórico de repressão com relação ao sexo, mas compreender as raízes dessa repressão e superar as críticas realizadas apenas com relação aos discursos construídos.

Sucessos...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
 PorC18 - terça, 24 maio 2011, 13:27

Ainda estou fazendo a leitura do texto, mas podemos perceber a importância do autor para debatermos sobre o conceito de sexualidade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
 PorC9 - quarta, 25 maio 2011, 06:43

Olá C18?

Sexualidade, também estou em fase de leitura dos mesmos. Mas dando uma olhadinha na mídia nestes últimos, perceba comigo, você e os demais cursistas. Como tens batido assuntos referentes às temáticas estudadas por nós.... ??? Uma indagação, até que ponto tal exposição destas temáticas tem sido positiva na construção de uma sociedade menos preconceituosa ? Não está se expondo demais tais conceitos, explorando-se de forma "aberratória" a ideia sexualidade/ orientação sexual ? Que tal pensarmos a respeito.... ??

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
 por C9 - quarta, 25 maio 2011, 06:43

Só pra lembrar nossas leituras iniciais do curso - o Corpo e a mídia, lembra ??

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
 PorC6 - quarta, 25 maio 2011, 09:29

Bom dia, colegas do GDE...

Conforme as indicações de texto e de filmes para o presente fórum, acredito que todos foram proveitosos para iniciarmos a nossas discussões que envolvem a questão da sexualidade, orientação sexual.

Verificamos de uma forma mais geral, que quanto os textos como os filmes, interligam entre si para melhor conhecimento do processo histórico que envolve a questão da sexualidade, percebemos que as lutas e conquistas proporcionaram uma melhoria na sociedade se comparada com as décadas anteriores, mas sem alguma duvida a ainda muito que mudar.

Para iniciarmos, e com embasamento em Foucault, verificamos que a repressão do sexo é uma evidencia histórica que durante muito tempo associou sexo ao pecado. Verificamos também o "perigo" de analisar o sexo, pois a pessoa corria o risco de ser mal interpretado, mal entendido, mas era algo necessário. Desse modo, avaliamos que essa repressão ao sexo tem suas raízes históricas, e que "a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade", e se o sexo era algo reprimido/proibido o simples fato de falar sobre ele era considerado uma transgressão; assim constatamos

que as primeiras pessoas a discutir sobre essa temática acreditavam que deviam pedir desculpas aos leitores pelos assuntos tão baixos e fúteis a qual era considerado naquela época. (pag. 11,12, 14 e 15).

Ao decorrer dos tempos essa análise do sexo foi tomando novos rumos, não só fazia mais parte a discursos restritos da igreja, tomou novas formas sendo discutido a partir de 03 eixos: o da pedagogia, da medicina e da demografia, onde mostraram uma preocupação com o sexo. Em relação à pedagogia o objetivo era discutir a sexualidade específica da criança; a medicina estava preocupada com a fisiologia sexual própria das mulheres e a demografia com o objetivo de regular a taxa de natalidade, controlando assim o indivíduo e a população.

As discussões que envolvem no texto “o Corpo Sexuado” de Anne-Marie Sohn se perpassam por discussões interessantes que envolvem todo um desenrolar histórico sobre as questões do pudor, do sexo a qual foi preciso superar as barreiras de tradições seculares. Dessa maneira acredito que seja interessante refletirmos sobre a sociedade de antes e de hoje, assim como o que hoje é tido como algo “normal”, antes era algo reprimido, proibido, feio como, por exemplo, o falar do sexo retratado no texto de Foucault e no texto de Sohn o surgimento do maiô e depois do biquíni. Assim as discussões trazidas por SOHN são eficazes para a reflexão de como surgiu variáveis coisas, como já menciona o aparecimento do maiô, do biquíni, entre outras como, o surgimento das pílulas, das revistas, dos videocassetes pornográficos, os sexólogos dentre outras. Constatamos no livro que a autora abrange que o surgimento dos discursos dos sexólogos contribuiu para tirar a sexualidade do silêncio e da vergonha legitimando o prazer, as quais demarcaram o terreno da sexologia no século XX com o relatório Kinsey. (pág. 121)

Com referencia no filme e na leitura realizada verificamos que Kinsey, um cientista/biólogo transformou a cultura americana, desafiou as convenções e criou uma aversão com o lançamento do livro “O comportamento sexual do homem”. Livro esse que foi escrito após perceber que a sociedade estava desinformada sobre assuntos relacionados a sexo. Assim, verificamos que o livro foi lançado através de variadas entrevistas com mulheres e homens, com objetivo de conhecer os hábitos sexuais. Com essas entrevistas e com os cursos sobre sexo oferecidos nas escolas e nas universidades como tema de importância para os alunos, Kinsey percebeu a necessidade de mudanças nos conteúdos e cursos das universidades. De forma geral, com suas teorias comportamentais o livro “abriu as portas” / “abriu os olhos”, aliviando o peso, o silêncio e a vergonha por aqueles que têm práticas sexuais na maior parte oculta. Também averiguamos que Kinsey rompe com os tabus, compra briga com igreja e com os moralistas para explicar a diversidade de comportamentos encontrados nos heterossexuais e nos homossexuais.

Assim como esse filme é considerado algo histórico o documentário Dzi Croquettes também é, pois acredito que foi a partir do surgimento do grupo em plena vigência militar, onde tudo era proibido; onde “ninguém podia pensar, ser diferente”, “ninguém podia expressar com liberdade”; o grupo ousou em quebrar a rigorosa censura vigente no Brasil, decidindo desrespeitar a ordem militar com inteligência, criticando as instituições com o humor, fazendo surgir novas concepções a respeito do homossexualismo, para, além disso, o grupo fez do homossexualismo uma bandeira de afirmação de direitos, onde a década de 70 foi considerada uma época de rompimento, de mudanças, de fugir de padrões e buscar o novo, o desconhecido.

Em fim, com as leituras, o filme e o documentário, podemos dizer que mesmo conquistando esses inúmeros locais, os assuntos relacionados a sexualidade e orientação sexual são até hoje verdadeiros tabus, mas vale mencionarmos que sem dúvida alguma, discutir hoje sobre essas temáticas é bem mais fácil do que em décadas anteriores, pois isso foi verificado tanto nas leituras como nos filmes propostos. Mas a realidade é: se queremos algo, não devemos ter medo de enfrentar os preconceitos, os tabus presentes na sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C5 - quarta, 25 maio 2011, 21:42

Boa noite C6e demais cursistas

Vou ver o filme agora e os textos ainda não li...vou ler amanhã, não gosto de postar nada antes das leituras, mas lendo o seu post não pude me conter e não dei conta e aqui estou eu ...e esta você e estamos todos nós inseridos nesse "Brasilão" com uma diversidade cultural e sexual de todos os níveis que se possa imaginar, de certa forma somos privilegiados por estarmos neste curso que nos remetem inúmeras informações sobre a temática, entretanto nos ambientes familiares, em sua maioria falar de sexo é o mesmo que estar no sobrenatural... é coisa do além mesmo... e falar sobre homossexualidade aí nem tenho palavras pra descrever...é como se Eva - aquela do Adão - fosse transportada para cá - proibidíssimo... mas no final do seu post eu achei interessante, pois v. nos incita para o otimismo e nos remete palavras que nos consolam e desta forma, não entramos em choque.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C6 - quinta, 26 maio 2011, 18:02

Boa Noite C5 e demais

Quando você iniciar as leituras vai notar o quanto os textos sugeridos são importantes para iniciar a nossa conversa sobre todos os assuntos que envolvem a sexualidade. Embora tenha achado a leitura de Foucault mais complexa, assim como outras colegas do curso, tenho procurado ler os comentários dos colegas para descomplicar a mensagem que esse importante autor nos traz.

De acordo com Anne-Marie Sohn “a homossexualidade também se beneficiou com a liberação dos costumes e com o recuo da norma heterossexual, imposta pelo casamento”, assim acredito que hoje a homossexualidade não é mais vista como antes, mas claro que infelizmente existem preconceitos, maldades, injustiças, tabus, como já citado na minha fala anterior.

Ainda no decorrer da leitura principalmente nas páginas 146 a 150 a autora traz várias informações sobre a questão da homossexualidade, assim como dados em diferentes países, como, por exemplo, na França a autora retrata como uma terra onde corre leite e mel, pois lá “a homossexualidade não é reprimida enquanto tal é a luta contra a criminalidade sexual trata de maneira igual homossexuais e heterossexuais”; na Grã-Bretanha, a homossexualidade chega mesmo a estar na moda nos anos 1920, aqui recordo de uma das passagens feita no documentário das Dzi Croquettes, onde é retratado que os fãs passaram a vestir como ele; quando a autora refere sobre as “saídas do armário” que se multiplicaram, pois em 1979 a primeira parada do orgulho gay reúne apenas 800 participantes, e em 1999 esse número foi para 250.000 onde desfilaram lésbicas e gays misturados aos homossexuais, recordo também do documentário pois o grupo fizeram uma revolução comportamental significativa na população, pois as pessoas começaram a ter coragem para se transformar, mudando a cultura de um país e de várias pessoas.

Outro ponto mencionado no texto e que tem chamado a atenção é a questão da tolerância; “a homossexualidade, embora periodicamente reprimida pelos responsáveis, é tolerada”, e segundo a autora essa tolerância ao outro começou a progredir a partir da década de 1920, tornando assim símbolo da modernidade, representada por pintores heterossexuais. Mas fica uma dúvida ser tolerado é bom? Temos que ir mais além, buscar o respeito.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C17 - quinta, 26 maio 2011, 12:34

Colega C6, pude perceber o mesmo que você, tanto os filmes como os textos nos mostram a história e a evolução da sexualidade, os anseios e as lutas de uma sociedade, para tentar mudá-la. Esta que era vista apenas diante do ponto de vista da igreja, mais a frente começam a observá-la do ponto de vista da pedagogia, medicina e demografia, mudando assim o pensamento em relação a isso. O vocabulário corporal mudou totalmente, se antes só era permitido falar de sexualidade quando estavam relacionando-a com a reprodução, as crianças não podiam nem pensar nisso, quanto mais falar, pois sofreriam punições; mulheres não expunham seus joelhos, muito menos o seu corpo, homens não deveriam urinar em público, hoje após passar por muitas repressões, é possível visualizar corpos nus, o pudor e os preceitos religiosos foram se rompendo, a barreira das tradições seculares foram sendo derrubadas, as pessoas do gênero feminino já podem mostrar os joelhos, os calcanhares e até mesmo o corpo durante uma gravidez e parto, os do gênero masculino já podem urinar em público e expor seus músculos, exibindo-os de acordo com os padrões de beleza, magros todos bem cuidados, que passaram a ser usados em filmes, peças teatrais, livros, filmes e outros, expondo os anseios de uma população contrariada com tantas injustiças que haviam acontecido.

Começaram a publicar documentários com pornografia, cenas com atos sexuais, cada vez com uma maior amplitude, a censura ainda tentou desfazer esses acontecimentos, mas nada conseguiu, essa avançou consideravelmente, o impacto que provocava nas famílias de modo especial nas crianças, nos jovens que fantasiavam sua vida amorosa, nos homens com mais de quarenta que estimulavam suas relações com fantasias sexuais as mulheres que geralmente tinham os corpos expostos nesses filmes os considerava machistas, e até tentavam que isso fosse mudado.

Por muito tempo, associaram o sexo ao pecado, sem perceber que isto, excluía alguns gêneros do convívio social, poucos tinham o poder, e usavam abusivamente estabelecendo relações negativas, gerando exclusões, rejeições, mas nada podiam fazer, apenas ordenar as pessoas para que não praticassem. Diante da lei o sexo, passou a ser lícito e ilícito, permitido e proibido, as regras foram criadas e conseqüentemente transgredidas, principalmente devido a proibição; a censura era feita de três formas, afirmar que não era permitido, impedir que se diga sobre o assunto e negar que existia. Isto tudo sendo aplicado a todos os níveis da população, acreditando na obediência dos indivíduos na sociedade.

Alguns não agiam de acordo com os princípios dessa sociedade, recusam o casamento, sendo considerado anormais, aqueles que se declaravam homossexuais, sofriam punições e ainda suportavam muitas hipóteses para explicar o porquê de serem diferentes, no começo eram isolados, inclusive na época da ditadura chegaram a falar em castração para estes e prisão em campos de concentração.

Depois da segunda guerra a homossexualidade é vista como uma doença pela ciência oferecendo as pessoas tratamento, o mesmo que era feito com doentes mentais, assim muitos ficaram no anonimato, depois de vários estudos retiraram-na da lista de doenças mentais, aumenta a prostituição masculina e os casos de

doenças como a AIDS, iniciam a vigilância em torno da saúde e da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a sexualidade passa a ser sanitária e não mais hedonista, o uso de preservativos é enfatizado, entre todas as faixas etárias ativas sexualmente, as evoluções tiram a sexualidade da clandestinidade as pessoas parecem tolerar a homossexualidade, cada vez mais, mas ainda estão presentes situações de homofobia.

A sexualidade feminina é a que mais sofre, pois, consideram o a libido como masculino, as mulheres devem realizar masturbação clitoridiana, quando adultas devem apenas satisfazer o outro, usando o coito vaginal, já outros estudiosos debatem tudo isso e mencionam que esta é bem semelhante a masculina, a respeito dos homens ainda diziam que navegam desde a heterossexualidade até a homossexualidade, se preocupam com o prazer e orgasmo, seja com suas companheiras ou com outras(os).

O século XX começa com a proteção a materna e a infantil, os médicos tentam combater o aborto e impor o aleitamento, de preferência usando mamadeira, a infertilidade passa a ter uma maior atenção e voltam-se também para analisar os efeitos das pílulas no organismo, para evitar gravidez, acontecem algumas intervenções cirúrgicas para mudar o sexo e usar hormônios para ajudar a transformar seus corpos, a comercialização do viagra, a liberdade sexual percorre caminhos errados, onde surge a pedofilia, pessoas praticam atos sexuais com crianças e a sociedade busca repensar a que idade isso se consuma. Se analisarmos por outro lado esse período permitiu que a sexualidade não fosse somente confinada ao casamento.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C17 - quinta, 26 maio 2011, 13:04

Colega C6, no filme, pudemos analisar que Kinsey, um estudioso (biólogo, cientista), mudou o pensamento dos americanos, desafiou os tabus e os princípios inclusive os da igreja e lançou um livro, depois de observar as entrevistas de homens e mulheres e os seus hábitos sexuais e perceber o quanto a sociedade vivia sem informações sobre a sexualidade, inclusive em relação as diferenças entre heterossexualidade e homossexualidade, ele também tomou como base os conteúdos ensinados nas universidades, onde era necessário reformulá-los, conseguindo de uma certa maneira fazer com que as pessoas repensassem o seu agir no que diz respeito a isto. O documentário, também se relaciona com tudo isso, pois na época da ditadura militar, um grupo que busca pensar e agir diferente em relação a isso, tentando ir contra a ordem militar, criticando-na, conduzindo o pensamento das pessoas em relação ao homossexualismo (homossexualidade), buscando questionar o que nessa época tinham a esse respeito.

Quando você fala sobre a sexualidade e orientação sexual, concordo plenamente, pois o que podemos observar é que realmente esses assuntos ainda hoje são polêmicos e na maioria das vezes, formam tabus e que hoje em dia é bem mais fácil falar sobre eles.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C1 - segunda, 30 maio 2011, 21:55

Complementando a seus post C17e o da C6, o filme Kinsey foi bem esclarecedor no que diz respeito a História da sexualidade pois mostra o sexo como um dispositivo histórico e suas relações de poder. O pai do biólogo pregava a moralidade por meio da educação religiosa para interditar que a juventude caísse em tentação e no entanto, quase no final do filme mostra também que ele foi uma vítima pois foi lhe tirado violentamente o direito de se conhecer, porque naquela época a masturbação era definida como um distúrbio, pecado e que poderia levar a pessoa à morte e quando o biólogo e sexólogo se masturbava se sentia culpado. Esse controle do sexo, do desejo e do prazer ainda perpassa a cabeça de muitos jovens hoje que mesmo com os meios de comunicação ainda teem muitas dúvidas, pois, com toda a revolução, conhecimentos e 'quebra do silêncio' em torno do sexo, as famílias, em sua maioria ainda manipulam e lidam com o sexo como um tabu, como afirmou a C6.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C24 - terça, 31 maio 2011, 22:28

Então C17,

Ao analisar o comportamento sexual, esse filme avançou nas discussões ao abordar os tabus com certa naturalidade, porém, a sexualidade e a orientação sexual ainda são polêmicas na atualidade, apesar da abertura de debates ainda é complicada a intervenção sobre o tema na família e na escola.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

PorC8 - quarta, 25 maio 2011, 10:07

Bom dia Tutorae colegas e professoras.

Espero que vocês possam me ajudar a desvendar os caminhos da teoria foucaultiana, pois tive que ler o texto por duas vezes.



O autor mostra que a sociedade ocidental faz do sexo um instrumento não só para o exercício dos poderes, mas também para o controle populacional. Faz uma análise da hipótese repressiva, da qual discorda, como já nos esclareceu nossas colegas C17 e C6. Foucault demonstra que as práticas sexuais se comportavam como parte de um jogo de controle, que produz normatização e modos de vida. O sexo no século XIX foi delimitado como um instrumento de controle do próprio corpo demarcando as fronteiras de normatização das práticas sexuais, tornando aceitável as relações heterossexuais, voltadas para o casamento e a reprodução. As outras práticas sexuais não seriam normativas e portanto deveriam estar em um lugar a margem da sociedade.

O discurso médico do século XIX serviu como forma de legitimação desse pensamento. Ao analisar as relações sexuais a partir de discurso científico centrado no normal e no patológico, acabou criando certas verdades sexuais ligadas a moral, que o autor chamou de ciência do sexo.

A submissão da sexualidade a regras historicamente constituídas explicariam segundo o autor a inclusão do sexo como um instrumento de controle nas relações de poder e saber. Para Foucault o poder não pertence a uma instituição, a um grupo ou a um indivíduo, ele está disseminado em uma rede de relações entre todos os elementos que compõe as estruturas sociais.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

PorC23 - quarta, 25 maio 2011, 10:16

Foucault analisa o que ele denomina de *scientia sexualis*, ou uma ciência do sexo, uma ciência que pretendia iluminar esse aspecto do ser humano.

Foucault opõe dois conceitos, o de *ars erotica* e o da *scientia sexualis*.

*Ars erotica*, própria de civilizações como Roma, Índia, China, etc., buscavam no saber sobre o prazer formas de ampliá-lo, era um saber de dentro, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber.

A *scientia sexualis*, onde a confissão é central na produção de saberes sobre o sexo. Os ocidentais são levados a confessar tudo, expor seus prazeres, uma obrigação já internalizada.

No século XIX o procedimento da confissão extrapola a penitência, extrapola o domínio religioso. Há uma sobrecarga de discursos, e a interferência de duas modalidades de produção da verdade: os procedimentos da confissão e a discursividade científica.

Foucault enumera as maneiras, as estratégias usadas para extorquir a verdade sexual de maneira científica:

- 1- codificação clínica do fazer falar: a confissão é assim inscrita no campo de observações científicas;
- 2- postulado da causalidade geral e difusa: qualquer desvio possui consequências mortais, o sexo representa perigos ilimitados;
- 3- princípio da latência intrínseca da sexualidade: o sexo é clandestino, sua essência é obscura. A coerção da confissão é articulada à prática científica;
- 4- interpretação: a verdade era produzida através dos discursos interpretativos da confissão;
- 5- medicalização: confissão é transposta no campo do normal e patológico. Os médicos são por excelência os intérpretes da verdade sobre o sexo.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora - sábado, 28 maio 2011, 16:21

Olá C23, boa tarde!

Qual a impressão que teve da leitura realizada? O que mais lhe chamou atenção no texto de Foucault? Como você percebe os textos base no desenvolvimento dos filmes?

Bons estudos!

Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C6 - quarta, 25 maio 2011, 10:34

C8, também tive uma certa dificuldade em ler FOUCAULT, na verdade li com um dicionário do lado, assim espero com as discussões realizada facilitar o entendimento.

C23, quando li a sua postagem, fiquei mais doida rrsrrs, não lembro de ler sobre isso, será que passou despercebido?

Abraços

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C23- quarta, 25 maio 2011, 17:03

C6,

Foi um descuido meu, pois pensei que tava o livro por inteiro e só é uma parte, então como achei o mesmo na biblioteca li todo e essa parte não tem...pode ficar tranquila..rrsrrs

Obs: da página 18 já pula para 75

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C7- quarta, 25 maio 2011, 11:51

Bom dia pessoal.....

Ainda estou lendo os textos e fazendo minhas anotações.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora - quinta, 26 maio 2011, 15:37

Boa tarde 17, C6, C9 e C7

Vamos tentar relacionar o documentário Dzi Croquettes e o que vocês vêem discutindo com relação aos textos?

Quando no documentário aparece a questão do contato com a sexualidade, da liberação do corpo nos anos 60 e 70, de homens que não se colocam nem como homens, nem como mulheres, eles estão se colocando enquanto gente, entendemos que perpassam pelo exercício da sexualidade em si. Se o texto do Foucault (1998) “História da Sexualidade: vontade de saber” retrata o século XIX e início do século XX, ou seja, essa questão das vontades do saber tem haver com o controle do corpo. Já o texto de Sohn (2008) faz esse percurso do século XIX, mas retrata o século XX ressaltando a ambigüidade dessa vontade de saber. A ambigüidade em que sentido? A ciência, por exemplo, a questão da higiene, da disciplina, do controle é tensionada pelo cotidiano: o entre – guerra. A autora foca muito no contexto da sociedade européia que estava vivendo um momento tenso em decorrência de mortes, destruição. Esse contexto, de certa maneira, possibilitou o surgimento de um movimento de pessoas objetivando encontrar uma fuga pela questão somática do corpo.

O texto (como C6 apontou em um de seus posts) inicia retratando as características do vestuário, de como as pessoas iam para praia na Europa. O vestuário era muito rígido para as mulheres: uma calça, uma blusa, detalhes no quadril para poder disfarçar. A idéia era de disfarçar o corpo, camuflar. Lembrem-se também da influência de alguns artistas que tiveram na moda, assim verificamos a diminuição do tamanho das peças. Depois a autora discorre sobre o impacto do rádio, do cinema e dos filmes também nessa mudança de comportamento. Nas primeiras décadas do século XX, no namoro as pessoas se colocavam uma do lado das outras e esse era pelo toque de mão, que por sinal era muita coisa. O beijo cinematográfico, por exemplo, causou uma certa influência no cotidiano dessas pessoas.

Nesse sentido, o documentário Dzi Croquettes, quando aborda os anos 60 e 70 nos mostra de maneira muito clara como ocorreu toda essa revolução na Europa com repercussões no Brasil. Lembremos da passagem do texto em que nos traz que na França, a pílula anticoncepcional representou transformações no sentido das pessoas não mais verem a sexualidade com medo da gravidez, apenas no sentido da reprodução.

Considerando que a pílula só foi liberada na França nos anos 70, tendo em vista seu conservadorismo, significou o marco de um momento histórico.

O documentário também aponta outros elementos importantes para nossas discussões, como, por exemplo, o movimento gay. O movimento dos Dzi Croquettes, muito mais do que grupos organizados ONGs, fizeram as pessoas perceberem a cultura da purpurina, o movimento da purpurina, que é o termo que eles usam. Esse movimento artístico e libertário no Brasil sofreu com a questão da AIDS, no final do documentário isso fica claro. Retrata também as três mortes resultantes de assassinatos (tem haver com um tema que está aí, ponta de pauta hoje, a questão da homofobia). Eles foram assassinados por crime de ódio, não por outra questão. Os Dzi Croquettes buscavam quebrar com essa coisa da classificação, do conceito, eles não queriam ser simplesmente chamados de homossexuais, ou de travestis, ou de transexuais, enfim, quem estava comentando a morte não falou em homofobia, mas pela crueldade das mortes se percebe que tinha esse fundo de crime de ódio.

O texto de Sohn (2008) trabalha com marco, impactando na questão da sexualidade como o Dzi croquetes faz. O Kinsey, também aparece no texto através de dados do relatório. É interessante porque a autora faz um panorama, de como essa pesquisa e outras começam a ter uma rede de significação para além da ciência no cotidiano das pessoas.

Agora é com vocês.... Qual relação conseguem fazer no que tange a compreensão da leitura dos textos propostos e do documentário? Como percebem a relação do corpo no contexto vivenciado no documentário? E a questão familiar encarada pelo grupo: podemos associá-la hoje à constituição do que entendemos por novos modelos de paternidade?

Reflitam...

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C1- segunda, 30 maio 2011, 22:24

Tutorapelo que compreendi o corpo sexuado nos textos propostos vão surgindo mudanças seja nas vestimentas, na linguagem, nas formas de controle e na socialização do saber. No documentário Dzi Croquettes, fiquei maravilhada como um grupo naquela época de regime militar foi ousado e destemido em mostrar corpos que discutiam e questionavam a masculinidade, feminilidade por meio da dança, do teatro e da purpurina, proporcionando as pessoas uma nova visão da sexualidade, dizendo-as que "nós somos donos dos nossos próprios corpos e sejam qual for seu sexo vocês podem expor suas vontades e desejos", isto é, mostraram uma nova forma de pensar e de resistência ao que estava sendo imposto "a ferro e fogo". Outra coisa interessante também foi a questão da organização familiar do grupo Dzi que era dado a cada um seu papel não pela sexualidade, mas pela personalidade e qualidades que cada um possuía podendo associá-la a novos modelos de paternidade.

Gostei muito de assistir e ler os textos porque compreendi que os dispositivos históricos da sexualidade sempre estão em construção e desconstrução, são moventes e que com certeza poderemos mudar a nossa realidade sobre a sexualidade e respeito à escolha dos indivíduos no que refere ao seu corpo sexuado.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C3 - quarta, 25 maio 2011, 20:10

Olá!!! Que leitura ein?!!! Boa noite a tod@s! Também espero entender Foucault dessa vez C8a partir das discussões deste fórun!

É verdade C9 concordo com vc mas a midia é assim mesmo quando "descamba" para um lado parece bobagem depois logo passa esta discussão e o que é pior é como se ela não existisse mais, uma discussão rasteira e desinformativa que na realidade serve para nos mostrar o quanto somos preconceituos@s e vivemos numa sociedade homofobica e o quanto o ser humano é paradoxal.

Fiquei pensando sobre este conceito de poder que a C8começa a apontar e sobre as implicações disso para análise da realidade, somos dotados de poder, não podemos falar a partir deste conceito numa perspectiva unica que emana poder mas de varias fontes de poderes. E quando Foucault fala dessas relações de poder fiquei pensando sobre a observação que o C9faz dessa exposição midiatica;

Foucault considera que *existe um certo dominio da realidade que pertence, de direito, a um conhecimento científico, desinteressado e livre, mas sobre o qual exigencias do poder- economicas ou ideologicas- fizer pesar mecanismos de proibição.* (93)

Assim, será que o que vai ser televisionado também não passa por esta perspectiva (economicas ou ideologicas) na hora de dizer o que vai ser 'moda'? Não sei mas acredito que numa visão foucaultiana nada é por acaso! Ou será que é?

C3

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora - quinta, 26 maio 2011, 16:05

Olá C14, C17,C6,C8,C23 e C3. Boa tarde!

Muito interessante as argumentações realizadas a respeito do texto de Foucault (1998). Nesse sentido, baseada nas postagens gostaria que vocês refletissem algumas indagações levantadas pelo autor.

" Não há por que colocar a questão: porque o sexo é assim tão secreto?"

" Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu a silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mais sempre a partir e através da repressão? "

Vamos refletindo...

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C15 - sexta, 27 maio 2011, 18:48

Ainda estou lendo os textos porque acredito que os mesmos devem ser lidos com muita ponderação. Mas pude perceber que Foucault mostra como a história nos molda "O que não é regulado para a geração é negado e reduzido". O homem sendo um organismo sexual, antes apenas para reprodução e agora para o prazer, é contido e reprimido através da sexualidade. "É necessário para dominação do povo não se falar de sexo pois ele remete a Evolução". Interessante perceber que atualmente muito se fala de sexo, mas do que em qualquer outra época, por quê se o ideal é a sua repressão?

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

PorC14 - terça, 31 maio 2011, 13:05

Boa tarde C15

Achei seu post interessante, fiquei pensando sobre sua indagação.Posso estar errada, mas penso que hoje o sexo está relacionado primeiramente ao prazer e ao consumo.Pelo o texto "O corpo sexuado" de Anne- Marie Sohn, percebi que a publicidade desde do século XX teve uma enorme contribuição para dessacralização do

corpo. Sohn afirma "É nos anos 1930 que a sexualidade não é mais sugerida, mas apresentada em cena, tanto no filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão, tudo isso como prova do desejo e do prazer."

Mesmo que tenhamos passado por várias evoluções referentes ao sexo, acredito que carregamos ideologias e crenças sobre a sexualidade que foi passando de geração para geração.

ABRAÇOS!!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C23- segunda, 6 junho 2011, 17:14

Bem C14,

Também penso assim, pois por mais que falar de sexo seja mais comum para nossa geração, as gerações passadas ainda tem sérias restrições. Por exemplo, falar de sexo com meus pais é extremamente fora de cogitação, acho que também pelo fato de terem morado sempre na roça, então que os fatos também influenciam. Para eles pessoas que falam de sexo são vulgares e sem moral, mas foi a criação que tiveram e é difícil mudar.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C20 - segunda, 6 junho 2011, 21:58

Caro Coleg@s...

Realmente, por mais que seja natural falar sobre sexo atualmente, pelas criações passadas, falar sobre o sexo ou a sexualidade é constrangedor. Para muitos é um assunto imoral, vulgar. Mas reconhecemos que isso vem através da criação de cada um. Muitos pais hoje disseram tratar o assunto claramente, porém muitas das vezes quando os filhos querem conversar, não dão liberdade à seus pensamentos e não ajudam sanar suas dúvidas.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C3 - sábado, 28 maio 2011, 09:07

Bom dia Tutora e demais colegas!

"Kinsey: vamos falar de sexo?" realmente é o filme, o roteiro, a fotografia, os cortes, o jeito de abordar uma questão tão polemica de forma magnífica!

Vou tentar refletir sobre as questões que você coloca a partir dele... acredito que o que leva o doutor Kinsey a pesquisar durante toda sua vida é exatamente essas e as suas observações do sexo no mundo animal, tenho dificuldades para pensar daquela forma reducionista; todos os problemas dos seres humanos é por que são mal resolvidos com o sexo, mas o enredo defende isto.

Numa das falas o autor principal diz: *A sociedade interferiu no sexo biológico* e penso ser exatamente isso, as restrições sociais dita o que é certo de forma diferente para os homens e para as mulheres, dentro da questão sexual ainda temos a diferenciação dentro de gênero o que serve para homem não serve para mulher.

Esta força é muito eficiente e até hoje ainda o é, basta observarmos o que aconteceu com o kit contra homofobia esta semana, continuamos com as mesmas restrições que modelam tudo que está relacionado a sexo; mas será que existem modelos? E quanto à natureza? Temos de um lado o que é extremamente biológico e de outro o que a sociedade definiu como modelo adequado a partir das restrições sociais. Restrições que também incomodam Foucault sobremaneira.

Assim temos que pensar sobre ...o *que fazemos sexualmente está dentro do biológico...* mas o Coppola fecha o filme de forma bem interessante, quando o ator principal é questionado sobre o amor ele simplesmente diz: *É impossível medir o amor e sem medida não há ciência!*

Bom dia!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C14 - sábado, 28 maio 2011, 10:34

Bom dia a tod@s,

As sexualidades são socialmente contruídas. Assim a hipótese repressiva, é uma explicação que funciona. Cada um que aceite a verdade que lhe convém, a repressão funciona como uma condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio.

Para abordar e estimular a discussão coloco aqui uma citação de Anne- Marie Sohn " os corpos são portadores de valores, inculcados pelos gestos, mas também pelos discursos científicos que proliferam desde a Belle Époque."

A história da sexualidade foi escrita e definida através do tempo, repressão e do poder sobre isso Foucault afirma " A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas

rupturas. Uma no decorrer do século XVIII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar...."

As crenças, valores referente a sexualidade foram traçados durante anos e décadas, implementar uma visão contrária é um grande desafio para século XXI.

Vamos refletindo...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C17 - sábado, 28 maio 2011, 15:46

Tutora, pensei bastante em relação ao seus questionamentos, a sexualidade parece ser algo tão simples, mas ao mesmo tempo tão complexo, e a própria história nos faz refletir tudo isso e ainda analisar como as pessoas mesmo que queiram tratar com naturalidade, não conseguem, é uma força estranha que está por trás de tudo isso, será esta o poder que sempre está presente na fala e no pensamento das pessoas, ou será os tabus que existem nas relações entre elas. FOUCAULT 1998, p81 diz que (...sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo, que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu castigo, nada mais é que a supressão. Renuncia a si mesmo sobre a pena de ser suprimido; não apreça se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida a custa da anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga que joga com a alternativa entre duas inexistências ....)

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora - segunda, 30 maio 2011, 15:10

Boa tarde C15, C14 e C17!

Quando pensamos sobre as idéias de Foucault, entendemos que a partir do fim do século XVII o sexo foi colocado em discurso. Em vez de uma restrição, o que se viu foi um mecanismo crescente de incitação, processo que intensificou no século XIX com o nascimento das ciências humanas.

Na explosão discursiva sobre o sexo houve um refinamento do vocabulário autorizado, um controle das enunciações, definiu-se onde e quando falar sobre sexo, em quais situações, quais os locutores e interlocutores. Essa foi a forma que a sociedade contemporânea encontrou de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade falando intensamente sobre ela.

O ponto essencial sobre o discurso da sexualidade, segundo o autor, está em levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz.

Partindo de todo esse contexto histórico sobre o sexo, ora permitido se falar, ora reprimido, pensemos nas seguintes questões:

01 - O que a geração contemporânea (jovens e adolescentes) sabem sobre sexo?

02 - Onde estão tendo informações e como essas estão sendo passadas?

03 - Qual a influência dessas informações no cotidiano dessas pessoas?

Continuemos refletindo...

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C17 - terça, 31 maio 2011, 12:26

Tutora, pensando nas questões que você colocou, a geração de hoje sabe muito sobre sexo, se compararmos a séculos passados, na maioria das vezes não recebem essas informações em casa com a sua família, aprendem com colegas na rua, na escola dentre outros locais e através dos meios de comunicação, correndo riscos de aprender errado ou até serem violentados. Podemos perceber que as influências dessas informações as vezes são negativas, por que usam termos inadequados em lugares impróprios, praticam precocemente, correndo riscos de contrair doenças e ou uma gravidez indesejada, cabe a nós, profissionais das instituições escolares e a principalmente a família, rever o modo como vem agindo.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C14 - terça, 31 maio 2011, 12:39

Boa tarde Tutora e colegas,

Creio que os jovens/adolescentes até mesmo nossos pais, sabem pouco ou não suficiente sobre sexo, são raras as famílias que falam deste assunto de forma natural. Como educadoras/es devemos abordar este tema: **SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL** de forma educativa, sobre isso no caderno de atividades "Gênero e diversidade na escola" página 117 é pontuado "...Ao falar sobre experiências sexuais na juventude, as/os educadoras/es devem estabelecer um diálogo com os/as estudantes sobre as diversas dimensões da

sexualidade, como prazer, envolvimento afetivo, expectativas, novas sensações físicas e emocionais, descobertas, dúvidas etc."

O sexo não deve ser tratado como um tabu, ele tem que ser inserido no dia-a-dia das escolas, das famílias, em qualquer situação que possa proporcionar conhecimento e diálogo sobre o tema.

Abraços!!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C15 - terça, 31 maio 2011, 15:32

Tutora

Respondendo as suas perguntas:

Acredito de uma forma bem superficial, sem uma análise mais profunda que a geração contemporânea fala muito sobre sexo, tem o praticado mais, no entanto sabe pouco sobre ele. Considerando que sexo, não é somente "a relação sexual" e sim diversos outros fatores, principalmente no tocante ao exercício da sexualidade, que envolve afetividade, responsabilidade etc.

As informações que os alunos realmente absorvem são as adquiridas por TV, revistas e amigos, pois observamos as lacunas do conhecimento referentes a sexualidade, reprodução, métodos anticoncepcionais ... Segundo Nelson Vitiello, um estudioso da sexualidade humana do ponto de vista biológico, os adolescentes são anestesiados e acreditam que são imunes as consequências negativas do sexo, falta maturidade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora - terça, 31 maio 2011, 21:03

Boa noite C17, C14 e C15. Tudo bem?

Jovens e adolescentes estão tendo informações muitas vezes banalizadas, no campo da erotização precoce, da prostituição, corpo mercadoria, principalmente via internet. Há uma constante divulgação de imagens de garotas exibindo o próprio corpo. Partindo desse entendimento pergunto: qual é o sintoma dessa sociedade? E como essas coisas estão sintonizadas com essas tendências que estão postas? Como aparece a medicalização, pornografia e publicidade?

Ainda são constantes adolescentes com a desculpa da camisinha furada... Que tipo de relação que estamos trabalhando? Existem oportunidades e desafios próprios de cada época. A descoberta da pílula anticoncepcional, por exemplo, provocou forte impacto na sociedade. Mas, apesar das campanhas contraceptivas por que o índice de gravidez na adolescência ainda são elevados?

Sohn (2008) faz uma crítica em relação à publicidade, pornografia e medicalização da sexualidade... Essa idéia da medicalização hoje insere o viagra como parte da sexualidade, sendo uma discussão que está muito presente enquanto parte da ditadura do prazer... Assim, existem possibilidades de transformação por meio do avanço científico tecnológico.

Como a autora analisa a utilização das pílulas anticoncepcionais?

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica Por C14- quarta, 1 junho 2011, 13:53

Boa tarde Tutora,

O texto da autora Sohn (2008) faz um percurso histórico da sexualidade. Em minha leitura pude constatar que a autora pontua que o corpo da mulher foi sempre um campo de experimentação científica, a autora ainda afirma que "A pílula pode ser interpretada por alguns homens como uma disponibilidade feminina sem limites a seus desejos."

Abraços!!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C17- quarta, 1 junho 2011, 15:47

Tutora, não sei se compreendi os seus questionamentos, mas a geração de hoje é aquela onde o prazer é o que fala mais alto, alguns se envolvem em relações e não se preocupam com mais nada. Não sei se estou sendo pessimista, mas parece que não existe uma sintonia positiva, o que notamos é que para o campo da prostituição, da erotização precoce e corpo mercadoria eles estão em sintonia e a consequência dos atos estão por aí, como a expressão a camisinha furou. Crianças e mais crianças sendo criadas por famílias desestruturadas e com inúmeros problemas. Na escola em alguns momentos tentamos manter uma relação amigável, buscando o diálogo com os alunos(as) a fim de que mudem o seu modo de vida ou pelo menos repensem.

O seu questionamento sobre a pílula é verdadeiro, talvez estão ocorrendo situações, como algumas gestações não planejadas, por que as pessoas ainda são imaturas, verdadeiras crianças praticando atos sexuais. Será que não conhecem ou não se preocupam. Quanto a autora ela menciona que tudo o que foi sendo criado, em relação ao sexo trará problemas éticos para a sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C17- quarta, 1 junho 2011, 16:19

Tutora a autora ainda menciona que após surgir a pílula as mulheres passam a ser ainda mais acompanhadas pelos médicos, a contracepção hormonal abala o poder reprodutivo .Que o uso delas estão relacionados a vida sexual feminina e que será para sempre controlada (...sem dúvida os meios contraceptivos, são ainda mais grosseiros, mas de incontestável eficácia...)p 136

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora- quarta, 1 junho 2011, 23:29

Olá C14 e C17, tudo bem?

Lembremos que o corpo sexuado tem haver também com a possibilidade da mulher passar pela experiência do prazer. O argumento da autora é que muitas das vezes essa possibilidade da mulher tentar o prazer passa pelo reforço da dominação masculina , pois na medida que toma pílula ela não tem mais aquela "desculpa" de dizer que não esta afim porque pode engravidar, agora a qualquer momento tem que estar disponível! Na verdade a idéia é refletirmos sobre essas questões, situações como a colocada também acontece... não é achar que a pílula é simplesmente é uma liberação!

Vamos nos falando!

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Po C5- quinta, 26 maio 2011, 17:43

Boa tarde Tutora e demais cursistas

Estou em extase com o documentario Dzi. É uma obra única, maravilhosa de um grupo que para a época inventou, inovou, criou, transcedeu estereótipos e acima de tudo fez com ARTE. Na geografia explora o corpo com o espaço que o mesmo ocupa, os linguistas a fala que remete o corpo, e agora to descobrindo por este filme, pois até então nao tinha a dimensão que o corpo FALA, e fala através da arte, e de inumeros outros mecanismos. O mais interessante a analisar é a questão da sensualidade masculina que Dzi passa através da DANÇA, e eu fico pensando homem ser SENSUAL na nossa sociedade é coisa de "veado" mesmo para a maioria dos heteros. Que sensualidade a meu ver está ligado com ARTE e não com o sexo das pessoas, pensar em sensualidade e remete-la apenas ao corpo feminino é pecar em numero e genero, o grau não sei se existe e se existe me falam onde ele está...enfim estou no minuto 40 do filme e ja vi e revi umas 4 vezes esses 40 minutos, e a cada vez que revejo vou redescobrir e aprendendo, que eu não sou nem homem, nem mulher, mas que sou gente, como todos os seres humanos o são. Realmente Exuberante

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C11- sábado, 28 maio 2011, 20:19

Olá C5!

De fato é muito interante nos atentar ao fato de que o corpo FALA. Fico imaginando que formação é essa que nos temos que não permite que vejamos aspectos tão fascinantes da nossa existência. Aprendemos a nos expressar de uma forma X, por que essa é a forma correta. Aprendemos a enchegar a sexualidade masculina de uma forma, e deixamos de lado tantas outras "sensualidades" masculinas, femininas, enfim... tantas outras sensualidades...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Por C5- sábado, 28 maio 2011, 22:21

Boa noite C11

De fato realmente è muito interessanteo corpo falar< e ^geralmente isso passa despercebido em função >>meu teclado ta doido>>>>acho que desconfigurou>>>>

ENTÃO acabamos que permanece os conceitos tradicionais que temos e pecamos no sentido quando estamos atuando no nosso campo de trabalho \_ a escola>>>>

por exemplo o surdo e mudo>>> o conceito que temos de mudo è a pessoa que nao fala< e o conceito que temos de falar è a emissao de sons articulados< ou seja a fala>>> mas que na verdade nao existe ninguem mudo< as pessoas falam através de outros mecanismos diferente dakeles de nós>>>> teclado desconfigurado mesmo>>>> ta doido>>>>

e na escola estamos a todo o momento comentendo determinadas falhas<

e analisando eu tenho percebido o quanto eu tenho falhado< que eu poderia ser bem melhor do que sou no sentido que neste curso horizontes estão se ampliando e eu penso que è assim mesmo><>> a gente vai melhorando a cada dia> se erramos nao erramos voluntariamente>

seguimos refletidno

saudacoes educacionais  
ps teclado desconfigurado mesmo>>>>>

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C8 - domingo, 29 maio 2011, 16:53

Boa tarde a tod@s

O filme Kinsey é muito interessante aborda a sexualidade através do olhar do cientista que analisa o ato sexual como uma forma de melhorar o cotidiano das pessoas. Abordagem do filme alia a ignorância a formulação de conceitos errados e socialmente aceitos em nome do pudor. O filme nos dá a possibilidade de observarmos as relações de poder disseminadas no meio social, a sexualidade masculina pode ser retratada e abordada a sexualidade feminina já é restrita, quando estudada e divulgada socialmente é questionada. Ainda hoje percebemos estas limitações o corpo feminino é apresentado a partir da extensão de prazer do homem. O prazer feminino é ocultado.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
Pela Tutora - segunda, 30 maio 2011, 15:33

Olá C3 e C8. Boa tarde!

O filme "kinsey: vamos falar de sexo ?" possui um diagnóstico, uma estética e até mesmo um certo romance, identidades mesmo que seja no campo das fantasias. Entendemos que o corpo é sexuado, que somos de certo modo resultado de muitas concretudes e fantasias como seres humanos históricos e culturais. Então, muita coisa que aparece no filme seja no campo das relações heteronormativas, no casamento, relações conjugais e todas aquelas experiências, por mais que seja a favor da ciência, os registros do corpo, tem um resultado, um panorama nos relatórios. Vários aspectos mexem com a nossa curiosidade, por mais que tenhamos algumas dificuldades de assistir o filme em algumas partes, ao mesmo tempo possui cenas interessantes que devem ser apreendidas como forma de desmistificar a sexualidade, permitindo o entendimento de "enes" sexualidades.

Baseado nessa afirmação, Sohn (2008, p.123) aponta que no relatório de Kinsey "[...] 37% dos homens, tiveram pelo menos uma vez uma experiência homossexual, 4% não tendo tido se não relações sexuais só com uma pessoa do mesmo sexo. A maioria das pessoas navega, desse modo, entre heterossexualidade e homossexualidade, o que proíbe qualquer explicação pela patologia ou pelo desvio".

Continuemos refletindo...

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C15 - terça, 31 maio 2011, 15:42

C8

Concordo que o filme Kinsey nos apresenta uma abordagem científica, ao menos tenta, no entanto apesar da Escala Kinsey ser utilizada em vários trabalhos científicos, acho um tanto complexo definir assim a sexualidade. A sexualidade é biopsicosocial, construída, negada... Achei o filme interessante, relata uma abordagem muito diferente do sexo. A questão do sexo feminino ocultado demonstra que assim como Foucault coloca, a sexualidade e seus personagens são relacionados ao poder.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
Pela Tutora - terça, 31 maio 2011, 21:07

Olá C1, C8 e C15. Tudo bem?

Interessantes colocações...

Em relação ao filme Kinsey podemos perceber alguns aspectos importantes... O protagonista juntamente com a sua mulher começaram a viver as primeiras experiências sexuais no início do casamento. Assim, devido a falta de informação, medo, vergonha e conveniências sociais, eles não conseguiam se entender intimamente e precisaram de ajuda médica para compreender.

Dessa forma, Kinsey percebeu que poderia abordar questões relacionadas ao sexo... Em uma sociedade conservadora e de controle social, ele se expõe para abordar questões de sexualidade, inclusive no ambiente escolar. Avança em suas pesquisas, para entender o comportamento sexual das pessoas, tanto em relação a heterossexualidade, como a homossexualidade...

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C16 - sexta, 27 maio 2011, 18:04

Olá @ tod@s!

Vamos refletir sobre as seguintes questões:



- marcas temporais e espaciais que demarcam e repercutem nas representações (científicas e midiáticas; bem como, imaginário social) e transformações em torno do corpo e sexualidade na contemporaneidade.
- As tendências de controle, disciplinamento do corpo e as expressões de resistência e dissonâncias no campo da sexualidade.
- as modificações culturais no campo do vestuário, da arte, da ciência, do comportamento que incidem no corpo sexuado.

Diante do início das leituras dos textos sugeridos, especialmente o de Anne Marie Sohn, percebe-se que o corpo e a sexualidade são definidos através do momento em que a sociedade está. O corpo passa a ser o que “sou” para o “outro”. Nas palavras da autora, “...*que homens e mulheres não podem mais trapacear com o corpo, os cânones da beleza física se mostram muito exigentes...*” As modificações nas vestimentas é algo notório também na evolução da sociedade, as roupas começam a mostrar mais os corpos e isto associado ao desenvolvimento da sexualidade. Portanto o corpo e a sexualidade são algo que despertam o interesse quanto à comercialização na sociedade capitalista destes. “...*É nos anos 1930 que a sexualidade não é mais somente sugerida, mas apresentada em cena, tanto nos filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão, tudo isso como prova do desejo e do prazer...*” Portanto, algo causa certo estranhamento sobre as representações do corpo sexuado da mulher, onde, ora este é visto como reprodutor e ora visto como comércio.

Continuemos a refletir!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

PorC11 - sábado, 28 maio 2011, 20:10

Boa noite C16!

Tudo bem?

De fato é notória a mudança com relação ao "afloramento" da sexualidade no século XX, como a autora Anne Marie Sohn nos mostra no texto sugerido, e essa é uma realidade também dos dias atuais, pois o corpo e a sexualidade ao mesmo tempo em que são individuais e particulares, ganham proporções coletivas. O corpo deve representar o indivíduo numa sociedade que estabelece padrões a serem seguidos por esse corpo, seja com padrões de beleza, objetos de desejo, comercialização... A sexualidade passa a ser sinônimo de liberdade, de emancipação, de busca de prazer, e passa a ser explorada por diversos mecanismos tais como a mídia, as artes, o sistema capitalista...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

Pela Tutora - quarta, 1 junho 2011, 23:42

Olá C16 e C11! Boa noite!

Excelentes observações C11. Pensemos no exemplo de "troca de casais". Se refletirmos com cautela essa faz parte do processo de mercadorização, pois muitas das vezes não é só no sentido da possibilidade do exercício da liberdade. Nesse caso, essa troca de casais se dá em vários contextos, em culturas específicas. Sohn (2008) nos faz refletir que os homens que ditam essa história de fazer a troca ( que é como continuassem uma cultura da prostituição, mais de uma maneira mais desenvolvida) estão simplesmente almejando ter acesso a outras mulheres, mesmo que essa prática seja consentida por sua parceira. Percebem que há um acordo em que a dominação prevalece?

Vamos conversando...

Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

por C11 - sábado, 28 maio 2011, 19:59

Boa noite coleg@s!

Penso a discussão acerca do corpo e da sexualidade por meio de algumas questões que são fundamentais para a sua contextualização. É importante lembrar que na maioria das vezes nós pensamos o nosso corpo e a nossa sexualidade como algo natural, pessoal, íntimo e particular. Nós somos capazes de reconhecer a nossa necessidade de afeto, de toque e de prazer como necessidades nossas enquanto seres humanos. Mas devemos nos atentar ao fato de que nossa sexualidade e o nosso corpo ganham dimensões públicas, coletivas e sociais, uma vez que também perpassam pelo caminho da identidade que assumimos na sociedade. Nesse caso, fica implícita a idéia de que vivermos a nossa sexualidade de maneira "íntegra", devemos seguir alguns padrões aceitos pela sociedade. Dessa forma existe um "modelo" de sexualidade aceita para seres humanos do sexo masculino e um modelo de sexualidade aceito para os seres humanos do sexo feminino.

É preciso pensar: sob quais aspectos esses "modelos" são construídos? Qual a relação entre o contexto social e a construção do corpo e da sexualidade?

Vamos pensando a respeito...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C16 - quinta, 2 junho 2011, 17:24

Olá C11,

Muito importante isto que você colocou. Nosso corpo e sexualidades são como nosso espelho do meio em que estamos inseridos, dependem diretamente de minha função social. Portanto, é importante refletir sobre estes modelos que nossa sociedade estabelece para que sigamos, pois é necessário que façamos uma reflexão a cerca destes "modelos" estabelecidos.

Seguimos refletindo!!!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C7 - quinta, 2 junho 2011, 23:01

Interessante sua palavras, em volta da sexualidade e do corpo criaram-se inúmeros mitos, a sexualidade é um assunto tabu que só em anos mais recentes tem sido desmistificada. O corpo sexuado é o objeto mais privado que possuímos, é através dele que interagimos em sociedade, sentimos e “infligimos” a atração física, e vivenciamos a beleza.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C5 - domingo, 29 maio 2011, 00:56

Boa noite Tutora e demais cursistas

No filme Dzi Croquettes quando o grupo opta por voltar ao Brasil -somente alguns integrantes - e outros preferem ir pra Londres ocorre que começa a desmoranar o grupo, com a morte de alguns, de forma violenta, que merece um destaque posterior , e outros com o chamado CANCER GAY para aquela epoca - ainda me lembro desse periodo, pois eu vivi e senti na pele a discriminação por ser gay, é que nessa altura as pessoas achavam que todos os gays eram aidéticos e estavam contaminados ( e falando em AIDs ja peguei o resultado do meu exame que faço todo ano - e como sempre esse deu negativo tambem), lembro-me que no salão de beleza muitas mulheres que chegavam nao queria dar os bejinhos de costumes, nas ruas algumas pessoas chegavam ate comentar que a gente estava com aids. Nesse epoca eu lembro que fui em um pit dog no B. São João e o cara não quis me atender porque eu era homossexual e me disse que la não atendia quem tinha aids. E eu pensava como é que aquilo poderia estar acontecendo, mas enfim, tudo passou e sobrevivi. Voltando ao filme, o que prentendo destacar é que na vida temos que ter projetos coletivos, e que esses projetos sobrevivem na medida que existe planos traçados para serem desenvolvidos, ao passo que, os projetos individuais não emplacam, e se perdem no caminho, como aconteceram com os integrantes do grupo. Pensavam no individual e não tinham um projeto de grupo, do coletivo, e isso tambem ocorre na educação de forma geral. A exemplo disso temos os Sindicatos que defendem e tem projetos de construção e melhora para o coletivo e não está so plano individual, quer melhoras para todos e todas e defende a categoria, mas que com certeza todos os seres humanos tem os seus projetos individuais enquanto pessoa, o que afirmo é que quando estamos em grupo, nao podemos pensar no individual.

Saudações educacionais

ps meu teclado melhorou...estava desconfigurado mesmo

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C12 - domingo, 29 maio 2011, 17:19

Realizada as leituras e assistido o filme e o documentário começo a minha reflexão. As discussões feitas no texto “o Corpo Sexuado” de Anne-Marie Sohn são interessantes que envolvem em todo seu desenrolar histórico sobre as questões do respeito, do sexo a qual foi necessário superar as barreiras de tradições seculares. Parei para pensar como era a sociedade antes e como ela e hoje, porque as coisas que são normal hoje antes era considerado anormal, proibido e reprimido. Podemos citar como exemplo: o uso de maiôs, biquínis, a pílula, filmes pornográficos, os sexólogos, os short curtos... , como são relatados no texto de SOHN. A rigorosidade da década 70 exercida devido regime militar foi rompida devido buscar coisas novas, isso é retratado no documentário Dzi Croquettes foi um grupo formado de 13 homens (talentosos), onde eles contestam a ditadura militar por meio do deboche e da ironia e defendiam a quebra do preconceito sociais e sexuais. Os sapatos de salto altos e as roupas propositalmente exibiam as pernas cabeludas. No filme KINSEY, ele olho sexo de forma científica, sem preconceitos, regras ou tabús, olha o sexo apenas como uma forma de relacionamento entre as pessoas, assim como elas comem, conversam, dormem ou se divertem, também fazem sexo... simples assim! Para FOUCAULT, fala de uma ciência do sexo, a qual pretendia iluminar esse aspecto do ser humano. Nos séculos XVI e XVII a sociedade ocidental houve uma multiplicação de discursos sobre o sexo queria definí-lo, acabaram por ocultá-lo, segundo o autor. Até o século XIX, o sexo era proibido, ocultado, negado. Foucault relata que houve um projeto de iluminação de todos os aspectos do sexo. Cria-se neste momento um aparelho que, ao multiplicar os discursos sobre o sexo, visa produzir verdades sobre ele. No século XIX, momento crítico, esse projeto reuni a um projeto científico,

fatalmente comprometido com o evolucionismo e com os racismos oficiais. O discurso médico, sobre a neutralidade científica, produz crescentes verdades sobre o sexo, mas que estava ligado a uma moral da assepsia e da conexão entre o "patológico" e o "pecaminoso". A medicina do sexo se associa fortemente à biologia (evolucionista) da reprodução. Essa associação do discurso sobre o sexo com o discurso científico deu a ele maior força.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C5 - domingo, 29 maio 2011, 21:07

Boa noite C12 e demais cursistas

Interessante quando v. coloca que superamos barreiras seculares em relação ao sexo, pois isso nos motiva e nos condiciona a pensar que dias melhores ainda virão para convivemos em uma sociedade mais justa, mais igualitária, do ponto de vista dos direitos humanos. Imagina viver na era vitoriana, que estrapou as fronteiras da Inglaterra servindo de parâmetros para outros países, uma época de forte repressão sexual, a qual uma mulher não podia nem comer uma coxa de galinha na frente de um homem, onde os livros de escritoras não se podia misturar com de escritores, onde o piano não podia ficar com a perna de fora, perna de mesa descoberto então nem pensar, e pensar que essa rainha foi a que até hoje esteve maior tempo no poder... imagina como era viver aquela época. Penso que era um verdadeiro terror, entretanto se analisarmos algumas pessoas atualmente eu penso que essa revolução eles ainda não fizeram, pois vivemos em um país onde ainda falta fazer até a revolução industrial, haja visto que tem fazendas que estão plantando como se plantavam nas comunas. Então, tudo isso acaba sendo um reflexo nas escolas, onde o corpo coberto deve permanecer coberto e devemos nos silenciar quando o assunto é sexo, até porque é pecado mortal, enfim, felizes são os índios que vivem pelados.

Seguimos lendo Foucault

E bom domingo pra todos

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
Tutora - segunda, 30 maio 2011, 15:55

Olá C5, C16, C11 e C12. Tudo bem?

O documentário Dzi Croquettes tem uma riqueza estética incrível, além de focar na memória, ou seja, de como uma produção cultural e artística pode marcar o imaginário e a vida das pessoas e qual o significado das representações desse grupo.

Podemos perceber através da fala/escrita de C5 que todo esse contexto tem haver com a memória de infância de muit@s. Pode não ter conhecido os Dzi Croquettes, mas na medida em que forem assistindo verão que conheceram sim, em alguma medida tiveram contato com eles, mesmo que seja via rede global.

O documentário irá reviver histórias. Eles não eram um grupo artístico cultural qualquer, eram um grupo de 13 gays, na década de 70 que estava fazendo arte, que estavam se expondo e que estavam se expressando... tinham uma perspectiva de sexualidade muito rica. Toda produção artística deles tem haver com uma dada sexualidade. Eles eram gays? Eram. Eles assumem isso no vídeo, fala dos amores nos depoimentos, do amor a primeira vista. Mas o que é marcante? Eles tentam superar a questão masculina e feminina do corpo, dos dois gêneros muito demarcado, do binário, que já discutimos bastante. Quando eles dizem, nem homens, nem mulheres, eles estão querendo dizer assim, "gente, vamos parar com essa hipocrisia, vamos pensar a sexualidade a partir de sua amplitude". Assim, como também, através da arte, do corpo, da beleza que foram as apresentações deles.

Percebemos que, quando Tatiana Issa se propõe a buscar em sua memória momentos vivenciados em sua infância, relata que "esses palhacinhos" ela diz "eram minha referência, eram minha família, eram tudo para mim", quer dizer, não importa o que eles eram do ponto de vista da sexualidade, não era isso o mais importante, era a referência de pessoas incríveis. É importante destacar a necessidade do diálogo pela diferença. Onde as pessoas tenham acesso a essas, pois só assim haverá possibilidade de mudarem suas culturas também.

Então a partir da memória.... essa memória dos anos 70 ela foi apagada, como a gente nunca ouviu falar em Dzi Croquettes? Em questão de produção acadêmica também... o que eles representaram? O que é isso? As pessoas se silenciam...

Vamos refletindo!

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C6 - terça, 31 maio 2011, 09:07

Tutora...

Acredito que essa memória dos anos 70 ela não tem se apagado de vez, por conta do documentário realizado, a qual Tatiana Izza decidiu fazê-lo justamente com o intuito de resgatar a memória e falar do que o grupo

representaram para a história do País. Dessa forma, se a década de 70 foi de rompimento, de mudança, de fugas de padroes em busca do novo, do desconhecido, não podemos deixar no esquecimento só porque já conseguimos avançar.

Encontrei na internet uma entrevista com a Tatiana Izza, antes mesmo de lançar o documentário e gostaria de compartilhar com vocês:

<http://fantastico.globo.com/platb/revistafantastico/dzi-croquettes-entrevista-com-tatiana-issa/>

*Filha” dos Dzi Croquettes produz documentário sobre o grupo*

Embora ainda fosse muito pequena, Tatiana Issa guarda ótimas lembranças da época em que conviveu com o grupo Dzi Croquettes, em Paris. “Eu tinha dois anos e chamava eles de palhacinhos por causa da maquiagem”, diz a atriz e cineasta.

Seu pai, o cenógrafo Américo Issa, fazia parte da equipe técnica da trupe e tornou-se amigo dos membros. Nisso, figuras como Cláudio Gaia, Paulette e Cláudio Tovar viraram meio “tios” de Tatiana. “Mais tarde, acabei trabalhando com eles em vários espetáculos.”

Há seis anos morando em Nova York, ela hoje tem uma produtora de filmes – a Tria – e decidiu homenagear o grupo com um documentário que retrata a loucura e o rompimento com as tradições que os bailarinos representaram. Nessa entrevista exclusiva ao blogão da revista Fantástico, ela fala dessa experiência.

De onde surgiu a idéia de filmar o documentário?

Estava terminando um documentário sobre Parintins e, conversando com o Rafael (Alvarez, ator e seu sócio na Tria Produções), concluímos que era um absurdo que os mais jovens não conheçam os Dzi. A gente percebeu isso na própria equipe com a qual a gente trabalha, os brasileiros mesmo de 20 e poucos anos não fazem idéia do que foi o grupo. Decidimos resgatar essa memória e falar sobre o que eles representaram na história do País.

Quem vocês entrevistaram?

O filme se divide em quem trabalhou com eles, quem conviveu e os que foram influenciados. Aí tem Marília Pêra, Gilberto Gil, Nelson Motta, Ney Matogrosso, José Possi Neto, Claudia Raia, Miguel Falabella, Pedro Cardoso. Todos eles estão ligados, de alguma forma, ao grupo. E, claro, também buscamos todos os integrantes vivos.

Para você, deve ter sido incrível ouvir esse pessoal falar do grupo.

Foi mesmo. Foi um resgate mesmo da minha memória de criança, de adolescente, de mulher. Da minha relação com meu pai e com eles. Fui criada com eles de uma maneira muito bonita e foi bom lembrar tudo isso.

Quais foram as maiores dificuldades na hora de resgatar o material?

Encontrar imagens em vídeo. Fotos nós temos muitas, mas o único vídeo que existia estava na Alemanha, um super 8 em péssimo estado de conservação.

Teve alguma coisa que você não sabia e descobriu durante as entrevistas?

Ah, a gente descobriu muita história. Algumas bacanas, de como eles foram salvos pela Liza Minelli quando estavam passando perrengues imensos na Europa. Outras muito tristes. Muitos foram assassinados de maneira bruta e cruel. Eu sabia como esses haviam morrido, mas não tinha idéia dos detalhes que fiquei sabendo. Isso foi complicado.

Qual foi a reação do pessoal da sua equipe, esse mais jovem, no decorrer da produção?

No final, eles já estavam apaixonados. De tanto descobrir histórias, viraram fãs.

Quando ele vai ser lançado?

Está dependendo da captação para finalizar, mas a previsão é que o lançamento seja em 2009.

Vocês contaram com apoio para fazer esse filme?

Não, foi na garra. Conseguimos equipe e equipamentos na raça mesmo.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

por C14 - terça, 31 maio 2011, 09:07

Bom dia tod@s,

Como pude perceber o encerramento deste forum é no dia 02/06, temos que assistir os filmes e comentar neste forum, ou será criado um novo forum?

Ainda não assisti os filmes, e acredito que não conseguirei assistir até a data do dia 02/06.

ABRAÇOS!!!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica

por C14 - terça, 31 maio 2011, 09:16

Bom dia,

Nossa o valor deste forum é de 40 pontos....

Acho que a nota é muito alta para quantidade de tempo que nos foi dado para dialogarmos....

Penso que nossas notas ficaram comprometidas...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por Tutora - terça, 31 maio 2011, 14:21

Olá C14, boa tarde!

Como já havíamos explicado à tod@s no encontro presencial, estamos com um cronograma que sofreu algumas adaptações, entre essas, a redução do tempo das atividades. Nesse sentido, a proposta dessa disciplina é realizarmos três fóruns de discussão. O valor de nosso primeiro fórum, como pode perceber, é um pouco maior pelo fato de se tratar de aprofundamento conceitual. Nesse sentido, é importante que façam postagens mais elaboradas das reflexões dos textos, como também do filme e documentário. Lembro que deverão ser postadas nesse fórum, não haverá outro para a análise do filme... tendo em vista que a proposta se trata de relacionar texto e filme!

Lembre-se de postar suas dúvidas no fórum de dúvidas ou enviá-las através de mensagem pessoal, ok?

Espero ter esclarecido!

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C24 - terça, 31 maio 2011, 22:55

Dzi Croquettes, foi um espetáculo que revolucionou os palcos com as performances de homens vestidos de mulheres com ironia e inteligência contra a repressão da ditadura na década de 70 no Brasil e na França apoiado na contracultura, enquanto um movimento com mobilização e de contestação social a partir dos meios de comunicação de massa com foco nas transformações de comportamento e de valores, ao romper com os padrões e estabelecer mudanças a partir da transformação social ao quebrar tabus ao abordar o sexo associado com a andrigenia e com crítica à ditadura militar de acordo com o período histórico e na realidade social em que estavam inseridos apesar da censura, a repercussão foi muito significativa no Brasil e na Europa através da comédia sobre o sistema com abordagem sobre a sexualidade e assim surgem as polêmicas.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C17- terça, 31 maio 2011, 12:49

Tutora, lendo a sua postagem achei muito interessante, quando fala de treze pessoas que fazem arte na década de setenta, eles fazem com que as pessoas reflitam a questão binária (devo ser homem ou mulher) e pronto, não tenho outras opções, mas temos que pensar o outro, além da amplitude da sexualidade, nesse caso através da arte, mas se trazermos isso para a nossa realidade, as vezes as pessoas olham no "gays" e não acreditam que são capazes, tanto como todos os outros indivíduos.

A memória deles, nunca será apagada, por que eles são de certa maneira um marco, para as questões referentes a sexualidade, mesmo que as vezes tentam silenciá-los.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por Tutora - terça, 31 maio 2011, 21:09

Olá C6, C17 e demais cursistas. Boa noite!

Quando me refiro ao silenciamento dos anos 70, digo no sentido de muit@s de nós, por exemplo, não ter tido acesso à essas produções. Pergunto: antes de ser proposto pelo curso você já tinha conhecimento desse movimento artístico, os DZI Croquettes?

Relembro que os DZI Croquettes buscavam ser reconhecidos pela sua arte e expressão acima de qualquer classificação..

O que possivelmente incomoda os homens ao assistir o Dzi Croquettes é ver que homem pode ser sensual. Ali são homens bonitos com corpos que seduzem. Força, estética, movimentos precisos... Enfim, gostaria de saber mais interpretações do documentário e do texto "corpo sexuado"...

Nesse sentido, como a questão da AIDS foi apresentada? Como Sohn (2008) contextualiza essa questão?

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C6 - quarta, 1 junho 2011, 09:54

Bom dia Tutora e colegas do GDE.

Confesso que foi a primeira vez que vi o documentário, e achei interessantíssimo, ver uma época que dá início as conquistas importantes, época essa que não pode ser apagada da memória dos que vivenciaram aquele momento e os que surgiram depois desse movimento. Assim, compreendo que devemos fazer a nossa parte, passar adiante o que está sendo proposto no curso e que tem sido significativo para a nossa formação continuada.

De acordo com Sohn (2008), antes do século XX, nunca o corpo sexuado foi um objeto de cuidado tão atenciosos, chegando mesmo a se tornar um desafio médico e comercial, assim o século XX foi marcado pela

proliferação dos discursos sobre o sexo, os sexos e a sexualidade, pois vimos que nos séculos anteriores esses assuntos eram mantido em silêncio, como por exemplo a sexualidade além de ser mantido em silêncio era caracterizada como coisas sujas e pecaminosas. Vimos também que com o surgimento da Aids a sexualidade se torna um problema de saúde pública, a qual motiva os médicos a tentarem modificar as praticas sexuais. Se atentarmos, perceberemos que no documentário, assuntos como esses são retratados, vimos como procedeu a conquista do grupo de 13 pessoas homossexuais em busca do respeito, do conhecimento, fugindo dos padrões, quebrando a rigorosa censura vigente no Brasil. Além disso, vale criticarmos que atualmente muitas pessoas associam a Aids como as doenças dos homossexuais, onde generaliza o grupo todo, e no documentário vimos que maioria das mortes acontecida no grandioso grupo estão associado a brutal violência.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica  
por C17 - quarta, 1 junho 2011, 12:48

Tutora, nunca tinha ouvido falar sobre o documentário, o nosso papel agora é repassar para as pessoas que não tem conhecimento. Foi muito interessante conhecê-lo e não podemos colaborar com o esse silenciamento, com as pessoas que estão tentando apagar esse momento da nossa história.

De acordo com Sohn, antes do século XX, a sexo nunca havia sido tão cuidado, foi muito discutido, não mais foi vista como pecado, passou a ser um desafio médico e comercial, as pessoas passaram a comercializá-lo e consequentemente surgem a AIDS um problema para a saúde pública, que mereceu muita atenção, principalmente com vários casos entre homossexuais, daí alguns a chamam de "doenças de homossexuais", mas não atingiu somente a eles, outros e outras também contrairam, nesse documentário, percebemos que os treze vão em busca de mudanças, fugindo dos padrões, quebrando a censura do Brasil, mesmo correndo o risco de serem mortos violentamente como aconteceu com alguns deles.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C20 - terça, 31 maio 2011, 21:52

"Kinsey, Vamos Falar de Sexo" questiona sobre a necessidade biológica do sexo, da manifestação da sexualidade individual e de questões relacionadas à manifestação do desejo, afirma que relacionar sexualmente extrapola a mera procriação e não deve ser encarada como algo impuro. A sexualidade está e estará presente nas mais diferentes áreas da experiência e existência humana, como: corporal, emocional, social, religiosa, moral, ética entre outras.

Segundo HEILBORN, a sexualidade humana é ampla e abarca muito mais que o genital ou biológico, sendo esta estudada e usada por muitos séculos como forma de castração ou impureza em religiões e/ou culturas, dando-lhe um valor que tangia os valores morais e respeitosa na construção de uma sociedade.

Os homens eram vistos como seres sexuais com grandes dificuldades em controlar seus desejos. As mulheres eram consideradas acima de tais necessidades e desejos, o que levava aos homens a satisfação sexual com prostitutas.

A pesquisa de Kinsey influenciou a cultura e as políticas públicas das últimas décadas, onde a "revolução sexual" iniciada por ele, ainda hoje incomoda a vida de muitas pessoas e famílias, pois ela exige como resposta uma vigorosa afirmação do verdadeiro significado da sexualidade humana. Falar e/ou discutir sobre sexo, sexualidade e questões que envolvem gênero no século XXI é muito mais sem obstáculos, mas, em 1950, o gesto desse cientista foi um abalo nos alicerces da moralidade.

A grande inovação de Kinsey foi dizer que o comportamento sexual era algo natural, tão natural quanto falar andar, comer, e como tudo na natureza está passível de variedade. Nenhuma cultura lida com o sexo como um fato natural bruto, mas já o vive e compreende simbolicamente, dando-lhe sentidos, valores, criando normas, interditos e permissões. A sexualidade sempre foi uma fonte de inúmeros preconceitos e fantasias. Muitas vezes os mitos e a repressão sexual criam grandes obstáculos para o exercício saudável do sexo. A educação corresponde à educação de como o indivíduo deve viver a vida, pois é também a educação de seu movimento emocional e energético. Mesmo com o avanço histórico da sexualidade este requer muitos estudos. As famílias conseguem manter um dialogar e orientar seus filhos sobre a vida sexual saudável, sem repressões. As discussões sobre a sexualidade são extremamente importantes nesta época de transformações. O filme mostra como é importante orientar e discutir sobre o assunto e não reprimir encarando e classificando o sexo como um pecado.

A idéia de trabalhar com o casal como unidade de tratamento é relativamente nova, e a abordagem positiva esta sendo progressivamente adotada, considerando que a ausência de doença não coincide com saúde e que formar um casal sadio pode ser ensinado. Assim, o atendimento do casal permite a observação da interação entre dois e a compreensão de como os parceiros si. Desse modo o filme deixa claro que conhecimento, orientação e educação para sexualidade são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo. Entender sua própria sexualidade e saber fazer bom uso dela.

Aliança e sexualidade constituem, sem dúvida, duas das mais importantes dimensões da vida conjugal.

A história da sexualidade aponta um fenômeno muito importante e prevalente até o século XVIII, que é a diferença entre o amor no casamento e o amor fora do casamento. O casamento tem por função ligar duas famílias, e permitir o amor de duas pessoas. A sociedade contemporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor.

Os ideais do amor desligam os indivíduos das relações sociais e familiares mais amplas. A experiência sexual, como toda experiência humana, é produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos. A concepção moderna de sexualidade, segundo Foucault (1988), designa uma série de fenômenos que englobam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais e sociais do comportamento, a instauração de regras e normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, e também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Sexualidade é, pois, uma construção social que engloba o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais. Ao longo da história, a atividade sexual sempre foi objeto de preocupação moral e, como tal, submetida a dispositivos de controle das práticas e comportamentos sexuais. Como esses dispositivos são construídos com base nos valores e ideologias predominantes na sociedade, eles assumem formas diferentes à medida que a sociedade muda. As mudanças que vêm acontecendo no amor, no casamento e na sexualidade ao longo da modernidade resultaram em transformações radicais na intimidade e na vida pessoal dos indivíduos.

A transformação da intimidade passa necessariamente por uma análise de gênero e tal conquista tem permitido o surgimento de outras formas de relacionamento amoroso, tanto no contexto heterossexual quanto fora dele. Vivemos hoje no signo da pluralidade. O casamento formal, heterossexual com fins de constituição da família, continua sendo uma referência e um valor importante, mas convive com outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação, e também as uniões homossexuais. Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C24 - terça, 31 maio 2011, 22:19

Na abordagem de " Kinsey, Vamos Falar de Sexo", ao analisar o comportamento sexual com influências sociais e culturais na sexualidade e assim a revolução sexual para além de dogmas e dos tabus na sociedade através de pesquisas e estudos na área biológica, especificamente na prevenção de problemas sexuais dentre esses as DST's ao considerar o sexo como uma prática natural e não relacionada a mitos e a religião e ainda não menciona o amor já que submete a sua esposa ao relacionamento com outro homem para compreender o sexo.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C22 - quarta, 1 junho 2011, 14:48

Kinsey revolucionou a visão sobre sexo na década de 40 nos Estados Unidos, onde o sexo era considerado um tabu envolvido em muitos mitos e preconceitos. Ele propôs que se falasse de sexo abertamente e que se fizesse sexo sem medos e preconceitos, pois fazer sexo é natural do ser humano. Sem medos em termos, pois trabalhava também a questão das doenças sexualmente transmissíveis. Levantou questionamentos sobre a necessidade biológica do sexo, que não é somente a necessidade única da igreja que é a da procriação. Sua pesquisa conseguiu influenciar moral e socialmente as questões a cerca da sexualidade nos Estados Unidos, mas também causou muito espanto e revolta.

Kinsey fala sobre a moralidade vitoriana, que negava e reprimia o prazer sexual.

Foucault em seu texto nos diz que suportamos até hoje "um regime vitoriano" que controla e regula as leis da sexualidade. O sexo associado ao pecado e mesmo nos dias atuais ainda não se fala de sexo livremente. O autor questiona sobre a evidencia histórica da repressão ao sexo, a mecânica do poder em relação ao sexo é de ordem repressiva? Busca saber como as relações de poder penetram e controlam o prazer cotidiano.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C11 - quarta, 1 junho 2011, 15:04

Boa tarde a todos e a todas!

Ao ler os textos de Anne-Marrie Sohn percebi o quanto o corpo, o sexo e a sexualidade foram criadas e recriadas ao longo do tempo e o espaço, e ainda o quanto os aspectos referentes a essa temática merecem um olhar mais cuidadoso e criterioso de nossa parte, uma vez que existem em caráter social e não somente "natural ou biológico" como erroneamente fomos educados a acreditar.

No capítulo 1 "O corpo sexuado", a autora faz referências ao papel desempenhado pelo corpo sexo no decorrer do século XX, sobretudo na Alemanha, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Ela apresenta uma

análise do processo histórico da constituição da sexualidade predominante nesses países e que influenciam grande parte dos países do mundo ocidental, inclusive o Brasil.

A autora apresenta esse estudo de uma maneira bastante didática, clara e por meio de argumentos que nos possibilitam compreender o contexto social, histórico, econômico e cultural que culminaram nas mudanças da concepção e constituição do corpo, do sexo e da sexualidade.

Ela parte da análise da “erosão progressiva do pudor”, ou melhor, do processo de mudança dos valores e da própria ideia de “pudor” ao longo do tempo, chegando ao ponto de interrogações sobre o “futuro da sociedade e da moral”. Para tanto apresenta um estudo acerca da evolução dos modelos de roupas de banho dos homens e mulheres, que estão relacionados à evolução histórica de “mostrar o corpo”.

“Desde então, com efeito, que homens e mulheres não podem mais trapacear com o corpo, os cânones da beleza física se mostram muito exigentes.” (p. 111) Nesse contexto surgem as maiores preocupações e ações em busca da beleza, por meio de dietas, atividades físicas e ainda a busca pela cirurgia plástica, a princípio pelas mulheres e posteriormente pelos homens.

Segundo a autora o pudor oficial obedece às regras escritas até 1950, a partir de então, a publicidade, a mídia, as artes passam a insinuar, a sugerir e a explorar a sexualidade enquanto “prova do desejo e do prazer” deixando de lado a hipocrisia. Nesse contexto surge a “comercialização do corpo sexuado”, ou melhor, a pornografia, que também tem uma trajetória de clandestinidade, difusão e segregação ao longo da história. “o filme pornográfico introduz uma profunda ruptura nas representações da sexualidade e dos corpos. Pela primeira vez, ele reproduz atos sexuais não simulados, realizados de maneira estereotipada por profissionais e descartados de toda relação afetiva ao pessoal.” (p.116)

Outra questão de extrema relevância apontada pela autora são os discursos científicos sobre o corpo, os sexos, o sexo e a sexualidade, que culminaram na crescente intervenção médica sobre o corpo sexuado.

Houve uma crescente “vontade de saber” e de controle dos corpos no sentido de normalizar os comportamentos por meio do controle das mulheres, das crianças e da sexualidade não reprodutiva. Nesse sentido a sexualidade se torna um “objeto de estudo”. Surge a teoria freudiana, que faz do prazer o motor da sexualidade, ou seja, marca a passagem de uma sexualidade reprodutiva a uma sexualidade que faz do prazer o objeto de vida. Surgem ainda a sexologia, os/as conselheiros/as sexuais, o “direito ao prazer sexual da mulher casada”, a educação sexual, a prevenção e cura das doenças venéreas e a procriação consciente.

Durante as duas grandes guerras a sociologia permanece fundamentada pela dualidade feminino/masculino, o que acaba contribuindo para a vitimização da sexualidade feminina e a justificativa para o papel da mulher na sociedade.

Para a autora os primeiros discursos sexológicos contribuem para tirar a sexualidade do silêncio e da vergonha. Exemplo disso é o estudo de Kinsey, cujo objetivo foi traçar um quadro das práticas sexuais dos seus contemporâneos, a partir de uma sondagem de 10.000 pessoas, primeiramente a sexualidade feminina e posteriormente a masculina a fim de conhecer as opiniões acerca do prazer. A masturbação, as relações pré-conjugais, a sexualidade de diversas formas, as relações conjugais, o onanismo, a prostituição, o adultério, a homossexualidade são vista agora vistas, na teoria de Kinsey, não como doenças ou desvios, mas como um “comportamento diferenciado”. “kinsey é o primeiro a negar a hierarquia dos órgãos femininos e afirma que a sexualidade feminina é bem semelhante à sexualidade masculina.” (p. 123)

Um aspecto fundamental destacado pela autora quanto à constituição da sexualidade e do sexo é seu caráter contraditório, uma vez que se por um lado a sexualidade, a satisfação ou insatisfação sexual agora podem ser exteriorizadas e publicadas, e por outro lado a satisfação sexual passa a ser vista como uma condição para boa saúde física e mental, o que acaba culminando na “normalização dos comportamentos pela imposição do bom desempenho sexual.” (p. 126)

Ao longo do sec XX a medicina teve um papel fundamental na chamada “medicalização da sexualidade” manifestando-se de diversas formas. Atua em diversos âmbitos seja nas representações sexuais dos indivíduos, na reprodução, na fertilidade, na fecundidade, mudança de sexo, funções sexuais femininas e posteriormente masculinas, tratamento de doenças venéreas e métodos contraceptivos.

A liberdade dos costumes, da moral e dos tabus contribuiu também o aumento da recusa às violências sexuais e da sexualidade sob coerção, a liberdade de palavras e gestos, pela dissociação entre sexualidade e reprodução e pela intencionalidade de se constituir uma sexualidade para todos com direito ao prazer também para todos. Foi um processo histórico no qual a sociedade foi mudando a sua prática, o seu discurso e as suas leis.

A homossexualidade também foi vista de outra maneira a partir da mudança dos costumes, da moral e dos tabus, entretanto essa mudança não foi linear, teve avanços e retrocessos, bem como especificidades culturais e sociais. “Cada país tem a sua própria cultura homossexual [...]” (p. 147)

Desse modo podemos perceber o quanto a sexualidade, o sexo e o corpo passaram por mudanças ao longo de nossa história, o quanto já foi conquistado no sentido de uma emancipação e o quanto ainda é preciso mudança para que essa realidade seja plena e satisfatória. Além disso, fica a reflexão do caráter contraditório



dessa emancipação, pois ela não é sinônima de igualdade entre os sexos, ou seja, não acaba com a dominação/subordinação entre os sexos.

O texto nos traz uma excelente oportunidade de pensar a sexualidade enquanto construção histórico-social e cultural, não é verdade?

Felicidades...

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C8 - quarta, 1 junho 2011, 20:52

Boa Noite C11

Realmente o texto é muito interessante nos ajuda a entender o processo de construção histórica social do corpo. Sabe, muitas vezes estamos discutindo sobre identidade, gênero e diversidade e não nos damos conta da importância do corpo nesse processo afinal o debate gira em torno do corpo. Anne-Marrie Sohn nos apresenta as diferentes concepções de corpo que foram sendo construídas ao longo do tempo e como estas concepções foram se transformando e construindo identidades. As inovações tecnológica e a expansão dos meios de comunicação de massa contribuíram para as construções e percepções que temos hoje do corpo. "Kinsey" como já nos lembrou a Tutora nos ajuda a entender essas relações com o corpo e diminuir dúvidas sobre a origem de nossas orientações sexuais.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C19 - quinta, 2 junho 2011, 16:01

Boa tarde tutora e demais cursistas.

Segundo o Foucault em seu texto nos diz que aturramos até agora uma dieta vitoriana, que regula as leis da sexualidade. Ele registra a forma de controle da sexualidade nas sociedades européia, no século XIX os colégios criaram poderoso veículo de incitação às formas de sexualidade que, no registro do discurso, eram justamente as mais questionadas por médicos e pedagogos. Foucault (1986) ratifica que a sexualidade foi moldada em nossa sociedade como uma forma de controle social e político.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C3 - quarta, 1 junho 2011, 22:37

È C11 e demais colegas este texto é bem interessante na medida em que possibilita repensarmos os nossos conceitos sobre o que é "verdade" em cada momento, que vai depender dos interesses de determinados grupos, isto é nada acontece por acaso, somos manipulados de todas as formas, a sexualidade também vai passar por esta regulação e vai se reorganizar de acordo com o passar do tempo e dos interesses. Segundo a autora, por exemplo em 1920 tolera-se a homossexualidade logo depois em 1954 já passa a considerá-la doença. É um constante ir e vir o tempo todo.

O texto nos permite pensar a sexualidade enquanto construção histórico-social e cultural e ainda nos leva a refletir sobre esta aparente liberdade de escolhas que parece ser nos dada, por exemplo, quando as telenovelas sempre trazem casais homossexuais como se fosse naturalmente aceitos, não são, há um violento preconceito contra as pessoas que assumem sua homossexualidade e há também eu acho um preconceito de ter preconceito, não é isso?

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C24 - quinta, 2 junho 2011, 21:16

Boa Noite C3 e demais colegas GDE!!!

Então penso que o preconceito está declarado de todas as formas, quando as pessoas se assumem ou não, enquanto homossexuais ou mesmo pela reação da sociedade que não se remete à aceitação mas em tolerância e nem mesmo em respeito pela orientação sexual diferente, haja vista que a homossexualidade não é dada como natural, pois a diferença nesse caso gera desigualdade dentre outras consequências como discriminação, exclusão e preconceito, embora a diversidade sexual seja reconhecida e legitimada na sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C19 - quarta, 1 junho 2011, 20:38

BOA NOITE... :-)) Kinsey, ao analisar o comportamento sexual com as influências culturais sociais na sexualidade da época através de estudos e questionamento na biologia, relatando o problema na prevenção das doenças sexuais transmissíveis. Não foi fácil para Kinsey falar sobre sexo nos anos 40 e 50, o desafio deste cientista foi muito grande em enfrentar uma sociedade puritana. Vale ressaltar que bateu de frente com vários indivíduos que faziam parte da sociedade da época influente. Nota-se que o cientista queria descrever o comportamento sexual dos indivíduos partindo de questionários e entrevistas e pesquisas com casais, causando um grande escândalo nos E.U.A.. No entanto, Kinsey foi o pioneiro na pesquisa da sexualidade

humana, ela desafia uma sociedade conservadora para falar sobre sexo, onde era um assunto pouquíssimo abordado, passa a tema de debates e provoca polêmica. Voltando para o nosso cotidiano deparamos que essa sexualidade infelizmente no século XXI, quase nada mudou, encontramos pessoas que se fecham sobre esse assunto e reprime seus prazeres por um preconceito que ainda existe. Enfim, notei que o filme vai além de uma reflexão sexual, aborda conflitos entre pais e filhos, mostra como traumas podem conduzir a vida das pessoas, traz exemplos de lealdade, amor incondicional, é uma longa-metragem genial que pode contribuir com a formação sexual de todo ser humano.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C8 - quarta, 1 junho 2011, 21:00

Boa noite C15

Também acredito que ha falta de conhecimento muito grande sobre sexo entre os adolescentes, prova disso é o grande uso da pílula do dia seguinte entre as meninas de 14 a 18 anos. Nem precisamos de pesquisar para constatar isso afinal trabalhamos com essas meninas e meninos que nos confidenciam suas praticas sexuais. A sexualidade vem sendo banalizada em nome de uma ditadura do prazer e deixam de lado preocupações básicas, como a seguranças nas relações sexuais.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C20 - quarta, 1 junho 2011, 22:09

Em Dzi Croquettes fazem uma panorâmica altamente eficiente, contando o coito, gestação, nascimento em 1972 e desenvolvimento dessa família de machos barbudos, cabeludos, andrógenos e epícenos que não eram "nem homens, nem mulheres, só gente", de forma magistral, com fatos sequenciados e bem esquematizados que fazem até "Bocós" como eu compreender inteiramente a importância desse fenômeno para a cultura de um país, seus impactos e suas vivências. O documentário faz um paralelo com a história do Brasil e do desmantelamento da cultura na época da ditadura, pois infelizmente como foi - é - continuará a ser feito, a história do Brasil é contada sem citar evidências épicas da cultura como os Dzi Croquettes, mas o inverso é impossível, pois os esquecidos, temidos, gloriosos e sublimes da arte e cultura mesmo que na contramão geram abalos sísmicos cósmicos.

Como não poderia deixar de ser, o documentário se finda com o "fim", de forma "emotivo-ético" e verdadeira, sem excessos ou omissões, mostrando o rompimento da família depois de energias "avisarem" o ocorrido, o retorno, inclusão de novos membros, o "câncer gay". "Só o amor constrói" - ou pelo menos construía.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C3 - quarta, 1 junho 2011, 22:54

Olá gente!

tem algo me incomodando e aqui preciso da opinião da biologa C15. Nem sei se também é razoável o que venho pensando; mas vamos lá vou tentar ser breve, o doutor Kinsey nos diz em poucas palavras que o sexo é puramente biológico e que há as restrições sociais, no caso dos humanos que passam a regular toda a sexualidade humana e os entraves também advêm destas mesmas restrições, a minha questão é: no mundo animal há coitos entre machos e machos ou entre fêmeas e fêmeas? Na minha ignorância eu não sei, entretanto deduzo que se há; então a teoria do doutor Kinsey que analisa alguns comportamentos de insetos, é válida mas se não há como podemos pensar estas relações entre pessoas do mesmo sexo no comportamento humano?

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

Tutora - quarta, 1 junho 2011, 23:18

Boa noite C24, C17, C6 e C20. Tudo bem?

Outro ponto que nos chama bastante questão no documentário Dzi Croquettes se refere as mortes causadas por crime de ódio. Os assassinatos foram resultados de ações homofóbicas e isso deve estar bem claro, mesmo que o documentário não mencione especificamente o termo homofobia.

Essa parte do filme me fez lembrar da quarentena de aprovação do PL 122 que é adicionar como crime a discriminação a gays, lésbicas, etc. É um projeto de lei que surgiu principalmente em decorrência da intolerância e assassinatos contra homossexuais.

Menciono também a questão da família, pois é importante lembrar a relevância dessa representação para o grupo... Eles tinham um laço de afetividade de cuidados, de referência, uma direção feita principalmente por meio do Lenie, que também detinha uma sensibilidade...

A questão do pêlo, do palhaço, da purpurina, um discurso tão elegante, bem como a ironia e a comédia são aspectos que mostram uma dada concepção de homem e sexualidade que tem tudo haver com a nossa

disciplina.  
Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C5 - quarta, 1 junho 2011, 23:29

Boa noite tutora e demais cursistas

Com certeza que está claro que os crimes cometidos com alguns integrantes do DZI foram de aversão a homossexuais, e lamentavelmente isso ainda acontece na nossa atual sociedade, onde segundo informações da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República a cada duas horas mata-se um homossexual no Brasil. Agora a pouco estava lendo os posts de mais uma ação homofóbica do Deputado Bolsonaro... esse nome chega de me dar arrepios.... em que ele joga água em uma drag queen ... e os posts de quem le a reportagem acabam aprovando as posturas do referido deputado  
Abraços

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C24 - quarta, 1 junho 2011, 23:53

Boa Noite Tutora e demais colegas, bem e vocês ?

A discussão sobre a sexualidade e principalmente da diversidade sexual bem como dos direitos sexuais permeia no combate à homofobia, haja vista que a homossexualidade já foi reconhecida enquanto orientação sexual, porém ainda não é respeitada, pois depende de diversas tolerâncias na sociedade e na política sendo que os preconceitos e as discriminações devem ser evitadas seja através de projetos e de leis mas de principalmente através da conscientização da sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C5 - quinta, 2 junho 2011, 00:23

Bom dia C24 e demais cursistas

Interessante sua colocação em relação as leis que possam ser aprovadas contra a homofobia. Também penso que só com a aprovação de uma lei, não vai mudar o comportamento das pessoas, pode reprimir, mas não resolve as atitudes homofóbicas por parte de uma grande maioria. Uma lei para ser aceita precisa antes de tudo ser compreendida e entendida não só com o racional, mas com o emocional também. Repare, a lei Maria da Penha foi criada, e está aí sendo aplicada, mas na prática como ela realmente funciona? Ela acabou com a prática da violência a mulher?

O que vs. pensam a respeito de leis contra a homofobia?

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C15 - quinta, 2 junho 2011, 11:27

C5

Acredito assim como você colocou que as leis não eliminam a homofobia, no entanto são formas de legitimar atitudes preconceituosas, mas tenho medo das dimensões que isso pode tomar. Hoje muitas vezes você tem que ficar medindo muito as palavras, se eu chamo uma pessoa de gay, é ofensa, "olha você está sendo preconceituosa". Se eu digo que não gosto de travesti "olha você está sendo preconceituosa". TUDO É PRECONCEITO. Minha opinião é preconceito, minhas escolhas são preconceituosas etc. São necessários as atitudes de combate a discriminação, mas é preciso ponderação. É complicado tentar convencer pessoas que foram criadas numa educação rígida, de que agora é tudo "normal". Acredito que a lei foi um passo, mas que os homossexuais, mulheres, negros e demais grupos segregados tem que conquistar o direito de serem respeitados não somente por leis. Eu por exemplo tenho uma visão muito ruim da Parada Gay, que deveria ser de protesto, no entanto "aparentemente" não é. Assisti um documentário esses dias de um grupo que é a favor da palavra GAY, porque se ela se tornar normal e corriqueira, não poderá mais ofender ninguém, achei legal. Quando se coloca importância demais em algumas palavras elas ganham uma força que muitas vezes não tem.

GAY= Colorido EU SOU GAY

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C17 - quinta, 2 junho 2011, 12:11

É verdade colegas, as leis não mudarão as atitudes das pessoas, apenas legitimarão as ações. Atualmente está muito difícil expressar o que sentimos e pensamos, os indivíduos onde estamos nos relacionando podem interpretar como preconceito, talvez por que foram criados de acordo com regras rígidas, cheia de tabus e hoje em dia, quase tudo está passando a ser normal, ocorre um choque entre essas informações. Mas só a lei não proporcionará as pessoas o respeito, é necessário que eles o conquistem!

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C5 - quinta, 2 junho 2011, 13:06

Boa tarde C17, C15 , e demais cursistas.

Os seus comentários são pertinentes e muito contribuem para a nossa reflexão. Neste sentido, concordo plenamente que respeito a gente conquista, não nos é dado através de decretos ou leis, entretanto gostaria de colocar dois ingredientes nesse liquidificador, pois nossa discussão parece que vira uma vitamina batida em liquidificador, mas isso é produtivo, pois na medida que colocamos nossos problemas, as pessoas vão se conscientizando da grandeza, que envolve o que é ser minoria em direito. Repare, em primeiro lugar gostaria de colocar que respeito se conquista, mas que para conquistarmos precisaríamos estar concorrendo (pelo menos teoricamente) em pé de igualdade com todos e todas, o que na realidade isso não acontece, temos que ter clareza disso, ora, se não nos é dado tais condições como podemos conquistar algo. E a falta de educação formal negada aos gays reflete no próprio comportamento dos mesmos, pois educação liberta, e v. C15 quando faz a referência que se chamarmos uma pessoa de GAY, ou dizer que não gosta de TRAVESTI, eu particularmente penso que isso seria sim um preconceito, mas não por parte de quem está chamando, é que se estabeleceu isso, porque quando digo - Oi mulher, - Oi macho, ou - Ola homem, ou garoto, ou menino, isso é a norma de conduta para os heteros e aceita como um padrão normal, e é neste sentido que digo, a palavra gay, homossexual, ou seja lá o idenfique a pessoa precisa ser dita e ouvida naturalmente, nao obstante, as mudanças precisam acontecer de ambas as partes, tanto dos heteros - em sua maioria, bem como dos homos também. Agora isso é evidencia que tem sido negado aos gays muitos direitos, que tem sido literalmente massacrados e perseguidos, não só atualmente, mas lembramos de Hitler, e muitos outros fatos historicos. Enfim, companheira, criticar os propios gays por conta de problemas criados pelo sistema é muito fácil, quando não ponderamos - não estou dizendo aqui que tais criticas tenham partido de vs, mas da sociedade em geral, é facil demais quando não analisamos todos os elementos que envolvem o ser gay. Tenho dito e sempre repito isso, falar mal dos professores é muito facil, sem ver as condições que os propios tem para trabalhar. E com gays não tem sido diferente. O mundo esta ai mostrando, os numeros estão ai expostos, os testemunhos podem ser dados, e os gays só não falam mais, só não denunciam mais por vergonha dos constringimentos que passa a todo momento... vs. tentem ser gays pelo menos um dia em suas vidas e sentirão o que eu estou falando, tiro de metralhadora vem a todo momento, a toda hora, mas nem por isso vamos deixar de almejar dias melhores, não só para gays, mas para todos. Lembrando que isso aqui não é desabafo, mas a realidade falada/escrita de uma realidade, a qual tem mudado, e eu espero ainda estar vivo e presenciar avanços significativos nas nossas relações.

Saudações a todas e todos

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C24 - quinta, 2 junho 2011, 20:53

EntãoC5,

Considero que as leis são importantes para reconhecer a diversidade cultural,sexual e étnicarracial e para combater preconceitos e discriminações como a homofobia, o racismo e em relação ao gênero, mas a sociedade deve se apropriar das leis na realidade, pois apesar da lei Maria da Penha estar em vigor, as mulheres continuam sendo violentadas e assim se não houver mudanças de comportamento e mesmo na concepção das pessoas em prol da cidadania, da inclusão e dos valores morais e princípios éticos, dificulta o combate aos preconceitos e à violência na sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C20 - quarta, 1 junho 2011, 22:47

Nas sociedades modernas se atribui uma grande importância e significado ao corpo e à sexualidade, essa é mais que simplesmente o corpo, relacionando-se com as nossas crenças, ideologias e imaginações. Explica também que os corpos não possuem um sentido intrínseco, e tal como Foucault, defende a sexualidade como uma construção social e histórica. As questões relativas à sexualidade e ao corpo foram vistas ao longo da história, entrando na questão da necessidade de se definir discursivamente o que era normal e o que era anormal, bem como na necessidade que havia no século XIX da definição da identidade sexual.

No fim do século XIX ganhou uma disciplina dedicada a ela, a sexologia. Com isso, pode-se concluir que a sexualidade é mais que uma preocupação individual, é uma questão política e crítica.

A sexualidade é uma construção social, uma invenção histórica, que tem base nas possibilidades do corpo, assim, os sentidos que lhe atribuímos são modelados em situações sociais concretas. O sexo é visto como um elemento essencial na construção corporal de uma pessoa, sendo o determinante de personalidades e identidades.

A sexualidade aparece como marcador de relações de poder.

A cultura privilegia a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade e por que ela atribui tanta importância à sexualidade.

Foucault vê a necessidade de se definir o “sexo verdadeiro”, uma das preocupações que o século XIX possuía. Assim, corpo e identidade de gênero socialmente aceitável deviam ter plena correspondência. A sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais que seriam a nossa subjetividade e a sociedade. A sociedade se preocupava cada vez mais com o disciplinamento dos corpos e a vida sexual dos indivíduos, na medida em que se preocupava com a vida e saúde de seus membros. Debater em torno da sexualidade passa a ser visto como debates sobre a natureza da sociedade. Pensando a relação da sexualidade com o poder, ressalta que esse atua através de mecanismos complexos e superpostos, às vezes contraditórios, produzindo dominação, oposições e resistências.

Passando-se à história da homossexualidade, antes do século XIX existia a homossexualidade mas o homossexual não existia, isso porque foi a partir desse século que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada. A homossexualidade tornou-se uma categoria científica e sociológica. E a nova história da homossexualidade passa a ser uma história de identidades. Com o crescimento urbano torna possível uma interação social maior, o que possibilitou uma oportunidade para a evolução das identidades homossexuais. Examinando a questão das identidades sexuais num contexto maior, percebe-se que as identidades são histórica e culturalmente específicas, sendo selecionadas a partir de uma gama de identidades sociais.

A sexualidade tem sido centro do debate político nos últimos dois séculos, e argumenta-se que a preocupação acerca dessa, atualmente, se relaciona com o sentimento de crise sobre a sexualidade. As mudanças ocorridas no campo social e o impacto do feminismo alimentaram uma crise sobre o sentido da sexualidade em nossa cultura.

Argumenta-se que aquilo que consideramos legítimo de se fazer no campo privado, sempre estará controlado por valores ainda maiores que dizem respeito ao tipo de sociedade que queremos ver.

Na história da sexualidade a organização social da sexualidade não é estável, sendo moldada de acordo com contextos específicos, assim, possivelmente, pode-se esperar por uma mudança radical na maneira como nos relacionamos com nossos corpos e com a sexualidade. Podemos entender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, sendo que cada contexto possui suas próprias condições que levam à importância que se dá à sexualidade e nos revela as várias relações de poder que modelam o que é considerado normal e anormal para cada época.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C5 - quarta, 1 junho 2011, 22:50

Boa noite Tutora, C11 e demais cursistas

Ao ler os textos da Anne-Marrie Sohn fica claro a abordagem histórica, a qual a referida autora nos remete, a necessidade de repensarmos o corpo, o sexo e a sexualidade tendo como referencial o modo de produção capitalista e os seus interesses em cada momento da história, onde foi criado determinados avanços, os quais estavam a serviço de interesses do capital, e não do ponto de vista da natureza e do fator biológico, o qual foi inculcado em nós. E como questiona a C11, em relação aos textos, que nos remetem a pensar a sexualidade enquanto construção histórico-social e cultural, neste sentido, acredito piamente que precisamos não só pensar a sexualidade, como também repensa-la para uma construção não só histórica, social e ou cultural, mas também do ponto de vista econômico, e isso se faz com planejamento de longo prazo, algo que nós brasileiros não temos o hábito de fazer, em função na nossa cultura e da nossa economia, pois vivíamos em uma inflação muito alta, e até mesmo com uma moeda sem sabermos o valor dela ou qual seria a seguinte.

Seguimos refletindo

SAudações educacionais

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C3 - quarta, 1 junho 2011, 23:01

Boa noite C5 e demais cursistas,

há um grupo poderoso que se articula e busca de todas as maneiras lucrar, tod@s nós somos consumidores e precisamos contribuir para o aumento do capital deste grupo, como a professora X sinalizou no último encontro é claro que há um grupo de olho nesse filão que é o mercado para os que assumem sua homossexualidade e há com certeza como sempre houve uma rearticulação de discursos que contemplem este mercado consumidor no sentido de possibilitar novas formas de enriquecimento do capital.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C5 - quarta, 1 junho 2011, 23:16

Boa noite C3 e demais cursistas

È verdade e bem lembrado quanto as ponderações da Profª Drª X em relação aos avanços da mulher ocidental, que segundo ela isso veio a atender o capital, neste sentido os avanços que homossexuais tem conseguido também não seria para atender os interesses do capital?

Precisamos refletir

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por Tutora - quarta, 1 junho 2011, 23:22

Olá C20, C11, C5 e demais cursistas!

Nosso curso trata de questões sobre "gênero e a diversidade na escola" especialmente, nessa disciplina estamos discutindo "sexualidade e orientação sexual" e, como sabemos, a noção de sexualidade não é algo que está "resolvido" em nossos corpos. Não existe um corpo nem uma sexualidade universal, mas sim corpos sexuados marcados por vivências e experiências específicas de classe, de etnia/raça, de gênero e de orientação sexual.

Poderíamos dizer que o que toca a sexualidade (o desejo, o prazer, intimidade, afeto) diz respeito apenas a privacidade e ao bem estar de cada indivíduo. Mas não é só isso! Sabe-se o tamanho das expressões relativas a sexualidade pois elas estão em constante vigilância pública e precisam do reconhecimento coletivo para seu livre exercício. Ora, o campo dos desejos humanos não é "linear" e "fixo" como tentam modelar as regras e normas sociais tão bem disseminadas na família, na escola, religião e contemporaneamente, na mídia. Por outro lado, precisamos nos comprometer com uma abordagem educativa sobre tal questão!

Vamos refletindo...

Abraços, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C5 - quarta, 1 junho 2011, 23:45

Boa noite Tutora e demais cursistas

Esse curso tem sido de alto nível, do ponto de vista, não só para a educação formal, bem como para a vida também. E quando v. relembra que ele trata de questões sobre gênero e diversidade na escola, eu me preocupo mais ainda, pois como v. disse - Precisamos nos comprometer com uma abordagem educativa sobre tal questão! E eu gostaria de reforçar e até mesmo de pensar um momento para discutirmos essa questão, e de até mesmo de questionar, se realmente estamos mesmo comprometidos e preocupados em em libertar as pessoas, pois educação é isso mesmo, a mudança de comportamento para libertar as pessoas. Precisamos refletir e refletirmos com compromisso

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C24 - quarta, 1 junho 2011, 23:11

Foucault busca a compreensão do discurso sobre a sexualidade na perspectiva histórica em relação ao poder e à repressão para entender o sexo em diversas dimensões e áreas de investigação, sendo a sexualidade de análise e de controle na sociedade e assim com foco no controle social sendo também reprimida a partir das relações de poder e pelas lutas de classes no período histórico, haja vista que a burguesia atribuía comportamentos em contraposição a pureza da aristocracia nas diferenças da sociedade e com o controle das populações surgem os problemas econômicos na classe trabalhadora e assim se discute a sexualidade enquanto problema devido às doenças sexualmente transmissíveis, porém a sexualidade é vista de outras formas para além da censura, das relações de poder e do controle, porém a igreja já restringe a sexualidade ao casamento heterossexual em prol apenas da procriação e assim há a negação do prazer sendo contrária ao controle de natalidade que já foi considerado como pecado.

E assim é possível perceber as tendências e as influências de diversas áreas do conhecimento como Medicina, Biologia e Psicologia na compreensão da sexualidade em diferentes discursos e também a repercussão na sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C24 - quarta, 1 junho 2011, 23:44

História do corpo aborda diversas reflexões com foco na normatização religiosa na Idade Média e também no renascimento, sobre as formas e funções corporais seja pela medicalização do corpo ou mesmo com a homossexualidade quando surgem os debates no século XIX.

No "corpo sexuado", a autora contempla seus estudos de psicologia sexual e assim Kinsey, em meados do século, propõe "uma visão radicalmente nova sobre a homossexualidade (...) A maioria das pessoas navega, deste modo, entre heterossexualidade e homossexualidade, o que proíbe qualquer explicação pela patologia ou pelo desvio".

Face a isso, em resposta aos questionamentos dos colegas, considero a sexualidade uma construção

sociohistórica e cultural baseada em práticas corporais para além de padrões e de normas ou desvios de conduta.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C5 - quinta, 2 junho 2011, 00:16

Boa noite Tutora e demais cursistas

Michel Foucault veio ao Brasil pra uma palestra no Rio de Janeiro no Copacabana Palace, então ele colocou um casaco de pele e pediu que ligassem o ar, o mesmo morreu de AIDS e era homossexual, teve um relacionamento com Daniel Defert, 10 anos mais novo que ele, mas que viveram como amantes durante 20 anos.

Foucault faz uma análise histórica para compreendermos a sociedade e para rompermos com as leis que a regem. Haja visto que essa mesma sociedade é reprimida e que ela mesma expõe essas opressões e enfatiza as negações e a verdade, segundo ele, é que construímos-a de acordo com as necessidades do poder, que somos obrigados pelo poder a produzir a verdade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C19 - quinta, 2 junho 2011, 16:44

Boa tarde C5 e demais cursistas...

os últimos anos foram favorecidos por enormes transformações, mudanças econômicas, religiosas, sociais na ciência, aliadas a contribuições da psicologia, medicina na avaliação do tratamento dos problemas de comportamento, refletiram-se nas atitudes de homens e mulheres. O século XXI nos trás amadurecimento físico, emocional e sexual, outros padrões de sabedoria sobre o assunto, aceitando um novo lugar e destaque a sexualidade.

em várias áreas na contemporaneidade começam a aceitar que em uma relação sexual, junto a outros fatores são fundamentais para o bem estar geral, independente de suas diferenças que fazem parte do ser humano, cabe-nos a respeitá-los dentro desses princípios de cada indivíduo.

att

C19.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C18 - quinta, 2 junho 2011, 19:14

Boa Noite, concordo em partes com sua colocação, pois com toda a mudança socio-econômica e tecnológica em que estamos passando a sociedade está passando por um processo sim de transição, mas não percebe estas mudanças com relação a sexualidade, vejo que ocorre uma máscara de que tudo anda bem, mas não vejo isto, percebemos que muitas pessoas ainda tem preconceitos e discriminações com relação a sexualidade, preconceitos estes oriundos de anos de repressão e como hoje a sociedade já não é tão repressora os preconceitos também estão abertos.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C23 - segunda, 6 junho 2011, 17:05

Concordo com você C18,

não é preciso ir longe, quando falo de que se trata minha pós, assim como os temas que aborda, muita gente me critica e não consegue entender o porque de está fazendo este curso...e isso ocorre sempre, principalmente no meu local de trabalho.

Penso que a sociedade tem que evoluir muito ainda, pois a mesma ainda não está e está longe se ter uma mente aberta para tratar de qualquer assunto.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C1 - quinta, 2 junho 2011, 06:38

Depois de ter realizado as leituras, assistido ao documentário Dzi Croquettes e ao filme Kinsey pode-se perceber que ao longo dos séculos a sexualidade vem sendo tratada de uma determinada forma ora sendo proibido discussões, mantido em segredo ora sendo permitido, questionado no espaço público, isto é, um dispositivo histórico. Conforme Foucault, no século XVII, a sexualidade foi confiscada pela família conjugal e tinha a função de reprodução e os únicos lugares tolerados eram o rende-vous e a casa de saúde. O autor diz que desde a época clássica a repressão era o principal modo de ligação entre poder, saber e sexualidade e para se libertarem as pessoas precisavam transgredir as leis, suspender as interdições, mudar os mecanismos de poder, pois, a sexualidade é condicionada politicamente.

O Grupo Dzi Croquettes mostra exatamente a transgressão e a resistência no que se refere às relações de poder, saber e sexualidade. Pois, foi um grupo de 13 pessoas que por meio da dança, do teatro, da suas vestimentas, do comportamento e da sua nova linguagem, romperam com as idéias criticando as instituições

tradicionais e a ditadura militar. Em suas apresentações criticavam o sistema, trabalhavam com masculinidades, buscavam revolucionar com o movimento purpurina. E quando o sistema daquela época compreendeu que aquele grupo era perigoso para permanência do poder da ditadura, eles foram censurados. De acordo com Foucault (1999, p.96), “(...) é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”.

Outro aspecto importante a ser mencionado é que as discussões e questionamentos sobre sexo se iniciaram com a burguesia e não com a classe explorada, preocupavam com a proteção e cuidados com o corpo. No entanto, quando foi interessante para o aparelho administrativo e técnico aplicar o dispositivo da sexualidade para a classe explorada eles aplicaram, mas com forma de afirmação da burguesia.

Assim, no texto de Foucault nota-se como a sexualidade está intrinsecamente ligada as relações de poder e de saber nas diferentes épocas e que o dispositivo da sexualidade é movente, instável e deve ser observado em suas particularidades.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C1 - quinta, 2 junho 2011, 07:30

Continuando as considerações das leituras no texto de Sohn discute que no séc.XX o corpo sexuado fora objeto de muitos cuidados, que o pudor vai se recuando no período entre-guerras e difundido nos trinta gloriosos. Isso acontece com mudanças trazidas pela moda e pelo turismo. A autora cita várias mudanças como: trajes de banho, lingerie, cirurgias estéticas, regime, filmes com mulheres usando lingerie (como objetos de sedução e prazer), filmes pornográficos com atos sexuais. Isto é, a sexualidade é explicitada no meio público de forma despidorada.

Também surgiram tecnologias e ciências que discutiam sobre a sexualidade tentando “normalizar comportamentos privados pelo controle das mulheres, das crianças e da sexualidade não-reprodutiva”. Por mais que esses estudos fizessem discursos distorcidos da sexualidade feminina e que também não se tenha clareza do efeito desses discursos científicos, pode-se falar sobre sexualidade, questioná-la.

No filme Kinsey, retrata essa busca pela compreensão da sexualidade, pois, Kinsey busca por meio de entrevista estudar e compreender as sexualidades, masculinas, femininas e homossexuais, que antes fazia parte do espaço privado e dos escritórios médicos. Mostra que a maioria das pessoas transita entre heterossexualidade e homossexualidade e que a sexualidade feminina é semelhante à feminina.

Sohn, em seu texto refere-se sobre a pílula contraceptiva, a inseminação in vitro, o viagra. Diz também que com o surgimento da pílula as pessoas se despreocuparam com a gravidez indesejada, diminuíram os abortos. Com o surgimento da AIDS, o sexo volta a ser uma preocupação de saúde pública e são feitas campanhas para o uso de preservativo, para os jovens e principalmente homossexuais. A doença mortal era considerada na época uma ‘doença gay’. Como afirma Sohn(2008, p.153) “Os corpos são portadores de valores, inculcados gestos, mas também pelos discursos científicos que proliferam desde a Belle Époque (...)”.

Assim, percebe-se pelo estudo dos textos e vídeos que a sexualidade deve ser compreendida levando em consideração o período histórico e as relações de poder, saber e resistências de cada época. No entanto, sabemos que toda esta construção e desconstrução da sexualidade está intrinsecamente relacionados aos vários tabus e discursos que a sociedade atual tem hoje. Cabe a nós transgredirmos, resistirmos e buscarmos renovar as políticas da sexualidade.

E para finalizar com uma frase de Wagner Ribeiro integrante do Dzi Croquettes e que eu também acredito: “Só o amor Constrói”.

Tenham um ótimo dia!!:)

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C23 - quinta, 2 junho 2011, 16:58

O filme Kinsey trata um tema polêmico de forma sutil e nos convida a refletirmos sobre o valor do sexo para a sociedade, e não só a sociedade americana da década de 40, é um filme atemporal e que diz respeito à condição humana. Kinsey faz o exercício fantástico de olhar o sexo de forma científica, livre de preconceitos, regras ou tabús, olha o sexo apenas como uma forma de relacionamento entre as pessoas, assim como elas comem, conversam, dormem ou se divertem, também fazem sexo... simples assim! Nos convida a enxergar o sexo de forma objetiva e científica desmistificando uma série de preconceitos e tabús comuns a diversas sociedades. Um filme que vai além da reflexão puramente sexual, reflete conflitos entre pais e filhos, mostra como traumas podem conduzir a vida das pessoas, traz exemplos de amor e lealdade incondicionais. É um filme genial que pode contribuir com a formação sexual de todo ser humano.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C18 - quinta, 2 junho 2011, 19:10



Boa Noite, mesmo após alguns anos de estudo sobre sexo e sexualidade, será que nós ainda não vivemos no tempo dos vitorianos. A relação de poder definindo normas "certas ou erradas", como está nossa postura enquanto professores. A nossa relação de poder não influencia na postura de nossos alunos?!

Segundo FOUCAULT "*a repressão foi o modo de ligação entre o poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder*"

Como anda nossa repressão perante o poder, o saber e a sexualidade? Será que estamos mudando ou apenas permanecendo como os vitorianos?

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C12 - quinta, 2 junho 2011, 20:31

Para FOUCAULT, o dispositivo da sexualidade, que instituiu o sexo como verdade maior sobre o indivíduo, transpôs o controle para a carne, os corpos, os prazeres. O autor contrapõe isso ao dispositivo da aliança, que definia o proibido/permitido através da relação. O dispositivo da sexualidade vê sua ascensão no seio da burguesia, é ligado à ascensão desta. As classes populares submetidas antes somente ao dispositivo da aliança, se viram submetidas também ao dispositivo da sexualidade com a hegemonia burguesa.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C19 - quinta, 2 junho 2011, 23:19

*boa noite .*

*segundo a autora sohn ,depois do século xx que o corpo foi algo com significância para os cientistas em relação a sexualidade.*

*vale ressaltar que nos mostra no nosso cotidiano a progressão do pudor, porque antes eram reservados ou até escondidos aí entra a questão comercial,econômica para usar os corpos.*

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C7 - quinta, 2 junho 2011, 22:45

Para Foucault, o corpo está sempre inserido em uma teia de poderes que lhe ditam proibições e obrigações. De acordo com Anne-Marie, observa-se que “durante séculos a sexualidade foi mantida sob silêncio ou despachada para o registro de coisas ‘sujas’ e pecaminosas”. Era preciso, portanto, retirar a sexualidade do silêncio e da vergonha. Legitimar o prazer. E conseqüentemente deveria ocorrer a dessacralização do corpo feminino. A partir do século XX, foi conhecido, pela primeira vez na história, uma superexposição obsessiva do corpo íntimo e sexuado.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C7 - quinta, 2 junho 2011, 23:13

“A sexualidade, diz-se, é dramática, porque nela comprometemos toda a nossa vida pessoal. Porque o nosso corpo é para nós o espelho do nosso ser, porque é um *EU natural*, uma corrente de existência, de tal maneira que nunca sabemos se as forças que nos suportam são suas (corpo/sexo) ou nossas (*EU*) –ou melhor nunca são suas ou nossas completamente. Não há superação da sexualidade, assim como não há sexualidade fechada sobre si mesmo”. (M. Ponty)

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

Tutora - sexta, 3 junho 2011, 10:16

Olá Cursistas, bom dia!

Gostaria de parabenizá-l@s pela excelente participação no nosso primeiro fórum da disciplina de sexualidade. Vejo o compromisso de cada um/a de vocês em estarem realizando uma leitura cautelosa dos textos propostos, o que conseqüentemente geram postagens com aprofundamento teórico, diálogos entre vocês mesmos, bem como apreensão de um saber útil para nossa vida profissional e pessoal. O filme e documentário nos possibilitou a compreender algumas questões posta por Foucault e Sohn, podendo ser realizada a relação desses. Considero que foi muito produtivo!!!

Foucault (1998) tensiona a todo momento no desenvolver de seu texto essa história de que falar de sexo muitas vezes não é simplesmente liberdade. Se analisarmos bem e, creio que conseguiram identificar essa questão, é um pesquisador pelo qual não encontramos muitos trabalhos a respeito da homossexualidade, bissexualidade ... O autor afirma que até mesmo o discurso, ou seja, falar de sexo e sexualidade corroboram de certa forma para uma classificação e dominação... Como nos lembrou C5r, tem vários textos dele que irá colocar entrelinhas: “olha eu sou gay, mas não quero que a primeira coisa que as pessoas reconheçam em mim seja minha orientação sexual e depois o Foucault...” O que nos remete aos Dzi Croquetts, queriam ser reconhecidos pelo seu trabalho, sua arte, não por outras questões relacionadas à sexualidade.

Algo que considero como fantástico na oportunidade desse fórum, a forma como as professoras formadoras nos fizeram refletir sobre o que de fato sabemos sobre sexo e sexualidades. Onde, quando e onde aprendemos sobre esse e fomos constituindo nossos valores, esses edificados socialmente e como fomos vivenciando nossas experiências no campo da sexualidade a partir de então... Penso que o nosso repertório a respeito da temática ainda seja muito restrito. Essa restrição nos faz pensar sobre esse contexto para formação de professores, ou seja, o que nós precisamos saber (voltamos à questão da vontade de saber lá do Foucault) para minimamente ser uma pessoa atual que saiba dar respostas? São inquietações que nos fazem parar e refletirmos se estamos contribuindo ou não para que essas discussões se perpetuem no âmbito escolar!

Outro aspecto que discutimos de maneira muito proveitosa se refere ao corpo sexuado. Sohn (2008) descreve brilhantemente sobre os trinta gloriosos, ou seja, do tempo da descoberta das pesquisas relacionadas aos anticoncepcionais até a AIDS. Questiono novamente porque esses trinta gloriosos é importante para compreendermos as discussões em torno das sexualidades? Assume relevância na medida em que se configura no tempo de transformação dos costumes, dos hábitos, pra além da questão das sexualidades possíveis, ou seja, nesse contexto se tornou a possibilidade das pessoas verem as sexualidades de outro jeito. Pensando nessa realidade voltamos novamente ao filme e documentário, pois esses trazem muito esse contexto de como estamos vivendo um momento de retrocesso, pois os anos estão mais silenciados agora do que aquela época (pensemos na perspectiva política e não na banalização sexual posta contemporaneamente). Se remetermos a nossa memória, nos anos 90 e início dos anos 2000, esse movimento foi muito tão forte, as pessoas relataram que mudaram suas vidas, que deixaram a família para seguir os Dzi Croquettes, enfim, o movimento circulava e possuía uma pulsação. Atualmente não presenciamos um movimento artístico liberal que tenha toda essa representação, que seja no Rio de Janeiro, não acontece mais dessa forma, com toda essa expressão. De fato temos uma cultura outra que não é representativa no campo das artes e, que por sua vez é mais libertário, mais massificado. ..

Perceberam a riqueza de nossas discussões? Falamos a respeito das sexualidades em uma amplitude elevada: corpo sexuado, processo de mercadorização e medicalização, a vontade do saber sobre sexo e sexualidades, homofobia, liberação e repressão... enfim, uma gama de possibilidades que causam sobremaneira câibra teórica, nos tira de nossa zona de conforto e nos faz avançar em prol de um saber útil e politizado, nos possibilitando tirar o véu da realidade enxergada, vivenciada e compartilhada!!!

No próximo fórum continuaremos a reflexão que perpassa pelo entendimento de sexualidades e orientação sexual. Não deixem de assistir o filme e lerem os textos base que comporão essa unidade! Vamos debater, dialogar, vamos construindo conhecimento!

Um forte abraço. Conto com tod@s em nossa próxima atividade!

Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C5 - sexta, 3 junho 2011, 22:07

Boa noite Tutora e demais cursistas

Adorei as suas colocações no fechamento desta parte e reintero que este curso é de um valor extremamente elevado, mas lamento que não seja todos que tenham acesso ao mesmo. Porque educação é assim? Não poderíamos criar mecanismos para ser diferente? Sofro com isso quando vejo alunos disistindo de estudar, mas enfim, isso é uma outra discussão. E mais uma vez Tutora parabens pela riqueza dos textos, parabens pela sua dedicação e é sempre bom ler as suas considerações, v. tem futuro brilhante na universidade.

Quanto a Profª Drª X eu acho que fui premiado por tê-la como orientadora, espetacular ela... e a todos nós, os e as cursistas aplausos pela participações nesta plataforma, as quais tem sido riquissimas.

Saudações a todas e todos

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

Tutora - domingo, 5 junho 2011, 21:16

Olá C5... Fico muito agradecida pelos elogios e reconhecimento. Somos uma equipe e tod@s possuem relevância significativa, inclusive vocês cursistas!

Sigamos construindo conhecimento...

Forte abraço, Tutora

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)

por C22 - sexta, 3 junho 2011, 16:09

Olá C7, Anne-Marie se refere ao corpo sexuado e suas representações nos campos científicos e midiáticos. Fala que para chegar onde estamos foi necessário um longo processo.

É aí que vemos a importância de grupos revolucionários como os Dzi croquettes para a liberdade já conquistada nas questões relativas ao corpo sexuado.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C21 - domingo, 5 junho 2011, 16:52

De acordo com Anne-marie Sohn, se hoje existem discussões a respeito do corpo como detentores de sexualidade, devemos esta discussão "à erosão progressiva do pudor, durante muito tempo inculcado como virtude desde a primeira infância e reforçado para as filhas na adolescência", não que a situação tenha mudado de fato nas escolas de ensino fundamental e médio. Esse debate, noto que acontece mais nas academias. Acredito que este "pudor" citado pela autora ainda esteja bem latente em nossa sociedade. É preciso que seja dito que quando falamos em pudor relacionado ao corpo, ao prazer, estamos falando sempre direcionado ao tratamento às mulheres, que por décadas foram privadas de qualquer direito a manifestar pública ou de forma privada algum tipo de prazer, pois isto iria de por contra sua "moral". Mesmo com toda modificação de pensamento que se instalou durante o Século XX, podemos perceber que o controle do corpo da mulher, mesmo com os contraceptivos, que trouxeram a possibilidade de uma vida sexual voltada para o prazer e separada da função reprodutora em que estava pautada por toda a história, ainda assim não saiu totalmente da tutela do homem, uma vez que de acordo com a autora Anne-Marie, p.153, "os comportamentos masculinos e femininos, todavia, não ficaram totalmente alinhados". A autora completa, "não se há de confundir liberação dos costumes e libertação das mulheres", uma vez que, muitos desses costumes continuam sendo, colocados na sociedade como corretos e imutáveis.  
dzi croquettes

por C23 - segunda, 6 junho 2011, 16:53

Consegui assistir o filme somente esse fim de semana.

O documentário resgata a trajetória dos atores/bailarinos que se tornaram símbolos da contracultura ao confrontar a ditadura usando a ironia e a inteligência. Os espetáculos revolucionaram os palcos com performances de homens com barba cultivada e pernas cabeludas, que contrastavam com sapatos de salto alto e roupas femininas. O grupo se tornou um enorme mito na cena teatral brasileira e parisiense nos anos 70.

A palavra irreverente já existia nos dicionários, mas atingiu um novo grau de entendimento depois da criação do grupo Dzi Croquettes.

A década de 70 foi de rompimento, de mudança, de fugir de padrões e buscar o novo, o desconhecido. A contracultura abriu espaço para questionamentos sobre a realidade, a ruptura ideológica e a transformação social. Nesse contexto um Americano desembarca no Rio de Janeiro: Lennie Dale unia a bossa nova a um swing do jazz novaiorquino; o encontro de 13 homens, 13 talentos. Surgia então o furacão que iria abalar as estruturas sexuais das pessoas, abrir portas, quebrar tabus, mudar a cena teatral Brasileira e Internacional. Surgia então os Dzi Croquettes.

O grupo revolucionou os palcos cariocas com seus espetáculos andróginos. Desobedientes e debochados, decidiram desrespeitar a ordem do regime militar com inteligência. Os sapatos de salto alto e as roupas femininas propositalmente exibiam as pernas cabeludas e a barba cultivada pelos homens do grupo. O primeiro show, em 1972, foi um grande sucesso, apesar de ter sido banido pelo Serviço Nacional de Teatro. A comédia de costumes era um deboche ao sistema de ditadura e à realidade brasileira. O grupo também fez muito sucesso na Europa, especialmente na França, onde levou platéias parisienses à loucura.

Mais de 45 depoimentos colhidos no Rio de Janeiro, Nova York e Paris contam a trajetória desse grupo que influenciou suas carreiras e suas vidas em uma trajetória fascinante recheada de sucessos, fracassos, assassinatos, grandes voltas por cima e a recuperação de uma parte da nossa história que não deveria jamais ser esquecida. A busca por novos valores e novos canais de expressão – marcas registradas do movimento de contracultura – e dos Dzi Croquettes!

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Dzi\\_Croquettes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dzi_Croquettes)

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C23 - segunda, 6 junho 2011, 17:01

O documentário tem um formato dinâmico que envolve cenas da época (apresentações, memórias, vídeos caseiros, depoimentos)

O documentário traz uma vasta gama de temas que até hoje são ainda bem discutidos na sociedade, sendo que são temas de grandes repercussões e ideais e forma de ver a vida diferente do que é imposto pela sociedade.

Re: Fórum: Corpo e sexualidade: uma abordagem conceitual e histórica (16/05 a 02/06)  
por C10 - terça, 7 junho 2011, 21:42

Quando Foucault afirma que quando falamos de repressão relacionada a sexualidade, ao corpo sempre "a questão que gostaria de colocar não é por que somos reprimidos, mas porque dizemos, com tanta paixão,

tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos." Notamos com esta afirmação, que ainda não nos sentimos confortáveis em falarmos sobre essas questões que envolvem corpo, sexualidade, repressão, liberdade, etc. Afirma ainda que de acordo com a "hipótese repressiva", são suscitadas três dúvidas.

1- Que o fato de reprimir o sexo é histórico e teria iniciado no século XVII?

2- O poder utilizado na sociedade em relação ao sexo é repressivo, e assim o é para controlar, censurar?

3- O fato de tentar analisar a repressão exercida sobre o sexo é de fato uma maneira de trazer à luz indagações ou é uma maneira de utilizar essas indagações de forma controlada?

Essas três dúvidas levantadas por Foucault na "hipótese repressiva", pode não ter explicado de forma clara o porquê da sexualidade ser discutida de forma tão restrita por décadas, mas com certeza, através dessa discussão, podemos pensá-la, o que já demonstra uma quebra do poder de repressão até então vivido por nossa sociedade.

C10

## ANEXO 3

### QUESTIONÁRIO DE ENTRADA

*(Sugestão de instrumento referencial disponibilizado pelo MEC para uso e aplicação pelas IES ofertantes)*

#### Avaliação da Rede de Educação para a Diversidade

Edital n 1 SECAD/MEC, de 16 de abril de 2008

#### Questionário de Entrada

*Caro(a) cursista:*

*O presente questionário é parte integrante de um processo de Avaliação de Curso que visa a melhoria de sua qualidade, dentro da Rede de Educação para a Diversidade. Queremos conhecer sua opinião acerca de alguns temas da área de educação para a diversidade. Caso deseje ou julgue necessário, você pode marcar mais de uma resposta para cada uma das perguntas do questionário. As perguntas que utilizam escalas nas respostas consideram a opção “0” como inexistente e as numerações de “1” a “10”, correspondentes ao nível de satisfação, sendo que “1” o menos satisfatório e “10” o plenamente satisfatório.*

*Para cada curso realizado há um questionário de entrada que deve ser preenchido, por cursista.*

*Sua participação neste processo é imprescindível e muito aguardada. Agradecemos sua contribuição!*

Instituição ofertante: \_\_\_\_\_

Curso avaliado:

- Curso de Educação na Diversidade e Cidadania (1)
- Curso de Educação de Jovens e Adultos na Diversidade (2)
- Curso de Educação no Campo (3)
- Curso de Educação para as Relações Étnico-Raciais (4)
- Curso de Educação Ambiental (5)
- Curso de Educação Integral e Integrada (6)
- Curso de Gênero e Diversidade na Escola (7)
- Curso de Formação de Tutores(8)

Se desejar, identifique-se:

Cursista: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Matrícula: \_\_\_\_\_

Tutoria: \_\_\_\_\_

#### **Perfil:**

a) Qual sua faixa etária?

- até 24 anos
- de 25 a 34 anos
- de 35 a 44 anos
- de 45 a 54 anos
- 55 anos ou mais

b) Considerando as opções (segundo classificação do IBGE) abaixo, como você classificaria sua cor ou raça?

- Branco
- Preto
- Amarelo
- Pardo

Indígena  
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_

c) Qual é o seu sexo?  
 feminino  
 masculino

d) Qual sua orientação sexual? \_\_\_\_\_

e) Qual sua orientação religiosa? \_\_\_\_\_

f) Qual é a sua faixa de rendimento mensal?  
 menor que um salário mínimo  
 de um a dois salários mínimos  
 de três a quatro salários mínimos  
 mais de cinco salários mínimos

g) Qual é a sua formação atual?  
 ensino médio. Curso: \_\_\_\_\_  
 graduação. Curso: \_\_\_\_\_  
 especialização. Curso: \_\_\_\_\_  
 mestrado. Curso: \_\_\_\_\_  
 doutorado. Curso: \_\_\_\_\_

h) As suas experiências anteriores de formação continuada aconteceram no âmbito de quais segmentos?  
 Se necessário, registre mais de uma opção.  
 atividades/cursos ofertados por Universidades  
 atividades/cursos ofertados pelo sistemas estadual de ensino  
 atividades/cursos ofertados pelos sistemas municipal de ensino  
 atividades/cursos ofertados por movimentos sociais e/ou populares  
 atividades/cursos ofertados por associações ou instituições ligadas à temática  
 outra instituição ou experiência. Qual? \_\_\_\_\_  
 esta é a primeira experiência de formação continuada de que participo.

i) Atualmente, você participa de movimentos sociais ou instituições ligadas à área da temática?  
 sim. Qual? \_\_\_\_\_  
 não  
 não, mas desejaria

j) Em qual instância escolar você atua?  
 Secretaria Municipal de Educação  
 Secretaria Estadual de Educação  
 Escola Particular  
 Outro órgão. Qual? \_\_\_\_\_

k) Em que nível de ensino você atua?  
 educação infantil  
 ensino fundamental  
 ensino médio

l) Qual função você desempenha hoje em sua escola?  
 professor(a)  
 pedagogo(a)  
 diretor(a)  
 secretário(a)  
 outra. Qual? \_\_\_\_\_

**1)** Em sua opinião, o Brasil é um país livre de discriminação sócio-cultural?

sim     não     sem opinião formada

2) O desrespeito à diversidade humana é um problema para a educação?

( ) sim ( ) não ( ) sem opinião formada

3) As várias formas de discriminação e violência causam impacto na escola?

( ) sim ( ) não ( ) sem opinião formada

4) Considerando uma escala crescente, como cada uma das situações de desrespeito à diversidade humana prejudicaria o ambiente escolar?

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
a) atitudes homofóbicas (contra <i>lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e transgêneros</i> )											
b) preconceito racial (contra índios, negros, orientais, outras etnias)											
c) discriminação contra a mulher											
d) violência física (agressão, ferimento, espancamento)											
e) violência psicológica (assédio moral, ameaças, humilhação)											
f) discriminação contra pessoas com deficiência											
g) discriminação geracional (pela idade ou geração da pessoa)											
h) intolerância religiosa (opções religiosas ou de crença)											
i) desrespeito quanto à opção político-partidária											
j) desrespeito pela opção de militância (sindical, outra causa)											
k) discriminação quanto à condição econômica (renda familiar, pobreza)											
l) discriminação quanto à condição de moradia (acampamento rural, morador de rua, ciganos)											
m) discriminação contra camponeses											
n) discriminação contra indígenas											
o) discriminação contra quilombolas											
p) discriminação no trabalho pedagógico (metodologia e avaliação punitiva e excludente)											
q) discriminação pelo desempenho escolar (muito baixo ou muito alto)											
r) uso de agressões verbais (por parte de cursistas e professores)											
s) uso de termos pejorativos e difamações											
t) discriminação contra o usuário de drogas											
u) uso de presença ou força policial no prédio escolar											

5) Você já se sentiu vítima de algum tipo de discriminação? Se necessário, marque mais de uma alternativa.

( ) em seu ambiente de estudo

( ) em seu ambiente de trabalho

( ) na família

( ) em ocasiões sociais (entre os amigos ou local público)

( ) outra situação. Qual? \_\_\_\_\_

( ) não sofreu/sofro

6) Você conhece pessoas vítimas de discriminação? Se necessário, marque mais de uma alternativa.

( ) em seu ambiente de estudo

- em seu ambiente de trabalho
- na família
- em ocasiões sociais (entre os amigos ou local público)
- outra situação. Qual? \_\_\_\_\_
- não conheço

7) Você já tinha ouvido falar em educação para a diversidade até iniciar este curso?

- sim     não

8) Em sua opinião, a escola pode ajudar a construir o respeito à diversidade?

- sim     não

9) Sua escola possui atualmente ações em educação para a diversidade?

- sim. **Se respondeu sim, passe para a questão 10.**  
 não. **Se respondeu não, passe para a questão 11.**

10) Quais são as ações realizadas por sua escola? Se necessário, marque mais de uma alternativa.

- cursos de formação
- projetos educacionais
- atividades artísticas e culturais
- reuniões com pais e professores
- reuniões com professores e equipe pedagógica
- processo de reorganização do projeto político-pedagógico escolar
- processo de reorganização curricular
- a educação para a diversidade já é componente permanente do projeto político-pedagógico da escola
- a educação para a diversidade já é componente curricular permanente

11) Você já teve experiências formativas e/ou de trabalho anteriores que envolvessem a temática da diversidade, cidadania e inclusão?

- sim. **Se respondeu sim, passe para a questão 13.**  
 não. **Se respondeu não, passe para a questão 12.**

12) Se não possui experiência formativa anterior, qual(ais) a(s) razão(ões)?

- não tive oportunidade de envolvimento na temática
- não tive interesse anterior na temática
- outro motivo. Qual? \_\_\_\_\_

13) Sobre suas experiências formativas nesta área:

13.1) Período em que foram realizadas:

- ocorreram no último ano
- ocorreram entre o período de um e dois anos
- ocorreram há mais de dois anos

13.2) Qual foi a área ou tema. Se necessário, marque mais que uma alternativa.

- Educação na Diversidade e Cidadania
- Educação de Jovens e Adultos na Diversidade
- Educação no Campo
- Educação para as Relações Étnico-Raciais
- Educação Ambiental
- Educação Integral e Integrada
- Gênero e Diversidade na Escola
- Formação de Tutores
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

13.3) A(s) área(s) assinaladas na questão anterior está(ão) diretamente vinculada(s) ao seu trabalho atual na escola?

- sim     não



